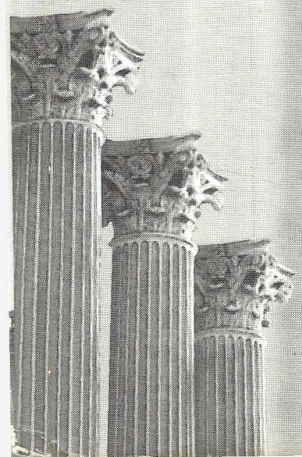
CPAD

SÉRIE
Comentário Bíblico

I & II CORÍNTIOS

OS PROBLEMAS DA IGREJA E SUAS SOLUÇÕES



STANLEY M. HORTON

I & II Coríntios



REIS BOOK

I & II Coríntios

Os Problemas da Igreja e suas Soluções

Stanley M. Horton

Tradução de Benjamin de Souza

CPAD

Todos os direitos reservados. Copyright © 2003 para a língua portuguesa da Casa Publicadora das Assembléias de Deus. Aprovado pelo Conselho de Doutrina.

Título do original em inglês: *I & II Corinthians*
Gospel Publishing House, Springfield, Missouri, EUA
Primeira edição em inglês: 1999
Tradução: Benjamin de Souza

Preparação de originais: Kleber Cruz
Revisão: Luciana Alves

Capa, projeto gráfico e editoração: Rafael Paixão

CDD: 225.7 - Comentário do Novo Testamento
ISBN: 85-263-0567-0

As citações bíblicas foram extraídas da versão Almeida Revista e Corrigida, Edição de 1995, da Sociedade Bíblica do Brasil, salvo indicação em contrário.

Para maiores informações sobre livros, revistas, periódicos e os últimos lançamentos da CPAD, visite nosso site: http://www.cpad.com.br

Casa Publicadora das Assembléias de Deus
Caixa Postal 331
20001-970, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

1ª edição/2003
3ª Edição 2006

SUMÁRIO

Prefácio 5

Primeira Coríntios 9

Introdução à Primeira Coríntios 11
Esboço de Primeira Coríntios 15
Introdução 19
Dissensão na Igreja 24
Os cristãos que pecam devem ser julgados 55
Perguntas respondidas 68
Orientações para o culto 100
Os dons espirituais 110
A ressurreição de Cristo e a nossa 146
Instruções finais 164

Segunda Coríntios 173

Introdução à Segunda Coríntios 175
Esboço de Segunda Coríntios 177
Paulo justifica sua conduta 181
O ministério de Paulo sob o novo concerto 192
As metas de Paulo 207
O apelo de Paulo aos coríntios 218
Incentivo para dar com generosidade 224
O ofício apostólico e a autoridade de Paulo 233

Apêndices 257

Apêndice A: Mapa da segunda viagem missionária de Paulo 258
Apêndice B: Perguntas sobre 1 e 2 Coríntios para aprimorar seu estudo 259

Bibliografia 265
Índice das Escrituras 266
Índice de Assuntos 281

PREFÁCIO

Pelo fato de Paulo ressaltar que os dons do Espírito edificam a Igreja, os pentecostais e carismáticos têm dado atenção especial às duas cartas paulinas aos coríntios. Contudo, Paulo trata de muitos outros problemas práticos nestas cartas. Seus ensinos, orientações e advertências inspirados são pertinentes hoje e precisam ser aplicados às nossas congregações e vida particular. Todos precisamos estar abertos ao que o Espírito tem a nos dizer pela santa Palavra de Deus.

Na citação das Escrituras, as palavras que desejei enfatizar foram destacadas em itálico.

Para facilitar a leitura, as palavras hebraicas, aramaicas e gregas foram todas transliteradas para o alfabeto latino.

Algumas abreviações e termos convencionais foram usados neste livro:

ARA: Bíblia de Almeida Revista e Atualizada
BEP: Bíblia de Estudo Pentecostal
gr.: grego
hb.: hebraico
KJV: King James Version
lat.: latim
NASB: New American Standard Bible
NCV: New Century Version
NEB: The New English Bible
NIV: New International Version
TEV: Today's English Version
TLB: The Living Bible

Gostaria de agradecer especialmente ao Dr. Zenas Bicket e ao Dr. Rob Starner por terem lido o manuscrito e feito valiosas sugestões. Também agradeço distintamente a Glen Ellard, Paul Zinter e Leta Sapp, da Gospel Publishing House, e por todos que ajudaram na preparação deste livro. Sou também grato à minha esposa, Evelyn, por seu incentivo.

PRIMEIRA CORÍNTIOS



INTRODUÇÃO À PRIMEIRA CORÍNTIOS

Corinto no Século I

A esplêndida cidade comercial de Corinto estava localizada bem ao sul do istmo de dezesseis quilômetros de largura que liga a Grécia central ao Peloponeso. Dominava os portos de Lequeu, cerca de três quilômetros a oeste, e Cencréia, aproximadamente dez quilômetros a leste (At 18.18; Rm 16.1,2). A fim de evitar uma viagem de trezentos e vinte quilômetros ao redor do tempestuoso cabo Maléia, os navios ancoravam num destes portos, transportavam suas cargas pelo istmo e carregavam em navios que esperavam do outro lado. Barcos pequenos também eram rebocados. O domínio deste comércio tornou rica a cidade de Corinto.

Embora o sítio de Corinto estivesse ocupado já desde o período Neolítico, os romanos a destruíram por volta de 146 a.C. e a deixaram abandonada até 44 a.C., quando Júlio César a reconstruiu como colônia romana para escravos libertos (principalmente sírios, egípcios e judeus). Ainda que o latim tenha sido a língua oficial, o grego era a língua falada pelo povo e a cultura era definitivamente grega. O povo tinha orgulho de sua cultura e muitos eram intelectualmente arrogantes.

O imperador Augusto fez de Corinto a Capital da Acaia, que era governada por um procônsul (At 18.12). Sua situação e prosperidade atraiu grande população, possivelmente 250.000 cidadãos, mais 400.000 escravos, sendo encontrado grande número de judeus em ambos os grupos. Era também uma cidade hospitaleira aos marinheiros e viajantes que vinham a negócios ou procuravam prazer.

Bem a sudoeste da cidade antiga, o monte Acrocorinto erguia-se a uma elevação de 574 metros e tinha em seu cume um templo de Afrodite. Uma enorme feira (gr. *agora*) no centro da cidade era rodeada por lojas. Entre as quais estavam os açougues mencionados em 1 Coríntios 10.25. Os arqueólogos acharam inscrições, uma mencionando Erasto, amigo de Paulo, como comissário dos serviços públicos (veja At 19.22; Rm 16.23; 2 Tm 4.20), e outra encontrada em um distrito residencial, na qual se lê "Sinagoga dos Hebreus" (At 18.4).[1]

Corinto era famosa por sua arte, arquitetura, fundições de bronze, banhos, templos e tribunais de justiça. Mas a moral de sua sociedade pagã era tão corrupta que "corintianizar" significava viver uma vida muito dissoluta. Havia milhares de sacerdotisas nos templos, (especialmente no templo de

Afrodite, a suposta deusa do amor) que eram meninas escravas usadas como prostitutas que vendiam seus corpos como ato religioso para angariar dinheiro para os templos. Elas também agiam como artistas na vida noturna da cidade. Todo tipo de pecado era comum e notório na cidade.

Paulo também teria tomado conhecimento dos jogos ístmicos que ocorriam todos os anos, cerca de dezesseis quilômetros a leste de Corinto. Entre suas modalidades havia corridas, (rasas e de fundo) tanto a pé como de bigas, lutas, saltos, arremessos de disco e de dardo, e uma combinação de boxe e luta livre. Além disso, havia competições de música, oratória e drama. A coroa do vencedor era uma grinalda de aipo selvagem seco. Não admira que Paulo a tenha chamado de coroa corruptível (1 Co 9.25).

O ministério de Paulo em Corinto

Paulo deve ter reconhecido a grande necessidade em Corinto como também a sua localização estratégica para o evangelismo. Ele chegou a esta cidade durante a sua segunda viagem missionária, cerca de 50 ou 51 d.C. Logo após chegar, conheceu Áquila, um judeu nascido na província romana de Ponto, ao norte da Ásia Menor, e sua esposa Priscila (At 18.2; 1 Co 16.19). Visto que Áquila era um nome comum de escravo, é possível que, ao invadirem Ponto, os romanos tenham capturado os integrantes de sua família e os venderam ou deram como escravos em Roma. Mais tarde, muitos romanos considerariam procedimento religioso libertar escravos e até estabelecê-los em um negócio. Pelo fato de Priscila (forma diminutiva de Prisca) ser nome comum entre os romanos de alta classe, é provável que Áquila tenha sido quem lhe apresentou ao verdadeiro e único Deus, vindo mais tarde a ser liberto e casar-se com ela.

Em todo caso, Áquila e Priscila eram bem-sucedidos fabricantes de tendas em Corinto, e Paulo juntou-se a eles, trabalhando diariamente no comércio de fabricação de tendas e pregando na sinagoga aos sábados. Com grande intensidade ele proclamava a Jesus como o Messias, o Profeta, Sacerdote e Rei ungido de Deus. Logo, a maioria dos judeus incrédulos assumiu forte oposição contra o Evangelho, chegando a usar linguagem abusiva contra Paulo. Ele sacudiu as vestes exteriores contra eles para mostrar que rejeitava a blasfêmia que faziam e chamava o sangue dos judeus incrédulos sobre as suas cabeças, advertindo-os assim de que seriam responsáveis pelo julgamento que Deus enviaria sobre eles (cf. Ez 3.16-21). Então Paulo foi à casa de Tito Justo, que provavelmente era cidadão romano. Vários judeus uniram-se a Paulo, inclusive Crispo, o principal (o ancião) da sinagoga, e sua casa. Grande número de gentios creram e foram batizados.

Numa visão à noite, Jesus disse a Paulo que não temesse, que ele deveria continuar proclamando a Palavra, pois o Senhor não deixaria que ninguém o ferisse. Muitos vieram a Jesus e ninguém causou dano a Paulo, exatamente como Jesus prometera. Mas na primavera de 51 d.C., um novo procônsul, Gálio, foi designado pelo senado romano.[2] Pensando que talvez pudessem tirar proveito da falta de conhecimento de Gálio sobre a situação, os judeus incrédulos revoltaram-se contra Paulo e o trouxeram ante o tribunal do procônsul. Eles o acusaram de persuadir as pessoas a adorar a Deus de uma forma que julgavam contrária à lei romana. (O judaísmo era uma religião legal, por isso diziam que o cristianismo era diferente do judaísmo e, portanto, ilegal.) Gálio percebeu que o caso na verdade só envolvia a lei judaica e os expulsou do tribunal. Isso agradou a multidão (grega), que prendeu Sóstenes, o novo principal da sinagoga, e o esmurrou. Paulo continuou a ministrar durante certo tempo em Corinto e mais tarde até mesmo o próprio Sóstenes aceitou o Evangelho (1 Co 1.1).

Autoria, ocasião da escritura e data

Paulo chegou a Éfeso durante a sua terceira viagem missionária.[3] Ele falou livremente na sinagoga por três meses, então a oposição se levantou. Ele retirou-se e por dois anos ensinou e pregou diariamente no salão de conferências de Tirano (At 19.8-10). Apolo ensinou em Corinto durante parte deste tempo. Mas quando surgiram problemas, os crentes coríntios enviaram a Paulo cartas, que mais tarde foram por ele respondidas. A primeira resposta breve (veja 1 Co 5.9), que não foi preservada, aconselhava-os a evitar o companheirismo de pessoas imorais; os quais eles julgaram tratar-se dos incrédulos. Paulo, no entanto, referia-se aos cristãos que tornaram-se imorais (1 Co 5.10,11).[4] Então alguns coríntios que pertenciam à casa de Cloe informaram-lhe das divergências. Seguindo-se a isso, uma carta (provavelmente levada por Estéfanas, Fortunato e Acaico; 1 Co 16.17) levantou várias perguntas que envolviam sérios problemas. Paulo, inspirado pelo Espírito Santo, passou a tratar destes assuntos em sua Primeira Epístola aos Coríntios, possivelmente entre 54 ou 55 d.C. Além de tratar de pecados, ele aborda assuntos acerca do casamento, do culto público, dos dons e ministérios do Espírito Santo e uma oferta para os santos em Jerusalém. Alguns comentaristas supõem que Tito entregou a carta aos crentes coríntios. Outros pensam que os irmãos mencionados em 1 Coríntios 16.17 podem ter sido os portadores.

Primeira Coríntios circulou e muito cedo foi reconhecida como sendo de Paulo. Clemente de Roma referiu-se a ela como sua Primeira Epístola aos Coríntios por volta de 95 d.C.[5] O Cânon Muratoriano (cerca de 170

d.C.) colocou-a no topo da lista das epístolas de Paulo. A Igreja, como um todo, ao longo dos séculos tem continuado a reconhecê-la como de autoria paulina e como parte pertencente ao cânon inspirado das Escrituras.

NOTAS

[1] Jack Finegan. *Light From the Ancient Past*. 2. ed., Princeton, Nova Jersey, Princeton University Press, 1959, p. 361.

[2] Inscrições indicam que Gálio chegou a Corinto como procônsul em 1 de julho de 51 d.C. e permaneceu até 1 de julho de 52 d.C. Atos 18.12 registra como os judeus arrastaram Paulo à presença de Gálio, provavelmente no início daquele período.

[3] Éfeso, na província da Ásia, em relação a Corinto estava situada do outro lado do mar Egeu. Paulo viajou de Éfeso a Corinto pela rota de Trôade e Macedônia.

[4] Alguns escritores consideram que 2 Coríntios 6.14 a 7.1 seja parte desta carta. Porém, este trecho trata de relações com incrédulos e não de relações com crentes. Veja Everett F. Harrison. *Introduction to the New Testament*. ed. rev., Grand Rapids, William B. Eerdmans, 1984, p. 284.

[5] Clayton N. Jefford. *Reading the Apostolic Fathers*. Peabody, Massachusetts, Hendrickson Publishers, 1996, p. 108.

ESBOÇO DE PRIMEIRA CORÍNTIOS

I. Introdução 1.1-9

A. Saudações 1.1-3

B. Elogio aos coríntios 1.4-9

II. Dissensão na Igreja 1.10 — 4.21

A. Apelo à unidade 1.10-12

B. Razões para a unidade 1.13 — 3.23

1. A mensagem da cruz 1.13 — 2.16
   a) Cristo não está dividido 1.13-17
   b) Salvação mediante o Cristo crucificado 1.18-25
   c) Ninguém pode gloriar-se perante Deus 1.26-31
   d) A pregação de Paulo 2.1-5
   e) A sabedoria de Deus 2.6-16
2. A Igreja é a lavoura de Deus, o edifício de Deus 3.1-9
3. O Dia do julgamento aproxima-se 3.10-15
4. A Igreja é o templo de Deus 3.16,17
5. Tudo é vosso 3.18-23

C. A fidelidade de Paulo 4.1-21

1. O Senhor julgará 4.1-5
2. Nenhuma razão para se ensoberbecer 4.6,7
3. Os apóstolos são um espetáculo ao mundo 4.8-13
4. Paulo é o pai dos coríntios pelo Evangelho 4.14-17
5. Paulo tratará dos arrogantes 4.18-21

III. Os cristãos que pecam devem ser julgados 5.1 — 6.20

A. Imoralidade sexual ignorada 5.1-13

1. O pecador precisa ser tratado 5.1-5
2. Alimpe-se do fermento velho 5.6-8
3. Julgue e exclua os cristãos que pecam 5.9-13

B. Que os crentes julguem os crentes 6.1-8

C. Os injustos não herdarão o Reino de Deus 6.9-11

D. Fuja da prostituição 6.12-19

1. O corpo foi feito para o Senhor 6.12-17
2. O corpo é o templo do Espírito Santo 6.18-20

IV. Perguntas respondidas 7.1 — 11.2

A. O casamento 7.1-40
1. Evite a imoralidade 7.1-7
2. Conselho aos solteiros e às viúvas 7.8,9
3. O divórcio é proibido pelo Senhor 7.10,11
4. Vivendo em paz com o cônjuge descrente 7.12-16
5. Permanecendo na situação em que Deus o chama 7.17-24
6. As virgens devem casar-se? 7.25-38
7. A viúva é livre para casar-se de novo 7.39,40

B. As coisas sacrificadas aos ídolos 8.1-13
1. O amor edifica 8.1-3
2. Os ídolos nada são 8.4-6
3. Não seja escândalo para os fracos 8.7-13

C. O apostolado de Paulo 9.1-27
1. O direito de Paulo ao apostolado 9.1,2
2. Os direitos dos pregadores 9.3-14
3. Paulo não fez uso dos seus direitos 9.15-18
4. A liderança servil de Paulo 9.19-22
5. A autodisciplina de Paulo 9.23-27

D. Exemplos da história de Israel 10.1-13
1. O desagrado de Deus para com a maioria que atravessou o mar Vermelho 10.1-5
2. Razões para o desagrado de Deus 10.6-10
3. Para aviso nosso 10.11-13

E. Fuja da idolatria 10.14-22

F. Busque o proveito dos outros 10.23 — 11.2

V. Orientações para o culto 11.3-34

A. O decoro na oração e na profecia 11.3-16

B. O decoro na Ceia do Senhor 11.17-34
1. Dissensões manifestas 11.17-22
2. As orientações do Senhor 11.23-26
3. Participando indignamente 11.27-34

VI. Os dons espirituais 12.1 — 14.40

A. Uma variedade de dons concedidos e necessários 12.1-31
1. Não seja ignorante acerca dos dons espirituais 12.1-3
2. A obra da Trindade 12.4-6
3. Distribuídos pelo Espírito para o que for útil 12.7-11

4. Um corpo com muitos membros 12.12-20
5. Cada membro é necessário 12.21-26
6. Uma variedade designada na Igreja 12.27-31

B. Os dons devem ser exercidos com amor 13.1-13
1. A necessidade do amor 13.1-3
2. A natureza do amor 13.4-7
3. A prioridade do amor 13.8-13

C. O dom da profecia e o dom de línguas 14.1-40
1. A profecia edifica a Igreja 14.1-5
2. As línguas precisam de interpretação 14.6-19
3. Os efeitos das línguas e da profecia 14.20-25
4. Ordem e decência no culto 14.26-40
   a) Contribuição para que todos cultuem 14.26
   b) Orientações para os que falam em línguas 14.27,28
   c) Orientações para os que profetizam 14.29-33a
   d) Orientações para as mulheres 14.33b-35
   e) Os mandamentos do Senhor 14.36-40

VII. A ressurreição de Cristo e a nossa 15.1-58

A. O Evangelho que Paulo anunciava 15.1-11

B. A realidade da ressurreição dos mortos 15.12-58
1. A ressurreição é vital para nossa esperança 15.12-19
2. A ressurreição de Cristo e a consumação final 15.20-28
3. Desafio para crermos na ressurreição 15.29-34
4. O corpo ressurrecto 15.35-54
5. A vitória por Cristo 15.55-58

VIII. Instruções finais 16.1-24

A. A coleta para o povo de Deus 16.1-4

B. A expectativa de Paulo ir a Corinto 16.5-9

C. Preocupação por Timóteo e Apolo 16.10-12

D. Desafio à fé, coragem e amor 16.13,14

E. Reconhecimento pela família de Estéfanas 16.15-18

F. Saudações finais e bênção 16.19-24

I. Introdução 1.1-9

A. Saudações 1.1-3

[1] Paulo (chamado apóstolo de Jesus Cristo, pela vontade de Deus) e o irmão Sóstenes.

Paulo segue o costume grego em cartas, identificando-se e depois declarando sua autoridade como chamado apóstolo ("enviado") de Cristo (o Messias, o Profeta Sacerdote e Rei ungido de Deus) Jesus. Ele foi chamado e enviado por Jesus da mesma maneira que foram os outros apóstolos. Sua autoridade foi mais tarde confirmada como sendo "pela vontade de Deus". Não foi idéia sua, nem desejou tornar-se apóstolo quando foi abordado na estrada de Damasco (At 9.1-30). Como os outros apóstolos, ele foi escolhido por Jesus (veja Lc 6.12,13; Jo 15.16). Encorajado por Ananias e Barnabé, ele começou a ministrar com ousadia (At 9.20-22,26-30; 11.22-26). Depois, os apóstolos em Jerusalém reconheceram o apostolado e ministério de Paulo aos gentios e estenderam-lhe a mão direita em comunhão (Gl 2.7-9). Mesmo assim, alguns, especialmente em Corinto, questionavam e outros rejeitavam seu apostolado. Porque ele foi o último dos apóstolos a ver Cristo ressuscitado, aqueles que aceitaram este fato o consideraram "como a um abortivo" (1 Co 15.7,8). Por causa disso, alguns desafiaram sua autoridade apostólica (1 Co 9.3; 2 Co 11.4-6,13). Ele teve cuidado em declarar repetidas vezes que o seu apostolado não era "da parte dos homens, nem por homem algum, mas por Jesus Cristo e por Deus Pai" (Gl 1.1; 2.8; cf. Rm 1.1; 11.13; 1 Co 1.1; 9.1; 2 Co 1.1; 12.12; Ef 1.1; Cl 1.1; 1 Tm 1.1; 2.7; 2 Tm 1.1,11).

Sóstenes era o principal da sinagoga judaica em Corinto, quando os judeus arrastaram Paulo ao tribunal do procônsul romano Gálio. Gálio expulsou o caso do tribunal e a multidão espancou Sóstenes (At 18.12-17).[1] Sóstenes não era nome comum, então é provável que o mesmo Sóstenes tornou-se cristão, uniu-se a Paulo para aprender mais do Evangelho a fim de ser bom ministro de Cristo e aqui é identificado como "o irmão Sóstenes".[2] Nada indica que ele teve alguma parte na escrita da carta. Ele estava com Paulo e o apóstolo o incluiu na saudação, porque era bem conhecido na igreja coríntia.[3]

[2] À igreja de Deus que está em Corinto, aos santificados em Cristo Jesus, chamados santos, com todos os que em todo lugar invocam o nome de nos-

> SO SENHOR JESUS CRISTO, SENHOR DELES E NOSSO: [3]
> GRAÇA E PAZ, DA PARTE DE DEUS, NOSSO PAI, E DO SENHOR JESUS CRISTO.

A igreja (gr. *ekklēsia*, "assembléia de cidadãos") de Deus "em sua expressão local"[4] identificada em Corinto, compõe-se daqueles que foram (e ainda são) santificados ou tornados santos em Cristo Jesus e através dEle.[5] Esta é a posição que eles têm nEle, não por justiça própria, mas por causa da justiça dEle (Rm 3.22; 4.11,12,23,24; Fp 3.9). Esta justiça pela fé conduz à verdadeira santidade (Rm 6.19; Ef 4.24). Como crentes, eles são os chamados. Os profetas do Antigo Testamento foram chamados por Deus, como também Paulo o foi. Todos os crentes são chamados, porque responderam ao chamado de Deus para a salvação e santidade (Rm 1.6,7; cf. Rm 8.28; Jd 1; Ap 17.14).[6] Todos os crentes são santos (separados), "santos por chamada" (NASB), o que significa que em Jesus Cristo e através dEle, ao oferecer a si mesmo na cruz, eles foram separados para culto e serviço de Deus (Hb 10.10). Ou seja, o que quer que façam (inclusive o trabalho secular), eles devem fazê-lo de todo o coração, "como ao Senhor e não aos homens, [...] porque a Cristo, o Senhor, servis" (Cl 3.23,24). Ele espera que façamos todo o nosso trabalho como também o nosso culto com excelência, entusiasmo e boa ética. Esta confissão prática do senhorio de Jesus é evidência importante da obra do Espírito Santo em nossa vida.

Notamos que Paulo chama a todos de santificados ou santos, embora alguns ainda tivessem problemas e outros estivessem fazendo coisas erradas. Eles ainda não eram perfeitos, mas estavam na direção certa, pois tinham dado as costas aos caminhos do mundo para seguir a Jesus. Infelizmente, algumas tradições humanas têm usado a palavra "santo" para designar pessoas das quais se presume algum mérito especial. Porém, nenhum de nós pode depender de méritos próprios. Temos de depender inteiramente dos méritos de nosso crucificado e ressurrecto Salvador Jesus. O Espírito Santo nos ajudará a pôr em prática a justiça e a santidade que são nossas por Cristo. O plural (por exemplo "*aos* santificados") também indica que temos de trabalhar e cultuar em comunhão uns com os outros.

Pelo fato de Paulo ter desejado que os crentes coríntios lembrassem de que faziam parte do Corpo de Cristo e porque esperava que esta carta circulasse por outras igrejas, ele inclui todos aqueles que são chamados pelo nome de nosso Senhor Jesus Cristo, ou seja, que são salvos por Ele, nascidos de novo pelo Espírito Santo e que oram a Jesus. Ao chamá-lo "Senhor deles e nosso", Paulo enfatiza a unidade da Igreja sob o senhorio de Jesus Cristo. Esta expressão também estende aos crentes, ao longo do tempo, inclusive a nós, o convite a ler esta carta e receber

a graça (o favor não merecido) e a paz (inclusive saúde e bem-estar) que vêm de Deus, que agora é nosso Pai, e do Messias ("o Ungido") Jesus, que agora é nosso Senhor — não somente Mestre, mas o divino Senhor. Ele é a mesma Pessoa que revelou-se como o Anjo do Senhor e recebeu adoração no Antigo Testamento (Nm 22.31; et alli). Ele deseja derramar seus dons e bênçãos sobre todos os que nEle crêem, confiam, sobre todos os que o amam e o servem.

B. Elogio aos coríntios 1.4-9

> [4] Sempre dou graças ao meu Deus por vós pela graça de Deus que vos foi dada em Jesus Cristo. [5] Porque em tudo fostes enriquecidos nele, em toda a palavra e em todo o conhecimento [6] (como foi mesmo o testemunho de Cristo confirmado entre vós).

Em grande parte desta carta, Paulo tem de lidar com problemas e ensinos errados que surgiram entre os crentes coríntios e levaram muitos deles a se oporem ao apóstolo. Contudo, Deus merece nossa gratidão, por isso ele começa com uma nota positiva agradecendo sempre a Deus por sua graça (gr. *charis*, incluindo um estado de graça que é deles através da obra redentora de Cristo e também todos os dons carismáticos[7]), que lhes é dada agora que estão em Cristo e são parte do seu Corpo, a Igreja, e estão em relação certa com Ele.[8] Esta graça estava sendo manifesta de duas maneiras especiais: na palavra (inclusive línguas, interpretação e profecia) e no rico conhecimento (inclusive o dom da palavra [mensagem] e do conhecimento [ou da ciência]) que a palavra deles revelava.[9] O versículo 6 indica que a palavra e o conhecimento deles dizia respeito a Cristo, o Messias. O testemunho de Paulo sobre Ele vinha das Escrituras do Antigo Testamento, como também do que ele tinha aprendido do próprio Jesus. Era confirmado entre eles pela obra do Espírito Santo à medida que Ele guiava e capacitava a igreja coríntia. Hebreus 2.3,4 indica que era "por sinais, e milagres, e várias maravilhas, e dons do Espírito Santo, distribuídos por sua vontade [de Deus]". Estas manifestações sobrenaturais demonstravam que o testemunho de Paulo acerca de Cristo era confirmado exatamente como o fora aos outros apóstolos (At 2.43; 4.29,30; cf. 1 Co 9.2). O testemunho do Espírito era também dado no coração deles (1 Co 2.4,5; Gl 4.6).

> [7] De maneira que nenhum dom vos falta, esperando a manifestação de nosso Senhor Jesus Cristo, [8] o

> QUAL VOS CONFIRMARÁ TAMBÉM ATÉ AO FIM, PARA SERDES IRREPREENSÍVEIS NO DIA DE NOSSO SENHOR JESUS CRISTO. [9] FIEL É DEUS, PELO QUAL FOSTES CHAMADOS PARA A COMUNHÃO DE SEU FILHO JESUS CRISTO, NOSSO SENHOR.

Porque o Espírito confirmou o testemunho de Paulo a Cristo e o povo respondia com fé e obediência ao Espírito em sua distribuição dos dons, todos os dons[10] espirituais (carismáticos) estavam presentes entre eles. Isso implica "uma experiência dinâmica do próprio Espírito".[11] É algo a ser lembrado. Paulo está escrevendo a uma congregação que tem experimentado toda a plenitude do batismo com o Espírito Santo, com a evidência externa inicial de falar em outras línguas. Mais tarde (1 Co 14), Paulo trata do uso excessivo que eles fazem do dom de línguas e os orienta no uso adequado dos dons para edificação da Igreja e alcance dos incrédulos. No entanto, não há nada de errado com os dons, o problema está nas atitudes dos coríntios. Paulo não deseja que eles deixem de responder ao Espírito Santo e aos seus dons. Ele quer que saibam que os dons do Espírito Santo são os meios dados por Deus para edificar ou construir a igreja local, tanto espiritual quanto numericamente, como indicam os capítulos 12 a 14 de 1 Coríntios. Embora os esforços humanos e métodos empresariais modernos possam reunir uma grande multidão, o Senhor quer que cada igreja local seja cheia do Espírito, capacitada pelo Espírito, dotada pelo Espírito e guiada pelo Espírito.

A intensidade e realidade da fé dos coríntios também estavam evidenciadas por sua expectativa da volta de Jesus, quando Ele será revelado em poder e glória, um poder e glória que Ele agora tem junto ao trono do Pai. Como cristãos fiéis eles viviam a cada dia esperando ser aquele o dia da vinda de Jesus. O livro de Apocalipse ainda não tinha sido escrito, mas das profecias do Antigo Testamento e dos ensinos de Jesus, Paulo deve ter admitido como certo que haveria uma série de eventos no fim dos tempos, de modo que haveria algum tempo antes que aquele dia chegasse. Mas a ênfase está no retorno pessoal do próprio Jesus e na consumação de nossa redenção, não no complexo de eventos antes e durante aquele dia (cf. 1 Ts 1.9,10; 4.13-17). "A atenção deles devia estar no Senhor e não no tempo."[12] Assim, Paulo lembrou aos coríntios que Cristo[13] os confirmaria em sua fé de forma que estivessem acima de repreensão, irrepreensíveis no Dia de Cristo (que incluirá o julgamento no Tribunal de Cristo; veja Rm 14.10; 2 Co 5.10). A santificação progressiva e a purificação contínua do sangue estão implícitas (1 Jo 1.7).

Nesta época, todos os crentes tinham a expectativa de que Jesus voltaria antes que morressem. Paulo percebeu mais tarde que não estaria vivendo quando aquele dia chegasse, mas ele ainda o esperava e a coroa

da justiça seria dada a ele e a todos que anelarem a vinda de Cristo (2 Tm 4.8). Nós também precisamos manter essa expectativa e esse reconhecimento da imanência da sua vinda. É um dos incentivos mais importantes para uma vida santa (veja 1 Jo 3.2,3).

Os coríntios reconheciam que os dons carismáticos do Espírito eram por graça mediante a fé. Eles também esperavam que os dons continuassem até que Jesus viesse. O mesmo esperamos, pois até hoje a hora de sua volta não é revelada (At 1.7; Mc 13.32,33; veja também os comentários sobre 1 Co 13.12).

Até que venha em pessoa, Jesus está conosco em espírito, pois a Bíblia promete que Ele nunca nos deixará nem nos desamparará (Hb 13.5). Ele está conosco para nos dar sua força, confirmar nossa fé e nos firmar, de modo que sejamos vitoriosos na batalha contra o pecado e permaneçamos inocentes diante dEle quando voltar. Ele morreu e derramou o seu sangue "para, perante ele, vos apresentar santos, e irrepreensíveis, e inculpáveis, se, na verdade, permanecerdes fundados e firmes na fé e não vos moverdes da esperança do evangelho que tendes ouvido" (Cl 1.22,23). Podemos fazê-lo porque Deus nos chamou em comunhão (e parceria) com Jesus e porque Deus é fiel (cf. Dt 7.9; 2 Co 1.18). Sabemos que Ele é fiel, porque experimentamos sua fidelidade à medida que respondemos o seu chamado em comunhão com o seu Filho ungido, Jesus — que se tornou nosso Senhor. Isto foi possível, porque Deus foi fiel ao enviar Jesus para nos salvar. Ele trabalha fielmente por meio de Jesus, que é "o autor e consumador da [nossa] fé" (Hb 12.2). Ele trabalha fielmente por meio do Espírito Santo e dos seus dons para purificar, santificar e promover crescimento e maturidade. A fidelidade de Deus sempre está presente para nos ajudar a sermos fiéis.

No Apêndice B você encontrará perguntas para aprimorar seu estudo.

NOTAS

[1] Para a identidade e motivo da multidão, veja a introdução.

[2] O original grego traz "Sóstenes, o irmão", que é melhor entendido como título, como vemos na *Bíblia de Jerusalém*.

[3] Conforme implica o uso do artigo no grego. Veja *A Critical and Evangelical Commentary on the First Epistle of St. Paul to the Corinthians*. 2. ed., de Archibald Robertson e Alfred Plummer. *The International Critical Commentary Series*. Edimburgo, T. & T. Clark, 1914, p. 2.

[4] George Eldon Ladd. *A Theology of the New Testament*. Grand Rapids, William B. Eerdmans, 1974, p. 537. Ladd ressalta que a "igreja local não faz parte da igreja, mas é ***a igreja*** em sua expressão local", tornando disponível todo o poder de Cristo (itálicos no original).

[5] O Pai (1 Ts 5.23) e o Espírito Santo (Rm 15.16) também estão envolvidos em nossa santificação.

[6] Stanley M. Horton, ed. *Teologia Sistemática*. Rio de Janeiro CPAD, 1996, pp. 366, 543.

[7] Robertson e Plummer. *Commentary*. p. 5. Fred Fisher. *Commentary on 1 and 2 Corinthians*. Waco, Texas, Oxford Books, 1975, p. 21.

[8] Gordon sugere que, como Paulo, devemos contar não só nossas bênçãos, mas também as de nosso próximo para vermos o que o Senhor fez. Gordon H. Clark. *First Corinthians: A Contemporary Commentary*. Nutley, Nova Jersey, Presbyterian & Reformed Publishing Company, 1975, p. 10.

[9] A palavra e o conhecimento eram dons altamente estimados pelos gregos. Veja Stanley M. Horton. *O que a Bíblia diz sobre o Espírito Santo*. Rio de Janeiro, CPAD, 1993, p. 213. Veja também, Gordon D. Fee. *The First Epistle to the Corinthians*. Grand Rapids, William B. Eerdmans, 1991, p. 39.

[10] As formas gregas da palavra *carisma* ocorrem sete vezes em 1 Coríntios (1.7; 7.7; 12.4,9,28,30,31). Cada *carisma* é um dom da *charis* (graça), graciosamente dado pelo Espírito. O Espírito Santo usou Paulo em muitos destes dons (cf. 1 Co 14.18).

[11] J. Rodman Williams. *Salvation, the Holy Spirit & Christian Living*. In: *Renewal Theology*. Grand Rapids, Zondervan Publishing House, Acadamie Books, 1990, v. 2, p. 325.

[12] Stanley M. Horton. *Nosso Destino: O Ensino Bíblico das Últimas Coisas*. Rio de Janeiro, CPAD, 1998, p. 131.

[13] Ou Paulo pode estar querendo dizer que Deus os manteria fortes. Veja Gordon D. Fee. *First Epistle to the Corinthians*. pp. 43, 44.

II. Dissensão na Igreja 1.10 — 4.21

A. Apelo à unidade 1.10-12

> [10] Rogo-vos, porém, irmãos, pelo nome de nosso Senhor Jesus Cristo, que digais todos uma mesma coisa e que não haja entre vós dissensões; antes, sejais unidos, em um mesmo sentido e em um mesmo parecer. [11] Porque a respeito de vós, irmãos meus, me foi comunicado pelos da família de Cloe que há contendas entre vós. [12] Quero dizer, com isso, que cada um de vós diz: Eu sou de Paulo, e eu, de Apolo, e eu, de Cefas, e eu, de Cristo.

Depois da saudação de abertura, Paulo imediatamente aborda as situações na assembléia coríntia que necessitavam de correção. Ele os chama de irmãos, reconhecendo-os como membros da família de Deus (o uso de Paulo do termo "irmãos" também inclui as "irmãs"). Falando em nome e autoridade de Jesus Cristo, ele lida com um problema básico

e muito urgente. Solenemente, mas com gentileza, ele os exorta a que passem da dissensão para a unidade — não unidade organizacional, mas unidade espiritual, uma unidade em que eles seriam (por um processo de restauração benévolo) perfeitamente unidos[1] em sentido e parecer. Pelo fato de Paulo ter recebido o Evangelho diretamente do próprio Jesus (Gl 1.11,12), ele deve ter tomado conhecimento da oração de Jesus pela unidade dos crentes, uma unidade de amor, e por uma unidade de relacionamento com Ele e com o Pai, uma unidade de desejo que o mundo veja a glória de Jesus e se dê conta de que Deus Pai o enviou (Jo 17.20-26). Jesus desejou esta unidade para que o testemunho dos crentes fosse efetivo em um mundo dividido. Por conseguinte, Paulo quis que eles abandonassem todo tipo de espírito de partidarismo (Como em seguida apresenta no capítulo 12, isto não significa unissonância ou uniformidade, mas variedade que opera em harmonia).

Paulo sabia que havia necessidade desta exortação em favor da unidade, porque alguns amigos de confiança da família de Cloe (que provavelmente moravam em Éfeso) visitaram Corinto e informaram que havia perigo de que facções se desenvolvessem entre eles.[2] De fato, eles já estavam discutindo entre si. Em vez de buscarem a unidade do Espírito sob a liderança de Cristo, muitos deles concentravam-se em líderes humanos. Paulo indica que eles raciocinavam de um ponto de vista humano. Isto significa que eles pensavam ter razões lógicas para exaltar os líderes humanos.

Alguns diziam que eram seguidores de Paulo, provavelmente porque sentiam que deveriam ser leais a ele como o fundador da assembléia e o primeiro a lhes apresentar o verdadeiro Evangelho. Outros eram seguidores de Apolo, fervoroso pregador, como também "aproveitou muito aos que pela graça criam. Porque com grande veemência convencia publicamente os judeus, mostrando pelas Escrituras que Jesus era o Cristo" (At 18.28). Ele muito fizera para dar mais firmeza aos crentes. Ainda outros sustentavam ser seguidores de Cefas, isto é, de Pedro (Jo 1.42) possivelmente porque conheciam sua liderança ungida desde o dia de Pentecostes e porque era um dos apóstolos originais que estiveram com Jesus durante o seu ministério terreno.[3]

Mas alguns diziam que eram seguidores de Cristo, possivelmente para assumir uma atitude superior, como se fossem mais espirituais por causa desta alegação. Eles podem ter alegado que Cristo pertencia a eles e não aos outros.[4] É provável que sejam estes a quem Paulo aludiu que defendiam ter uma sabedoria e conhecimento superiores (1 Co 8.1), que os tornavam livres de restrições e demandas morais (1 Co 5.1,2; 6.12; 10.23). Eles torceram o Evangelho e uniam-se nos argumentos com o mesmo espírito de contenção (2 Co 10.7,10,11; 11.4,20,21,23). A maioria

dos problemas que Paulo tinha de tratar nesta carta talvez fosse proveniente da influência deles. Paulo os considerou falsos mestres, seus inimigos (1 Co 4.18,19). Porém não mais menciona Pedro nesta carta e certamente ele não estava entre os falsos mestres (cf. Gl 2.7,8). Lucas fala favoravelmente do ministério de Apolo (At 18.27,28), como Paulo o faz mais tarde (1 Co 3.5,6; 16.12; Tt 3.13).

É importante que hoje evitemos nos tornar tão presos a determinado pastor ou evangelista de modo que venhamos a confiar em tal pessoa mais do que confiamos em Cristo. "Sempre devemos tomar o cuidado de concentrar nosso amor, devoção e lealdade em Deus e na sua Palavra, não em qualquer pastor ou pessoa."[5]

B. Razões para a unidade 1.13 — 3.23

1. A mensagem da cruz 1.13 — 2.16

a) Cristo não está dividido 1.13-17

> 13 Está Cristo dividido? Foi Paulo crucificado por
> vós? Ou fostes vós batizados em nome de Paulo? 14
> Dou graças a Deus, porque a nenhum de vós batizei,
> senão a Crispo e a Gaio; 15 para que ninguém diga que
> fostes batizados em meu nome. 16 E batizei também a
> família de Estéfanas; além destes, não sei se batizei al-
> gum outro. 17 Porque Cristo enviou-me não para ba-
> tizar, mas para evangelizar; não em sabedoria de pala-
> vras, para que a cruz de Cristo se não faça vã.

Agora Paulo levanta perguntas designadas a refutar a dissensão e espírito de partidarismo. Cada grupo pensou que a lógica estava do seu lado. Mas eles raciocinavam da mesma forma que Pedro quando quis fazer três tendas no monte da Transfiguração. Como Pedro, eles precisavam de uma nova visão de Jesus, de quem o Pai disse: "Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo; escutai-o" (Mt 17.5; cf. 1 Co 1.24). Paulo pergunta em primeiro lugar se Cristo está dividido ou separado em partes.[6] Mais tarde (1 Co 12) ele reconhece a assembléia local de crentes como o Corpo de Cristo, com partes que têm dons e funções diferentes, mas ainda unidas e precisando umas das outras. Assim, a ênfase aqui está na separação errada. A assembléia local é um corpo e não deve ter partes divididas, umas contra as outras (cf. 1 Co 12.25).

Em vez de tratar dos outros partidos, Paulo trata daqueles que asseveram que o seguem deste modo errado. Sua intenção é mostrar o quanto isso é errado, com a implicação de que eles deveriam aplicar os mesmos argumentos ao erro de seguir os outros de modo partidário. Para fazer isto, Paulo começa dando razões por que eles não devem se considerar seus seguidores. Mais tarde, seu conselho é para que o imitem (1 Co 4.16) e sigam o seu exemplo, assim como ele seguiu o exemplo de Cristo (1 Co 11.1). Porém eles não estavam fazendo isso. Estavam se exaltando, provavelmente não como um partido especial, mas prendendo-se ao nome dele, pensando consigo mesmos que eram melhores que o resto da igreja, atraindo atenção para si mesmos em vez de atrair para Cristo. Mas todos estes coríntios não assimilavam o pleno significado da cruz. Ou seja, eles olhavam para as coisas espirituais do ponto de vista da razão humana quando deveriam olhar sob a perspectiva do que Deus fez na morte e ressurreição de Cristo.

Paulo não foi crucificado por eles. Evidenciá-lo rouba a glória daquEle que morreu por todos eles, inclusive por Paulo. O nome de Paulo não foi usado quando eles foram batizados no nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. (Observe que, no grego, a expressão "em nome" [gr. *eis to onoma*] é a mesma aqui como em Mateus 28.19, significando "na comunhão, culto e serviço", mas Atos 2.38 usa um teor diferente que poderia ser traduzido por "sob o nome" [gr. *epi to onomati*], significando "sob a autoridade", e a autoridade é dada por Jesus em Mateus 28.19.)[7]

Considerando que o batismo nas águas significa a identificação do crente com Cristo e indica entrar sob o âmbito do seu senhorio e autoridade, Paulo está muito preocupado que os crentes coríntios não venham a supor que isto teve algo a ver com o relacionamento que tinham com ele. A congregação coríntia foi fundada no nome de Jesus e não no nome de Paulo. Paulo não estava buscando a lealdade deles. É certo que não havia base para pertencer a um partido "paulino". Ele não era rival de Cristo.[8] Para ter certeza de que entenderam isto, ele expressa gratidão por haver batizado somente a Crispo (o principal da sinagoga, At 18.8) e a Gaio (o homem rico que hospedou Paulo e a igreja, Rm 16.23) e a família de Estéfanas (os primeiros que Paulo ganhou na província, 1 Co 16.15-17). Aparentemente, uma vez que Paulo batizava alguns cristãos, ele delegava-lhes a responsabilidade e privilégio de batizar os novos convertidos e assim recebê-los na comunhão da Igreja. Nisto ele estava seguindo o exemplo de Cristo (Jo 4.1,2) e de Pedro (At 10.48).

Paulo não estava minimizando a importância do batismo nas águas (cf. Rm 6.3-7). Antes, reconhecia qual era o seu ministério. Ele foi enviado (foi feito um enviado, um apóstolo) para pregar o Evangelho: as Boas Novas de salvação por Jesus Cristo, salvação que traria as pessoas em

comunhão com Deus e Cristo no Espírito Santo, salvação que estará completa quando Jesus vier novamente. Os coríntios foram salvos pela graça mediante a fé à parte do batismo nas águas (Ef 2.8,9). O batismo veio como um testemunho à fé depois que eles creram e foram trazidos à comunhão com Deus pelo sangue de Jesus. Paulo com certeza não fez nada que desse razão às iminentes facções na igreja em Corinto.

Para esclarecer mais seu ministério, Paulo prossegue dizendo que a sua pregação não era assunto de explicar a verdade em palavras de sabedoria humana, ou seja, da maneira como os coríntios devem ter muitas vezes ouvido os inteligentes oradores gregos. Nem tampouco permitiu que a sabedoria humana dos filósofos gregos influenciasse o seu conceito do Evangelho e os ensinos, ministério e obra de Cristo — como provavelmente ocorria com alguns deles. "O Evangelho não é uma filosofia, mas uma mensagem".[9]

b) Salvação mediante o Cristo crucificado 1.18-25

> [18] PORQUE A PALAVRA DA CRUZ É LOUCURA PARA OS QUE PERECEM; MAS PARA NÓS, QUE SOMOS SALVOS, É O PODER DE DEUS.

Para os que perecem — a caminho do inferno, espiritualmente mortos e assim controlados pela natureza pecadora (Rm 8.8), cegos por Satanás (2 Co 4.4) — a palavra ou mensagem da cruz (e portanto, toda a doutrina da expiação)[10] é absurda. Eles acham que é tolice acreditar que a execução romana de alguém declarado culpado e inimigo do Estado possa ser usado por Deus para trazer salvação. Mas para os que são salvos — que aceitam a Cristo como Salvador e Senhor, que têm um relacionamento vigente com Deus, que vivem para Ele e que estão a caminho do céu —, a palavra da cruz, a mensagem que tem em seu centro a morte de Jesus na cruz e o derramamento do seu sangue, é o poder de Deus. Eles sabem que é assim, porque experimentaram o seu poder para salvá-los. O poder de Deus ainda é necessário não só para a salvação, mas para a santificação, paz, bênção espiritual e esperança (cf. Rm 15.13). O seu poder também está disponível para curar e expulsar demônios.

A cruz de Cristo está cheia do poder de Deus, porque foi o meio pelo qual Jesus realizou nossa salvação quando derramou o seu sangue e morreu por nós. Tentar explicar a cruz ou deduzir sua importância em termos de sabedoria e filosofia humanas implicaria furtá-la do seu poder, ou seja, da sua capacidade de transformar os pecadores em santos. É exatamente isto que os teólogos liberais estão fazendo hoje. Mas Paulo proclamou seu poder para salvar, libertar do pecado e de Satanás, curar, restabelecer a

comunhão com Deus — e o mesmo devemos fazer. O Espírito Santo tornará reais a cruz e o seu poder para os corações famintos (cf. Rm 1.16).

> [19] PORQUE ESTÁ ESCRITO: DESTRUIREI A SABEDORIA DOS SÁBIOS E ANIQUILAREI A INTELIGÊNCIA DOS INTELIGENTES. [20] ONDE ESTÁ O SÁBIO? ONDE ESTÁ O ESCRIBA? ONDE ESTÁ O INQUIRIDOR DESTE SÉCULO? PORVENTURA, NÃO TORNOU DEUS LOUCA A SABEDORIA DESTE MUNDO? [21] VISTO COMO, NA SABEDORIA DE DEUS, O MUNDO NÃO CONHECEU A DEUS PELA SUA SABEDORIA, APROUVE A DEUS SALVAR OS CRENTES PELA LOUCURA DA PREGAÇÃO.

Provavelmente pelo motivo de Paulo admitir que as divisões na Igreja são o resultado do pensamento humano e da sabedoria humana, ele prossegue fazendo forte contraste entre a sabedoria de Deus ("está escrito")[11] e a sabedoria humana, o último dos quais podemos chamar de "bom senso mundano".[12] Grande parte disto vem de filosofias humanas que tiram Deus do trono e em seu lugar colocam o ego ou a razão humana. Visto que a sabedoria humana tratou a cruz como algo absurdo, Paulo se refere a Isaías 29.14, onde Deus declara o seu propósito de fazer perecer, ou destruir, a "sabedoria dos sábios" e esconder, frustrar ou pôr de lado o "entendimento dos prudentes", os quais desaparecerão sob a luz da verdade divina.

Quando Paulo pergunta onde está o sábio, o escriba (o estudioso, o mestre especialista da lei de Moisés),[13] ou o inquiridor ou filósofo deste século, ele está enfatizando a futilidade da sabedoria humana. Ela não tem capacidade de satisfazer as reais necessidades das pessoas ou de ajudá-las a encontrar Deus e a salvação. Podemos ver isto nos escritos dos antigos filósofos gregos que Paulo deve ter lido, visto que fora educado como cidadão romano antes que ficasse sob as instruções de Gamaliel (Gamaliel não proibia a leitura de autores gregos, e Paulo se refere a escritores gregos em Atos 17.28.).

O mesmo é verdade da maioria das filosofias modernas, especialmente o humanismo e o existencialismo ateísta que dominam grande parte da educação nos dias de hoje. Essas filosofias retratam o universo "como total falta de propósito e destino último",[14] e, portanto, sem lugar para Deus ou qualquer significado ou esperança. Todas acabam em um beco sem saída. Suas filosofias naturalistas são verdadeiramente tolas e absurdas. Temos de evitá-las, como também a cosmovisão secular que depende delas.

Deus sabe que a sabedoria humana não pode conhecê-lo. Em sua sabedoria, agradou-lhe usar a pregação do que o mundo chamou de tolice a fim de salvar os que crêem.[15] A pregação da cruz, junto com a

declaração de que o Jesus crucificado e ressuscitado é o Senhor e Salvador, ainda é o poder de Deus para salvação de todo o que crê, isto é, que continua crendo no Evangelho e obedecendo o Evangelho (Rm 1.16).

> 22 PORQUE OS JUDEUS PEDEM SINAL, E OS GREGOS BUSCAM SABEDORIA; 23 MAS NÓS PREGAMOS A CRISTO CRUCIFICADO, QUE É ESCÂNDALO PARA OS JUDEUS E LOUCURA PARA OS GREGOS. 24 MAS, PARA OS QUE SÃO CHAMADOS, TANTO JUDEUS COMO GREGOS, LHES PREGAMOS A CRISTO, PODER DE DEUS E SABEDORIA DE DEUS. 25 PORQUE A LOUCURA DE DEUS É MAIS SÁBIA DO QUE OS HOMENS; E A FRAQUEZA DE DEUS É MAIS FORTE DO QUE OS HOMENS.

Paulo sabia que os judeus foram a Jesus para exigir-lhe um sinal milagroso do céu (Lc 11.16,29,30). Isto lhes era característico. Eles sabiam pela Lei e pelos profetas que Deus é um Deus que realiza milagres. Mas não ficaram convencidos com os milagres de Jesus. Jesus lhes disse que o único sinal que os salvaria seria o sinal do profeta Jonas — cumprido em sua morte e ressurreição. No entanto, mesmo este sinal não os convenceria se eles não aceitassem Jesus como o cumprimento da Palavra profética (cf. o que Abraão disse ao homem rico no inferno: "Se [os irmãos do homem rico] não ouvem a Moisés e aos Profetas, tampouco acreditarão, ainda que algum dos mortos ressuscite" [Lc 16.31]).

Por outro lado, os gregos não se interessavam por milagres. Eles adoravam especular e queriam satisfazer sua curiosidade intelectual. Exaltavam seus filósofos e permaneciam na busca da sabedoria humana, louvando a si mesmos e sua própria razão humana à medida que agiam assim. A única sabedoria que poderia salvá-los era uma fé que aceita o julgamento que Deus faz da sabedoria humana e aceita a aparente tolice (asneira, besteira, idéia louca) da cruz como verdadeiramente sábia.

Paulo continuava pregando a Cristo como crucificado mesmo em face da oposição dos judeus e gregos, pois aqueles que respondem à chamada de Deus, judeus ou gentios, encontram em Cristo o poder e a sabedoria de Deus. O que os gentios pensavam ser a loucura de Deus, ou seja, a cruz, prova ser mais sábia que qualquer sabedoria humana. O que os judeus pensavam ser fraqueza quando viram a Jesus morrendo na cruz, provou ser mais forte que qualquer força humana. Nenhuma sabedoria humana pode transformar as vidas do modo como são transformadas quando elas vão à cruz. Nenhum poder humano pode ressuscitar os mortos e dar uma nova vida aos crentes. A sabedoria humana não pode ajudar-nos a conhecer a Deus. Mas todos podemos receber a resposta à oração de Paulo "para que o Deus de nosso Senhor Jesus

Cristo, o Pai da glória, vos dê em seu conhecimento o espírito de sabedoria e de revelação" (Ef 1.17; cf. Tg 1.5).

c) Ninguém pode gloriar-se perante Deus 1.26-31

> 26 PORQUE VEDE, IRMÃOS, A VOSSA VOCAÇÃO, QUE NÃO SÃO MUITOS OS SÁBIOS SEGUNDO A CARNE, NEM MUITOS OS PODEROSOS, NEM MUITOS OS NOBRES QUE SÃO CHAMADOS. 27 MAS DEUS ESCOLHEU AS COISAS LOUCAS DESTE MUNDO PARA CONFUNDIR AS SÁBIAS; E DEUS ESCOLHEU AS COISAS FRACAS DESTE MUNDO PARA CONFUNDIR AS FORTES. 28 E DEUS ESCOLHEU AS COISAS VIS DESTE MUNDO, E AS DESPREZÍVEIS, E AS QUE NÃO SÃO PARA ANIQUILAR AS QUE SÃO; 29 PARA QUE NENHUMA CARNE SE GLORIE PERANTE ELE.

Ao chamá-los de "irmãos", Paulo quer que saibam que ele os ama apesar do que tem a lhes dizer. Aparentemente, muitos dos coríntios orgulhavam-se de sua herança grega e começaram a manifestar a atitude superior alimentada pela sabedoria humana. Pode ser que outros se gloriassem pelos dons espirituais que possuíam.[16] Paulo os conclama a que não se esqueçam de quem eles eram na ocasião em que aceitaram a chamada de Deus para a salvação (uma chamada a todo aquele que crê, Jo 3.36). Alguns podem ter sido sábios, mas apenas segundo os padrões humanos. A sabedoria deles era irrelevante à luz da sabedoria de Deus. Crispo, o ex-principal da sinagoga (At 18.8), e Gaio (Rm 16.23) podem ter sido ricos. Erasto tinha boa posição como superintendente das obras públicas da cidade (Rm 16.23). Mas essa riqueza e posição eram somente conforme os padrões humanos e eram irrelevantes à luz de nossa posição em Cristo.

A grande maioria dos crentes não tinha reputação como filósofos sábios, mestres influentes ou estadistas, nem eram membros da classe alta da sociedade.[17] Como ocorre em tantos casos na história, o Evangelho espalhou-se primeiro entre os pobres e oprimidos, aqueles por quem Jesus tinha grande preocupação e a quem pregava (Mt 11.4,5; 25.34-36).

Eles, aos olhos do mundo, não eram considerados nem mesmo pessoas: Eram "as coisas loucas". Contudo, Deus escolheu usar essas coisas loucas para envergonhar a coisas sábias. O mundo as chamou de "coisas fracas", mas Deus usou essas coisas fracas para envergonhar tudo o que o mundo chama de forte. O mundo as chamou de coisas "desprezíveis" ou ignóbeis, malnascidas, e as ignorou como se não tivessem existência — passava por elas como se não existissem. Mas Deus as usou para

aniquilar as coisas que o mundo pensava existirem ou que tratava como tendo existência. No fim, Ele derrubará todos os sistemas mundanos.

Embora estes versículos digam respeito às pessoas do versículo 26, também é verdade que Deus escolheu mostrar o seu poder e trazer a salvação pelo que o mundo chamou de coisas loucas (especialmente a cruz) para envergonhar as coisas sábias, porque a sabedoria delas não podia produzir tal salvação maravilhosa. As mesmas coisas fracas envergonharam as fortes, porque elas não podem mudar vidas.

Os romanos crucificaram milhares de pessoas. No que diz respeito ao mundo, a cruz e a Jesus pregado nela seriam apenas mais uma execução, um evento insignificante, até desprezível. Mas Deus toma as coisas que não existem para aniquilar, ou tornar sem efeito, as coisas que de fato existem. Ou seja, pelo seu poder como Criador e Redentor, Ele traz os eventos à existência (a morte e a ressurreição de Jesus), que subseqüentemente levarão os sistemas mundanos a um fim.

Disto vemos que os caminhos, padrões e valores de Deus são diferentes do mundo. Recebemos verdadeira sabedoria somente dEle, e quando vemos a tolice da sabedoria humana e percebemos nossa incapacidade de nos salvarmos, não podemos nos vangloriar diante dEle, somente nos humilhar e reconhecer a sua grandeza e poder.

> 30 MAS VÓS SOIS DELE, EM JESUS CRISTO, O QUAL PARA NÓS FOI FEITO POR DEUS SABEDORIA, E JUSTIÇA, E SANTIFICAÇÃO, E REDENÇÃO; 31 PARA QUE, COMO ESTÁ ESCRITO: AQUELE QUE SE GLORIA, GLORIE-SE NO SENHOR.

Não por causa de nós mesmos, mas por causa do que Deus fez pela morte e ressurreição de Jesus é que estamos agora em Cristo, em relacionamento certo com Ele, fazendo parte do seu Corpo, a Igreja. Cristo, que é a sabedoria eterna de Deus (cf. Pv 8), tornou-se para nós a sabedoria proveniente de Deus. A sua sabedoria, que nEle temos e que Ele nos dá, inclui Ele ser nossa justiça (cf. Rm 4.24,25; Fp 3.8,9), nossa santidade, inclusive a obra santificadora do Espírito que Jesus prometeu enviar (2 Ts 2.13), e nossa redenção (Rm 3.24; Ef 1.7). Através da sua redenção, nos que cremos somos libertos da pena e poder do pecado. Por causa da sua justiça ser-nos imputada, Deus nos olha como se nunca tivéssemos pecado.[18]

Visto que Cristo Jesus é a fonte destas coisas e porque elas são o resultado da sua morte sacrifical na cruz (Hb 10.10), não devemos nos gloriar nelas ou em nós mesmos como se as possuíssemos. Podemos apenas seguir a ordem formal de Jeremias de nos gloriarmos no Senhor, ordem declarada brevemente por Paulo. Sem dúvida, a sua intenção é de

que leiamos todo o trecho de Jeremias 9.23,24, pois obviamente ele o tinha em mente. Para os crentes coríntios, gloriarem-se nos seus líderes humanos era na verdade uma maneira de se gloriarem em si mesmos, uma maneira de se exaltarem. Toda jactância ou vanglória só pode trazer dano à Igreja, mas gloriar-se no Senhor significa que colocamos nossa confiança nEle e somente nEle.

Neste capítulo, Paulo desenvolve o que dissera sobre a superioridade do poder e sabedoria de Deus e a aplica a si mesmo e a seu ministério.

d) A pregação de Paulo 2.1-5

> [1] E EU, IRMÃOS, QUANDO FUI TER CONVOSCO, ANUNCIANDO-VOS O TESTEMUNHO DE DEUS, NÃO FUI COM SUBLIMIDADE DE PALAVRAS OU DE SABEDORIA. [2] PORQUE NADA ME PROPUS SABER ENTRE VÓS, SENÃO A JESUS CRISTO E ESTE CRUCIFICADO.

Ao chamá-los de "irmãos", Paulo está reconhecendo que ele e todos os crentes em Corinto eram membros da família de Deus. Eles são parte da família porque Paulo não veio com a eloqüência dos oradores gregos nem com a sabedoria "superior" que era, como as teologias liberais de hoje, mais filosofia que Bíblia. Ao contrário dos filósofos, Paulo não desejava mostrar a amplitude do seu conhecimento ou impressioná-los com a extensão do seu vocabulário. Ele se preocupava apenas com o conteúdo do seu testemunho acerca de Deus, Cristo e a salvação. Assim, ele o proclamou em linguagem inteligível e simples. Quando diz que decidiu não saber nada, "senão a Jesus Cristo e este crucificado", ele quer dizer que não gastaria tempo proclamando ou mesmo mostrando interesse em outros assuntos, para que seus ouvintes experimentassem aquEle que ele conhecera, o Cristo crucificado, e assim viessem a experimentar "o testemunho acerca de Deus" em uma relação positiva com Ele.[19] Paulo sempre ressaltava este ponto quando chegava a um lugar novo (veja At 13.26-31). Nada era mais importante do que fazer com que as pessoas recebessem a redenção por Cristo.

> [3] E EU ESTIVE CONVOSCO EM FRAQUEZA, E EM TEMOR, E EM GRANDE TREMOR. [4] A MINHA PALAVRA E A MINHA PREGAÇÃO NÃO CONSISTIRAM EM PALAVRAS PERSUASIVAS DE SABEDORIA HUMANA, MAS EM DEMONSTRAÇÃO DO ESPÍRITO E DE PODER, [5] PARA QUE A VOSSA FÉ NÃO SE APOIASSE EM SABEDORIA DOS HOMENS, MAS NO PODER DE DEUS.

Entre as coisas fracas que Deus está usando, Paulo inclui-se a si mesmo. Ele chegou a Corinto "em fraqueza" (não doente ou enfermo, como a expressão às vezes significa),[20] sem influência do mundo e sem poder econômico ou riqueza. O seu "temor, e [...] tremor" não era questão de timidez ou covardia. Ele reconhecia a terribilidade de Deus e a responsabilidade que estava em suas mãos quanto a obra que Deus lhe dera para fazer (veja Sl 2.11, onde os reis da terra são ordenados a servirem ao Senhor com temor e a se alegrarem com tremor, reconhecendo a sua presença poderosa. Veja também 2 Tm 1.7: "Porque Deus não nos deu o espírito de temor, mas de fortaleza, e de amor, e de moderação").

Paulo recusou-se a usar o tipo de palavras persuasivas e sábias que caracterizavam os filósofos e oradores gregos porque sabia que "como a palavra da cruz (*1 Co 1.18*), os dons do Espírito são incompreensíveis para a mente moldada pelo mundo (1 Co 2.4). É precisamente obra do Espírito revelar o que este mundo não pode entender com suas próprias palavras, isto é, que o poder de Deus para salvação encontra-se na crucificação do Senhor da glória (1 Co 2.8-10; 2.2; 1.23,24)".[21] Paulo entendeu também que quando o Espírito dá poder para testemunhar (At 1.8), o testemunho não é feito somente de palavras, mas milagres, sinais e maravilhas que demonstram o poder do Espírito (At 2.32,33; 4.29-31; 5.12; 8.5,6; 14.3; Rm 15.19; 1 Ts 1.5; 2.13; Hb 2.4). Essas demonstrações, inclusive o batismo no Espírito Santo, com a evidência inicial de falar em línguas, são prova visível e inegável do desejo que Deus tem de salvar, curar, restaurar e dar nova direção à nossa vida.

Deus ainda quer que a nossa fé descanse no poder do Espírito Santo, em vez de depender da sabedoria humana. Quando olhamos a sabedoria dos sábios e filósofos deste mundo, vemos muitos deles contradizendo-se uns aos outros. Seus argumentos inteligentes são arrasados por outros argumentos inteligentes. Nenhum deles sabe todos os fatos ou toda a verdade. Todos ignoram ou suprimem tudo o que discorde de seu pensamento. Estão todos indo ladeira abaixo, a becos sem saída. Mas ainda podemos receber o batismo no Espírito Santo e caminhar no mesmo grandioso poder e dons do Espírito Santo que Paulo e os apóstolos experimentaram. Quando o Evangelho é pregado no poder e demonstração do Espírito, vidas são mudadas: pessoas são libertas da escravidão do pecado e de Satanás, batizadas no Espírito Santo, e tornam-se fiéis seguidoras do Senhor à medida que aprendem a obedecer a seus justos padrões (*Mt 28.19,20*).

e) A sabedoria de Deus, 2.6-16

> 6 Todavia, falamos sabedoria entre os perfeitos; não, porém, a sabedoria deste mundo, nem dos príncipes deste mundo, que se aniquilam; 7 mas falamos a sabedoria de Deus, oculta em mistério, a qual Deus ordenou antes dos séculos para nossa glória; 8 a qual nenhum dos príncipes deste mundo conheceu; porque, se a conhecessem, nunca crucificariam ao Senhor da glória.

Paulo usa a primeira pessoa do plural provavelmente para enfatizar que está falando o que lhe foi dado por Jesus pela inspiração do Espírito Santo.

Ainda que Paulo não tivesse usado palavras de sabedoria humana, isto não significa que ele fosse ignorante ou estúpido ou que o Evangelho seja tolice. Ele sabia e proclamava uma sabedoria superior, uma sabedoria melhor que toda a sabedoria deste mundo, incluindo a dos príncipes deste mundo. Eles podem construir grandes impérios, os quais estão destinados à ruína, sentenciados a acabar. Paulo tornou esta sabedoria melhor, esta verdadeira sabedoria (incluindo toda a abundância do Evangelho com todo propósito e plano de Deus), disponível para amadurecer ou aperfeiçoar os crentes. Contudo, ele implica que muitos dos crentes coríntios não eram maduros ou perfeitos, embora assim o pensassem (cf. 1 Co 3.1; 14.20). Eles ainda eram bebês espirituais (veja 1 Co 3.1).

Embora a sabedoria que Paulo fala não seja a deste mundo, também não é a sabedoria do Antigo Testamento. Essa sabedoria, vista por exemplo no livro de Provérbios, era prática e muitas vezes estava ligada a aptidões, ou com um modo de vida ajustado, ou com a maneira de lidar com relacionamentos. Paulo chama de "mistério" ou "segredo" a sabedoria que ele ensinava, porque não fora revelada completamente nos tempos do Antigo Testamento e os príncipes deste mundo nunca compreenderam que ela começou com a primeira vinda de Cristo (cf. Lc 10.23,24). Esta sabedoria é enfaticamente a sabedoria de Deus.[22] Ele a destinou para nossa glória. Antes que o tempo começasse Deus planejou uma salvação por meio de Cristo que a tornaria possível para nós participarmos na sua glória eterna. Paulo apresenta isto em Romanos, onde mostra que o Evangelho significa justificação pela fé (Rm 4), segurança (Rm 5), vitória sobre o pecado (Rm 6; 7) e nossa participação na glória de Deus e Cristo (Rm 8). Tudo isso está incluído na salvação plena e livre que Deus preparou para nós e a tornou disponível pela cruz. Temos agora uma primeira parcela da glória pelo dom do Espírito Santo (2 Co 1.22; 5.5; Ef 1.14; 3.8,10).

Isto é a nossa segurança do que será nosso quando alcançarmos a totalidade da sua glória como remidos.

Entre os príncipes deste mundo que não entenderam isso, incluem-se os líderes judeus, o sumo sacerdote e os romanos, especialmente Pilatos. Que contraste Paulo vê entre aquele fraco Jesus que sangrava na cruz e a realidade de quem Ele de fato era e é, o Senhor da glória,[23] que reina em majestade no trono do Pai — levando ainda sobre si as marcas de sua morte na cruz (Ap 5.6).

> 9 MAS, COMO ESTÁ ESCRITO: AS COISAS QUE O OLHO NÃO VIU, E O OUVIDO NÃO OUVIU, E NÃO SUBIRAM AO CORAÇÃO DO HOMEM SÃO AS QUE DEUS PREPAROU PARA OS QUE O AMAM. 10A MAS DEUS NO-LAS REVELOU PELO SEU ESPÍRITO.

Paulo dá mais explicações sobre isso usando uma paráfrase livre condensada de Isaías 64.4 e 65.17, tendo em mente Isaías 52.15. O que Deus preparou não são "primariamente as glórias do céu, mas as glórias da cruz e tudo o que ela significa no plano de Deus".[24] Essas verdades gloriosas do Evangelho, a maravilha da cruz e a abundância de salvação que Deus providenciou, não eram compreendidas antes que Deus as revelasse, começando no dia de Pentecostes. A palavra grega *kardia* normalmente é traduzida por coração, mas aqui fala da mente interior, os pensamentos mais profundos, e inclui até a imaginação. É verdade que Jesus abriu o entendimento dos discípulos depois da ressurreição (Lc 24.45-47). Contudo, as Boas Novas não foram declaradas e disseminadas até que eles receberam a promessa do Pai, o dom do Espírito (Lc 24.49; At 1.4,5). Então o Espírito tomou a pregação de Pedro e dos outros apóstolos e revelou a verdade ao coração e mente daqueles que ouviram e creram. Porque eles creram e viram o que Jesus comprou na cruz, seus corações foram cheios de amor a Deus, que assim amou o mundo (Jo 3.16). Deste modo também nós, pelo Espírito, podemos desfrutar o que Deus nos preparou. Então tomaremos parte na comunhão eterna com Jesus — que "será maravilhosa além de nossa capacidade atual de imaginar".[25]

O Espírito torna estas verdades acessíveis a todos os cristãos. A palavra "nos" (no termo no-las) é enfática, contrastando com somente uns poucos serem os seletos capazes de alcançar sabedoria, conforme ensinavam os pensadores e filósofos do mundo. Mas o fato de ser o Espírito aquele que revela, mostra que todos nós precisamos da sua iluminação se queremos entender as Escrituras. Como Jesus fez com os discípulos, assim o Espírito Santo fará conosco, pois de acordo com Jesus, o Espírito Santo é o outro Paracleto, ou Ajudador, exatamente como Ele (Lc 24.45; cf. At 15.28).

> 10b PORQUE O ESPÍRITO PENETRA TODAS AS COISAS, AINDA AS PROFUNDEZAS DE DEUS. 11 PORQUE QUAL DOS HOMENS SABE AS COISAS DO HOMEM, SENÃO O ESPÍRITO DO HOMEM, QUE NELE ESTÁ? ASSIM TAMBÉM NINGUÉM SABE AS COISAS DE DEUS, SENÃO O ESPÍRITO DE DEUS.

Podemos depender do Espírito para nos revelar a verdade porque Ele "penetra todas as coisas", ou seja, Ele as esclarece. Por causa da deidade de sua natureza, nada lhe está escondido.[26] Assim, Ele pode e esclarece as profundezas de Deus, as verdades profundas que nenhum pensamento humano, até dos filósofos mais brilhantes, jamais sondou. Eles não podem porque não têm o Espírito.

O versículo 11 confirma e elucida mais o fato de que o Espírito sabe e, portanto, revela corretamente "as profundezas de Deus". Nós, como seres humanos, temos segredos que ninguém sabe ou percebe, mas nosso espírito em nosso íntimo os conhece. Mesmo assim, só o Espírito de Deus sabe os pensamentos de Deus. Isto não significa que não possamos sabê-los. Antes, nós os sabemos à medida que o Espírito os revela (cf. Jo 14.9-11; 15.26; 16.13-15, que indicam que Jesus revela o Pai e o Espírito Santo revela o Pai e o Filho).

> 12 MAS NÓS NÃO RECEBEMOS O ESPÍRITO DO MUNDO, MAS O ESPÍRITO QUE PROVÉM DE DEUS, PARA QUE PUDÉSSEMOS CONHECER O QUE NOS É DADO GRATUITAMENTE POR DEUS. 13 AS QUAIS TAMBÉM FALAMOS, NÃO COM PALAVRAS DE SABEDORIA HUMANA, MAS COM AS QUE O ESPÍRITO SANTO ENSINA, COMPARANDO AS COISAS ESPIRITUAIS COM AS ESPIRITUAIS.

O "Espírito" que recebemos como cristãos é muito diferente do "espírito do mundo". Este é o espírito de sabedoria humana, o espírito que domina um mundo alienado de Deus. Alguns consideram que este espírito do mundo seja Satanás.[27] Paulo parece não ter Satanás em mente aqui. Antes, é o espírito de um mundo regido pelo pecado e pela natureza pecadora das pessoas não regeneradas. Recebemos o Espírito que "provém de" Deus. Paulo está falando sobre o dom do Espírito recebido em uma experiência específica e definida (como indica o tempo aoristo em grego). Em outras palavras, Paulo reconhece que ele e todos os cristãos coríntios receberam o prometido dom do Espírito. (Ele não menciona a evidência externa inicial de falar em outras línguas, porque esta não era a questão em discussão. Mais tarde ele explica que todos falavam em línguas, embora nem todos exercessem o dom de línguas na reunião pública; veja 1 Co 12.30; 14.23.)

Vimos que um dos propósitos do dom do Espírito é dar-nos poder para testemunhar (At 1.8). Agora vemos outro propósito — dar-nos entendimento de tudo o que Deus nos deu livremente. O Espírito também nos testifica que Ele realmente inspirou as Escrituras, não de modo mecânico, certamente, mas preparando os escritores de forma que pudesse usar o vocabulário e estilo deles e apresentar a verdade da maneira que Deus queria que a tivéssemos.

A compreensão que o Espírito dá inclui entender a salvação e os dons sobre os quais Paulo fala. Seu argumento não era apresentado com métodos de sabedoria humana e tampouco tentou orientar-se para o espiritual. Ele apresentou o que o Espírito Santo ensina, incluindo o que o Espírito Santo pôs em relevo, proveniente do Antigo Testamento e dos ensinos de Jesus.[28] Ele proclamou-lhes não com as palavras que a sabedoria humana usa para ensinar, mas com as palavras do Espírito, explicando "verdades espirituais em palavras espirituais".[29] Nosso vocabulário advém da experiência comum. As pessoas que não experimentaram o Espírito podem tomar emprestado as "palavras espirituais" da Bíblia, mas não podem usá-las com o seu verdadeiro significado porque elas não têm entendimento das coisas espirituais.

> 14 Ora, o homem natural não compreende as coisas
> do Espírito de Deus, porque lhe parecem loucura;
> e não pode entendê-las, porque elas se discernem
> espiritualmente. 15 Mas o que é espiritual discerne
> bem tudo, e ele de ninguém é discernido. 16 Porque
> quem conheceu a mente do Senhor, para que possa
> instruí-lo? Mas nós temos a mente de Cristo.

Paulo dá mais ênfase neste ponto. "O homem sem o Espírito" é o *psuchikos anthrōpos*, "o ser humano natural ou sensual", que confia só no que os sentidos físicos retransmitem, e assim só se preocupa com as aspirações e necessidades humanas.

Tiago acrescenta que "essa não é a sabedoria que vem do alto, mas é terrena, animal [*psuchikē*] e diabólica [*daimoniōdēs*, demoníaca em sua natureza ou origem]" (Tg 3.15). Tais pessoas não recebem as verdades que o Espírito Santo nos dá. Elas as rejeitam como loucura ou até como estupidez. Não podem entender ou compreender a sua verdade. E não têm meios de avaliar as verdades espirituais, as verdades do Evangelho, pois tais coisas são discernidas espiritualmente. Ou seja, devem ser examinadas e avaliadas de maneira coerente com o Espírito Santo. Somente a pessoa cheia do Espírito pode fazer isso.

Por exemplo, Israel, nos dias do profeta Isaías, estava distante da presença do Senhor (ou segundo Tiago, uma condição "animal"). Deus disse a

Isaías que a própria proclamação da verdade iria "engorda[r] o coração deste povo, e endurece[r]-lhe os ouvidos, e fecha[r]-lhe os olhos; [para que] não venha ele a ver com os seus olhos, e a ouvir com os seus ouvidos, e a entender com o seu coração, e a converter-se, e a ser sarado" (Is 6.10). João aplica este versículo às pessoas que não creriam em Jesus (Jo 12.37-41). A pregação de Paulo teve o mesmo efeito. Veja 2 Coríntios 2.14-16. (Isto não significa que o Espírito Santo não use as Escrituras para levar os seres humanos "naturais" ou "sensuais" à fé em Cristo e, por conseguinte, à salvação. Significa apenas que eles não podem usar a razão humana ou "bom senso" para fazer uma avaliação correta da verdade do Evangelho.)

Em contraste com aquele que não tem o Espírito e nem a capacidade para avaliar as verdades do Espírito, a pessoa espiritual, a que tem o Espírito e cujo pensamento é guiado por Ele, pode discernir, examinar, avaliar, entender e fazer julgamentos sobre todas "as" coisas. Ainda que o Espírito Santo nos ajude a discernir o que está acontecendo no mundo, e nos ajudará a entender muitas coisas, o artigo grego traduzido por "as" indica que Paulo se refere às coisas específicas sobre as quais ele tem falado, as coisas do Espírito, as verdades acerca de Cristo e da cruz. Quando nós, pelo Espírito Santo, vemos estas coisas sob a perspectiva adequada, tudo o mais é iluminado e passamos a olhar sob uma luz diferente daquela através da qual os sábios do mundo olham.

Além do incrédulo não ter capacidade para discernir, examinar e avaliar as verdades espirituais, nenhum incrédulo[30] pode discernir, avaliar, fazer julgamentos ou entender o crente que tem o Espírito Santo, nem os motivos, estilo de vida ou seus pontos de vista.

Para fornecer mais esclarecimentos sobre a razão de poderem os crentes fazer julgamentos, Paulo, com certa liberdade, faz uma citação de Isaías 40.13, onde o ponto é que ninguém pode ditar regras ao Senhor ou dizer-lhe o que fazer. Toda a sabedoria lhe pertence e Ele não precisa que ninguém o ensine.[31] Então Paulo identifica Cristo com o Senhor (pois Jesus é Deus) e declara que nós temos a mente de Cristo (cf. 1 Co 1.30; Cl 2.3). Podemos conhecer sua vontade, seu plano, seu propósito. Podemos amar do modo como Ele ama e avaliar as coisas da maneira que Ele as avalia. Podemos perguntar: "O que faria Jesus?" e sermos capazes de dar uma resposta correta.

Isto também dá outra razão por que o incrédulo não pode entender as verdades bíblicas ou as pessoas cheias do Espírito. Somente quando as mentes são unidas com a mente de Cristo pela atividade do Espírito Santo é que tal conhecimento e entendimento são possíveis.[32] Gordon Fee nota que o contraste nesta passagem é entre o crente e o incrédulo, não entre os cristãos de elite e os cristãos "menos importantes" que vivem abaixo dos seus privilégios. Não há base para elitismo na Bíblia.[33]

2. A Igreja é a lavoura de Deus, o edifício de Deus 3.1-9

> [1] E eu, irmãos, não vos pude falar como a espirituais, mas como a carnais, como a meninos em Cristo.
> [2] Com leite vos criei e não com manjar, porque ainda não podíeis, nem tampouco ainda agora podeis.

Em sua primeira visita, Paulo não pôde ensinar aos crentes coríntios a verdadeira sabedoria espiritual.[34] Embora eles fossem batizados com o Espírito e exercessem os dons do Espírito, Paulo não pôde tratá-los como "a espirituais", isto é, como crentes plenamente dominados e dirigidos pelo Espírito. Como as pessoas comuns, eles ainda eram muito carnais (gr. *sarkinois*), muito mundanos, dominados pelos desejos da carne e mente humanas.[35] Estavam agindo como bebês espirituais que não tinham crescido nas coisas de Cristo.[36] Eles não tinham se desenvolvido espiritualmente ao ponto em que pudessem entender a verdadeira sabedoria que ele quis ensiná-los.

Hebreus 5.13,14 identifica que os bebês espirituais que se alimentam de leite não estão experimentados na Palavra da justiça. Eles não alcançaram uma maturidade em que se exercitaram "para discernir tanto o bem como o mal". Estão familiarizados com "os rudimentos da doutrina de Cristo, [...] o fundamento do arrependimento de obras mortas e de fé em Deus, e da doutrina dos batismos, e da imposição das mãos, e da ressurreição dos mortos, e do juízo eterno" (Hb 6.1,2). Estas doutrinas são importantes. Porém, os coríntios precisavam experimentar os alimentos sólidos dos ensinos mais profundos da Bíblia, ensinos que têm a ver com a justiça e a santidade.

> [3] Porque ainda sois carnais, pois, havendo entre vós inveja, contendas e dissensões, não sois, porventura, carnais e não andais segundo os homens? [4] Porque, dizendo um: Eu sou de Paulo; e outro: Eu, de Apolo; porventura, não sois carnais?

A inveja, contendas e dissensões (implicando rivalidade) entre os crentes coríntios provavam que eles ainda eram carnais (gr. *sarkikoi*), dominados pelos desejos da carne e da mente, exatamente como os incrédulos (cf. 1 Jo 2.16).[37] Eles estavam agindo como "meros homens" — como seres humanos comuns, egocêntricos, não renascidos e sem uma relação com Deus —, em vez de agirem como indivíduos que são verdadeiramente guiados pelo Espírito de Deus. Além disso, o fato de focaliza-

rem os homens, discutindo se deveriam seguir Paulo ou Apolo, "indicava que havia confusão acerca da mensagem central do Evangelho".[38] Eles não viam a importância da cruz no plano de Deus. Aparentemente, não eram muitos os que seguiam Paulo, como o tom geral de 1 Coríntios indica. Do capítulo 5 em diante, Paulo não mais argumenta acerca dos líderes humanos e lida com a assembléia coríntia como um todo, grande parte da qual tinha se afastado dele.[39]

> 5 POIS QUEM É PAULO E QUEM É APOLO, SENÃO MINISTROS PELOS QUAIS CRESTES, E CONFORME O QUE O SENHOR DEU A CADA UM? 6 EU PLANTEI, APOLO REGOU; MAS DEUS DEU O CRESCIMENTO. 7 PELO QUE NEM O QUE PLANTA É ALGUMA COISA, NEM O QUE REGA, MAS DEUS, QUE DÁ O CRESCIMENTO.

Paulo está falando sobre a obra do ministério de pregar e ensinar. Ele e Apolo, como todos os que criam, são servos (veja Lc 22.25-27). Quando as pessoas crêem por meio da mensagem, é só porque os servos de Deus foram fiéis à sua tarefa incumbida. A expressão "cada um", referindo-se a Paulo e Apolo, significa "todo homem que ministra", ou melhor, cada um (homem ou mulher) que é nomeado pelo Senhor para ministrar e através dos quais os pecadores crerão no Evangelho.

Ninguém tem o direito de escolher que ministério gostaria de exercer. Quando Jesus disse aos apóstolos: "Não me escolhestes vós a mim, mas eu vos escolhi a vós, e vos nomeei, para que vades e deis fruto, e o vosso fruto permaneça, a fim de que tudo quanto em meu nome pedirdes ao Pai ele vos conceda" (Jo 15.16). Ele não estava falando de salvação, mas de ministério. Sua referência era ao período em que passou uma noite em oração e depois, dentre um grande número de discípulos, escolheu doze para estarem com Ele, receberem treinamento especial e serem um grupo especial de apóstolos (Lc 6.12-16). Ele tem um plano e um ministério para cada crente, mas a escolha é dEle, não nossa.

Na providência de Deus, Paulo plantou a semente da Palavra de Deus para fundar a assembléia em Corinto (At 18.1-17). Depois Apolo a regou e cuidou dela, promovendo o desenvolvimento espiritual da assembléia. Mas o tempo todo em que Paulo estava plantando e Apolo regando, Deus estava fazendo com que ela crescesse. Assim, Paulo e Apolo na verdade nada são. A atenção da assembléia não deveria estar neles, como se fossem mais importantes que o Evangelho em si, mas em Deus, que sozinho torna possível a salvação, o crescimento espiritual e o aumento em número (cf. At 2.47).

> 8 ORA, O QUE PLANTA E O QUE REGA SÃO UM; MAS CADA UM RECEBERÁ O SEU GALARDÃO, SEGUNDO O SEU TRABALHO. 9 PORQUE NÓS SOMOS COOPERADORES DE DEUS; VÓS SOIS LAVOURA DE DEUS E EDIFÍCIO DE DEUS.

Aqueles que disseminam o Evangelho e aqueles que dão prosseguimento à obra de edificação não são rivais, embora sejam individualmente distintos. Ambos serão recompensados e as recompensas serão diferentes, dependendo de como cada um trabalha. Paulo não revela aqui a natureza da recompensa. Podemos provavelmente nos referir às parábolas de Jesus relativas aos talentos (Mt 25.14-30) e às minas (Lc 19.12-27).

Paulo esperava que seu trabalho fosse incentivado pelo amor (1 Ts 1.3). "Trabalho" (gr. *kopon*) também implica trabalho duro, labuta mediante dificuldades, sofrimentos duradouros.

Temos de ser obreiros diligentes e responsáveis, e também devemos ser "obreiros juntos para Deus" (NCV) — não trabalhando "com" Deus, mas trabalhando juntos sob as ordens de Deus —, trabalhadores que cooperam entre si à medida que servimos ao Senhor e edificamos a assembléia de crentes. Nós pertencemos a Deus e a assembléia pertence a Deus. A assembléia é a sua "lavoura" (onde Ele ocasiona o crescimento), o seu "edifício" (o seu templo, onde o Espírito Santo habita). Todos nós somos seus servos.

3. O DIA DO JULGAMENTO APROXIMA-SE 3.10-15

> 10 SEGUNDO A GRAÇA DE DEUS QUE ME FOI DADA, PUS EU, COMO SÁBIO ARQUITETO, O FUNDAMENTO, E OUTRO EDIFICA SOBRE ELE; MAS VEJA CADA UM COMO EDIFICA SOBRE ELE. 11 PORQUE NINGUÉM PODE PÔR OUTRO FUNDAMENTO, ALÉM DO QUE JÁ ESTÁ POSTO, O QUAL É JESUS CRISTO.

A graça pela qual Paulo pôs o fundamento da assembléia em Corinto não só incluía o favor não merecido, mas os dons da graça. Estes dons, não a inteligência e habilidade do apóstolo, fizeram dele o perito construtor.

"Outro", provavelmente um ou mais dos correntes líderes da assembléia coríntia, estava edificando sobre o fundamento. É verossímil que a referência aqui não era Apolo.[40] O livro de Atos mostra que Apolo foi realmente cuidadoso no modo como edificava, porque ele também

enfatizava que Jesus era (e é) o Cristo, o Profeta, Sacerdote e Rei ungido de Deus (At 18.27,28).

Agora outros precisavam ter cuidado na maneira como edificavam, sempre mantendo em mente o mesmo fundamento. Hoje, precisamos ter cuidado para que aquele em quem concentramos nossa atenção, à medida que construímos e edificamos nossas assembléias locais, seja o mesmo Jesus revelado nas Escrituras, tanto no Antigo quanto no Novo Testamento.

Esse fundamento fora posto no ministério, morte, ressurreição e ascensão históricos de Jesus. Nenhum outro fundamento pode ser posto para a *ekklēsia* de Deus, a Igreja de Deus, o edifício de Deus.[41] Isto implica que se alguém apresenta outro livro que não seja a Bíblia como autoridade ou outra doutrina não bíblica, o que quer que estejam construindo não é a Igreja.

> 12 E, SE ALGUÉM SOBRE ESTE FUNDAMENTO FORMAR UM EDIFÍCIO DE OURO, PRATA, PEDRAS PRECIOSAS, MADEIRA, FENO, PALHA, 13 A OBRA DE CADA UM SE MANIFESTARÁ; NA VERDADE, O DIA A DECLARARÁ, PORQUE PELO FOGO SERÁ DESCOBERTA; E O FOGO PROVARÁ QUAL SEJA A OBRA DE CADA UM. 14 SE A OBRA QUE ALGUÉM EDIFICOU NESSA PARTE PERMANECER, ESSE RECEBERÁ GALARDÃO. 15 SE A OBRA DE ALGUÉM SE QUEIMAR, SOFRERÁ DETRIMENTO; MAS O TAL SERÁ SALVO, TODAVIA COMO PELO FOGO.

Por causa das atitudes erradas dos coríntios, eles precisavam ser lembrados de que há um dia de julgamento que se aproxima. Então "a qualidade" (não a quantidade) do trabalho de cada pessoa será testada para aferir a recompensa. Aqui, Paulo se refere principalmente aos líderes da Igreja. Porém, a prova do Dia do Senhor, isto é, no Tribunal de Cristo, envolverá o trabalho de todos os crentes (cf. 2 Co 5.10, que se refere a todos os cristãos). Alguns supõem que Paulo tinha em mente a provação em tempos de perseguição, outros o vêem como base para o purgatório, mas "o Dia" se refere a um futuro dia de julgamento no final dos séculos.[42]

"Ouro, prata [e] pedras preciosas" falam da edificação da assembléia de crentes com a verdade bíblica que os capacita a viverem vidas que glorificam a Deus diante do mundo que os cerca. "Madeira, feno [e] palha" falam de ensinamento inferior proveniente da mera sabedoria humana ou de motivos errados, como os que estavam ocasionando divisão e dissensão entre os crentes coríntios.

Os motivos também estão em consideração aqui. Como diz 1 Coríntios 13.3, se eu "não tivesse caridade [amor], nada disso me aproveitaria", ou seja, não teria recompensa. Assim, sem amor, todo trabalho que faze-

mos para o Senhor e para a Igreja virá a ser madeira, feno ou palha, e será queimado. A fidelidade também é importante (Mt 25.21-23; Lc 12.42,43; Cl 3.23,24; Hb 6.10,11).[43] Paulo está outra vez se referindo primariamente aos líderes. Eles não perderão a salvação, mas sofrerão perda de toda recompensa. Isto com certeza fará com que se sintam envergonhados (2 Tm 2.15; 1 Jo 2.28), pois eles não receberão a glória e honra que Deus deseja lhes dar (Rm 2.7-11).

4. A Igreja é o templo de Deus 3.16,17

> [16] Não sabeis vós que sois o templo de Deus e que o Espírito de Deus habita em vós? [17] Se alguém destruir o templo de Deus, Deus o destruirá; porque o templo de Deus, que sois vós, é santo.

Para enfatizar a seriedade do julgamento (especialmente a respeito dos motivos errados, das atitudes erradas e da sabedoria mundana, como também das obras da carne pecadora), Paulo lembra aos crentes coríntios que eles são "o templo de Deus", habitados pelo Espírito Santo. "Vós" nesta passagem se refere à assembléia local de crentes que têm comunhão "com o Pai e com seu Filho Jesus Cristo" (1 Jo 1.3), porque o Espírito Santo mora no meio deles (2 Co 13.13).[44] O grego tem duas palavras para aludir a templo: 1) *hieron*, que inclui o templo com todos os seus pátios e 2) *naos*, o santuário interno onde Deus manifestava sua presença. O corpo coríntio de crentes é o *naos*, pois o Espírito de Deus habita neles.[45]

Porque a Igreja (inclusive a assembléia local) é sagrada, isto é, dedicada a Deus e a seu serviço, todo aquele que "destruir" (corromper ou arruinar) a assembléia (especificamente, a assembléia local) está lutando contra Deus, e "Deus o destruirá" — o castigará com a destruição eterna no lago de fogo (cf. 2 Pe 2.8,10,12).[46] Todo membro da igreja local, e especialmente seus líderes, precisa considerar santo todo o corpo local, porque Deus é santo (cf. Lv 10.3; 1 Pe 1.14-16).

5. Tudo é vosso 3.18-23

> [18] Ninguém se engane a si mesmo: se alguém dentre vós se tem por sábio neste mundo, faça-se louco para ser sábio. [19] Porque a sabedoria deste mundo é loucura diante de Deus; pois está escrito: Ele

APANHA OS SÁBIOS NA SUA PRÓPRIA ASTÚCIA. [20] E OUTRA VEZ: O SENHOR CONHECE OS PENSAMENTOS DOS SÁBIOS, QUE SÃO VÃOS.

Paulo antevê que alguns irão julgar-se tão sábios, que não precisam das advertências que está dando. Ele os adverte para não se enganarem. Como ressalta no capítulo 2, a sabedoria deste mundo (a sabedoria deste século) não é tão sábia quanto o que o mundo chama de loucura de Deus. Portanto, se estão medindo sua sabedoria pelos padrões deste século (em contraste com a sabedoria que Deus dá [cf. Tg 1.5]), eles precisam tornar-se "loucos" aos olhos do mundo. Somente quando se humilham deste modo, lançando por terra suas presunçosas idéias sobre a sua própria sabedoria e afastando-se da falsa sabedoria do mundo, é que eles podem ser verdadeiramente sábios; só então podem edificar a assembléia em vez de destruí-la.

Para acentuar este ponto, Paulo os lembra de que "a sabedoria deste mundo é loucura diante de Deus". Ele confirma esta declaração com as Escrituras, citando Jó 5.13 e Salmos 94.11.

[21] PORTANTO, NINGUÉM SE GLORIE NOS HOMENS; PORQUE TUDO É VOSSO: SEJA PAULO, SEJA APOLO, SEJA CEFAS, SEJA O MUNDO, SEJA A VIDA, SEJA A MORTE, SEJA O PRESENTE, SEJA O FUTURO, TUDO É VOSSO, [23] E VÓS, DE CRISTO, E CRISTO, DE DEUS.

Visto que a sabedoria deste mundo é loucura para Deus, é tolice vangloriar-se nos líderes humanos. Em vez de dizer que pertencemos a Paulo, ou a Apolo, ou a Cefas, precisamos reconhecer que eles nos pertencem. O que Paulo e Pedro escreveram em suas epístolas e os exemplos de Paulo, Apolo e Pedro no livro de Atos nos pertencem, mas nós pertencemos a Cristo. O mesmo pode ser dito de todo líder humano. Por exemplo, o que Martinho Lutero ensinou sobre a justificação pela fé nos pertence; mas não pertencemos a Lutero, pertencemos a Cristo. O que John Wesley ensinou sobre a santidade e o amor perfeito nos pertence; mas não pertencemos a Wesley, pertencemos a Cristo.

Além disso, o mundo (gr. *kosmos*, o mundo na qualidade de pessoas ou considerado como a cena da vida presente) nos pertence para o desfrutarmos segundo o desígnio de Deus. Podemos fazer assim porque não pertencemos ao mundo e não somos guiados por ele, nem somos mais escravizados por ele. Pertencemos a Cristo. Então, a vida e a morte, o presente e o futuro, tudo nos pertence. Não precisamos ter medo de nada disso porque não somos escravos de tais contingências. Pelo fato de

pertencermos a Cristo, Deus já "nos fez assentar nos lugares celestiais, em Cristo Jesus" (Ef 2.6). Isto tem sentido porque Cristo é Deus, isto é, Ele é o Filho de Deus e o Mediador entre Deus e a humanidade. Assim, por Ele nós pertencemos a Deus. Temos a promessa adicional em Romanos 8.28: "E sabemos que todas as coisas contribuem juntamente para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados por seu decreto". Assim, não devemos nos exaltar. Não podemos ter uma posição mais alta do que já temos em Cristo. Desta forma podemos nos permitir nos humilharmos e servirmos ao Senhor e uns aos outros sempre que Ele der oportunidade.

C. A fidelidade de Paulo 4.1-21

1. O Senhor julgará 4.1-5

> 1 Que os homens nos considerem como ministros de Cristo e despenseiros dos mistérios de Deus. 2 Além disso, requer-se nos despenseiros que cada um se ache fiel.

Em virtude do fato de Paulo, Apolo e Pedro pertencerem aos crentes, os homens (gr. *anthrōpos*, "pessoas", "humanidade") devem considerá-los como servos de Cristo enviados por Ele para ajudá-los.

A Paulo, Apolo e Pedro são confiados os "mistérios de Deus" (que eram *mistérios* não revelados nos tempos do Antigo Testamento, mas que agora são revelados no Evangelho).

A eles são confiados não para guardar ou proteger esses "mistérios", mas para administrá-los a todos os crentes. Porque eles têm esta responsabilidade exige-se que sejam fiéis, ou seja, eles têm de entregar-se à obra de disseminar o Evangelho, apesar das dificuldades e das conseqüências.

> 3 Todavia, a mim mui pouco se me dá de ser julgado por vós ou por algum juízo humano; nem eu tampouco a mim mesmo me julgo. 4 Porque em nada me sinto culpado; mas nem por isso me considero justificado, pois quem me julga é o Senhor. 5 Portanto, nada julgueis antes de tempo, até que o Senhor venha, o qual também trará à luz as coisas ocultas das trevas e manifestará os desígnios dos corações; e, então, cada um receberá de Deus o louvor.

Paulo foi incumbido pelo Senhor de administrar os segredos de Deus. Portanto, ele era responsável a Deus, não a algum tribunal humano com suas limitações humanas, e certamente não aos coríntios que o estavam julgando (examinando, investigando, criticando). A opinião que tinham sobre ele, o seu Evangelho e a sua administração de tudo isso, não lhe importava. Nem importava a própria opinião sobre si mesmo. Algumas pessoas sempre estão se questionando, desejando saber se certo ou fizeram o que deveriam ter feito, sempre se julgando. Paulo não agia assim.

Do que vemos no livro de Atos, Paulo era sensível à avaliação e à direção do Espírito Santo. Ele entrava pelas portas que estavam abertas. Quando o Espírito o impediu de ir à província da Ásia, ele obedeceu, mas não se sentou e ficou esperando ociosamente. Ele prosseguiu avante até que a chamada da visão da Macedônia lhe ofereceu mais direção. Paulo pregou o Evangelho fielmente, ensinou as pessoas, indo até mesmo de casa em casa (At 20.18-21). Por isso, pôde dizer: "Em nada me sinto culpado". (Sua referência aqui é ao seu ministério em Corinto, não à sua vida passada, antes de conhecer Jesus na estrada de Damasco.) Ele tinha sido fiel.

Entretanto, Paulo percebeu que isto não significava que ele fosse inocente (ou que estivesse justificado diante de Deus por isto). Ele conclui que não vemos o nosso próprio coração, motivos e ações do modo como Deus os vê. Só Ele é o nosso Juiz, porque só Ele pode nos ver como realmente somos. Assim, o fato de nossa consciência não nos acusar não significa que não temos feito alguma coisa errada. Como seres humanos, é comum de nossa natureza esquecer as coisas desagradáveis que fizemos e muitas vezes não consideramos nossos verdadeiros motivos, pelo fato de querermos nos justificar.

Isto significa que temos de deixar de nos julgar, examinar e criticar uns aos outros do modo como os coríntios estavam julgando Paulo.[47] Temos de esperar "até que o Senhor venha". Ou seja, todos devemos comparecer diante do Tribunal de Cristo, do qual nada será escondido. Ele "considera importante tudo o que fazemos e dizemos".[48] Ainda que tenhamos formações diferentes e aptidões naturais diferentes, somos responsáveis por fazer escolhas certas que darão glória a Deus.

Deus revelará os motivos de nosso coração (veja 1 Co 3.12-15; Rm 14.10; 2 Co 5.10). Esta é outra razão por que Paulo não se preocupa com a opinião que as pessoas têm dele. Eles não podiam ver o seu coração, nem o seu louvor significava coisa alguma. Só o louvor que receberemos de Deus é que realmente conta.

2. Nenhuma razão para se ensoberbecer 4.6,7

> 6 E eu, irmãos, apliquei essas coisas, por semelhança, a mim e a Apolo, por amor de vós, para que, em nós, aprendais a não ir além do que está escrito, não vos ensoberbecendo a favor de um contra outro. 7 Porque quem te diferença? E que tens tu que não tenhas recebido? E, se o recebeste, por que te glorias como se não o houveras recebido?

Paulo faz uma aplicação aos irmãos e irmãs[49] de Corinto e provavelmente em especial aos seus líderes.[50] Eles parecem ter se orgulhado de Apolo, mas estavam se exaltando contra Paulo.[51] Contudo, o que Paulo dissera sobre si e sobre Apolo não era para depreciar a Apolo, mas para ajudar os coríntios a aprender "a não ir[em] além do que está escrito" nas Escrituras[52] (do Antigo Testamento). Como foi indicado nos capítulos 2 e 3, eles estavam julgando por outros padrões, especialmente os padrões deste século em contraste com os padrões determinados por Deus (1 Co 3.18). Ao admitirem que Deus é o verdadeiro e único Juiz imparcial, eles não colocarão uma pessoa acima de outra, como se tal pessoa devesse ser glorificada por ter poder e privilégio acima dos outros. Orgulhando-se nos líderes, eles estavam na verdade exaltando-se acima daqueles que asseveravam seguir outros líderes. Este orgulho e auto-exaltação eram de fato a causa do ciúme e discussão que estava tendendo para a divisão.

É verdade que todos nós somos diferentes, mas quem nos diferencia no sentido de sermos superiores? Deus não nos diferencia. Ele não mostra favoritismo (At 10.34). Nem as pessoas podem reivindicar superioridade devido a talentos e habilidades que possuem, ou mesmo por causa de ministérios prósperos. Tudo o que temos nós o recebemos. Portanto, não há razão para alguém se vangloriar ou se orgulhar em si mesmo, como se fosse superior aos outros. Sem dúvida é errado atacar os outros para se firmar ou mesmo se exaltar sobre os outros. Agir assim também é ser ingrato a Deus, de quem recebemos tudo o que temos e somos.

3. Os apóstolos são um espetáculo ao mundo 4.8-13

> 8 Já estais fartos! Já estais ricos! Sem nós reinais! E prouvera Deus reinásseis para que também nós reinemos convosco!

Os líderes da igreja coríntia haviam se tornado presunçosos. Por isso Paulo usa de ironia para lhes mostrar a sua real condição. Eles agiam como se já tivessem tudo o que quisessem, isto é, no reino espiritual. Eles eram espiritualmente ricos; agiam como se já fossem reis, regendo e reinando sobre a assembléia coríntia.

Eles tinham perdido de vista as promessas de Deus e a esperança da volta de Cristo. Como alguns que defendiam a suposta escatologia realizada, eles pensavam já estarem vivendo em um plano espiritual tão alto que não precisavam de mais nada ou de quem quer que fosse (cf. 1 Co 14.37). Em seu orgulho, desconsideravam os apóstolos e não davam lugar a Paulo e sua equipe (como também Timóteo). Quase que sarcasticamente Paulo lhes diz que deseja que eles realmente fossem reis, pois assim ele e os outros apóstolos poderiam ser reis e reinar com eles.[53] De fato, os coríntios e seus líderes estavam longe de ser o que afirmavam ser.

> 9 PORQUE TENHO PARA MIM QUE DEUS A NÓS, APÓSTOLOS, NOS PÔS POR ÚLTIMOS, COMO CONDENADOS À MORTE; POIS SOMOS FEITOS ESPETÁCULO AO MUNDO, AOS ANJOS E AOS HOMENS.

Paulo entendia que quando as pessoas se jactavam contra ele e desconsideravam ele e os outros apóstolos, não era diferente ao que o próprio Deus parecia estar fazendo. Paulo compara a experiência com a maneira como os conquistadores romanos voltavam a Roma em procissão triunfal: Os piores inimigos eram colocados no fim da procissão e levados à arena ou ao Coliseu romano para serem mortos por leões. Eles seriam um espetáculo. Ou seja, a multidão assistiria como se a um jogo destinado a entretê-la. Assim, Paulo e os apóstolos eram um espetáculo a ser assistido, não apenas pelo mundo, pela humanidade, mas também pelos anjos.[54]

Paulo se deu conta, naturalmente, da seriedade do que estava fazendo, o que era algo sério para Deus e não mero entretenimento. E o fato de Deus e os anjos testemunharem nossas ações é boa razão para vivermos de acordo com a Palavra e a vontade de Deus.

> 10 NÓS SOMOS LOUCOS POR AMOR DE CRISTO, E VÓS, SÁBIOS EM CRISTO; NÓS, FRACOS, E VÓS, FORTES; VÓS, ILUSTRES, E NÓS, VIS.

Paulo continua em sua ironia, contrastando a si mesmo e aos outros apóstolos com os coríntios. Ele e os outros apóstolos são "loucos por amor de Cristo" — desejosos de fazer por Cristo o que o mundo julga

sem sentido (como o versículo seguinte ilustra). Os coríntios são "sábios em Cristo" (não por Cristo), isto é, eles ainda estão em Cristo, mas pensam que o que estão fazendo é sensato ou prudente — porém, estão confiando em sua própria sabedoria. Paulo e os apóstolos estão dispostos a serem considerados fracos, enquanto os coríntios pensam em si mesmos como fortes, eficientes, poderosos. De novo, isto é ironia. Eles estão apenas imaginando que são fortes. Os coríntios são ilustres — ou seja, eles se honram —, enquanto Paulo e os outros apóstolos são vis, se desonram. Os próximos três versículos mostram a extensão da desonra.

> [11] ATÉ ESTA PRESENTE HORA, SOFREMOS FOME E SEDE, E ESTAMOS NUS, E RECEBEMOS BOFETADAS, E NÃO TEMOS POUSADA CERTA, [12] E NOS AFADIGAMOS, TRABALHANDO COM NOSSAS PRÓPRIAS MÃOS; SOMOS INJURIADOS E BENDIZEMOS; SOMOS PERSEGUIDOS E SOFREMOS; [13] SOMOS BLASFEMADOS E ROGAMOS; ATÉ AO PRESENTE, TEMOS CHEGADO A SER COMO O LIXO DESTE MUNDO E COMO A ESCÓRIA DE TODOS.

Paulo fala mais sobre isso em 2 Coríntios 11.16-33. Paulo e os outros apóstolos tanto deram-se à expansão do Evangelho, que eles pouco se preocupavam com suas próprias necessidades. À medida que avançavam com vigor para novos territórios a fim de fundar novas igrejas, eles sabiam o que significava não ter suficiente comida, água ou roupas. Eles eram muitas vezes surrados e brutalmente maltratados. Como Jesus (Lc 9.58), eles não tinham lugar para chamar de casa. Para se sustentarem e divulgarem o Evangelho, eles trabalhavam com afinco. Paulo era fabricante de tendas e trabalhava de manhã cedo até pelo menos o meio-dia para sustentar, não só a si, mas toda a sua equipe evangelística.

Nada disso afetava adversamente as atitudes de Paulo e as dos outros apóstolos ou a relação deles com o Senhor e as pessoas. Eles voltavam abençoando em vez de amaldiçoar (cf. Lc 6.28; 23.34), suportavam perseguição sem reclamar e respondiam as calúnias (acusações inverídicas) com palavras gentis. Pela causa de Cristo e do Evangelho, eles estavam dispostos a serem difamados ou estigmatizados e se tornarem como a escória do mundo, exatamente como lixo aos olhos do mundo.[55]

4. Paulo é o pai dos coríntios pelo Evangelho 4.14-17

> [14] NÃO ESCREVO ESSAS COISAS PARA VOS ENVERGONHAR; MAS ADMOESTO-VOS COMO MEUS FILHOS AMADOS. [15] PORQUE, AINDA QUE TIVÉSSEIS DEZ MIL AIOS EM CRISTO, NÃO

TERÍEIS, CONTUDO, MUITOS PAIS; PORQUE EU, PELO EVANGELHO, VOS GEREI EM JESUS CRISTO. [16] ADMOESTO-VOS, PORTANTO, A QUE SEJAIS MEUS IMITADORES.

Paulo conclui esta seção com um apelo paternal (1 Co 4.14-17) seguido por dura advertência. O seu propósito em tudo o que disse até este ponto não foi envergonhá-los pelo tratamento que lhe deram ou por sua atitude para com ele, mas adverti-los como um pai advertiria, preveniria e instruiria os filhos a quem realmente ama. Paulo assumiu esta responsabilidade, porque fora verdadeiramente o pai deles no Evangelho: Ele foi o primeiro a levá-los ao Evangelho, fundando a assembléia coríntia pela pregação acompanhada por sinais e maravilhas produzidas pelo poder do Espírito (1 Co 2.4,5). Os coríntios poderiam ter dez mil aios (gr. *paidagogōus*, "guardiões", "guardas", "guias", "tutores"), agora e no futuro, mas eles nunca teriam mais de um pai — comissionado por Jesus para levar o Evangelho aos gentios. Paulo lhes deu o começo certo e queria que eles ficassem no caminho certo. É por isso que ele os exortou a que seguissem o seu exemplo de servir ao Senhor.

[17] POR ESTA CAUSA VOS MANDEI TIMÓTEO, QUE É MEU FILHO AMADO E FIEL NO SENHOR, O QUAL VOS LEMBRARÁ OS MEUS CAMINHOS EM CRISTO, COMO POR TODA PARTE ENSINO EM CADA IGREJA.

Os líderes mundanos tinham feito os coríntios esquecerem o que Paulo realmente era, como ele vivia e o que ensinava. Eles precisavam ser lembrados. Por isso Paulo estava lhes enviando Timóteo (ou o verbo grego pode indicar que ele já o tinha enviado). Timóteo havia estado com Paulo em Corinto, assim eles o conheciam (At 18.5). Como os coríntios, Timóteo também era descendência espiritual de Paulo, porque Paulo o tinha conduzido ao Senhor e tinha lhe feito companheiro, de modo que pudesse ensiná-lo e orientá-lo. Paulo amava Timóteo como um filho, desenvolvendo com ele uma relação tão estreita que Timóteo seria capaz de explicar o estilo de vida de Paulo em Cristo Jesus. Ele lembraria os coríntios dos ensinos de Paulo (ensinos que Paulo repetia em cada igreja, assim Timóteo os tinha ouvido repetidas vezes). A igreja em Corinto poderia confiar no que Timóteo lhes contasse. Ele os ajudaria a voltar a um estilo de vida que verdadeiramente estava em Cristo Jesus.

5. PAULO TRATARÁ DOS ARROGANTES 4.18-21

[18] MAS ALGUNS ANDAM INCHADOS, COMO SE EU NÃO HOUVESSE DE IR TER CONVOSCO. [19] MAS, EM BREVE, IREI TER

> CONVOSCO, SE O SENHOR QUISER, E ENTÃO CONHECEREI, NÃO AS PALAVRAS DOS QUE ANDAM INCHADOS, MAS A VIRTUDE. [20] PORQUE O REINO DE DEUS NÃO CONSISTE EM PALAVRAS, MAS EM VIRTUDE. [21] QUE QUEREIS? IREI TER CONVOSCO COM VARA OU COM AMOR E ESPÍRITO DE MANSIDÃO?

Paulo teve de dar uma advertência mais dura a alguns que andavam "inchados", haviam ficado arrogantes, infundadamente inchados de orgulho. Eles estavam espalhando rumores de que Paulo nunca voltaria, dizendo que talvez tivesse medo de ir e descobrir que seu ministério era inferior ao deles. Porém, Paulo não só estava desejoso de ir, mas dependente da vontade e orientação do Senhor.[56]

Quando ele fosse, testaria as reivindicações desses líderes convencidos, não suas palavras, mas seu poder, sua virtude. Ele tinha ido com demonstração do poder do Espírito (1 Co 2.4). Sinais, maravilhas e vidas transformadas confirmavam seu ministério. Ele descobriria se o ministério deles eram apenas palavras pomposas e vazias, ou estavam apoiadas em poder. Isto é importante, pois o Reino de Deus é mais do que meras palavras — é poder.

Paulo não estava falando nem da futura dispensação do Reino nem sobre a Igreja. O "Reino de Deus" a que ele se referia era o governo e autoridade de Deus, a maneira pela qual Deus mostra no presente que Ele está reinando ativamente no trono. Paulo teve pensamento semelhante em Romanos 14.17, onde declara que o Reino de Deus — o qual mostra que Deus está reinando em nossas vidas — não é uma questão de regras que sigamos quanto a comer ou beber, mas de "justiça, e paz, e alegria no Espírito Santo". Quando manifestamos estas coisas mostramos que Deus verdadeiramente é o nosso Rei.

O Espírito também mostra o seu poder quando convence "o mundo do pecado, e da justiça, e do juízo" (Jo 16.8). Ele continua o trabalho que Jesus deu a Paulo para "lhes abrires os olhos e das trevas os converteres à luz e do poder de Satanás a Deus, a fim de que recebam a remissão dos pecados e sorte entre os santificados pela fé em mim [Jesus]" (At 26.18).

Paulo não queria ir a eles "com vara", como um pai que tem de disciplinar severamente. Ele faz a pergunta para tentar fazê-los mudar de atitude, pois preferiria ir a eles "com amor" e mansidão, que é o fruto do Espírito Santo.

No Apêndice B você encontrará perguntas para aprimorar seu estudo.

Notas

[1] A palavra grega significa "tricotar", "entrelaçar", usada para se referir ao preparo ou conserto das redes (Mt 4.21; Mc 1.19) e ao restabelecimento ou reconstrução do templo (Ez 4.12,13,16; 5.3,9-11), como também à restauração dos irmãos e irmãs desviados (Gl 6.1).

[2] O subjuntivo presente grego ("que não haja", v. 10) indica que a igreja ainda não estava dividida, mas a tendência apontava para essa direção.

[3] Pode ser que estes eram crentes judeus que vieram da Judéia para Corinto e tinham conhecido Pedro por seu nome aramaico: Cefas.

[4] Robertson e Plummer, *Commentary*, p. 13.

[5] Donald Stamps, editor. *Bíblia de Estudo Pentecostal.* Rio de Janeiro, CPAD, 1995, p. 1735.

[6] Ou isto pode significar que "Está Cristo aquinhoado como o único entre muitos [...], de forma que só um grupo o tenha?" Veja Fee, *First Epistle to the Corinthians*, p. 60.

[7] Horton, editor, *Teologia Sistemática*, p. 185,186.

[8] Robertson e Plummer, *Commentary*, p. 13.

[9] Fisher, *1 and 2 Corinthians*, p. 28.

[10] Clarck, *First Corinthians*, p. 20.

[11] Ou seja, escrito no Antigo Testamento.

[12] Robertson e Plummer, *Commentary*, p. 19.

[13] Fee, *First Epistle to the Corinthians*, p. 71.

[14] Michael D. Palmer, compilador e editor. *Panorama do Pensamento Cristão.* Rio de Janeiro, CPAD, 2001, p. 33.

[15] O particípio presente ativo no grego indica que eles continuam crendo e a sua fé continua apropriando-se da salvação. Não é suficiente ter crido uma só vez.

[16] Williams, *Renewal Theology*, v. 2, p. 435.

[17] Nas sociedades romana e grega praticamente não havia classe média. Por isso, Paulo faz o contraste entre a classe alta e a classe baixa.

[18] Horton, ed., *Teologia Sistemática*, p. 372.

[19] Alguns pensam que Paulo fez esta determinação por causa da baixa receptividade do Evangelho em Atenas. Porém, nada é dito que indique que a sinagoga em Atenas o rejeitou. Aparentemente, eles o aceitaram e houve importantes conversões no Areópago (At 17.17,34). Antes, pode ser que ele tenha feito esta determinação porque estava preocupado com a terrível maldade e idolatria em Corinto.

[20] Alguns aludem que isto se refira ao "espinho na carne" que Paulo tinha; porém, pode não ter sido uma enfermidade física. Veja comentários sobre 2 Coríntios 12.7.

[21] Michael Duggan, "The Cross and the Holy Spirit in Paul", Pneuma 7, n.º 2, Outono de 1985, p. 137.

[22] Archibald Robertson e Alfred Plummer, A Critical and Exegetical Commentary on the First Epistle of St. Paul to the Corinthians, 2. ed. In: *The International Critical Commentary Series*. Edimburgo, T. & T. Clark, 1914, p. 37.

[23] Glória divina, cf. Êxodo 15.11; Salmos 24.7-10; Isaías 42.8; Mateus 16.27; João 17.24; Atos 7.2; Efésios 1.17.

[24] Stanley M. Horton. *O que a Bíblia diz sobre o Espírito Santo.* Rio de Janeiro, CPAD, 1993, p. 221.

[25] Stanley M. Horton. *Nosso Destino: O Ensino Bíblico das Últimas Coisas.* Rio de Janeiro, CPAD, 1998, p. 237.

[26] Horton, editor, *Teologia Sistemática*, p. 161.

Notas

[27] Robertson e Plummer, *Commentary*, p. 45.

[28] Veja Atos 13.17-42 para um exemplo de como o Espírito Santo usou o Antigo Testamento. Note também a promessa de Jesus (Jo 14.26; 16.13-15).

[29] Veja Horton, ed., *Teologia Sistemática*, p. 115.

[30] Gordon H. Clark. *First Corinthians: A Contemporary Commentary*. Nutley, Nova Jersey, Presbyterian & Reformed Publishing Company, 1975, p. 44. Clark ressalta que Paulo realmente avaliou os cristãos coríntios e esperou que eles o avaliassem, mas "os incrédulos não têm a mente do Senhor".

[31] Stanley M. Horton, *Isaiah*, v. 12 da Complete Biblical Library: The Old Testament. Springfield, Missouri, World Library Press, 1995, p. 311.

[32] Howard M. Ervin, "Hermeneutics: A Pentecostal Option", Pneuma 3, n.º 2, Outono de 1981, p. 18.

[33] Gordon D. Fee. *The First Epistle to the Corinthians*. Grand Rapids, William B. Eerdmans, 1991, p. 120.

[34] Isto parece implicar que Paulo só tinha visitado Corinto uma vez. "A segunda visita de caráter doloroso, a qual parece estar implícita em 2 Coríntios 13, pode ter sido feita depois que esta carta foi escrita". Archibald Robertson e Alfred Plummer. A Critical and Exegetical Commentary on the First Epistle of St. Paul to the Corinthians. 2. ed. In: *The International Critical Commentary Series*, Edimburgo: T. & T. Clark, 1914, p. 53.

[35] Veja 1 João 2.16 para a definição que a Bíblia dá de mundanismo.

[36] Alguns vêem evidência aqui de uma luta perpétua entre o velho homem carnal e o novo homem espiritual. John W. McKay, "The Experiences of Dereliction and of God's Presence in the Psalms: An Exercise in Old Testament Exegesis in the Light of Renewal Theology", in: Faces of Renewal, editor Paul Elbert, Peabody, Massachusetts: Hendrickson Publishers, 1988, p. 18.

[37] Veja Donald Stamps, editor. *Bíblia de Estudo Pentecostal*. Rio de Janeiro, CPAD, 1995, pp. 1738-1740, onde se encontra uma boa discussão sobre o contraste entre o homem espiritual e o homem não regenerado ou carnal.

[38] Michael Duggan, "The Cross and the Holy Spirit in Paul: Implications for Baptism in the Holy Spirit", Pneuma 7, n.º 2, Outono de 1985, p. 136.

[39] Gordon D. Fee, "Tongues — Least of the Gifts? Some Exegetical Observations on I Corinthians 12—14", Pneuma 2, n.º 2, Outono de 1980, p. 5.

[40] Gordon D. Fee. *The First Epistle to the Corinthians*. Grand Rapids, William B. Eerdmans, 1991, p. 138.

[41] Em Efésios 2.20, Paulo sugere que a Igreja seja edificada "sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas". "Talvez isto signifique que esses líderes primitivos foram exclusivamente usados pelo Senhor para estabelecer e equipar o templo do Espírito com os ensinos e práticas que eles tinham aprendido de Cristo, os quais hoje continuam sendo comunicados aos crentes pelas Escrituras". Michael Dusing, "A Igreja do Novo Testamento", in: *Teologia Sistemática*, ed. Stanley M. Horton, Rio de Janeiro, CPAD, 1996, p. 546.

[42] "O propósito do 'fogo' não é purgar, mas testar para a aferição da recompensa. [...] Nenhum castigo está em vista." James E Rosscup, "A New Look at 1 Corinthians 3:12 — 'Gold, Silver, Precious Stones'." The Master's Seminary Journal, vol. 1, n.º 1, Primavera de 1990, nota 37, p. 14.

[43] Stanley M. Horton. *Nosso Destino: O Ensino Bíblico das Últimas Coisas*. Rio de Janeiro, CPAD, 1998, p. 79.

[44] Veja também 1 Coríntios 6.19, que mostra que o Espírito também mora no crente individualmente.

[45] Dusing, "The New Testament Church", p. 537.

[46] Observe que neste contexto a palavra "destruir" não pode significar aniquilar. Nenhum

ser humano poderia aniquilar o templo de Deus (o povo de Deus). Veja Horton. *Nosso Destino: O Ensino Bíblico das Últimas Coisas.* Rio de Janeiro, CPAD, 1998, p. 219.

[47] Paulo fala que outros tipos de julgamentos podem ser feitos. Veja 1 Coríntios 5.12; 6.5.

[48] Stanley M. Horton. *Nosso Destino: O Ensino Bíblico das Últimas Coisas.* Rio de Janeiro, CPAD, 1998, p. 77.

[49] Paulo considerou a igreja como "uma família — uma cadeia de relacionamentos íntimos nos quais o amor é a norma". Galen Hertweck, "The Church as Community: Small Groups in the Local Church", in: Faces of Renewal, editor Paul Elbert, Peabody, Massachusetts: Hendrickson Publishers, 1988, p. 254.

[50] Gordon H. Clark. *First Corinthians: A Contemporary Commentary.* Nutley, Nova Jersey, Presbyterian & Reformed Publishing Company, 1975, p. 70.

[51] Gordon D. Fee. *The First Epistle to the Corinthians.* Grand Rapids, William B. Eerdmans, 1991, p. 49.

[52] Nesta época, as Escrituras do Novo Testamento ainda estavam sendo escritas. Podemos incluí-las, é claro.

[53] Ou este pode ser antes um desejo melancólico, mas genuíno, da parte de Paulo (cf. 2 Co 5.2-4; Fp 1.21-24).

[54] Ou seja, pelos anjos bons.

[55] Outro possível significado é "tornar-se bodes expiatórios para o mundo". Archibald Robertson e Alfred Plummer. A Critical and Exegetical Commentary on the First Epistle of Paul to the Corinthians. 2. ed. In: *The International Critical Commentary Series, Edimburgo,* T. & T. Clark, 1914, p. 87.

[56] De fato, segundo a vontade de Deus, ele achou necessário mudar de plano. Veja 2 Coríntios 1.15,16,23.

III. Os cristãos que pecam devem ser julgados 5.1 — 6.20

A. Imoralidade sexual ignorada 5.1-13

1. O pecador precisa ser tratado 5.1-5

> [1] GERALMENTE, SE OUVE QUE HÁ ENTRE VÓS FORNICAÇÃO E FORNICAÇÃO TAL, QUAL NEM AINDA ENTRE AOS GENTIOS, COMO É HAVER QUEM ABUSE DA MULHER DE SEU PAI.

Paulo agora aborda outros problemas na assembléia coríntia. O pecado estava presente no meio deles. Esta é advertência a todas as gerações. Como o Dr. Bruce Marino destaca: "Uma Igreja sem mancha ou ruga não será uma realidade até que Jesus volte (Ef 5.27; Ap 21.27)".[1]

1 Coríntios 5.2-5

Primeiro, Paulo lida com um problema de incesto que era relatado abertamente e todos na assembléia sabiam. Corinto era uma cidade muito imoral, mas nem mesmo eles cometiam o tipo de incesto em que um homem vivesse publicamente com a esposa do seu pai, sua madrasta. Possivelmente, o pai já estivesse morto, mas isto não nos é dito. É mais provável que ela, de forma impudica, tenha deixado o pai para coabitar com o filho. Isto era proibido pela lei de Moisés (Lv 18.8; Dt 22.30; 27.20). Pode ser que as pessoas estivessem interpretando mal sua liberdade da lei, querendo dizer que podiam quebrar alguns dos princípios básicos que Deus estabeleceu para a força da família. Mas liberdade não significa licença e certamente não significa licenciosidade.

> [2] ESTAIS INCHADOS E NEM AO MENOS VOS ENTRISTECESTES, POR NÃO TER SIDO DENTRE VÓS TIRADO QUEM COMETEU TAL AÇÃO.

Em vez de reconhecerem que o pecado deve ser tratado, os crentes na assembléia eram arrogantes. Eles simplesmente ignoravam ou faziam "vista grossa" ao pecado. Eles devem ter se vangloriado de sua liberdade e tolerância. Esta tolerância ao pecado era tão ruim quanto o próprio pecado. Paulo lhes diz que deveriam ter estado tão cheios de pesar e tristeza por causa deste pecado, que deveriam ter excluído este homem da comunhão, não o reconhecendo mais como irmão em Cristo e não comendo com ele. Se tivessem prestado atenção à visão que Isaías teve da santidade de Deus (Is 6), por certo eles teriam tomado atitude diferente.

> [3] EU, NA VERDADE, AINDA QUE AUSENTE NO CORPO, MAS PRESENTE NO ESPÍRITO, JÁ DETERMINEI, COMO SE ESTIVESSE PRESENTE, QUE O QUE TAL ATO PRATICOU, [4] EM NOME DE NOSSO SENHOR JESUS CRISTO, JUNTOS VÓS E O MEU ESPÍRITO, PELO PODER DE NOSSO SENHOR JESUS CRISTO, [5] SEJA ENTREGUE A SATANÁS PARA DESTRUIÇÃO DA CARNE, PARA QUE O ESPÍRITO SEJA SALVO NO DIA DO SENHOR JESUS.

Embora Paulo não estivesse fisicamente presente com os crentes coríntios, ele estava presente no Espírito. Ou seja, o Espírito estava presente com eles, através do qual e pelo qual Paulo estava presente com eles.[2] No nome do Senhor Jesus, com a autoridade dEle, Paulo já tinha decidido o que fazer com esse irmão.[3] Os crentes tinham de reunir-se, reconhecendo que Paulo estava com eles em Espírito e que o poder do Senhor Jesus estava com eles. Depois tinham de aceitar a responsabilidade de manter a disciplina e entregar o homem a Satanás. Isto pode significar o tipo de permissão que Deus deu a Satanás de acusar Jó (Jó 1.12; 2.6). Ou pode significar que quando eles recusa-

ram até comer com ele, estavam fazendo com que o mesmo voltasse ao âmbito do mundo, onde Satanás é o príncipe das trevas e teria controle (cf. Ef 6.12).

A destruição da carne (gr. *tēs sarkos*)[4] não parece significar que o homem morreria. Se ele morresse, não haveria segunda chance de salvação, porque depois da morte vem o julgamento (Hb 9.27). O propósito da disciplina que Paulo estava exigindo era que o espírito do homem pudesse ser salvo no Dia do Senhor. Ele explica que Satanás, o adversário, causaria uma doença física que se tornaria um meio de levar o homem ao arrependimento.[5]

Paulo também argumenta que o pecado do homem já o tinha feito escravo de Satanás. Sua entrega pública a Satanás seria uma declaração ao mundo de onde o homem estava (cf. 1 Tm 1.19,20, onde Paulo considera o mesmo tipo de entrega a Satanás como lição que precisava ser aprendida). Pode ser que a doença o levasse ao arrependimento e à busca de cura e perdão, pois ele ainda poderia chamar os presbíteros da assembléia (Tg 5.14,15). Deve ser observado que toda a assembléia seria envolvida nesta ação disciplinar, a qual devia ser corretiva e não judiciosa.[6]

2. Alimpe-se do fermento velho 5.6-8

> 6 Não é boa a vossa jactância. Não sabeis que um pouco de fermento faz levedar toda a massa? 7 Alimpai-vos, pois, do fermento velho, para que sejais uma nova massa, assim como estais sem fermento. Porque Cristo, nossa páscoa, foi sacrificado por nós. 8 Pelo que façamos festa, não com o fermento velho, nem com o fermento da maldade e da malícia, mas com os asmos da sinceridade e da verdade.

A arrogância dos coríntios tinha infectado toda a assembléia. Paulo quer que cada um se alimpe do fermento velho com todas as suas atitudes erradas, de modo que eles vivam o que realmente são — nova criatura em Cristo e, portanto, santos ("sem fermento").[7] O fermento produz fermentação, por isso é freqüente a Bíblia usá-lo como símbolo da corrupção espiritual ou moral, ou de outros tipos de mal que se espalham pela congregação. Pelo fato de Cristo ter cumprido a tipologia da Páscoa,[8] com a qual os judeus incluíam a Festa dos Pães Asmos (sem fermento), Ele liberta os crentes da morte espiritual e da escravidão do pecado. Por Ele, Deus torna os crentes santos (1 Pe 2.5).

Para serem o povo santo que eles são em Cristo, Paulo exige primeiro que reconheçam que a sua jactância não é boa. Paulo quis dizer que a ostentação de liberdade e tolerância (a qual eles provavelmente conside-

ravam tolerância amorosa) não era nem moralmente boa nem agradável a Deus, porque mostrava uma atitude de orgulho e convencimento.[9] Por certo não contribuía para a expansão do Evangelho, podendo até mesmo ter levado os pagãos a dizerem que não estavam interessados na mensagem do Evangelho porque os cristãos eram piores que eles. Os crentes coríntios precisavam ser confrontados com a seriedade do pecado que estavam tolerando.

Da mesma forma que "um pouco de fermento faz levedar toda a massa", assim um pouco de tolerância a qualquer pecado em seu meio bem poderia encorajar outros membros da congregação a participarem do pecado, até que o corpo inteiro ficasse contaminado e o pecado tivesse cortado a todos eles da comunhão com Deus. Cada um precisava obedecer e alimpar-se do fermento velho, especialmente o fermento do desejo, que se deleita em fazer o mal, e a má vontade, que quer ferir. Somente então eles podem ser uma "nova massa", nova e diferente, porque o difusível fermento do pecado foi retirado. E da mesma forma, somente então eles podem "fazer festa" com o pão livre de pecado, o pão que inclui motivos puros e religiosos e o viver de acordo com as verdades do Evangelho.

A Páscoa era uma festa memorativa, que lembrava o que Deus fez ao livrar Israel do anjo da morte e da escravidão egípcia. Ela tornou possível o cumprimento da promessa-concerto de Deus feita a Abraão, a qual dizia que seus descendentes herdariam a terra (Gn 15.18-21). Além disso, a promessa a Abraão incluía bênçãos a todas as famílias e nações da terra (Gn 12.3; 22.17,18). Cristo, como nosso Cordeiro da Páscoa, tornou possível entrarmos em uma terra de Canaã espiritual de comunhão com Deus Pai e com seu Filho (1 Jo 1.3). A Ceia do Senhor deve lembrar os crentes destas coisas.

3. Julgue e exclua os cristãos que pecam 5.9-13

> [9] Já por carta vos tenho escrito que não vos associeis com os que se prostituem; [10] isso não quer dizer absolutamente com os devassos deste mundo, ou com os avarentos, ou com os roubadores, ou com os idólatras; porque então vos seria necessário sair do mundo. [11] Mas, agora, escrevi que não vos associeis com aquele que, dizendo-se irmão, for devasso, ou avarento, ou idólatra, ou maldizente, ou beberrão, ou roubador; com o tal nem ainda comais.

Paulo sabia quão imorais os coríntios pagãos eram. Ele também sabia que quando eles aceitaram a Cristo, precisavam limpar suas vidas. Por isso, em uma carta anterior (que não foi preservada), ele lhes disse para não se associarem (literalmente, "se entrosarem") com pessoas que estivessem envolvidas com qualquer tipo de imoralidade sexual, inclusive adultério, prostituição, incesto e homossexualidade. Agora ele esclarece este ponto dizendo que não tinha em mente o mundo pagão em geral mas o autoproclamado crente que fosse habitualmente "devasso ou avaro" (avaro para o lucro, cobiçoso, sempre querendo mais) e "roubador" (palavra também usada para aludir aos lobos ávidos e ao ato de enganar as pessoas visando a propriedade delas) ou "idólatra".

Paulo não esperava que os crentes deixassem "o mundo". Ele não queria que eles ficassem sozinhos e não tivessem contato com o mundo em geral. Eles precisariam continuar trabalhando, comerciando e negociando com pessoas não-salvas.[10]

O interesse de Paulo era pela pureza da Igreja. Eles não deviam associar-se com alguém que se dizia crente e que continuasse nas práticas pagãs tão comuns em Corinto. Não deviam comer com tais indivíduos, porque comer com eles implica comunhão, aprovação e até honrá-los.[11] A Bíblia quer que vejamos a seriedade do pecado (Rm 6.16; Gl 3.22; Tg 1.15; 1 Jo 3.6). Isto precisa ser reforçado hoje, pois a sociedade mundana perdeu a visão moral. "Com 67% dos americanos que já não crêem mais em absolutos morais, e com a sociedade americana que se afoga em seu próprio individualismo, os valores são apenas o que é pessoalmente desejável ou importante. Os valores de uma pessoa podem ser completamente diferentes dos de outra".[12]

> [12] PORQUE QUE TENHO EU EM JULGAR TAMBÉM OS QUE ESTÃO DE FORA? NÃO JULGAIS VÓS OS QUE ESTÃO DENTRO? [13] MAS DEUS JULGA OS QUE ESTÃO DE FORA. TIRAI, POIS, DENTRE VÓS A ESSE INÍQUO.

Paulo não considerou ser sua obrigação julgar os incrédulos, "os que estão de fora". Sua missão, assim como a de Jesus, não era condenar o mundo, mas buscar a salvação do mundo por meio de Cristo (veja Jo 3.17). Ao mesmo tempo, Paulo estava preocupado em apresentar a Igreja como uma virgem pura a Cristo (2 Co 11.2). Por conseguinte, os crentes coríntios tinham a responsabilidade de julgar qualquer crente dentro da assembléia que estivesse destruindo essa pureza. Eles podiam deixar que o mundo incrédulo fora da igreja fosse julgado por Deus, o que Ele fará em seu devido tempo no julgamento do Grande Trono Branco (Ap 20.11-15).[13] Enquanto isso, Paulo exigia que os crentes coríntios ex-

pulsassem o iníquo da comunhão deles (o que implica que o mesmo persistia no pecado). Isto era misericórdia. Sob a Lei, tais pecados eram punidos com a morte (por exemplo, Dt 22.24).

Paulo provavelmente reconheceria que nos Estados Unidos excluir um membro da igreja poderia resultar em processo. Contudo, o princípio de não dar comunhão ou compartilhar momentos sociais com pecadores persistentes e conhecidos (que afirmam ser cristãos ou membros da igreja) é algo que nós também temos de obedecer. Também é aparente que não precisamos participar nos esforços de mudar os pecadores por outros meios que não o Evangelho.

B. Que os crentes julguem os crentes 6.1-8

> [1] Ousa algum de vós, tendo algum negócio contra outro, ir a juízo perante os injustos e não perante os santos? [2] Não sabeis vós que os santos hão de julgar o mundo? Ora, se o mundo deve ser julgado por vós, sois, porventura, indignos de julgar as coisas mínimas? [3] Não sabeis vós que havemos de julgar os anjos? Quanto mais as coisas pertencentes a esta vida?

A seguir, Paulo lida com outra situação que não os estava ajudando em seu testemunho cristão. Os crentes coríntios, como a maioria de nós hoje, nem sempre concordavam entre si. Assim, eles estavam levando suas querelas ao tribunal civil da feira pública, diante de juízes pagãos em vez de levar "perante os santos" (isto é, os crentes que são santificados pelo Espírito). Esses juízes arbitrariam de acordo com as leis e idéias pagãs, em lugar de arbitrarem de acordo com os princípios cristãos.[14] Paulo não quer dizer que não podemos usar os tribunais civis ou criminais para situações sérias que envolvam incrédulos. Nem quis dizer que os juízes pagãos nunca davam um veredicto ou decisão justa. Mas os casos entre crentes seriam observados pelo mundo pagão, que então ficaria a questionar o amor cristão proclamado pelos crentes coríntios. Este prospecto horrorizava Paulo.

Paulo queria que a igreja coríntia procurasse seus membros sábios para arbitrar as diferenças entre eles. Um dia, os crentes cristãos tomarão parte no governo do mundo (veja Mt 19.28; 2 Tm 2.12; Ap 22.5).[15] Em comparação com esta grande responsabilidade, as questões que os crentes estavam levando perante os juízes pagãos eram "triviais". Com certeza, os crentes já deviam ser competentes para julgar tais casos. Paulo reforça este pensamen-

to declarando que nós também "havemos de julgar os anjos".[16] Isso deve nos fazer sentir ainda mais competentes para julgar as coisas da vida cotidiana.

> 4 Então, se tiverdes negócios em juízo, pertencentes a esta vida, pondes na cadeira aos que são de menos estima na igreja? 5 Para vos envergonhar o digo: Não há, pois, entre vós sábios, nem mesmo um, que possa julgar entre seus irmãos? 6 Mas o irmão vai a juízo com o irmão, e isso perante infiéis.

Paulo não está sendo sarcástico. Ele está falando sério. Considerando que todos nós julgaremos o mundo e os anjos, mesmo os cristãos mais insignificantes devem poder fazer um trabalho melhor que os juízes pagãos. Mas ele quer envergonhá-los, porque agem como se não houvesse entre eles ninguém sábio o bastante para resolver suas disputas. A intenção de Paulo era que suas palavras de certa forma chocassem aqueles irmãos coríntios que viviam esta situação — que iam aos tribunais uns contra os outros perante incrédulos. Por certo, os incrédulos também ficariam chocados com isto![17]

> 7 Na verdade, é já realmente uma falta entre vós terdes demandas uns contra os outros. Por que não sofreis, antes, a injustiça? Por que não sofreis, antes, o dano? 8 Mas vós mesmos fazeis a injustiça e fazeis o dano e isso aos irmãos.

Os cristãos que têm processos uns contra os outros já são perdedores. Os dois lados já estão totalmente derrotados (aos olhos de Deus, como também diante da comunidade). As perguntas que Paulo faz são retóricas. De fato, seria melhor sofrer a injustiça ou o dano do que ir aos tribunais perante juízes incrédulos (cf. Mc 5.39,40; Rm 12.20).

O versículo 8 indica a razão que alegavam para ir perante os tribunais contra os irmãos que lhes causam injustiça ou dano. Eles são culpados das mesmas coisas. Pois da mesma forma que fazem a injustiça, fazem também o dano aos irmãos. Eles esquecem que são irmãos, que todos fazem parte da família de Deus.

C. Os injustos não herdarão o Reino de Deus 6.9-11

> 9 Não sabeis que os injustos não hão de herdar o Reino de Deus? 10 Não erreis: nem os devassos, nem

> OS IDÓLATRAS, NEM OS ADÚLTEROS, NEM OS EFEMINADOS, NEM OS SODOMITAS, NEM OS LADRÕES, NEM OS AVARENTOS, NEM OS BÊBADOS, NEM OS MALDIZENTES, NEM OS ROUBADORES HERDARÃO O REINO DE DEUS.

("Não sabeis" significa que eles sabiam ("Vocês sabem perfeitamente bem", *Bíblia de Jerusalém*). Paulo tinha deixado este ponto perfeitamente claro em todos os seus ensinos, pois sabia que eles precisavam ser advertidos.[18] Mas aqueles que persistiam em ir perante os juízes pagãos tinham se esquecido de que os injustos não herdarão o Reino de Deus. Como crentes, estamos na expectativa de herdar o Reino de Deus, isto é, temos a esperança de compartilhar com Cristo no Reino por vir. Mas Deus não vai compartilhá-lo com aqueles que fazem a injustiça, que não vivem vidas transformadas, vidas santas.

Alguns supõem que porque foram salvos uma vez já estão eternamente salvos, mesmo se voltarem às práticas pecaminosas ou a um estilo de vida que é mau aos olhos de Deus. Eles estão enganados.

Para ter certeza de que os coríntios entenderam o que está incluso em ser injusto, Paulo é muito específico: Inclui os "devassos", ou seja, aqueles que por hábito são sexualmente imorais (quer por prostituição, visitas a prostitutas ou "sexo livre"), os "idólatras" (incluindo práticas idólatras como bruxaria, quiromancia, cartomancia, astrologia, espiritismo e outras práticas ocultas), os "adúlteros" (os que são infiéis ao seu cônjuge), os "efeminados" (o parceiro "passivo" na relação, normalmente um jovem), os "sodomitas" (o parceiro ativo),[19] "os ladrões", "os avarentos" (aqueles que sempre querem mais, incluindo os que tiram vantagem dos outros para satisfazer a cobiça), "os bêbedos", "os maldizentes" (incluindo os que usam de linguagem abusiva como também os que abusam fisicamente dos outros) e "os roubadores" (palavra também usada para aludir aos lobos ávidos ou vorazes e ao ato de enganar as pessoas visando a propriedade delas). Paulo enfatiza de novo que nenhum destes herdará o futuro Reino de Deus ou tomará parte no seu governo ("a sua parte será no lago que arde com fogo e enxofre, o que é a segunda morte" [Ap 21.8]). Eles estarão para sempre fora dos novos céus e da nova terra (Ap 22.15). Que aviso para os crentes! (cf. Rm 8.13)

> [11] E É O QUE ALGUNS TÊM SIDO, MAS HAVEIS SIDO LAVADOS, MAS HAVEIS SIDO SANTIFICADOS, MAS HAVEIS SIDO JUSTIFICADOS EM NOME DO SENHOR JESUS E PELO ESPÍRITO DO NOSSO DEUS.

Os crentes coríntios sabiam do que Paulo estava falando. Alguns deles tinham se envolvido nesses mesmos males. Mas a sua situação não

era desesperadora. Os pecados haviam sido lavados (cf. At 22.16).[20] Mesmo os piores pecadores haviam sido "santificados", tornados santos. Haviam sido "justificados" (absolvidos, pronunciados inocentes e tratados como justos) "em [gr. *en*] nome do Senhor Jesus Cristo e pelo [gr. *en*] Espírito de nosso Deus". A palavra grega *en* pode significar "em" ou "por". O ponto é que tanto a obra redentora de Jesus quanto a obra do Espírito Santo estão envolvidas em nossa justificação (cf. 2 Ts 2.13). "A forma dos verbos gregos 'lavados', 'santificados' e 'justificados' nesta passagem (aoristo passivo) em nenhum sentido oferece algum tipo de processo aqui. Todas estas palavras se referem à mesma experiência instantânea e completa: a conversão [...] Não é uma explícita segunda obra da graça como alguns a julgam."[21] Graças a Deus que a mesma obra redentora e a justificação ainda estão disponíveis a todos. O Espírito Santo continua sua obra santificadora à medida que crescemos na graça.[22] Por causa da sua ajuda não precisamos viver como os que estão no mundo.

D. Fuja da prostituição 6.12-19

1. O corpo foi feito para o Senhor 6.12-17

> 12 Todas as coisas me são lícitas, mas nem todas as coisas convêm; todas as coisas me são lícitas, mas eu não me deixarei dominar por nenhuma. 13 Os manjares são para o ventre, e o ventre, para os manjares; Deus, porém, aniquilará tanto um como os outros. Mas o corpo não é para a prostituição, senão para o Senhor, e o Senhor para o corpo. 14 Ora, Deus, que também ressuscitou o Senhor, nos ressuscitará a nós pelo seu poder.

A seguir, Paulo responde o que alguns dos crentes coríntios estavam dizendo. Porque estavam livres da lei, eles supunham que podiam fazer tudo o que desejassem. Como alguns hoje, eles podem ter dito: "Se você se sente bem, faça". Mas Paulo respondeu que "nem todas as coisas convêm" (são benéficas, úteis, verdadeiramente boas e vantajosas para o Corpo de Cristo). Além disso, muitas coisas, mesmo as coisas legítimas, podem nos escravizar. Paulo recusou ser dominado pelo que quer que fosse. Ele estava sujeito à autoridade de Deus e Cristo. E não deixaria que coisas ou o desejo humano o dominasse, nem mesmo as coisas que em si não eram pecado.

Os oponentes de Paulo diziam que "os manjares são para o ventre e o ventre para os manjares", implicando que estava tudo bem em satisfazer os desejos físicos da maneira que lhes agradasse. Segundo a resposta de Paulo, Deus destruirá "tanto um como os outros": o ventre que a pessoa é tentada a satisfazer e os manjares que satisfazem o desejo.

Que eles tinham em mente mais do que o alimento é mostrado pela próxima declaração de Paulo. Na verdade, eles estavam declarando que o corpo foi feito para o sexo e o sexo para o corpo, desta forma os desejos sexuais poderiam ser satisfeitos por qualquer tipo de imoralidade sem sentir culpa maior do que pôr alimento no estômago.

Era fácil para os coríntios assumirem essa atitude, pois com sua formação grega, eles tinham uma visão negativa do corpo, considerando-o de pouca importância. Muitos dos seus filósofos reputavam o corpo uma prisão para a alma,[23] por isso pensavam que as coisas que eram feitas no corpo não afetavam a alma. Mas Deus criou o corpo humano. Ele criou Adão e Eva um para o outro e para si mesmo. O corpo foi feito para o Senhor a fim de ser um meio pelo qual podemos nos expressar em adoração e serviço a Ele. O desejo de Paulo era que "Cristo será, tanto agora como sempre, engrandecido no meu corpo, seja pela vida, seja pela morte" (Fp 1.20).

O Senhor é para o corpo não só porque Ele o criou, mas porque Ele sabe que precisamos de um corpo para a plena expressão de nossa natureza como seus filhos. Ele demonstrou este ponto ao ressuscitar nosso Senhor Jesus dos mortos pelo seu poder. Jesus identificou-se com a humanidade desde o nascimento à morte a fim de tomar nosso lugar e morrer por nós na cruz. Mas Deus não apenas o ressuscitou espiritualmente, Ele o ressuscitou com um corpo real e tangível. Fora transformado, era de uma ordem diferente, mas Ele ainda podia andar, falar e comer com os discípulos (Lc 24.37-43; At 1.3,4,6).[24]

Deus não teria dado a Jesus um corpo real na ressurreição, se Ele não fosse em prol do corpo e respeitasse sua importância. Isto garante que Ele também nos ressuscitará com um corpo real (cf. Rm 8.11). Assim, visto que o corpo é tão importante para Deus e para nós, nunca devemos deixar que desejos pecaminosos nos levem à imoralidade de qualquer tipo (cf. Rm 8.11-17, que fala de nossa obrigação de fazer morrerem pelo Espírito as más ações do corpo).[25]

> [15] NÃO SABEIS VÓS QUE OS VOSSOS CORPOS SÃO MEMBROS DE CRISTO? TOMAREI, POIS, OS MEMBROS DE CRISTO E FÁ-LOS-EI MEMBROS DE UMA MERETRIZ? NÃO, POR CERTO. [16] OU NÃO SABEIS QUE O QUE SE AJUNTA COM A MERETRIZ FAZ-SE UM CORPO COM ELA? PORQUE SERÃO,

DISSE, DOIS NUMA SÓ CARNE. [17] MAS O QUE SE AJUNTA COM O SENHOR É UM MESMO ESPÍRITO.

Paulo tem outra objeção importante à imoralidade sexual. A Bíblia considera a pessoa como uma unidade. É verdade que a Bíblia fala de corpo, alma e espírito. Mas a Bíblia reconhece que em nossa existência presente agimos como uma unidade. Não podemos dizer: "Meu corpo fez isso". Só podemos dizer: "*Eu* fiz isso". Quando nascemos do alto, não só estamos em comunhão com Cristo, mas nós, como indivíduos — e em nosso corpo individual — também estamos unidos com Ele, parte do seu Corpo, a Igreja. Assim, não podemos dizer: "Eu me ajunto com Cristo, mas meu corpo não". Se estamos unidos com Ele, nosso corpo também está. Se fizermos a pergunta: "Tomarei os membros de Cristo (meu corpo) e os ajuntarei com uma prostituta?", a única resposta possível à pessoa que está verdadeiramente ajuntada, unida em comunhão com Cristo é um enfático "Não!" (O grego pode significar "Nunca deixe que isso aconteça"). A união sexual com uma prostituta não pode ser questão de indiferença, pois sempre que um homem e uma mulher se unem sexualmente eles tornam-se um no corpo, como Moisés disse do primeiro homem e mulher (Gn 2.24).

Então, pela razão de a prostituição religiosa ser tão comum e porque os pagãos consideravam que era uma maneira de honrar os deuses e as deusas, Paulo quis evitar a idéia de que existe algo sexualmente relacionado com nossa união com o Senhor. Ele faz forte contraste. Nós que estamos unidos com o Senhor somos "um mesmo espírito" com Ele (o que provavelmente implica no Espírito Santo e pelo Espírito Santo).

2. O CORPO É O TEMPLO DO ESPÍRITO SANTO 6.18-20

[18] FUGI DA PROSTITUIÇÃO. TODO PECADO QUE O HOMEM COMETE É FORA DO CORPO; MAS O QUE SE PROSTITUI PECA CONTRA O SEU PRÓPRIO CORPO. [19] OU NÃO SABEIS QUE O NOSSO CORPO É O TEMPLO DO ESPÍRITO SANTO, QUE HABITA EM VÓS, PROVENIENTE DE DEUS, E QUE NÃO SOIS DE VÓS MESMOS? [20] PORQUE FOSTES COMPRADOS POR BOM PREÇO; GLORIFICAI, POIS, A DEUS NO VOSSO CORPO E NO VOSSO ESPÍRITO, OS QUAIS PERTENCEM A DEUS.

Por causa da constante tentação da imoralidade sexual, Paulo faz mais do que apresentar razões contra a prostituição. Ele nos ordena que fujamos dela. Temos uma ilustração desta reação na vida de José. Ele

considerou melhor sofrer na prisão do que entregar-se às tentações da esposa de Potifar e pecar contra Deus (Gn 39.7-9).

A prostituição não é apenas detestável a Deus, mas trata-se de um pecado contra o próprio corpo, que Paulo há pouco dissera que é "para o Senhor" (1 Co 6.13). Além disso, o corpo do crente[26] é "o" templo do Espírito Santo, que nele habita, que é o dom de Deus para nós, porque recebemos o seu Espírito.

Como foi observado no comentário sobre o capítulo 3, o grego tem duas palavras para se referir a "templo", e Paulo usa *naos* novamente, o santuário interno onde Deus manifestou a sua presença, a glória do seu *shekiná* (residente e permanente).[27] Pois o Espírito Santo veio habitar, estar não só conosco, mas em nós (Jo 14.16,17, KJV). Pelo fato de nossos corpos serem seu templo e porque Jesus pagou o preço total de nossa redenção ao derramar seu sangue precioso na cruz do Calvário, pertencemos a Deus (cf. 1 Pe 1.18,19: "Resgatados [...] com o precioso sangue de Cristo"; Ap 5.9). Só pode haver uma conclusão: Devemos, temos de honrar a Deus com nosso corpo.

Podemos fazer outra aplicação. Todas as nossas ações devem dar louvor a Deus. Devemos ter cuidado para não deixarmos que filmes, livros, revistas ou a Internet estimulem pensamentos ou ações imorais. "Nem sequer o prazer legítimo deve se tornar nossa razão para viver".[28] Devemos estar especialmente preocupados em mostrar que pertencemos ao Senhor quando nos entregamos ao seu Espírito Santo, não com manifestações carnais, mas manifestando os dons e o fruto do Espírito.

Quando o começo do atual avivamento pentecostal passou a chamar a atenção do mundo em 1906 na Missão da Rua Azusa, em Los Angeles, era óbvio que a bênção era realmente para todos, como Joel e Pedro enfatizaram, pois Deus derrubou as barreiras raciais. Em dias em que o preconceito racial era excessivo, negros e brancos cultuavam juntos, falavam em línguas e profetizavam.[29] Espontâneos avivamentos em outras partes do mundo também começaram. Hoje pessoas de todas as raças e de quase todas as nações têm aceitado a Cristo como Salvador, Senhor e Rei, e sido santificadas com o batismo no Espírito Santo. Que Deus nos torne santos e nos ajude a glorificá-lo em nosso corpo, como também através dele estarmos sempre em adoração, serviço e sacrifício.[30]

No Apêndice B você encontrará perguntas para aprimorar seu estudo.

NOTAS

[1] Bruce R. Marino, "A Origem, Natureza e Conseqüências do Pecado", in: *Teologia Sistemática*, ed. Stanley M. Horton. Rio de Janeiro, CPAD, 1996, p. 294.

[2] Veja Gordon D. Fee. *The First Epistle to the Corinthians*. Grand Rapids, William B. Eerdmans, 1991, pp. 204, 205. Veja também David L. Oxford, "Romans 12:1-2: The Gospel of Renewal", in: *Faces of Renewal*, editor Paul Elbert, Peabody, Massachusetts, Hendrickson Publishers, 1988, p. 46, nota 67.

[3] Clark observa que Mateus 18.15 aplica-se apenas a assuntos privados e não a pecados públicos, não tendo, portanto, aplicação aqui. Gordon H. Clark. *First Corinthians: A Contemporary Commentary*. Nutley, Nova Jersey, Presbyterian & Reformed Publishing Company, 1975, p. 81.

[4] Paulo normalmente usa a palavra "carne" para referir-se à velha natureza pecadora.

[5] Marino, "A Origem, Natureza e Conseqüências do Pecado".

[6] Fee, *First Epistle to the Corinthians*, p. 214.

[7] George J. Zemek, "Awesome Analogies: *Kathos* Constructs in the N.T.", *Journal of the Evangelical Theological Society* 38, n.º 3, Setembro de 1995, p. 344.

[8] O aoristo grego indica que esta foi uma obra acabada; como diz Hebreus 10.10, foi "feita uma vez [por todas]".

[9] Donald S. Metz, "1 Corinthians", in: *The Beacon Bible Commentary*. Kansas City, Missouri, Beacon Hill Press, 1968, vol. 7, p. 352.

[10] Veja a oração de Jesus em João 17.15,16.

[11] Metz, "1 Corinthians", vol. 7, p. 356.

[12] David Wells, "The Secularization of Our Moral Life", in: *Okenga Connections 3*, n.º 2, Verão de 1998, p. 1.

[13] Veja Stanley M. Horton. *Nosso Destino: O Ensino Bíblico das Últimas Coisas*. Rio de Janeiro, CPAD, 1998, pp. 165, 202-204.

[14] A lei romana permitia que os judeus resolvessem seus problemas entre si. Nada exigia que os cristãos fossem perante tribunais pagãos. Gordon H. Clark. *1 Corinthians: A Contemporary Commentary*. Grand Rapids, William B. Eerdmans, 1975, p. 86.

[15] Stanley M. Horton. *Nosso Destino: O Ensino Bíblico das Últimas Coisas*. Rio de Janeiro, CPAD, 1998, pp. 190,191.

[16] Veja Judas 6, que indica que hoje os anjos caídos estão mantidos presos na escuridão para o julgamento do grande dia do julgamento final.

[17] Gordon D. Fee. *The First Epistle to the Corinthians*. Grand Rapids, William B. Eerdmans, 1991, pp. 235, 236.

[18] Horton, *Nosso Destino*, p. 138.

[19] Estes dois termos também podem ser aplicados à homossexualidade feminina.

[20] Paulo não está se referindo ao batismo nas águas, mas ao lavar da Palavra e à obra santificadora do Espírito (Ef 5.26). O grego médio indica que eles estavam "ativamente envolvidos no processo". Donald S. Metz, "1 Corinthians", in: *The Beacon Bible Commentary*. Kansas City, Missouri, Beacon Hill Press, 1968, vol. 7, p. 364.

[21] Timothy P. Jenney. "O Espírito Santo e a Santificação", in: *Teologia Sistemática*, ed. Stanley M. Horton. Rio de Janeiro, CPAD, 1996, pp. 423-425.

[22] Ibid, p. 425.

[23] De acordo com Platão, Sócrates disse que estamos "sepultados nisto que carregamos e chamamos de corpo, no qual estamos aprisionados como uma ostra em sua concha" (Fedro, 250c). *Plato*, vol. 1, tradução para o inglês feita por Harold N. Fowler. Cambridge, Massachusetts, Harvard University Press, 1914, p. 485.

[24] Em Atos 1.6, o grego indica que Jesus estava comendo uma refeição com eles. Veja Stanley M. Horton. *The Book of Acts*. Springfield, Missouri, Gospel Publishing House, 1981, p. 18.

[25] Horton, *Nosso Destino*, pp. 64,65

[26] O pronome "vós" no versículo 19 está no singular em grego. Veja Michael L. Dusing. "A Igreja do Novo Testamento", in: *Teologia Sistemática*, ed. Stanley M. Horton, p. 547.

[27] A palavra *Shekinah* é derivada do hebraico *Shakhan*, que significa "morar, habitar". Não é encontrada na Bíblia hebraica, mas rabinos mais recentes a usaram para referir-se à glória que estava continuamente presente no Santo dos Santos do Tabernáculo e do Templo.

[28] Stanley M. Horton. *O que a Bíblia diz sobre o Espírito Santo*. Rio de Janeiro, CPAD, 1993, p. 244.

[29] Minha mãe foi batizada no Espírito na Missão da Rua Azusa em 1906. Segundo ela, eles diziam que "A linha do sangue removeu a linha da cor".

[30] Fee ressalta que a expressão "e no vosso espírito" (1 Co 6.20), porquanto seja verdadeira, diminui a mensagem do parágrafo e trata-se provavelmente de acréscimo mais recente. Fee, *First Epistle to the Corinthians*, pp. 265, 266.

IV. Perguntas respondidas 7.1—11.2

A. O casamento 7.1-40

1. Evite a imoralidade 7.1-7

> [1] Ora, quanto às coisas que me escrevestes, bom seria que o homem não tocasse em mulher; [2] mas, por causa da prostituição, cada um tenha a sua própria mulher, e cada uma tenha o seu próprio marido.

"Ora" indica que Paulo está passando para outro assunto (também ocorre nos versículos 8 e 25 deste capítulo). A carta à qual ele se refere não era de algum indivíduo, mas de toda a Igreja. É evidente que a carta não era particularmente amigável. As perguntas não foram feitas num espírito de humildade com o desejo de aprender. Antes, eles pareciam estar "contra Paulo em assunto após assunto".[1] No que se segue, Paulo discute o casamento, o qual eles não estavam levando suficientemente a sério. Devemos manter em mente que Paulo não era contra o casamento. Ele inclui a proibição ao casamento entre as coisas ensinadas pelos demônios "pela hipocrisia de homens que falam mentiras" (1 Tm 4.2,3) e Hebreus 13.4 diz: "Venerado seja entre todos o matrimônio". Paulo também compara a relação de Cristo e a Igreja com a relação do casamento,

fazendo aplicações ao marido e a esposa mostrando que ele tinha o casamento em um conceito elevado (Ef 5.22,33). Mas os coríntios estavam vivendo tempos difíceis, em antecipação à perseguição. Portanto, o que Paulo diz aqui deve ser entendido com relação ao versículo 26: "Tenho, pois, por bom, por causa da instante necessidade, que é bom para o homem o estar assim".

"Não tocasse em mulher" (gr. *gunaikos mē haptesthai*) é em toda a literatura coiné[2] existente um eufemismo para o "intercurso sexual" e não implica "tomar uma mulher" ou "casar".[3] Isto pode ter sido um *slogan* coríntio que Paulo cita e quer modificar.[4] É possível que eles estivessem interpretando mal Lucas 20.34,35, supondo que podiam ser como os anjos hoje.[5]

No versículo 2, Paulo está argumentando contra o falso ensino que defende o asceticismo e o celibato matrimonial. Alguns supunham que a vinda de Cristo estava muito próxima e que por isso deveriam ser espirituais. Esse pensamento de ser "espiritual" era provavelmente influência proveniente de idéias gregas sobre o corpo ser algo indigno (veja 1 Co 6.12-20; 15.1-58). O que Paulo quer dizer é que cada homem que já está casado deve continuar mantendo relações com a sua própria esposa, e cada esposa com o seu próprio marido. Esta é a norma para os cristãos. A imoralidade que Paulo tem em mente é homens casados irem visitar prostitutas (em geral as prostitutas do templo que eram incentivadas pela religião grega). O versículo 2 se aplicaria a todo caso extraconjugal de hoje.

> [3] O MARIDO PAGUE À MULHER A DEVIDA BENEVOLÊNCIA,
> E DA MESMA SORTE A MULHER, AO MARIDO. [4] A MULHER
> NÃO TEM PODER SOBRE O SEU PRÓPRIO CORPO, MAS TEM-
> NO O MARIDO; E TAMBÉM, DA MESMA MANEIRA, O MARIDO
> NÃO TEM PODER SOBRE O SEU PRÓPRIO CORPO, MAS TEM-
> NO A MULHER.

Dentro do casamento, o marido tem a responsabilidade primária de buscar a satisfação sexual de sua esposa. A esposa também deve corresponder. Paulo não considera as relações sexuais como somente para procriação. Elas são uma obrigação dentro do casamento, mas o marido e a esposa devem respeitar-se um ao outro para chegarem a um acordo mútuo sobre como e quando. Visto que no plano de Deus eles são unidos como uma carne, cada um possui o corpo do outro. Nenhum dos dois deve pensar somente em seu próprio prazer ou desejos. Cada um deve interessar-se em satisfazer os desejos sexuais normais, dados por Deus, que o outro tem.

> 5 NÃO VOS DEFRAUDEIS UM AO OUTRO, SENÃO POR CONSENTIMENTO MÚTUO, POR ALGUM TEMPO, PARA VOS APLICARDES À ORAÇÃO; E, DEPOIS, AJUNTAI-VOS OUTRA VEZ, PARA QUE SATANÁS VOS NÃO TENTE PELA VOSSA INCONTINÊNCIA.

"Não vos defraudeis" significa "parem de se privar". Aparentemente, alguns em Corinto estavam ensinando que o casal não deveria ter intercurso sexual, ou que os cônjuges seriam mais espirituais se não fizessem sexo. "Defraudar" (gr. *apostereite*) é uma palavra forte, usada também para se referir a enganar ou roubar. A abstinência sexual no casamento não deve ser a norma para os cristãos. Nem o sexo deve ser usado para manipular o cônjuge.

A única exceção é quando ambos os parceiros concordam que por um período específico de tempo eles se dedicarão completamente à oração,[6] não querendo que nada diminua a comunhão deles com o Senhor. Mas deve ser por tempo limitado, e depois eles devem voltar a ter relações sexuais de comum acordo. Satanás, o adversário, sempre está atento para levar a pessoa a cometer adultério. Nenhuma chance deve-lhe ser dada para esse fim, por causa da falta de autocontrole da pessoa.

> 6 DIGO, PORÉM, ISSO COMO QUE POR PERMISSÃO E NÃO POR MANDAMENTO. 7 PORQUE QUERERIA QUE TODOS OS HOMENS FOSSEM COMO EU MESMO; MAS CADA UM TEM DE DEUS O SEU PRÓPRIO DOM, UM DE UMA MANEIRA, E OUTRO DE OUTRA.

O que Paulo acaba de expor ele chama de "permissão" (esta é a única permissão). É apenas uma sugestão, que dá "permissão para ficar longe de relações sexuais por um tempo. Não é ordem para fazê-lo" (1 Co 7.6, NCV). Em outras palavras, a abstinência sexual nem mesmo é realmente necessária.

Ele não está dizendo que suas instruções aos que já são casados devam ser consideradas levianamente, mas deseja que todos sejam como ele. Paulo não quer que eles pensem que todos tenham de casar. Sob as difíceis condições em Corinto, o casamento não era obrigatório.

Muitos questionam se Paulo alguma vez foi casado. Porém, visto que ele deu seu voto pelo martírio de Estevão e outros (At 26.10), isto significaria que era membro do Sinédrio, o qual exigia que seus membros fossem casados.[7] Muitos acreditam que a esposa de Paulo morreu e ele era viúvo.[8] Ele gostaria que todos os homens (gr. *anthrōpous*, os seres humanos incluindo macho e fêmea) fossem como ele, solteiro (não quer dizer que deseja que eles sejam viúvos, mas simplesmente solteiros). Porém, ele percebeu

que para isso seria necessário um dom especial de liberdade de todo desejo de realização sexual. Paulo tinha esse dom da graça (gr. *charisma*). Mas Deus em sua soberania não dá a todos o mesmo dom.

2. Conselho aos solteiros e às viúvas 7.8,9

> 8 Digo, porém, aos solteiros e às viúvas, que lhes é bom se ficarem como eu. 9 Mas, se não podem conter-se, casem-se. Porque é melhor casar do que abrasar-se.

Por "solteiros" (gr. *agamois*) se quer dizer em geral, os viúvos. Quando Paulo diz que é bom que as viúvas e os viúvos fiquem solteiros como ele, isto significa que é vantajoso, dadas as circunstâncias da época (provavelmente por causa do perigo de perseguição severa). Mas, como o versículo anterior indica, nem todos têm o dom, por isso nem todos podem controlar-se do modo como Paulo o fazia. É melhor se casarem que se abrasarem, sejam inflamados com o desejo sexual (o que poderia levá-los às prostitutas). Ele não quer dizer, no entanto, que uma pessoa deva casar-se só por sexo. Isso seria contrário ao propósito de Deus para a família.

3. O divórcio é proibido pelo Senhor 7.10,11

> 10 Todavia, aos casados, mando, não eu, mas o Senhor, que a mulher se não aparte do marido. 11 Se, porém, se apartar, que fique sem casar ou que se reconcilie com o marido; e que o marido não deixe a mulher.

A seguir, Paulo fala aos crentes que já são casados. Ele tem as declarações de Jesus para apoiar o mandamento que está lhes dando (veja Mt 5.31,32; 19.2-8). Alguns traduzem o mandamento para a mulher: "A mulher não deve se permitir ser separada do marido". Mas isto presume que Paulo estava falando aos judeus: Só o marido podia iniciar o divórcio.[9] Por outro lado, os gregos e romanos permitiam que a mulher buscasse o divórcio, e Jesus tinha uma palavra para eles (Mc 10.12).

Paulo reconhece que as mulheres estavam se divorciando dos maridos, mas lhes impõe uma restrição. Elas têm de ficar solteiras ou reconciliar-se com seus maridos. É óbvio que o ideal é o que Jesus chamou a

atenção. Deus no princípio tencionou que o casamento fosse entre um homem e uma mulher por toda a vida (Mt 19.4-6; cf. Gn 2.24). Os mesmos mandamentos de Jesus proíbem que um homem se divorcie de sua esposa. Paulo não permite um novo casamento em tais casos. Como cristãos, eles devem achar algum meio de se reconciliarem.

4. Vivendo em paz com o cônjuge descrente 7.12-16

> 12 Mas, aos outros, digo eu, não o Senhor: se algum irmão tem mulher descrente, e ela consente em habitar com ele, não a deixe. 13 E se alguma mulher tem marido descrente, e ele consente em habitar com ela, não o deixe. 14 Porque o marido descrente é santificado pela mulher, e a mulher descrente é santificada pelo marido. Doutra sorte, os vossos filhos seriam imundos; mas, agora, são santos.

"Aos outros" abrange as pessoas que são casadas e, depois do casamento, um dos cônjuges fica crente e o outro rejeita o Evangelho. Paulo não tem uma declaração de Jesus para orientá-los. Porém, não está lhes dando sua opinião própria. A palavra que tem para eles não é menos inspirada pelo Espírito Santo.

Ficar crente não muda a aliança do casamento. O crente, o marido ou a mulher, não tem o direito de iniciar um divórcio em tais casos. O membro cristão deve continuar vivendo em fidelidade amorosa ao cônjuge descrente, contanto que o descrente mostre boa vontade em continuar com o casamento.

Continuar na relação do casamento com um cônjuge descrente não contamina o crente. A fé do crente em Deus e Jesus tem uma influência santificadora na relação. Nesse sentido, o descrente é santificado, ou separado, de qualquer coisa pecadora na relação. Se não fosse assim, os filhos do casal seriam impuros, isto é, cerimonialmente impuros e, portanto, estariam impossibilitados de entrar na presença de Deus. Mas a influência santificadora do pai ou da mãe crente torna os filhos santos no sentido de pertencerem ao Senhor e poderem ser levados à sua presença para serem abençoados. O Espírito Santo pode tornar tal situação matrimonial em um ministério poderoso.[10]

> 15 Mas, se o descrente se apartar, aparte-se; porque neste caso o irmão, ou irmã, não está sujeito à servidão; mas Deus chamou-nos para a paz. 16 Por-

QUE, DONDE SABES, Ó MULHER, SE SALVARÁS TEU MARIDO?
OU, DONDE SABES, Ó MARIDO, SE SALVARÁS TUA MULHER?

"Apartar-se" (gr. *chōrizetai*) é "um termo técnico devidamente autenticado para divórcio".[11] Se o descrente deseja divorciar-se, o crente deve deixar que ele o faça. No versículo 13 pode ser que o descrente não queira mais viver em fidelidade ao crente. Provavelmente o descrente já é infiel ou está envolvido em ritos pagãos com prostitutas. O crente divorciado não está preso (gr. *dedoulōtai*, "escravizado"), está livre dos votos matrimoniais. Embora Paulo na verdade não o diga, isto implica liberdade para casar de novo, mas claro que somente com um crente (1 Co 7.39).

Nenhuma ênfase deve ser posta nesta exceção, que em geral é interpretada como permissão para novo casamento em tais casos. Deus não quer que o descrente se divorcie. Ele nos chamou para vivermos em paz, ou seja, no bem-estar e na bênção que Ele proporciona. Contanto que o descrente consinta em viver com fidelidade ao cônjuge crente, este deve procurar a paz na esperança de que, desta maneira, o descrente venha a ser levado à salvação.

Isto não significa que o crente atormenta ou condena o incrédulo, mas que desse modo mostra-lhe o amor e a graça de Cristo de forma que seja atraído a Ele. Como Pedro adverte as esposas, logo que o marido descrente conhece a Palavra, a esposa deve ser submissa ao marido de maneira que ele seja ganho "sem palavra", mas antes pelo comportamento da esposa, considerando a sua "vida casta, em temor" (1 Pe 3.1,2).

5. Permanecendo na situação em que Deus o chama

7.17-24

17 E, ASSIM, CADA UM ANDE COMO DEUS LHE REPARTIU, CADA UM, COMO O SENHOR O CHAMOU. É O QUE ORDENO EM TODAS AS IGREJAS. 18 É ALGUÉM CHAMADO, ESTANDO CIRCUNCIDADO? FIQUE CIRCUNCIDADO. É ALGUÉM CHAMADO, ESTANDO INCIRCUNCIDADO? NÃO SE CIRCUNCIDE. 19 A CIRCUNCISÃO É NADA, E A INCIRCUNCISÃO NADA É, MAS, SIM, A OBSERVÂNCIA DOS MANDAMENTOS DE DEUS.

Agora Paulo trata de outra pergunta. Ficar crente demanda uma mudança exterior em suas circunstâncias ou posição na vida? Alguns podem estar em circunstâncias que Deus designou ou lhes colocou. Alguns podem ter uma chamada específica dada por Deus. Eles devem continuar

vivendo nessa posição e não buscar mudar nada. Paulo estabelece a mesma norma a todas as igrejas, não somente aos coríntios.

A primeira circunstância que alguns crentes judeus queriam mudar era sua relação com o concerto abraâmico pelo sinal da circuncisão. Eles queriam livrar-se do sinal que os identificava como judeus.[12] Por outro lado, alguns gentios estavam dando ouvidos aos "judaizantes", os quais queriam que eles primeiro se tornassem judeus, fossem circuncidados e depois acrescentassem o seu cristianismo ao seu judaísmo. Paulo diz que ambos estão errados, pois o sinal da circuncisão agora não tem mais propósito, visto que o antigo concerto da lei foi abolido pelo sacrifício de Cristo (Ef 2.15). A única coisa que conta aos olhos de Deus é a obediência amorosa a Ele (cf. Gl 5.6).

> [20] CADA UM FIQUE NA VOCAÇÃO EM QUE FOI CHAMADO. [21] FOSTE CHAMADO SENDO SERVO? NÃO TE DÊ CUIDADO; E, SE AINDA PODES SER LIVRE, APROVEITA A OCASIÃO. [22] PORQUE O QUE É CHAMADO PELO SENHOR, SENDO SERVO, É LIBERTO DO SENHOR; E, DA MESMA MANEIRA, TAMBÉM O QUE É CHAMADO, SENDO LIVRE, SERVO É DE CRISTO.

A segunda situação que as pessoas queriam mudar era a escravidão. Visto que os romanos escravizavam os povos que conquistavam, uma alta porcentagem da população era escrava.[13] Embora o Novo Testamento estabelecesse princípios que deveriam levar à abolição da escravidão, Paulo não defendeu que os escravos dessem início a uma rebelião esperando obter liberdade. Nessa sociedade, isto significaria a morte. Paulo queria que os cristãos que eram escravos aceitassem suas circunstâncias, não deixando que a escravidão os aborrecesse. Eles deviam perceber que o Senhor os libertou: libertou do pecado, libertou no espírito, libertou no Espírito Santo e libertou para servirem a Deus apesar das circunstâncias. Entretanto, isto não significava que eles deveriam recusar a liberdade se ela estivesse acessível. De fato, a melhor interpretação do grego significa que eles deveriam aproveitar o máximo da oportunidade.[14] Mas também precisavam perceber que os crentes que eram livres tornaram-se escravos de Cristo, foram levados cativos por Ele para servirem a Ele e a sua Igreja (cf. Ef 4.8,11).

> [23] FOSTES COMPRADOS POR BOM PREÇO; NÃO VOS FAÇAIS SERVOS DOS HOMENS. [24] IRMÃOS, CADA UM FIQUE DIANTE DE DEUS NO ESTADO EM QUE FOI CHAMADO.

Todos precisavam lembrar-se do preço pago por eles: o sangue precioso de Jesus que os comprou de volta para Deus.[15] Portanto, eles pertenciam a Deus e não aos homens (gr. *anthrōpōn*, os seres humanos inclusive macho e fêmea). A conclusão é que os cristãos não devem buscar mudar o estado matrimonial ou social em que estão. Antes, devem procurar fazer a vontade de Deus, qualquer que seja a situação em que estejam.

6. As virgens devem casar-se? 7.25-38

> [25] Ora, quanto às virgens, não tenho mandamento do Senhor; dou, porém, o meu parecer, como quem tem alcançado misericórdia do Senhor para ser fiel. [26] Tenho, pois, por bom, por causa da instante necessidade, que é bom para o homem o estar assim. [27] Estás ligado à mulher? Não busques separar-te. Estás livre de mulher? Não busques mulher. [28] Mas, se te casares, não pecas; e, se a virgem se casar, não peca. Todavia, os tais terão tribulações na carne, e eu quereria poupar-vos.

Paulo agora volta-se para outra pergunta. As virgens devem casar-se? "Virgens", no versículo 25, está no plural masculino, mas inclui moços e moças, muitos dos quais estavam provavelmente comprometidos, isto é, prometidos pelos pais de acordo com o costume antigo. Mais uma vez, Paulo não tem uma declaração de Jesus para eles, mas tem uma palavra que podem aceitar, porque a misericórdia de Deus tornou Paulo digno de confiança. Ele não está fazendo um julgamento que se aplicaria a todos em toda e qualquer circunstância. Mas por causa das vigentes circunstâncias de crise naqueles dias, seria melhor permanecerem solteiros.

Paulo lembra aos casados que a crise presente não significa que eles devem procurar mudar o estado civil pelo divórcio, nem os solteiros (os viúvos) devem buscar um cônjuge. Contudo, se o solteiro se casa, ele não peca, e se a mulher que é virgem se casa, ela não peca.

Paulo não é contra o casamento. É um estado santo. Mas ele sabe que sob as atuais circunstâncias o casamento traria "tribulações" (pressões, circunstâncias difíceis causadas provavelmente pela perseguição). Ele quer que eles aceitem seu conselho, pois assim serão poupados de muita dificuldade. Seria mais fácil suportarem qualquer circunstância que viesse, se ao mesmo tempo não tivessem de cuidar de um marido ou de uma esposa.

> 29 ISTO, PORÉM, VOS DIGO, IRMÃOS: QUE O TEMPO SE ABREVIA; O QUE RESTA É QUE TAMBÉM OS QUE TÊM MULHERES SEJAM COMO SE AS NÃO TIVESSEM; 30 E OS QUE CHORAM, COMO SE NÃO CHORASSEM; E OS QUE FOLGAM, COMO SE NÃO FOLGASSEM; E OS QUE COMPRAM, COMO SE NÃO POSSUÍSSEM; 31 E OS QUE USAM DESTE MUNDO, COMO SE DELE NÃO ABUSASSEM, PORQUE A APARÊNCIA DESTE MUNDO PASSA.

Por causa da atual crise, o tempo foi abreviado ou restrito. O "tempo" (gr. *kairos*) neste sentido significa um ponto no tempo ou um período ou estação curta. Também pode significar um tempo de crise ou um tempo de oportunidade. O ponto de Paulo é que por causa da situação presente, os indivíduos não devem se concentrar em suas circunstâncias atuais. O matrimônio, as tristezas, a felicidade, a compra e as possessões não devem ser o centro da atenção. Em vez de serem absorvidos por estas coisas, eles devem reconhecer que Deus tem algo melhor à frente.

A "aparência deste mundo" com suas alegrias terrenas, cuidados, possessões e sofrimentos "passam". Isto também pode significar que as coisas deste mundo estão passando, de forma que não podemos mesmo agarrar-nos a elas. (Alguns supõem que Paulo tinha em mente a proximidade da segunda vinda de Cristo, mas isto não se ajusta ao contexto da "crise presente" de que ele fala.) Podemos aplicar isto para nós mesmos. Não devemos tornar as coisas, as propriedades ou as nossas circunstâncias atuais o centro de nossa atenção. Pois, à medida que nos aproximamos do fim dos tempos, podemos ter uma necessidade ainda maior de enfocar nossa atenção em Jesus (cf. Hb 11.13-16; 12.2,3).

Também temos de reconhecer que o mundo está direcionado para o julgamento (Dn 2.44,45); mas buscamos primeiro o Reino de Deus e a sua justiça, de forma que estejamos preparados para tomar parte no "eterno propósito [de Deus] que [Ele] fez em Cristo Jesus, nosso Senhor" (Ef 3.11).[16]

> 32 E BEM QUISERA EU QUE ESTIVÉSSEIS SEM CUIDADO. O SOLTEIRO CUIDA DAS COISAS DO SENHOR, EM COMO HÁ DE AGRADAR AO SENHOR; 33 MAS O QUE É CASADO CUIDA DAS COISAS DO MUNDO, EM COMO HÁ DE AGRADAR À MULHER. 34 HÁ DIFERENÇA ENTRE A MULHER CASADA E A VIRGEM: A SOLTEIRA CUIDA DAS COISAS DO SENHOR PARA SER SANTA, TANTO NO CORPO COMO NO ESPÍRITO; PORÉM A CASADA CUIDA DAS COISAS DO MUNDO, EM COMO HÁ DE AGRADAR AO MARIDO. 35 E DIGO ISSO PARA PRO-

VEITO VOSSO; NÃO PARA VOS ENLAÇAR, MAS PARA O QUE É DECENTE E CONVENIENTE, PARA VOS UNIRDES AO SENHOR, SEM DISTRAÇÃO ALGUMA.

Paulo queria que eles ficassem livres de toda preocupação que os impediria, quer no corpo quer no espírito, de se entregarem aos assuntos do Senhor. Ele reconhecia que ser cristão não libera os cônjuges da responsabilidade de cuidarem e agradarem um ao outro; eles têm de prestar atenção aos assuntos deste mundo. Isto não é errado — é um fato da vida —, mas significa que seus interesses estão divididos. E Paulo deseja que eles façam as duas coisas: cuidem um do outro e sirvam ao Senhor, sem inquietação ou ansiedade.

Ainda que ficar solteiro fosse considerado uma desgraça pela maioria dos judeus, Paulo não o considerava inferior ao estado de casado. Ele preferia, dadas as circunstâncias, que os homens, as viúvas e as virgens permanecessem solteiros — para o próprio bem deles como também para capacitá-los a viver em inteira devoção ao Senhor. Paulo simplesmente considerava vantajoso o estado de solteiro.

36 MAS, SE ALGUÉM JULGA QUE TRATA DIGNAMENTE A SUA VIRGEM, SE TIVER PASSADO A FLOR DA IDADE, E SE FOR NECESSÁRIO, QUE FAÇA O TAL O QUE QUISER; NÃO PECA; CASEM-SE. 37 TODAVIA, O QUE ESTÁ FIRME EM SEU CORAÇÃO, NÃO TENDO NECESSIDADE, MAS COM PODER SOBRE A SUA PRÓPRIA VONTADE, SE RESOLVEU NO SEU CORAÇÃO GUARDAR A SUA VIRGEM, FAZ BEM. 38 DE SORTE QUE, O QUE A DÁ EM CASAMENTO FAZ BEM; MAS O QUE A NÃO DÁ EM CASAMENTO FAZ MELHOR.

Com os jovens em mente, Paulo oferece mais qualificações para as declarações anteriormente feitas. "Virgem" aqui significa uma jovem comprometida para casar. Algumas versões traduzem esta passagem com o sentido de que um homem que está comprometido para se casar (com uma virgem) não peca, se ele for em frente e se casar. Mas, de novo sob as circunstâncias atuais, se está plenamente decidido e tem a vontade de abster-se do casamento, ele faz ainda melhor.

Por outro lado, muitos comentaristas vêem a autoridade parental pressuposta nesta passagem[17] e a interpretam de um pai que vê a infelicidade da filha e não peca se ele arranja casamento, mas aquele que não a dá em casamento faz melhor.[18] Contudo, a frase no versículo 36: "Casem-se", é contra esta opinião.[19]

7. A viúva é livre para casar-se de novo 7.39,40

> 39 A mulher casada está ligada pela lei todo o tempo em que o seu marido vive; mas, se falecer o seu marido, fica livre para casar com quem quiser, contanto que seja no Senhor. 40 Será, porém, mais bem-aventurada se ficar assim, segundo o meu parecer, e também eu cuido que tenho o Espírito de Deus.

O casamento é para toda a vida, como Jesus enfatizou, em contraste com o divórcio fácil praticado pelos judeus daqueles dias. Mas também é verdade que o contrato de casamento é só para *esta* vida. Jesus indicou este fato quando disse aos saduceus: "Porquanto, quando ressuscitarem dos mortos, nem casarão, nem se darão em casamento, mas serão como os anjos nos céus" (Mc 12.25). Paulo diz que uma viúva é livre para casar de novo "com quem quiser", mas tem de ser com alguém "que seja no Senhor" (1 Co 7.39), isto é, que esteja vivendo uma vida cristã em perfeita comunhão com o Senhor e a assembléia local (que é o Corpo do Senhor). É tolice e deveria ser inconcebível uma mulher cristã casar-se com um incrédulo na esperança de que ele se converta. Muitas, para o seu pesar, descobriram isso tarde demais.

Mas Paulo não está contradizendo o que ele já disse sobre o casamento. O seu julgamento é o mesmo. Ela será mais feliz (sob as circunstâncias atuais em que a perseguição é iminente) se ficar solteira. O julgamento de Paulo não é uma opinião meramente pessoal. Ele cuida (antes, "reputa", "acredita") que tem esse julgamento proveniente do Espírito. Ou seja, ele é inspirado pelo Espírito do Senhor.[20]

B. As coisas sacrificadas aos ídolos 8.1-13

1. O amor edifica 8.1-3

> 1 Ora, no tocante às coisas sacrificadas aos ídolos, sabemos que todos temos ciência. A ciência incha, mas o amor edifica. 2 E, se alguém cuida saber alguma coisa, ainda não sabe como convém saber. 3 Mas, se alguém ama a Deus, esse é conhecido dele.

"Ora" indica que Paulo está mudando de assunto e está considerando outra pergunta: as coisas sacrificadas aos ídolos. Antes de começar a discutir este assunto, ele deve ter notado algo sobre o modo como a pergunta chegou até ele. Deve ter havido a impressão de que as pessoas estavam se condenando umas às outras, por causa do que afirmavam saber sobre o assunto. Porém, o conhecimento (a ciência) nunca resolveria a questão, pois onde há argumentação, o conhecimento só "incha", tornando cada um mais seguro de sua razão. Sem amor, até nosso conhecimento das verdades espirituais produz orgulho, arrogância e presunção. Nossa resposta inteligente só humilha os outros à medida que nos incha. Mas o amor edifica, por isso a questão deve ser resolvida com base no que o amor exige.

Isso é ainda mais verdadeiro porque nesta vida, pouco importando quem somos ou o que pensamos saber, nosso conhecimento é incompleto. Nenhum de nós sabe o que realmente devemos saber para resolver as questões por nossos próprios poderes de raciocínio.

Por outro lado, o indivíduo que ama a Deus é conhecido por Ele, tendo um relacionamento pessoal de amor e sua aprovação.[21] Então, o amor nos ajuda a honrar a Deus e aos irmãos de forma que promovemos o bem de todos. Tal amor é verdadeiramente o fruto do Espírito Santo. Envolve freqüentemente o fruto da autodisciplina e até a abnegação. Também depende da "sabedoria que vem do alto", a qual "é, primeiramente, pura, depois, pacífica, moderada, tratável, cheia de misericórdia e de bons frutos, sem parcialidade e sem hipocrisia". Ela nos torna pacificadores que semeiam a paz e colhem uma colheita de justiça (Tg 3.17,18).

2. Os ídolos nada são 8.4-6

> [4] Assim que, quanto ao comer das coisas sacrificadas aos ídolos, sabemos que o ídolo nada é no mundo e que não há outro Deus, senão um só. [5] Porque, ainda que haja também alguns que se chamem deuses, quer no céu quer na terra (como há muitos deuses e muitos senhores), [6] todavia, para nós há um só Deus, o Pai, de quem é tudo e para quem nós vivemos; e um só Senhor, Jesus Cristo, pelo qual são todas as coisas, e nós por ele.

A questão implica basicamente que alguns iam aos templos de ídolos e participavam das cerimônias pagãs, a fim de comerem a comida oferecida aos ídolos.[22] Paulo começa enfatizando que o ídolo não é nada. Ou seja, ele não tem nenhuma realidade e nenhum poder neste mundo.

Os muitos supostos deuses e senhores adorados pelos pagãos não são nada. Os profetas do Antigo Testamento disseram a mesma coisa. Os ídolos não eram nada, senão pedaços de madeira, pedra ou metal, feitos pelas mãos dos homens. Não havia nada de sobrenatural neles, os quais não tinham nenhum poder para falar ou agir. Paulo conhecia as passagens em Isaías que mostram com tremenda ironia a tolice da idolatria (Is 2.8; 40.18-20; 41.7; 44.9-20; 46.1,2). Paulo percebeu que havia muitos que se chamavam "deuses" e "senhores" que eram adorados pelos pagãos.[23] A cidade de Corinto estava repleta de templos e santuários. Mas os crentes sabem que há um só Deus (cf. Dt 6.4; 32.39; 1 Sm 2.2; Is 44.8). "Dentro da realidade espiritual, só há um verdadeiro ser divino: 'Não há outro *theos*, senão um' (1 Co 8.4). Deus tem direitos exclusivos deste termo, como revelação adicional de si."[24] Ele é o Criador de tudo, a fonte de "toda boa dádiva e todo dom perfeito" (Tg 1.17). Fomos criados para Ele e como crentes vivemos para Ele. Também sabemos que há "um só Senhor, Jesus Cristo". Ele é o único por quem Deus criou "todas as coisas" (Jo 1.3). Por Ele recebemos vida física e espiritual.[25]

3. Não seja escândalo para os fracos 8.7-13

> 7 Mas nem em todos há conhecimento; porque alguns até agora comem, no seu costume para com o ídolo, coisas sacrificadas ao ídolo; e a sua consciência, sendo fraca, fica contaminada. 8 Ora, o manjar não nos faz agradáveis a Deus, porque, se comemos, nada temos de mais, e, se não comemos, nada nos falta.

Agora Paulo está aplicando o princípio do amor. Ele reconhece que embora todos os cristãos aceitem a verdade que há um Deus verdadeiro, nem todos sabem ou entendem esta verdade por experiência pessoal. A vida de muitos dos coríntios antes da conversão estava tão associada com a adoração de ídolos, que eles não podiam esquecer que essa comida fora a sacrificada aos mesmos.

A consciência deles era fraca. Nossa consciência depende do que fomos ensinados e viemos a crer que é a verdade. Uma consciência fraca não foi edificada pela verdade a ponto de não se aborrecer mais com idéias falsas. Assim, a consciência fraca daqueles antigos adoradores de ídolos estava supersensível, ficando aborrecida e contaminada. Em uma palavra, a consciência fraca fez com que eles se sentissem culpados. Ou pior, eles *eram* culpados, pois indo contra a consciência eles haviam se

tornado rebeldes, dizendo consigo mesmos: "Ainda acho que está errado, mas faço assim mesmo". A rebelião é pecado perigoso e pode levar à dureza de coração e à perda da salvação.[26]

Não há nenhuma razão real para a culpa. A questão de comer comida que foi oferecida aos ídolos é totalmente indiferente no que diz respeito a Deus, pois os ídolos nada são. A comida que comemos não afeta nossa relação com Ele, nem somos melhores ou piores aos seus olhos pelo que comemos (cf. Rm 14.5,6).

> [9] MAS VEDE QUE ESSA LIBERDADE NÃO SEJA DE ALGUMA MANEIRA ESCÂNDALO PARA OS FRACOS. [10] PORQUE, SE ALGUÉM TE VIR A TI, QUE TENS CIÊNCIA, SENTADO À MESA NO TEMPLO DOS ÍDOLOS, NÃO SERÁ A CONSCIÊNCIA DO QUE É FRACO INDUZIDA A COMER DAS COISAS SACRIFICADAS AOS ÍDOLOS? [11] E, PELA TUA CIÊNCIA, PERECERÁ O IRMÃO FRACO, PELO QUAL CRISTO MORREU. [12] ORA, PECANDO ASSIM CONTRA OS IRMÃOS E FERINDO A SUA FRACA CONSCIÊNCIA, PECAIS CONTRA CRISTO. [13] PELO QUE, SE O MANJAR ESCANDALIZAR A MEU IRMÃO, NUNCA MAIS COMEREI CARNE, PARA QUE MEU IRMÃO NÃO SE ESCANDALIZE.

Paulo tem em mente o mesmo princípio de amor enfatizado em Romanos 14.13-23. Ainda que saibamos que algo não seja errado ou pecaminoso, devemos nos lembrar do irmão (ou irmã) mais fraco, cuja consciência ainda lhes fala que tais coisas são erradas ou pecaminosas. Neste caso, ver um crente mais maduro num templo pagão comendo comida sacrificada aos ídolos pode fazer com que eles ousem fazer o mesmo. Então, a consciência deles faz com que se sintam de tal forma culpados e pecadores, que perecem espiritualmente. Isto é, pode ser que eles digam: "De que adianta servir a Deus?", e se voltem para o mundo. Temos de nos lembrar que o irmão (ou irmã) mais fraco é parte do Corpo de Cristo, uma pessoa por quem Ele morreu. Quando nos entregamos a desejos egocêntricos (que para nós podem não ser errados) e ferimos a consciência fraca de outra pessoa, não apenas pecamos contra essa pessoa, mas pecamos contra Cristo.

Paulo está tão preocupado com o irmão mais fraco (e isto implica as irmãs mais fracas da mesma forma), que embora saiba que não há nada de errado ou pecaminoso no fato de comer carne oferecida aos ídolos, ele deixará de comê-la pelo resto da vida para não levar o fraco a entrar em pecado. O amor lhe deu a perspicácia das necessidades dos outros e o levou a livremente abrir mão dos seus direitos em tal assunto.

C. O apostolado de Paulo 9.1-27

1. O direito de Paulo ao apostolado 9.1,2

> 1 Não sou eu apóstolo? Não sou livre? Não vi eu a Jesus Cristo, Senhor nosso? Não sois vós a minha obra no Senhor? 2 Se eu não sou apóstolo para os outros, ao menos o sou para vós; porque vós sois o selo do meu apostolado no Senhor.

Paulo advertiu há pouco aqueles que estavam comendo carne oferecida aos ídolos: Eles não devem deixar que a sua liberdade (baseada no conhecimento que têm de que Deus é o único e os ídolos nada são) se torne escândalo ou pedra de tropeço para os fracos. Mas isto não os torna menos livres. O próprio Paulo recusou tornar-se pedra de tropeço — contudo ele ainda era livre. De fato, tinha a liberdade que Cristo lhe dera como apóstolo.

Parece que alguns em Corinto, como também na Galácia (Gl 1.15; 2.10), não queriam aceitar Paulo como apóstolo genuíno. Mas ele não só era apóstolo genuíno, como tinha verdadeiramente visto o Senhor na estrada de Damasco (At 9.1-9; 22.6-16; 26.12-18). Além disso, os crentes coríntios eram o resultado do ministério de Paulo no (e pelo) Senhor. Aqueles que não tinham experimentado o ministério de Paulo poderiam não reconhecê-lo como apóstolo, mas os crentes coríntios seguramente deveriam. Da mesma maneira que um selo atestava que um documento era genuíno, assim eles eram o selo, isto é, "a prova real"[27] que atestava a autenticidade do apostolado de Paulo (e o ministério apostólico, com sua manifestação dos dons e poder do Espírito Santo) dado pelo Senhor e exercido nEle.

2. Os direitos dos pregadores 9.3-14

> 3 Esta é a minha defesa para com os que me condenam. 4 Não temos nós direito de comer e de beber? 5 Não temos nós direito de levar conosco uma mulher irmã, como também os demais apóstolos, e os irmãos do Senhor, e Cefas? 6 Ou só eu e Barnabé não temos direito de deixar de trabalhar?

Paulo disse que não exerceria seu direito de comer comida oferecida aos ídolos. Mas os outros ainda o julgavam porque ele não agia como os outros apóstolos (que pode abranger os 72 como também os 12; note o quanto as passagens de Lc 9.1-5 e 10.1,7,11,19 são paralelas).

As perguntas dos versículos 4 e 5 exigem uma resposta positiva. Como os outros apóstolos, ele tinha o direito de pedir comida e bebida nas assembléias locais. Ele tinha o direito de ser casado e levar uma mulher crente junto consigo em suas viagens missionárias. Os outros apóstolos, os irmãos de Jesus e Pedro tinham, e as assembléias os apoiavam. Mas Paulo de boa vontade abriu mão desses direitos apostólicos.

Contudo, Paulo e Barnabé pareciam ser os únicos que tinham de trabalhar para viver (e sustentar os seus ministérios). Paulo passava a manhã em seu comércio de fabricação de tendas para sustentar-se a si mesmo e à sua equipe evangelística (At 18.3; 1 Co 4.12; 1 Ts 2.9; 2 Ts 3.7-9). Provavelmente, Apolo e os outros aceitavam sustento dos crentes coríntios. Os coríntios podem ter pensado que Paulo e Barnabé estavam fazendo algo de errado para trabalharem numa ocupação secular em vez de dedicarem tempo integral à obra do Evangelho.

> 7 Quem jamais milita à sua própria custa? Quem planta a vinha e não come do seu fruto? Ou quem apascenta o gado e não come do leite do gado? 8 Digo eu isso segundo os homens? Ou não diz a lei também o mesmo? 9 Porque na lei de Moisés está escrito: Não atarás a boca ao boi que trilha o grão. Porventura, tem Deus cuidado dos bois? 10 Ou não o diz certamente por nós? Certamente que por nós está escrito; porque o que lavra deve lavrar com esperança, e o que debulha deve debulhar com esperança de ser participante. 11 Se nós vos semeamos as coisas espirituais, será muito que de vós recolhamos as carnais?

Para pôr em relevo o fato de que ele (como também os outros apóstolos e ministros) tinha o direito de esperar que as assembléias locais o sustentassem, de modo que não tivesse de trabalhar secularmente para viver, Paulo faz uma série de perguntas que exigem uma resposta negativa. Ninguém servia como soldado às próprias custas. Ninguém plantava uma vinha e não comia as uvas. Ninguém apascentava o gado e não bebia o leite.

Tratava-se de bom senso, mas Paulo não estava dependendo somente do ponto de vista da sabedoria humana. Ele apelou para as Escrituras.

A lei dizia o mesmo quando proibia atar a boca do boi que estava trilhando o grão (numa eira; Dt 25.4). Alguns podem ter respondido que o versículo só se aplicava a bois. Mas Paulo reconheceu um princípio que Deus aplicou aos bois, porque se aplica também a nós. O princípio se aplica ao lavrador que tornou possível o plantio do grão e ao debulhador que de fato torna o grão disponível para o alimento humano. É direito de ambos esperar uma parte da colheita.

Mas Jesus enviou os apóstolos para uma colheita maior, uma colheita espiritual (Jo 4.35,36). A próxima pergunta requer a mesma resposta lógica. Paulo semeou a semente espiritual entre os crentes coríntios. Uma colheita material (suprindo as necessidades de comida, vestuário e outras despesas) não devia ser muito de se esperar deles.

> 12 Se outros participam deste poder sobre vós, por que não, mais justamente, nós? Mas nós não usamos deste direito; antes, suportamos tudo, para não pormos impedimento algum ao evangelho de Cristo. 13 Não sabeis vós que os que administram o que é sagrado comem do que é do templo? E que os que de contínuo estão junto ao altar participam do altar? 14 Assim ordenou também o Senhor aos que anunciam o evangelho, que vivam do evangelho.

Os crentes coríntios reconheciam que os outros tinham o direito de tal sustento. Evidente que Paulo e sua equipe de missionários também o mereciam ou até mais. Contudo Paulo não usava deste direito. Ele admitia que pedi-lo poderia dificultar a expansão do Evangelho. Ele e seus companheiros de ministério estavam dispostos a suportar qualquer coisa a fazer isso.

Mas o ato de Paulo não reivindicar sustento material não muda o fato de que é certo para as assembléias locais sustentarem seus ministros. Quando Paulo disse: "Não sabeis vós", ele quer dizer que eles sabiam ("Claro que vocês sabem...", NCV). Até os sacerdotes pagãos eram sustentados pelo que era levado aos templos dos ídolos. Além disso, o Antigo Testamento mostra que os sacerdotes levíticos comiam do templo do Senhor e de suas ofertas como, por exemplo, as ofertas alçadas (Lv 7.28-36; Nm 18.8-20). O mesmo princípio aplica-se aos pregadores do Evangelho, não apenas por causa dos exemplos do Antigo Testamento, mas também porque o Senhor o ordenou, isto é, os apóstolos não deviam tomar tempo da pregação do Evangelho para fazer outro trabalho (cf. At 6.1-4). Isto incluía o discipulado (Mt 28.19,20) e o aperfeiçoamento dos crentes; o Senhor escolheu alguns para apóstolos, profetas, evangelistas, pastores e mestres para esse mesmo fim (Ef 4.11-16).

Devemos nos lembrar de que Paulo não estava incentivando um profissionalismo que trata o ministério tão-somente como outra maneira de ganhar dinheiro, em vez de subordinar tudo à promoção do Evangelho.

3. Paulo não fez uso dos seus direitos 9.15-18

> 15 Mas eu de nenhuma destas coisas usei e não escrevi isso para que assim se faça comigo; porque melhor me fora morrer do que alguém fazer vã esta minha glória. 16 Porque, se anuncio o evangelho, não tenho de que me gloriar, pois me é imposta essa obrigação; e ai de mim se não anunciar o evangelho! 17 E, por isso, se o faço de boa mente, terei prêmio; mas, se de má vontade, apenas uma dispensação me é confiada. 18 Logo, que prêmio tenho? Que, evangelizando, proponha de graça o evangelho de Cristo, para não abusar do meu poder no evangelho.

Por causa da situação em Corinto, Paulo enfatiza mais uma vez que não usou de nenhum desses direitos. Ele quer que os crentes coríntios entendam que ele está declarando estes princípios para o benefício das assembléias locais e seus ministros em geral. Ele não está pedindo que lhe enviem sustento material.

Paulo está tão preocupado com a sua "glória" de não buscar sustento material para não dificultar a pregação do Evangelho, que preferiria morrer a ser privado dessa glória. Ele quer dizer que escolheria morrer a dificultar a expansão do Evangelho.

No entanto, quando se trata de pregar o Evangelho, ele não pode se gloriar, porque lhe "é imposta essa obrigação". Ele sente uma compulsão interior (que sem dúvida vinha da comissão que Jesus lhe dera na estrada de Damasco, uma comissão confirmada por Ananias como também pelo Espírito Santo; At 9.6,15,16). Ele deve ter se sentido como Amós, quando disse: "Bramiu o leão, quem não temerá? Falou o Senhor JEOVÁ, quem não profetizará?" (Am 3.8), ou como Jeremias, ao dizer que a palavra de Deus "foi no meu coração como fogo ardente, encerrado nos meus ossos; e estou fatigado de sofrer e não posso" (Jr 20.9). Paulo não pretendia pregar o Evangelho quando partiu tomando a estrada de Damasco. Se de boa vontade tivesse decidido por si mesmo pregar o Evangelho, ele teria tido recompensa. Mas ele não o fazia por vontade própria. Estava apenas

satisfazendo um encargo que Jesus lhe tinha entregue (quando Ele o chamou para ser apóstolo aos gentios).

Isso não quer dizer que Paulo não tinha recompensa. Era-lhe recompensador pregar o Evangelho, oferecendo-o "livre de custos", não reivindicando seus direitos de sustento material por pregar o Evangelho.

4. A LIDERANÇA SERVIL DE PAULO 9.19-22

> 19 PORQUE, SENDO LIVRE PARA COM TODOS, FIZ-ME SERVO DE TODOS, PARA GANHAR AINDA MAIS. 20 E FIZ-ME COMO JUDEU PARA OS JUDEUS, PARA GANHAR OS JUDEUS; PARA OS QUE ESTÃO DEBAIXO DA LEI, COMO SE ESTIVERA DEBAIXO DA LEI, PARA GANHAR OS QUE ESTÃO DEBAIXO DA LEI. 21 PARA OS QUE ESTÃO SEM LEI, COMO SE ESTIVERA SEM LEI (NÃO ESTANDO SEM LEI PARA COM DEUS, MAS DEBAIXO DA LEI DE CRISTO), PARA GANHAR OS QUE ESTÃO SEM LEI. 22 FIZ-ME COMO FRACO PARA OS FRACOS, PARA GANHAR OS FRACOS. FIZ-ME TUDO PARA TODOS, PARA, POR TODOS OS MEIOS, CHEGAR A SALVAR ALGUNS.

Paulo trata agora de outro aspecto de sua liberdade que deveria servir-nos de exemplo. Embora fosse um homem livre, não pertencente a nenhum ser humano, ele era livre para fazer-se de "servo [escravo] de todos". Um escravo não tinha direitos. Um escravo tem de servir a seu senhor. Assim, Paulo tomou o lugar de escravo e não reivindicou direito algum para que pudesse "ganhar ainda mais" para o Senhor.

Isso incluía abrir mão do direito de seguir seus próprios costumes e liberdades. Sua estratégia missionária era, tanto quanto possível, seguir os costumes daqueles que o cercavam, ou seja, sempre que ao agir desse modo não fosse contrário à Palavra de Deus ou aos princípios do Evangelho. Assim, quando estava com os judeus, ele vivia como judeu (o que implicaria em comer comida *kosher*,[28] não comer carne de porco, etc.). Paulo não fazia coisas que os chocassem ou os antagonizassem, porque queria ganhá-los para Cristo.

Ele deixa esse ponto mais claro: Embora não estivesse "debaixo da lei" (de Moisés), ele não estava sem lei. Ele tinha cuidado de seguir o que a lei exigia, de forma que ganhasse os judeus que ainda se consideravam estar debaixo da lei.

Para os gentios que não tinham conhecimento da lei de Moisés, ele não fez questão das coisas que os "judaizantes" teriam insistido. Ele seguia a maneira dos gentios fazerem as coisas, por exemplo, comendo a

comida deles (embora não estivesse sem lei, mas mantendo-se debaixo da lei de Deus, que Cristo revela, a lei que Paulo chama "a lei de Cristo"). Em outras palavras, ele não tomava parte nos costumes pagãos idólatras, mas guardava a lei de Deus — não como meio de ganhar a salvação, mas como expressão do amor cristão por uma pessoa que vive no Espírito.

Então, "para os fracos" (por exemplo, para os que tinham uma consciência fraca, cheia de escrúpulos, veja 1 Co 8.9-12; cf. Rm 15.1,2) ele se fazia "como fraco", não mostrando sua força espiritual que lhe permitia fazer coisas que eles não podiam fazer, pois queria ganhá-los. Em todos estes casos, Paulo queria ganhá-los para Cristo e não para as formas e cerimônias religiosas.

Paulo resume esta questão dizendo que se fazia (e continuava se fazendo) "tudo para todos" na esperança de "salvar alguns" (o que incluía discipulá-los, incentivando um estilo de vida cristão, enfocando a esperança deles em Jesus). Este tipo de servidão "é um dos temas mais importantes da Bíblia".[29] Que exemplo de liderança servil Paulo tinha!

5. A AUTODISCIPLINA DE PAULO, 9.23-27

> [23] E EU FAÇO ISSO POR CAUSA DO EVANGELHO, PARA SER TAMBÉM PARTICIPANTE DELE. [24] NÃO SABEIS VÓS QUE OS QUE CORREM NO ESTÁDIO, TODOS, NA VERDADE, CORREM, MAS UM SÓ LEVA O PRÊMIO? CORREI DE TAL MANEIRA QUE O ALCANCEIS. [25] E TODO AQUELE QUE LUTA DE TUDO SE ABSTÉM; ELES O FAZEM PARA ALCANÇAR UMA COROA CORRUPTÍVEL, NÓS, PORÉM, UMA INCORRUPTÍVEL. [26] POIS EU ASSIM CORRO, NÃO COMO A COISA INCERTA; ASSIM COMBATO, NÃO COMO BATENDO NO AR. [27] ANTES, SUBJUGO O MEU CORPO E O REDUZO À SERVIDÃO, PARA QUE, PREGANDO AOS OUTROS, EU MESMO NÃO VENHA DE ALGUMA MANEIRA A FICAR REPROVADO.

Embora Paulo não pedisse que a assembléia coríntia o sustentasse e não se interessasse em receber benefícios materiais, isto não significa que ele não tinha esperança de recompensas futuras. Ele vivia a vida de servo, escravo, por causa do progresso do Evangelho, esperando tomar parte em suas bênçãos.[30] O Evangelho são as Boas Novas, repletas de promessas de bênçãos presentes e futuras. Dessas bênçãos, Paulo estava especialmente preocupado com as promessas da glória futura (veja 2 Co 4.17).

Paulo trabalhava duro para cultivar, desenvolver e pôr em prática sua vida cristã e serviço ao Senhor. Ele compara este esforço a correr uma

corrida e a atletas em treinamento.[31] Alguns corredores não se preocupam em ganhar. Mas ninguém que participa de algo como os Jogos Olímpicos corre uma corrida de maneira descuidada. Todos correm com o intento de ganhar o prêmio. Devemos viver para Cristo com a mesma intensidade. Não apenas isso, devemos estar em rígido treinamento sob a direção do Espírito Santo. Não temos tempo para desperdiçar em buscas frívolas, prejudiciais ou pecaminosas, se desejamos ganhar o prêmio, o "Bem está" de nosso Senhor e a coroa da justiça que Ele tem para nós (Mt 25.21,23; 2 Tm 4.8).

Isto significa cooperar com o Espírito em santificação, desenvolvendo o fruto do Espírito, especialmente a temperança (ou autocontrole), e erradicando maus hábitos e pecados. "Esse texto tem muito a dizer aos protestantes de hoje, que não trabalham com muito afinco para desenvolver a vida cristã. Fala especialmente a alguns carismáticos que não têm o último fruto do Espírito, a temperança".[32]

Para o apóstolo Paulo isto significava que ele corria "não como a coisa incerta". Ele mantinha diante de si as metas dadas por Deus. Não lutava a batalha contra o pecado, o mal e a incredulidade por meio de esforços humanos fortuitos. Ele mirava onde o Espírito o dirigia.

Acima de tudo, ele não deixava que os desejos carnais do corpo físico o dominassem. Isto era um perigo para os que comiam nos templos dos ídolos, pois seus rituais incentivavam a imoralidade. A palavra grega *hupōpiazō* era termo usado por pugilistas que causam um olho roxo. Paulo quer dizer que tratou seu corpo com disciplina severa e o fez seu escravo, de forma que o corpo obedecesse o desejo que ele tinha de servir a Cristo e para Ele alcançar vitórias. Ele sabia que se falhasse nesta área, toda a sua pregação aos outros não importaria em nada: seria desqualificado para o prêmio e rejeitado (gr. *adokimos*).

Paulo está se referindo a mais que perder recompensas. A palavra *adokimos* é usada em outra passagem para se referir às mentes depravadas dos pecadores (Rm 1.28) e aos falsos mestres que estão indo para o inferno e arrastando outros consigo (Tt 1.15,16). A Septuaginta usa o termo para aludir às pessoas que se tornaram escória, boas tão-somente para serem lançadas no montão de escória ou depósito de lixo (Is 1.22). Paulo poderia perder tudo (Jo 15.6; Rm 11.17-21; Gl 5.4; 1 Tm 1.19; 4.1; 2 Tm 2.12; Hb 3.12).[33] Ele estava plenamente cônscio da excedente pecaminosidade do pecado e de seus drásticos resultados. O aviso aqui é real e não devemos deixar que as pressuposições calvinistas nos levem a ignorá-lo ou suavizá-lo (cf. os avisos que Jesus deu em Lc 21.34,36).

Os verbos "corro, [...] combato, [...] subjugo" estão no tempo presente em grego e indicam ação contínua. Paulo mantinha-se em treinamento. "O fruto do Espírito, que é a temperança, não é um luxo a ser desfrutado

por uma elite entre os cristãos; é uma realidade na vida de todo aquele que foi reivindicado por Cristo. Por conseguinte, ser cristão é ser autocontrolado todo o tempo."[34] Por outro lado, devemos ser cuidadosos em não depender de boas obras ou da força de vontade humana em vez de depender de Cristo e do Espírito Santo. Nem devemos buscar um estilo de vida monástico que nos afaste dos assuntos cotidianos. Paulo dá o exemplo quando diz: "Uma coisa faço, e é que, esquecendo-me das coisas que atrás ficam e avançando para as que estão diante de mim, prossigo para o alvo, pelo prêmio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus" (Fp 3.13,14).

D. Exemplos da história de Israel 10.1-13

1. O desagrado de Deus para com a maioria que atravessou o mar Vermelho 10.1-5

> [1] Ora, irmãos, não quero que ignoreis que nossos pais estiveram todos debaixo da nuvem; e todos passaram pelo mar, [2] e todos foram batizados em Moisés, na nuvem e no mar, [3] e todos comeram de um mesmo manjar espiritual, [4] e beberam todos de uma mesma bebida espiritual, porque bebiam da pedra espiritual que os seguia; e a pedra era Cristo. [5] Mas Deus não se agradou da maior parte deles, pelo que foram prostrados no deserto.

Como ilustração para enfatizar o fato de que o povo de Deus, remido e cheio do Espírito, pode perder, não ganhar o prêmio e ser rejeitado (no caso dos crentes coríntios, se eles persistissem em comer nos templos dos ídolos), Paulo volta-se às Escrituras do Antigo Testamento. Ele os lembra de que os seus antepassados (que agora são "antepassados" espirituais de todos os que pela fé tornam-se filhos de Abraão, Gl 3.7-9) que passaram pelo mar Vermelho, foram levados a uma relação com Deus por Moisés (Êx 19.4). Eles eram guiados por Deus e tinham a esperança de entrar na Terra Prometida.

Paulo chama de batismo a libertação que tiveram, no sentido de que a nuvem de glória estava sobre eles e as águas do mar Vermelho estavam em ambos os lados, ao atravessarem.[35] Ela marcou sua identificação como povo de Deus liberto do Egito, da mesma maneira que o batismo teste-

munha nossa identificação com Jesus, que por meio da sua morte e ressurreição nos libertou do Egito de pecado. Além disso, a provisão que Deus lhes fez de maná e água da pedra era sobrenatural e, nesse sentido, espiritual e paralela à Ceia do Senhor.

A pedra não estava sobre rodas. A água saiu de uma pedra em Horebe (Êx 17.6) e de outra em Cades (Nm 20.11).[36] Mas a fonte do milagre era Cristo. Chamar Cristo de Pedra está em linha com as muitas vezes em que Deus é chamado de Pedra (ou Rochedo, ou Rocha, 1 Sm 2.2; 2 Sm 22.2,32,47; Sl 18.2; 19.14; 28.1; 31.3; 62.2; 71.3; 78.35; 94.22; etc.). Ele estava com eles em Horebe. Como também estava com eles em Cades e em todo o caminho.

Deus não aprovou a maior parte dos filhos de Israel. Em virtude do medo que eles tinham de gigantes e cidades muradas — conforme foram informados por dez dos doze espiões que foram enviados à Terra Prometida —, eles tinham dito que não entrariam. Assim, com exceção de Josué e Calebe, aqueles que tinham vinte anos ou mais quando os espiões voltaram com o relatório, nunca alcançaram a Terra Prometida. Seus ossos alvejaram no deserto (veja Nm 14.29,30).

2. Razões para o desagrado de Deus 10.6-10

> 6 E essas coisas foram-nos feitas em figura, para que não cobicemos as coisas más, como eles cobiçaram. 7 Não vos façais, pois, idólatras, como alguns deles; conforme está escrito: O povo assentou-se a comer e a beber e levantou-se para folgar. 8 E não nos prostituamos, como alguns deles fizeram e caíram num dia vinte e três mil. 9 E não tentemos a Cristo, como alguns deles também tentaram e pereceram pelas serpentes. 10 E não murmureis, como também alguns deles murmuraram e pereceram pelo destruidor.

A história no Antigo Testamento não existe apenas para satisfazer nossa curiosidade sobre os tempos antigos. O Espírito Santo inspirou tal registro, porque haveria lições para as gerações futuras, incluindo os coríntios e nós. Deus foi fiel em abençoar e julgar o povo de Israel. Assim, eles tornaram-se exemplos para nos advertir e nos impedir de cometer os pecados que cometeram. Deus sabia que precisaríamos de aviso.

Entre essas coisas depravadas e más que eles fizeram, incluía-se a idolatria, na qual o povo comportava-se de maneira desprezível em festas

pagãs (o que incluía orgias sexuais, junto com canto e dança) diante do bezerro de ouro que Arão fez (Êx 32.6,18,19). Moisés ordenou que os levitas executassem os líderes à espada, e três mil pessoas foram mortas. Em seguida, Deus enviou uma praga (Êx 32.25) que elevou o total para vinte e três mil mortos.[37]

Aqueles que morreram pelas "serpentes ardentes" foram as pessoas que haviam falado contra Deus e contra Moisés (Nm 21.5), o que era pecado, por colocar Deus em prova (cf. Êx 17.2). O livro de Números apresenta oito instâncias em que o povo murmurou ou reclamou. Paulo provavelmente tinha em mente Números 14.1-38 e Números 16.41, onde a murmuração trouxe julgamento divino, o qual Paulo entendeu que foi realizado pelo mesmo anjo destruidor que trouxe a praga dos primogênitos no Egito. A promessa de Deus era que se obedecessem, Ele não poria sobre eles as enfermidades, ou as pragas que havia posto sobre os egípcios (Êx 15.26). Mas ao deixarem de fazer o que era certo, Deus estava livre para enviar novamente aquele anjo destruidor.

Hoje, muitos adoram falsos deuses. A idolatria que substitui o único Deus verdadeiro por qualquer outra coisa leva hoje à corrupção, imoralidade e prazeres pagãos, da mesma forma que levava nos tempos bíblicos. As doutrinas da Nova Era também arrasam os valores bíblicos, ainda que usem algumas terminologias bíblicas. Embora Deus seja paciente e longânimo, Ele não tolera hoje a idolatria, o pecado e o falso ensino mais do que tolerava no passado.

3. Para aviso nosso 10.11-13

> [11] Ora, tudo isso lhes sobreveio como figuras, e estão escritas para aviso nosso, para quem já são chegados os fins dos séculos. [12] Aquele, pois, que cuida estar em pé, olhe que não caia.

Paulo enfatiza o que disse no versículo 6 sobre as histórias do Antigo Testamento terem sido feitas "em figura" (ou seja, servem como exemplo). Ele acrescenta que estas histórias são avisos — "para aviso nosso, para quem já são chegados os fins dos séculos". Com isso, ele inclui não somente os crentes coríntios, mas também todos os crentes da Era da Igreja. Todas as Eras precedentes levaram à primeira vinda de Cristo e à sua morte e ressurreição, o que inaugurou a Era da Igreja. Assim, esta constitui-se o cumprimento de tudo, a última Era que precede o reino milenar prometido, onde regeremos e reinaremos com Cristo. E estes avisos dados aos coríntios há quase dois mil anos "são ainda mais aplicá-

veis hoje. A sua vinda está realmente mais próxima do que quando primeiro cremos!"[38]

Quando consideramos as eras passadas, especialmente a história de fracassos do povo de Israel, este passado deveria servir-nos de aviso para não sermos superconfiantes. Mesmo que pensemos que estamos de pé, firmes, se não prestarmos atenção aos exemplos e avisos encontrados na Bíblia, ainda podemos cair. Que lembremos uns aos outros destas coisas e nos disciplinemos. Devemos ser cuidadosos em não imaginarmos que nunca vamos cair. Jesus deu muitos avisos semelhantes (por exemplo, Mt 24.45-51; 25.30). Os cristãos jovens podem se entregar às tentações e deixar que o desânimo e a depressão os levem a continuar na derrota e pobreza espirituais. Os cristãos mais velhos podem resistir às tentações, mas tornam-se complacentes ou até orgulhosos. Mas temos quem nos ajude. O Espírito Santo é um Espírito de poder, de amor e de autodisciplina (2 Tm 1.7). Também temos a garantia de 1 João 1.9: "Se confessarmos os nossos pecados [inclusive o orgulho e o autocontentamento], ele [Jesus] é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça". O crente, jovem ou velho, está vivo em Cristo e não precisa tornar-se escravo do pecado (Cl 2.13-15).

> [13] NÃO VEIO SOBRE VÓS TENTAÇÃO, SENÃO HUMANA; MAS FIEL É DEUS, QUE VOS NÃO DEIXARÁ TENTAR ACIMA DO QUE PODEIS; ANTES, COM A TENTAÇÃO DARÁ TAMBÉM O ESCAPE, PARA QUE A POSSAIS SUPORTAR.

Paulo não apenas nos avisa, ele também nos encoraja. Não estamos fadados a cair. Teremos tentações, testes e provas. Faz parte da condição humana desde que Adão e Eva caíram. Mas não precisamos cair. Temos um Deus que é fiel.[39] Ele não nos abandonará, nem nos deixará ser tentados além de nossa resistência, além do que podemos suportar.

A cada tentação nosso Deus fiel providenciará um escape — um resultado coroado de bom êxito, de modo que a possamos suportar. Ou seja, pelo fato de estarmos certos de que o Senhor está conosco e nos ajudará a vencer, podemos suportá-la em vez de nos entregarmos. Também temos de lembrar que a "tentação nunca deve ser confundida com o pecado. [...] Se tentação fosse pecado, Deus não providenciaria ajuda para suportá-la".[41]

Temos a garantia adicional de que Jesus sabe como nos sentimos. No Getsêmani, o seu fardo era quase insuportável, mas Deus enviou um anjo que o confortou (Lc 22.41-43). "Que encorajador este fato nos é quando nos confrontamos com as impossibilidades da vida. Com certeza podemos contar com Deus para enviar seus anjos 'para servir a favor daqueles que hão de herdar a salvação' (Hb 1.14)."[42]

E. Fuja da idolatria 10.14-22

> 14 Portanto, meus amados, fugi da idolatria. 15 Falo
> como a entendidos; julgai vós mesmos o que digo.
> 16 Porventura, o cálice de bênção que abençoamos
> não é a comunhão do sangue de Cristo? O pão
> que partimos não é, porventura, a comunhão do
> corpo de Cristo? 17 Porque nós, sendo muitos,
> somos um só pão e um só corpo; porque todos par-
> ticipamos do mesmo pão.

Talvez a maior tentação que afrontava os coríntios fosse a idolatria, especialmente a tentação de degustar a comida das festas em templos pagãos. Os crentes coríntios estavam cercados por templos de ídolos e por práticas idólatras nas casas de todos os vizinhos e parentes pagãos. Por isso Paulo diz: "Fugi!" Para nós, isto inclui recusar que qualquer coisa se coloque entre nós e o único Deus verdadeiro! O mandamento ainda é amar ao Senhor nosso Deus de todo o nosso coração, de toda a nossa alma, de todo o nosso entendimento e de todas as nossas forças (Mc 12.30).

Paulo quer que os coríntios, como pessoas sensatas, reflitam nessa questão por si mesmos. As perguntas de Paulo exigem uma resposta positiva. Na celebração da Ceia do Senhor, o cálice de bênção (gr. *eulogias*, "bênção, louvor") inclui ação de graças pela vida que temos em Cristo, porque Ele morreu. Ao participarmos do cálice, declaramos que participamos pela fé do sangue de Cristo, ou seja, dos seus benefícios: a salvação, o perdão e a purificação que Ele provê. O ato de participarmos do pão também simboliza a "comunhão do Corpo de Cristo", tanto nossa relação com Ele quanto nossa comunhão uns com os outros, uma comunhão que vence "todas as barreiras [sociais, econômicas, culturais, etc.]".[43] Da mesma maneira que um pão foi partido por Jesus durante a última Ceia, assim não há senão "um pão", um Corpo de Cristo. Os muitos crentes de todas as raças, nacionalidades, etnias e formações fazem parte de um Corpo e participamos de um pão, isto é, dos benefícios do seu corpo, que foi pregado na cruz por nós, dado livremente para nossa redenção.[44]

> 18 Vede a Israel segundo a carne; os que comem os
> sacrifícios não são, porventura, participantes do
> altar? 19 Mas que digo? Que o ídolo é alguma coi-
> sa? Ou que o sacrificado ao ídolo é alguma coisa?

> 20 Antes, digo que as coisas que os gentios sacrificam, as sacrificam aos demônios e não a Deus. E não quero que sejais participantes com os demônios. 21 Não podeis beber o cálice do Senhor e o cálice dos demônios; não podeis ser participantes da mesa do Senhor e da mesa dos demônios. 22 Ou irritaremos o Senhor? Somos nós mais fortes do que ele?

Para dar mais ênfase ao fato de que eles têm de fugir da idolatria, Paulo destaca que os israelitas que participavam dos sacrifícios, como as ofertas alçadas, participavam em tudo o que o altar significava (cf. Dt 12.7). Paulo ainda tem em mente a tentação de participar das festas em templos pagãos. Embora os sacrifícios aos ídolos e os próprios ídolos não sejam nada, ainda assim é perigoso participar delas.

Por trás da adoração aos ídolos, e incentivando-a, estão os demônios. Assim, os sacrifícios oferecidos aos ídolos são na verdade oferecidos aos demônios, mesmo que os ofertantes não o saibam. Há uma hierarquia inteira de demônios contra os quais temos de nos posicionar (Ef 6.10-18). Paulo não queria que os coríntios fossem participantes com os demônios, nem nós devemos. De fato, é uma impossibilidade beber corretamente o cálice do Senhor e à mesma mesa beber o cálice dos demônios. Colocando em palavras mais claras, ninguém pode participar da Ceia do Senhor de certo modo que verdadeiramente o lembre e o honre, e também participar dos banquetes nos templos pagãos, pois fazendo assim, eles estão se identificando com os demônios que promovem a idolatria.

Paulo sentia que alguns diziam que não tinham medo de participar dos banquetes pagãos. Eles acreditavam que eram espiritualmente fortes o bastante para fazê-lo e não deixar que isso afetasse a sua relação com o Senhor. Paulo, com efeito, pergunta-lhes o que pensam que estão fazendo e quem eles pensam que são? O Antigo Testamento lembra Israel vezes sem conta que Deus é um Deus ciumento. Ou seja, Ele quer todo o seu amor, toda a sua devoção, toda a sua adoração, porque só Ele é Deus e só Ele pode abençoá-lo e ajudá-lo. Ao irem aos banquetes idólatras, os coríntios estavam agindo como se quisessem incitar o ciúme de Deus. Se eles pensam que são fortes, descobrirão que não são tão fortes quanto Deus. O julgamento está implícito.

A lição de Paulo aqui certamente tem uma aplicação aos cristãos que pensam que podem participar da idolatria moderna — a astrologia, o ocultismo, a cultura das drogas e as práticas pecadoras que estas coisas encorajam —, sem que isto afete sua relação com Deus. O julgamento de

Deus virá sobre eles cedo ou tarde. Todas essas coisas, incluindo os milagres ou eventos sobrenaturais que eles produzem, falam com a voz "de Satanás e seus demônios".[45]

F. Busque o proveito dos outros 10.23 — 11.2

> 23 Todas as coisas me são lícitas, mas nem todas as coisas convêm; todas as coisas me são lícitas, mas nem todas as coisas edificam. 24 Ninguém busque o proveito próprio; antes, cada um, o que é de outrem.

"Todas as coisas me são lícitas" parece uma citação do que alguns dos líderes coríntios diziam. Porque eram livres da lei de Moisés, eles pensavam que eram livres para fazer tudo o que desejassem. Paulo modifica de três modos o que eles diziam. Nem todas as coisas "convêm" (são benéficas ou úteis). Nem todas as coisas "edificam". Nem tudo na verdade edifica ou constrói espiritualmente.

Aqueles que diziam que todas as coisas são lícitas só estavam pensando em si mesmos, no que queriam fazer, no que sentiam que era bom para eles ou o que faria algo por eles. Paulo mostra que isto é errado. Como cristãos, não devemos buscar nosso próprio proveito, mas o proveito dos outros (cf. Gl 6.10; Hb 13.16).

> 25 Comei de tudo quanto se vende no açougue, sem perguntar nada, por causa da consciência. 26 Porque a terra é do Senhor e toda a sua plenitude.

Paulo antecipa uma pergunta adicional. E quanto àqueles que não participam dos banquetes nos templos pagãos, mas comem a carne oferecida aos ídolos quando é vendida nos açougues? Sua resposta é que a comprem e a comam sem perguntar nada que leve uma pessoa a ter uma consciência culpada. Afinal de contas, a carne não pertencia aos ídolos. A terra e tudo o que nela há pertence ao Senhor. É por seu direito de criação e por quem Ele é (Sl 24.1; 50.12; 89.11,12). Além disso, temos sua permissão para comer carne (Gn 9.3). O abuso que o mundo faz dos dons de Deus não nos deve afastar do seu uso adequado.

> 27 E, se algum dos infiéis vos convidar e quiserdes ir, comei de tudo o que se puser diante de vós, sem nada perguntar, por causa da consciência. 28 Mas, se alguém vos disser: Isto foi sacrificado aos ídolos, não

> COMAIS, POR CAUSA DAQUELE QUE VOS ADVERTIU E POR CAUSA DA CONSCIÊNCIA; PORQUE A TERRA É DO SENHOR E TODA A SUA PLENITUDE. [29] DIGO, PORÉM, A CONSCIÊNCIA, NÃO A TUA, MAS A DO OUTRO. POIS POR QUE HÁ DE A MINHA LIBERDADE SER JULGADA PELA CONSCIÊNCIA DE OUTREM? [30] E, SE EU COM GRAÇA PARTICIPO, POR QUE SOU BLASFEMADO NAQUILO POR QUE DOU GRAÇAS?

Outra pergunta que Paulo antecipa é: "O que faremos se um incrédulo nos convidar para comer na casa dele?" Paulo quer que os crentes evitem o pecado e não os pecadores. Jesus comeu com os coletores de impostos e pecadores como também com os fariseus. Pode haver excelentes oportunidades para testemunhar durante e depois de uma boa refeição. Assim, os crentes devem comer de tudo o que é posto diante deles e não fazer pergunta alguma.

Há apenas uma exceção: "Se alguém vos disser: Isto foi sacrificado aos ídolos". Muitos interpretam que esse alguém seja um crente com consciência fraca e supersensível. Então, por causa do crente fraco e de sua consciência, pare de comer a comida em questão. Contudo, Paulo já indicou que o fato de a carne ter sido oferecida aos ídolos não é de nenhuma preocupação para o cristão (1 Co 10.25). Fee sugere que um pagão que conhecia os cuidados judaicos pensasse que estivesse ajudando o cristão ao dizer que a comida foi oferecida aos ídolos, e assim, em consideração à consciência moral dos pagãos sobre o que um cristão deveria fazer, o cristão deveria parar de comer a refeição.[46]

Mesmo assim, isso não deve afetar os crentes que têm uma fé forte e uma consciência forte. Nem devem deixar que alguém os julgue se escolherem comer. O que quer que Paulo comesse, ele agradeceria a Deus, então por quê alguém o denunciaria por isso? Paulo se recusa a permitir ser afetado pelas denúncias dos outros que poderiam considerá-lo como os fariseus fizeram com Cristo.

> [31] PORTANTO, QUER COMAIS, QUER BEBAIS OU FAÇAIS OUTRA QUALQUER COISA, FAZEI TUDO PARA A GLÓRIA DE DEUS. [32] PORTAI-VOS DE MODO QUE NÃO DEIS ESCÂNDALO NEM AOS JUDEUS, NEM AOS GREGOS, NEM À IGREJA DE DEUS. [33] COMO TAMBÉM EU EM TUDO AGRADO A TODOS, NÃO BUSCANDO O MEU PRÓPRIO PROVEITO, MAS O DE MUITOS, PARA QUE ASSIM SE POSSAM SALVAR.

Paulo conclui esta discussão enfatizando novamente duas coisas. Em primeiro lugar, o que quer que você coma, beba ou faça, faça "tudo

para a glória de Deus". Nossa adoração a Deus, nossa glorificação a Ele, não deve ser limitada pelo que fazemos nos cultos da igreja. Tudo deve ser feito em espírito de adoração a nosso Senhor, com o desejo de exaltá-lo.[47] Não devemos fazer nada que deprecie sua glória ou impeça que outros glorifiquem a Deus como Senhor, Salvador, Redentor e Amigo. Em segundo lugar, não faça nada que dê escândalo a alguém (ou faça alguém tropeçar ou se perder). Isso inclui os judeus, os gregos (os não cristãos, os pagãos), como também a igreja (a assembléia) de Deus.

Como encontramos em 1 Coríntios 9.19-23, Paulo quer agradar,[48] e não ofender, as pessoas que está tentando alcançar para Cristo e firmar como crentes maduros. Ele deseja que todos sejam salvos — não meramente convertidos, mas salvos com a salvação final que inclui nosso novo corpo, regência e reinado com Cristo, uma salvação que será nossa(em sua plenitude quando Jesus voltar outra vez.

> [1] SEDE MEUS IMITADORES, COMO TAMBÉM EU, DE CRISTO. [2] E LOUVO-VOS, IRMÃOS, PORQUE EM TUDO VOS LEMBRAIS DE MIM E RETENDES OS PRECEITOS COMO VOLOS ENTREGUEI.

O primeiro versículo do capítulo 11 pertence à soma do fim do capítulo 10. Paulo quer que os crentes exerçam sua vontade para se tornarem seus imitadores na proporção em que ele é imitador de Cristo.[49] Ele não quer dizer que é o exemplo perfeito, porém Cristo. Sua inocência; seu amor e compaixão; sua humildade, mansidão, paciência e misericórdia; sua preocupação pelas mulheres e crianças, pelos doentes e pobres; sua obediência à vontade do Pai ao sacrificar a si mesmo para a nossa salvação — tudo faz dEle o exemplo perfeito. Mais do que isso, Ele é "o resplendor da sua glória, e a expressa imagem da sua pessoa" (Hb 1.3). Ele é mais que nosso exemplo, naturalmente, porque é o Salvador e Senhor. Temos de lembrar que não podemos segui-lo ou mesmo imitar o que Paulo tem de Jesus até que Ele seja o nosso Senhor e Salvador pessoal.

Como introdução à próxima seção desta carta, Paulo elogia os crentes coríntios. Ele os louva sobretudo por manterem-se fiéis aos seus ensinos, exatamente como transmitiu-lhes, da mesma forma como recebera do Senhor (cf. 1 Co 11.23). Ele quer dizer que está elogiando-os por obedecerem esses ensinos. Paulo age assim, porque está muito interessado em que eles aceitem e obedeçam o ensino que ele está a ponto de ministrar.

No Apêndice B você encontrará perguntas para aprimorar seu estudo.

Notas

[1] Gordon D. Fee, "Tongues — Least of the Gifts?", *Pneuma* 2, n.º 2, Outono de 1980, p. 5.

[2] *Coiné*, que significa "comum", é termo usado do grego cotidiano dos tempos do Novo Testamento. Era a língua dos negócios, comércio e educação, e era o segundo idioma, depois do latim, comum em quase todo o Império Romano. O Novo Testamento foi escrito em coiné.

[3] Gordon D. Fee, "1 Corinthians 7.1 in the NIV", *Journal of the Evangelical Theological Society* 23, n.º 4, Dezembro de 1980, pp. 307-314.

[4] J. Carl Laney, "Paul and the Permanence of Marriage in 1 Corinthians 7", *Journal of the Evangelical Theological Society* 25, n.º 3, Setembro de 1982, p. 283.

[5] Donald S. Metz, "1 Corinthians", in: *The Beacon Bible Commentary*. Kansas City, Missouri, Beacon Hill Press, 1968, v. 7, p. 372.

[6] Isto deve incluir a oração uns pelos outros. Robert L. Brandt e Zenas J. Bicket. *O Espírito nos ajuda a Orar*. Rio de Janeiro, CPAD, 1996.

[7] Alguns acreditam que Paulo não era membro do Sinédrio, mas só votava nos tribunais das sinagogas locais. Veja F. F. Bruce. *Commentary on the Book of Acts*. Grand Rapids, William B. Eerdmans, 1954, p. 172, 173, nota 110, p. 490, nota 18.

[8] Ouvi o Dr. Merrill Tenney expressar esta opinião em 1942, numa aula que assisti na Gordon Divinity School.

[9] Jerome Murphy-O'Conner, "The Divorced Woman in 1 Corinthians 7.10-11", *Journal of Biblical Literature* 100, n.º 4, Dezembro de 1981, p. 604.

[10] Timothy P. Jenney, "O Espírito Santo e a Santificação", in: *Teologia Sistemática*, ed. Stanley M. Horton. Rio de Janeiro, CPAD, 1996, p. 427.

[11] Murphy-O'Connor, "The Divorced Woman", p. 605.

[12] Naqueles dias já era possível fazer uma operação cirúrgica para esse fim.

[13] Nas grandes cidades do Império Romano tanto quanto um terço da população era composta de escravos. J. D. Douglas, editor. *The New Bible Dictionary*. Grand Rapids, William B. Eerdmans, 1965, p. 1198.

[14] Gordon D. Fee. *The First Epistle to the Corinthians*. Grand Rapids, William B. Eerdmans, 1991, pp. 317, 318.

[15] Daniel B. Pecota, "A Obra Salvadora de Cristo", in: *Teologia Sistemática*, ed. Stanley M. Horton. Rio de Janeiro, CPAD, 1996, p. 357.

[16] Stanley M. Horton. *Nosso Destino: O Ensino Bíblico das Últimas Coisas*. Rio de Janeiro, CPAD, 1998, p. 18.

[17] Metz, "1 Corinthians", vol. 7, p. 385.

[18] Fred Fisher. *Commentary on 1 and 2 Corinthians*. Waco, Texas, Word Books, 1975, pp. 122-124.

[19] A palavra grega *gamizon*, no versículo 38, é provavelmente usada para se referir a uma variedade de coisas, e aqui não significa "dar em casamento", mas simplesmente "casar-se".

[20] Outros consideram que se trata de uma ironia, significando que ele podia dizer que tinha o Espírito Santo tanto quanto ou até mais que qualquer um que se opunha ao seu ensino. Veja Norman Hillyer, "1 and 2 Corinthians", in: *The New Bible Commentary*, editores D. Guthrie e J. A. Motyer, 3. ed. Grand Rapids, William B. Eerdmans, 1970, p. 1062.

[21] É provável que Paulo tivesse em mente a palavra hebraica *yadah*, que quer dizer "saber", "saber pessoalmente" ou "saber por experiência".

[22] Muitos comentaristas supõem que a carne era comprada no mercado e comida nas casas.

[23] A palavra grega *theos* pode ser traduzida por "deus" ou "Deus", "dependendo do contexto

literário. [...] Contudo, o uso desta palavra grega não faz de nenhuma maneira concessão à existência de outros deuses, visto que o contexto literário não é igual ao contexto espiritual". Russell E. Joyner, "O Único Deus Verdadeiro", in: *Teologia Sistemática*, ed. Stanley M. Horton. Rio de Janeiro, CPAD, 1996, p. 150.

[24] Ibid.

[25] Timothy Munyon, "A Criação do Universo e da Humanidade", in: *Teologia Sistemática*, ed. Stanley M. Horton. Rio de Janeiro, CPAD, 1996, pp. 227,228.

[26] Bruce R. Marino, "A Origem, Natureza e Conseqüências do Pecado", in: *Teologia Sistemática*, ed. Stanley M. Horton. Rio de Janeiro, CPAD, 1996, p. 290.

[27] David G. Clark, "Ephesians 4:7-16: The Pauline Perspective of Pentecost", in: *Faces of Renewal*, editor Paul Elben. Peabody, Massachusetts, Hendrickson Publishers, 1988, p. 134.

[28] Alimento preparado de acordo com a tradição judaica (N. do T.).

[29] A. C. George. *Dimensions of Spirituality*. Thiruvanmiyur, Chennai, Índia, Bethesda Communications, 1997, p. 59.

[30] Gordon D. Fee. *The First Epistle to the Corinthians*. Grand Rapids, William B. Eerdmans, 1991, p. 432.

[31] Os coríntios estavam familiarizados com estas coisas, visto que os jogos ístmicos ocorriam a cada dois anos perto de Corinto.

[32] Richard Lovelace, "Baptism in the Holy Spirit and the Evangelical Tradition", in: *Faces of Renewal*, editor Elbert, p. 212.

[33] Daniel B. Pecota, "A Obra Salvadora de Cristo", in: *Teologia Sistemática*, ed. Stanley M. Horton. Rio de Janeiro. CPAD, 1996, p. 378.

[34] John W. Sanderson. *The Fruit of the Spirit*. Phillipsburg, Nova Jersey, Presbyterian & Reformed Publishing Company, 1985, p. 140.

[35] Paulo enfatiza que "todos" foram batizados (1 Co 10.2). Compare com o versículo 5, que diz a "maior parte deles". Veja Fred Fisher. *Commentary on 1 and 2 Corinthians*. Waco, Texas, Word Books, 1975, p. 153.

[36] A tradição judaica diz mesmo que a correnteza que saía da pedra em Horebe os seguia. Veja Gordon D. Fee. *The First Epistle to the Corinthians*. Grand Rapids, William E. Eerdmans, 1991, pp. 447, 448.

[37] Alguns confundem isto com a praga em Sitim (Nm 25.9), onde vinte e quatro mil pessoas morreram. Paulo, porém, está se referindo ao pecado do bezerro de ouro, e fornece o total de mortos naquela ocasião. Veja Gleason L. Archer. *Encyclopedia of Bible Difficulties*. Grand Rapids, Zondervan Publishing House, 1982, pp. 141, 401.

[38] Stanley M. Horton. *Nosso Destino: O Ensino Bíblico das Últimas Coisas*. Rio de Janeiro, CPAD, 1998, p. 143.

[39] Veja Russell E. Joyner, "O Único Deus Verdadeiro", in: *Teologia Sistemática*, ed. Stanley M. Horton. Rio de Janeiro, CPAD, 1996, p. 136.

[40] A palavra grega *ekbasin* era às vezes usada para se referir ao encontro de uma passagem quando se está preso nas montanhas.

[41] Bruce R. Marino, "A Origem, Natureza e Conseqüências do Pecado", in: *Teologia Sistemática*, ed. Stanley M. Horton. Rio de Janeiro, CPAD, 1996, p. 288.

[42] Robert L. Brandt e Zenas J. Bicket. *O Espírito nos ajuda a Orar*. Rio de Janeiro, CPAD, 1996, p. 437.

[43] Michael L. Dusing, "A Igreja do Novo Testamento", in: *Teologia Sistemática*, ed. Stanley M. Horton. Rio de Janeiro, CPAD, 1996, p. 574.

[44] Não há base para a "comunhão fechada" como é praticada pela Igreja Católica Apostólica Romana e por algumas igrejas protestantes. A mesa é "a mesa do Senhor" e não a mesa de alguma denominação.

[45] John R. Higgins, "A Palavra Inspirada de Deus", in: *Teologia Sistemática*, ed. Stanley M. Horton. Rio de Janeiro, CPAD, 1996, p. 72.

[46] Fee, *First Epistle to the Corinthians*, pp. 483-487.

[47] Dusing, "A Igreja do Novo Testamento", in: *Teologia Sistemática*, p. 555.

[48] Isto não significa que Paulo procurava bajular a si mesmo, nem significa que ele tentava agradá-los ao tolerar o seu pecado. Ele não tentava ganhar a aprovação dos homens, ou agradar as pessoas de certo modo que não fosse agradável a Deus (Gl 1.10). Ele queria lhes mostrar que se interessava pelo bem-estar eterno deles.

[49] É possível que Paulo tenha em mente um exemplo limitado de Cristo, limitado à discussão de comer carne oferecida aos ídolos: Por exemplo, Cristo comeu com os pecadores sem pecar, Ele lembrou-se dos fracos na fé (Mt 12.20) e fez coisas por causa dos outros e não por causa de si mesmo (Jo 11.42).

V. Orientações para o culto 11.3-34

A. O decoro na oração e na profecia 11.3-16

> [3] Mas quero que saibais que Cristo é a cabeça de todo varão, e o varão, a cabeça da mulher; e Deus, a cabeça de Cristo.

A interpretação tradicional desta passagem diz que a "cabeça" significa autoridade ou governo. Outros a interpretam afirmando "que diz respeito principalmente ao conceito da honra, no sentido de que a cabeça é o assento da honra (cf. 1 Co 11.4,5). Assim como Cristo honrou a Deus, o homem deve honrar a Cristo e a mulher deve honrar o marido".[1] É mais provável que "cabeça" signifique "fonte de vida".[2] Paulo começa chamando a atenção a uma seqüência em que Deus Pai é a cabeça de Cristo, Cristo é a cabeça de todo homem e o homem é a cabeça da mulher. Isto é explicado com mais detalhes no versículo 8, que direciona nossa atenção para a criação.

Deus Pai e Cristo são inteiramente divinos. Eles são "coeternos, coiguais e coexistentes",[3] mas Jesus recebe do Pai (Jo 14.24) e vem do Pai (Jo 16.28). Assim, há uma "subordinação econômica" voluntária, ou subordinação funcional do Filho para com o Pai, na qual o Filho trabalha em unidade com o Pai.[4] Visto que Paulo faz distinção entre Cristo como "a cabeça de todo varão", mas o homem sendo "a cabeça da mulher" não pode significar que cada homem seja a cabeça de todas as mulheres. A referência é outra vez à ordem da criação, o homem (Adão) foi criado primeiro. Adão disse que Eva era "osso dos meus ossos e carne da minha

carne" (Gn 2.23), compartilhando da mesma essência.[5] Visto que "homem" e "mulher" pode significar marido e esposa, também há uma aplicação à situação em Corinto.

Aqueles que consideram que a cabeça significa autoridade, afirmam que a desobediência é insubordinação.[6] Contudo, Cristo não é inferior ao Pai, que é sua cabeça. Nem a mulher é inferior ao marido. "A palavra 'ajudante' (adjutora, Gn 2.18) é freqüentemente usada para referir-se a Deus (Êx 18.4) e não indica um estado inferior. Além disso, quando o Novo Testamento dá às esposas um papel de subordinação funcional aos seus maridos (Ef 5.24; Cl 3.18; Tt 2.5; 1 Pe 3.1), não se conclui necessariamente que as mulheres sejam inferiores aos homens, ou mesmo que as mulheres sejam funcionalmente subordinadas aos homens em geral (o padrão do Novo Testamento é que as esposas sejam subordinadas aos seus próprios maridos)".[7]

A relação entre marido e mulher não é comparável à do senhor e escravo, ou à do oficial e soldado, em alusão ao que segue uma ordem de submissão mútua advinda da reverência a Cristo. Efésios 5.21-33 a compara à relação entre Cristo e a Igreja. A parte do marido é amar sua esposa: entregar-se a ela para incentivá-la a ser santa (dedicada ao culto e serviço do Senhor), alimentá-la e cuidar dela, reconhecer seu valor, amá-la como o seu próprio corpo (como ele ama a si mesmo) e ser unido a ela. A parte da mulher é, em amor, submeter-se voluntariamente ao amor e incentivo dele e respeitá-lo. Assim, a esposa trabalha em unidade com o marido. Sua liderança deve ser a liderança de servo (Mt 20.25-28). Quando há submissão fundamental a Cristo, a liderança servil se seguirá facilmente.

> [4] TODO HOMEM QUE ORA OU PROFETIZA, TENDO A CABEÇA COBERTA, DESONRA A SUA PRÓPRIA CABEÇA. [5] MAS TODA MULHER QUE ORA OU PROFETIZA COM A CABEÇA DESCOBERTA DESONRA A SUA PRÓPRIA CABEÇA, PORQUE É COMO SE ESTIVESSE RAPADA. [6] PORTANTO, SE A MULHER NÃO SE COBRE COM VÉU, TOSQUIE-SE TAMBÉM. MAS, SE PARA A MULHER É COISA INDECENTE TOSQUIAR-SE OU RAPAR-SE, QUE PONHA O VÉU.

Embora homens e mulheres sejam igualmente livres para orar e profetizar em público na congregação, eles precisam considerar os costumes da época para não se desonrarem, implicando que estariam também desonrando a causa de Cristo. Na sociedade de Corinto, um homem que orasse ou profetizasse na assembléia com a cabeça coberta (com um pano) desonrava a própria cabeça.[8] Uma mulher que orasse ou profetizasse na assembléia com a cabeça descoberta,[9] desonrava a própria cabeça,[10] a ponto de não ser maior desonra se a mesma estivesse raspada. Obviamente, Paulo está falando sobre a cabeça física dela e não a do marido.

O princípio que está por trás do ato de cobrir a cabeça ainda é importante hoje. Como Don Stamps escreveu: "A mulher, ao vestir-se de maneira modesta e apropriada para a glória de Deus, ressalta a sua própria dignidade e valor que Deus lhe deu".[11]

> 7 O VARÃO, POIS, NÃO DEVE COBRIR A CABEÇA, PORQUE É A IMAGEM E GLÓRIA DE DEUS, MAS A MULHER É A GLÓRIA DO VARÃO. 8 PORQUE O VARÃO NÃO PROVÉM DA MULHER, MAS A MULHER, DO VARÃO. 9 PORQUE TAMBÉM O VARÃO NÃO FOI CRIADO POR CAUSA DA MULHER, MAS A MULHER, POR CAUSA DO VARÃO. 10 PORTANTO, A MULHER DEVE TER SOBRE A CABEÇA SINAL DE PODERIO, POR CAUSA DOS ANJOS.

Algo mais que costume humano está envolvido na relação marido e mulher. Paulo remonta à divina criação do primeiro homem e mulher para dar base bíblica.

O homem é a imagem e glória de Deus,[12] isto é, Deus criou Adão para ser santo como Ele é santo (cf. Ef 4.24) e para lhe dar louvor, honra e glória. A mulher foi criada como a glória de Adão, porque não era bom que ele estivesse só. Ele precisava dela como sua parelha e cônjuge. Isto é explicado quando diz que a mulher proveio do homem: Ele era sua "cabeça" — sua origem. "Portanto, ela não está subordinada a ele, mas lhe é necessária, [...] de forma que ele possa ser completo."[13]

Porque a esposa é a glória do marido, ela deve ter sinal de poderio, de autoridade (gr. *exousia*) sobre a cabeça. Alguns consideram que isto significa que ela deve usar um véu como sinal de que está sob autoridade; porém, a gramática grega indica que ela tem autoridade sobre a própria cabeça para fazer o que desejar ou escolher fazer.[14] Mas o que ela faz também deve ser "por causa dos anjos". O que isto significa não é explicado. Pode se referir a 1 Coríntios 6.3;, visto que as mulheres também tomarão parte no julgamento dos anjos, elas devem poder julgar o que fazer na questão de orar e profetizar com a cabeça coberta. Ou pode significar que elas julgavam-se espiritualmente como anjos, assim elas não precisavam dar atenção à distinção entre os sexos. Outra possibilidade é que porque os anjos se preocupam em honrar a Deus, eles "ficam perplexos diante da conduta dos crentes em desarmonia com a vontade de Deus".[15]

> 11 TODAVIA, NEM O VARÃO É SEM A MULHER, NEM A MULHER, SEM O VARÃO, NO SENHOR. 12 PORQUE, COMO A MULHER PROVÉM DO VARÃO, ASSIM TAMBÉM O VARÃO PROVÉM DA MULHER, MAS TUDO VEM DE DEUS.

"No Senhor", isto é, entre os crentes que estão em relação certa com o Senhor, nem o marido nem a mulher deve agir independentemente um do outro. Nenhum é auto-suficiente, nenhum tem o direito de tratar o outro com superioridade. Deus na verdade tirou a primeira mulher do primeiro homem. Mas desde então, todo homem nasce de uma mulher. Assim, a mulher não é inferior ao homem. Como marido e mulher, eles precisam um do outro. Mas Deus é o Criador, a fonte de toda a vida humana, macho e fêmea. Ambos foram criados segundo a sua imagem. Todos nós somos dependentes dEle. Ele é a verdadeira fonte da vida física e espiritual para todos nós.

> 13 JULGAI ENTRE VÓS MESMOS: É DECENTE QUE A MULHER
> ORE A DEUS DESCOBERTA? 14 OU NÃO VOS ENSINA A MES-
> MA NATUREZA QUE É DESONRA PARA O VARÃO TER CABELO
> CRESCIDO? 15 MAS TER A MULHER CABELO CRESCIDO LHE
> É HONROSO, PORQUE O CABELO LHE FOI DADO EM LUGAR
> DE VÉU. 16 MAS, SE ALGUÉM QUISER SER CONTENCIOSO,
> NÓS NÃO TEMOS TAL COSTUME, NEM AS IGREJAS DE DEUS.

Agora Paulo esclarece a base do seu argumento. Sem dúvida eles têm o bom senso de perceber que não é "decente" (apropriado, agradável, certo) que uma mulher ore a Deus em público com a cabeça descoberta. Se eles olhassem ao redor, veriam que na ordem natural das coisas[16] na sociedade em que viviam, o cabelo comprido era considerado desonra para os homens,[17] ao passo que para as mulheres era honroso. Isto também aponta para a necessidade da mulher ter, na sociedade da época, a cabeça coberta por um xale ou pano.

Para concluir este argumento, Paulo sugere que se alguém era "contencioso" a esse respeito e não cobrisse a cabeça, precisava prestar atenção aos costumes nas assembléias de Deus locais em todos os outros lugares. Assim, precisamos ter cuidado para que o nosso vestuário e as nossas ações não sejam contrários ao que as nossas assembléias de hoje consideram apropriado, para que não envergonhemos a nossa Cabeça, Cristo.[18]

B. O decoro na Ceia do Senhor 11.17-34

1. Dissensões manifestas 11.17-22

> 17 NISTO, PORÉM, QUE VOU DIZER-VOS, NÃO VOS LOUVO,
> PORQUANTO VOS AJUNTAIS, NÃO PARA MELHOR, SENÃO PARA
> PIOR. 18 PORQUE, ANTES DE TUDO, OUÇO QUE, QUANDO

> VOS AJUNTAIS NA IGREJA, HÁ ENTRE VÓS DISSENSÕES; E EM PARTE O CREIO. [19] E ATÉ IMPORTA QUE HAJA ENTRE VÓS HERESIAS, PARA QUE OS QUE SÃO SINCEROS SE MANIFESTEM ENTRE VÓS.

Paulo abriu este capítulo com elogios (1 Co 11.2), pois sabia que a maioria já estava seguindo as orientações sobre cobrir ou não a cabeça. Mas ele não tinha palavra de elogio para o modo como os coríntios estavam se reunindo "na igreja", uma assembléia de crentes, por causa das dissensões relatadas entre eles. Note a ironia do versículo 19. Em vez de elogiá-los, ele sarcasticamente lhes disse que era preciso que houvesse divisões entre eles, porque assim mostrariam quais grupos entre eles eram sinceros, ou seja, tinham a aprovação de Deus.

O livro de Atos enfatiza fortemente que os crentes se reuniam no mesmo lugar (At 2.1), em uma concordância de sentimentos. Eles eram um em comunhão genuína, um em propósito, um em seus louvores a Deus, um em sua devoção aos ensinos dos apóstolos (que hoje estão registrados no Novo Testamento), unidos em oração e cheios do Espírito Santo (At 2.42; 4.24,31; 5.12; cf. Fp 2.2). Onde não há este tipo de comunhão não temos uma igreja do Novo Testamento; não é o tipo de assembléia de crentes que o Novo Testamento chama de *ekklēsia*. Sem este tipo de comunhão não é diferente da multidão reunida num teatro ou num estádio de futebol. Sem esta verdadeira comunhão, a observância deles à Ceia do Senhor não era mais que mera representação teatral.[19] Sem esta comunhão, suas reuniões mais faziam mal do que bem: eles estavam fazendo mal uns aos outros. Estavam ofendendo o mundo exterior, que via suas dissensões e era repelido pela falta de amor.

> [20] DE SORTE QUE, QUANDO VOS AJUNTAIS NUM LUGAR, NÃO É PARA COMER A CEIA DO SENHOR. [21] PORQUE, COMENDO, CADA UM TOMA ANTECIPADAMENTE A SUA PRÓPRIA CEIA; E ASSIM UM TEM FOME, E OUTRO EMBRIAGA-SE. [22] NÃO TENDES, PORVENTURA, CASAS PARA COMER E PARA BEBER? OU DESPREZAIS A IGREJA DE DEUS E ENVERGONHAIS OS QUE NADA TÊM? QUE VOS DIREI? LOUVAR-VOS-EI? NISSO NÃO VOS LOUVO.

O que eles estavam observando não era realmente "a Ceia do Senhor". Ele a contrasta com as ceias em suas próprias casas, onde não mostrariam falta de hospitalidade ou consideração pelos outros.

Pelo fato de Jesus ter instituído a Ceia do Senhor em conexão com a refeição da Páscoa, os crentes coríntios continuavam a observá-la em

conexão com uma refeição, o que Judas 12 e alguns escritores mais recentes se referem a uma "festa de caridade [amor]". Cada um levava sua própria comida. O rico começava a comer com seus amigos ricos, sem esperar pelos retardatários, aqueles (sobretudo os escravos) que não podiam sair cedo o suficiente do trabalho para reunirem-se com os outros. Assim, o rico se empanturrava de comida e vinho com sua própria ceia[20] particular, enquanto os outros não tinham o bastante para satisfazer sua fome.

Também é possível que as diferenças em suas lealdades humanas se revelassem nesse tempo — um seguidor de Apolo, por exemplo, não compartilhava com um seguidor de Cefas. Porém, a divisão aqui parece ser entre os ricos e os pobres. Os ricos tinham casas próprias, onde podiam cear. Eles não precisavam menosprezar os crentes da assembléia de Deus e destruir a unidade da assembléia (cf. Gl 3.28; 5.21; Ef 5.18; Cl 3.11). A conduta deles mostrava que a ceia que observavam não podia ser identificada com a Ceia *do Senhor.*

2. As orientações do Senhor 11.23-26

> 23 Porque eu recebi do Senhor o que também vos ensinei: que o Senhor Jesus, na noite em que foi traído, tomou o pão; 24 e, tendo dado graças, o partiu e disse: Tomai, comei; isto é o meu corpo que é partido por vós; fazei isto em memória de mim.

Paulo lembra-lhes o que Jesus lhe contou em pessoa, possivelmente durante os três anos em que o apóstolo passou na Arábia (Gl 1.11,12,15-17). Mencionando a "noite em que [Jesus] foi traído" nos lembra que Judas estava presente. Paulo quer que os crentes coríntios lembrem-se de que um dos próprios discípulos de Jesus o traiu, algo que nós também temos de nos lembrar. Mas a presença de Judas não diminuiu o amor que enchia o coração de Jesus (veja Jo 13.1).

O dar graças também mostrou o seu amor por Deus Pai e também pelos discípulos. Depois Ele partiu o fino pão sem fermento e, usando linguagem metafórica, disse: "Isto é o meu corpo que é partido por vós".[21] Considerando que Jesus estava presente fisicamente, Ele quis dizer: "Isto representa o meu corpo". "Fazei isto" está no tempo presente contínuo: "Continuai fazendo isto" (até que Jesus venha outra vez; cf. Lc 22.19). Fazendo isto "em memória" de Cristo também aborda a aparente incapacidade dos coríntios em não se lembrarem de nada, além do seu apetite, quando reuniam-se para supostamente participar da Ceia do Senhor.

Aqueles que interpretam a Ceia do Senhor como se fosse um novo sacrifício de Cristo a cada vez que é observado, precisam prestar meticulosa atenção a Hebreus 9.26-28, que deixa claro que Cristo foi sacrificado "uma vez" por todas, em contraste com os repetidos sacrifícios necessários sob a lei. Assim, continuamos a celebrar a Ceia do Senhor em memória do seu sacrifício feito "uma vez" por todas na cruz, um sacrifício que foi por nós e em nosso lugar.

O termo traduzido por "memória" (gr. *anamnesis*) pode não significar o que você pensa. Considerando que hoje lembrar-se de algo é rememorar uma ocasião passada, o entendimento do Novo Testamento da palavra *anamnesis* é justamente o oposto. Tal recordação significava "transportar uma ação que está enterrada no passado de tal modo que sua potência e vitalidade originais não sejam perdidas, mas trazidas para o presente".[65] Tal conceito está refletido até no Antigo Testamento (cf. Dt 16.3; 1 Rs 17.18).

[65] Ralph P. Martin. *Worship in the Church*. Grand Rapids, William B. Eerdmans, 1964, p. 126.[22]

Então, toda vez que celebramos a Ceia do Senhor devemos "nos lembrar" de reivindicar de novo os benefícios da sua morte e ressurreição.

> 25 SEMELHANTEMENTE TAMBÉM, DEPOIS DE CEAR, TOMOU O CÁLICE, DIZENDO: ESTE CÁLICE É O NOVO TESTAMENTO NO MEU SANGUE; FAZEI ISTO, TODAS AS VEZES QUE BEBERDES, EM MEMÓRIA DE MIM. 26 PORQUE, TODAS AS VEZES QUE COMERDES ESTE PÃO E BEBERDES ESTE CÁLICE, ANUNCIAIS A MORTE DO SENHOR, ATÉ QUE VENHA.

A refeição da Páscoa se colocava entre a distribuição do pão e a tomada do cálice. "Este cálice" refere-se ao conteúdo do cálice que representava o novo concerto ("o Novo Testamento") posto em efeito pelo derramamento do sangue de Jesus (veja Hb 9.11,12,14,15,24,25), dessa forma tornando obsoleto o antigo concerto. Fazer isto seria um meio de chamar à memória o derramamento do seu sangue, o novo concerto e todas as suas bênçãos inclusas. Em outras palavras, a Ceia do Senhor não olha somente para trás, para o Calvário, olha para frente, para a consumação, quando pessoas de todas as nações, tribos, povos e línguas participarão das Bodas do Cordeiro (Mt 8.11; 22.10; Ap 7.9; 19.7-9).

Jesus não disse com que freqüência celebrar a Santa Ceia. A lei exigia a celebração da Páscoa somente uma vez por ano. Porém, alguns

supõem que a Ceia do Senhor deva ser observada toda vez que os crentes se reúnem. Outros sugerem que deva ser observada uma vez por semana ou uma vez por mês. Jesus não fez menção sobre a freqüência, exceto que deve ser feita "até que [Ele] venha", ou seja, até o tempo em que Ele vier para levar a Igreja no Arrebatamento. A única exigência é que enfoquemos nossa atenção nEle e que anunciemos a sua morte: Nosso próprio ato de participar anuncia para o mundo que nos identificamos com Cristo em sua morte, recebemos os benefícios do seu sangue derramado e somos novas pessoas nEle.

3. Participando indignamente 11.27-34

> 27 Portanto, qualquer que comer este pão ou beber o cálice do Senhor, indignamente, será culpado do corpo e do sangue do Senhor. 28 Examine-se, pois, o homem a si mesmo, e assim coma deste pão, e beba deste cálice. 29 Porque o que come e bebe indignamente come e bebe para sua própria condenação, não discernindo o corpo do Senhor. 30 Por causa disso, há entre vós muitos fracos e doentes e muitos que dormem.

O fato de não esperarem uns pelos outros e não terem comunhão genuína significava que eles participavam da Ceia do Senhor "indignamente". Isto significava que eram culpados de pecar contra o corpo e o sangue do Senhor, isto é, eles eram tão maus quanto os líderes judeus e os romanos que crucificaram a Jesus. Eles não reconheciam o que a cruz significava, nem mostravam o amor que Deus mostrou ao dar o seu Filho (Jo 3.16).

Paulo não diz que o crente deva abster-se de participar da Ceia do Senhor. Isso seria dizer ao mundo que você não crê no poder e eficácia do sacrifício de Cristo e do seu sangue derramado.[23] Mas os crentes têm de se examinar para ver se estão discernindo o corpo do Senhor. Por "corpo do Senhor", Paulo quer dizer o corpo de crentes, a assembléia local reunida (veja 1 Co 10.16,17).[24]

Em virtude do que é dito antes e depois desta passagem, é óbvio que Paulo está preocupado com a unidade do Corpo de Cristo, com o que ele quer dizer a unidade do corpo de crentes tendo Cristo como a Cabeça. Aqueles que permitiam dissensões entre o corpo não reconheciam os outros crentes como parte do Corpo de Cristo. Portanto, eles pecavam contra o corpo e comiam e bebiam para a própria condenação, ou seja,

invocavam condenação (gr. *krima*, "castigo") para si mesmos por suas atitudes erradas e comportamento desprovido de amor.

Estas atitudes e falta de amor já estavam trazendo condenação para muitos dos crentes coríntios na forma de fraqueza física, doença e até morte. "Não é provável que o esforço de obter a cura teria sido frutífero até que a causa fosse remediada".[25]

> 31 PORQUE, SE NÓS NOS JULGÁSSEMOS A NÓS MESMOS, NÃO SERÍAMOS JULGADOS. 32 MAS, QUANDO SOMOS JULGADOS, SOMOS REPREENDIDOS PELO SENHOR, PARA NÃO SERMOS CONDENADOS COM O MUNDO.

Se nos examinarmos e nos julgarmos, incluindo corrigir nossas atitudes e comportamentos, como também nossos motivos desprovidos de amor, não seremos julgados. Se não o fizermos, o Senhor nos julgará; não obstante, seu propósito não é nos destruir ou nos enviar para o inferno, mas nos disciplinar, como faz um pai amoroso com seu filho (Hb 12.7-11; cf. 1 Co 5.5; 1 Tm 1.20). Ele quer que nos arrependamos, vivamos vidas santas, cresçamos na graça e mostremos seu amor.[26]

Ele quer que respondamos como filhos obedientes e não rejeitemos sua disciplina. Como Hebreus 12.4-6 diz: "Ainda não resististes até ao sangue, combatendo contra o pecado. E já vos esquecestes da exortação que argumenta convosco como filhos: Filho meu, não desprezes a correção do Senhor e não desmaies quando, por ele, fores repreendido; porque o Senhor corrige o que ama e açoita a qualquer que recebe por filho" (cf. 1 Pe 4.12-19). Seria terrível rejeitar a disciplina do Senhor e ser julgado como rebelde e condenado ao lago de fogo junto com o resto do mundo.

> 33 PORTANTO, MEUS IRMÃOS, QUANDO VOS AJUNTAIS PARA COMER, ESPERAI UNS PELOS OUTROS. 34 MAS, SE ALGUM TIVER FOME, COMA EM CASA, PARA QUE VOS NÃO AJUNTEIS PARA CONDENAÇÃO. QUANTO ÀS DEMAIS COISAS, ORDENÁ-LAS-EI QUANDO FOR TER CONVOSCO.

Paulo conclui esta exortação referindo-se à festa de amor que incluía a celebração da Ceia do Senhor. Eles têm de esperar uns pelos outros, até que possam comer juntos em verdadeiro amor cristão e unidade do corpo. Esperar inclui a idéia de receber e dar as boas-vindas com franca expectativa. Para evitar a tentação de se empanturrar e desconsiderar os outros de certo modo a trazer a condenação de Deus, Paulo sugere que todo aquele que tem fome coma primeiro em casa. Isto também implica

que não é errado comer algo antes de participar da Ceia do Senhor; Paulo não exige que seja feito um jejum em preparação à Ceia.

A partir disto, é fácil perceber que Jesus ordenou a participação dos elementos do pão e do vinho (ou antes, do suco de uva, visto que Ele fala de "*fruto* da vide", Mt 26.29; Lc 22.18),[27] mas Ele não ordenou a repetição da Festa da Páscoa, nem pretendeu instituir uma festa de amor. Assim, não é necessário participar dos elementos da Ceia do Senhor em conexão com uma refeição. Contudo, ainda é muito importante o mesmo ato de receber e dar as boas-vindas uns aos outros, como também esperar uns pelos outros para entrarmos em unidade do Espírito no amor de Jesus, de forma que possamos nos concentrar em sua morte e nos benefícios do seu sangue derramado.

Paulo estava ciente de outras questões e problemas em Corinto; ele prometeu dar mais orientações relativas a estes assuntos quando fosse visitá-los. No momento, ele queria atender outras coisas que precisavam de correção — o abuso das línguas e um desequilíbrio nos dons do Espírito —, para que a igreja fosse edificada.

No Apêndice B você encontrará perguntas para aprimorar seu estudo.

NOTAS

[1] W. Harold Mare, "1 Corinthians", in: *The NIV Study Bible*, ed. Kenneth Barker. Grand Rapids, Zondervan Bible Publishers, 1985, p. 1748.

[2] Gordon D. Fee. *The First Epistle to the Corinthians*. Grand Rapids, William B. Eerdmans, 1991, p. 503.

[3] Kerry D. McRoberts, "The Holy Trinity", in: *Teologia Sistemática*, ed. Stanley M. Horton. Rio de Janeiro, CPAD, 1996, pp. 163,164.

[4] Ibid., p. 174.

[5] Timothy Munyon, "A Criação do Universo e da Humanidade", in: *Teologia Sistemática*, ed. Stanley M. Horton. Rio de Janeiro, CPAD, 1996, p. 245.

[6] James G. Sigountos e Myron Shank, "Public Roles for Women in the Pauline Church: A Reappraisal of the Evidence", *Journal of the Evangelical Theological Society* 26, n.º 3, Setembro de 1983, p. 284.

[7] Timothy Munyon, "A Criação do Universo e da Humanidade", in: *Teologia Sistemática*. ed. Stanley M. Horton. Rio de Janeiro, CPAD, 1996, pp. 255-257.

[8] Este costume mudou mais tarde. Hoje os judeus ortodoxos têm de usar um solidéu ou chapéu quando oram.

[9] "Descoberta" pode significar com os cabelos soltos, algo que as mulheres naquela época não faziam em público.

[10] Ou, pode significar que ela desonrava o próprio marido.

[11] Donald Stamps, ed. *Bíblia de Estudo Pentecostal*. Rio de Janeiro, CPAD, 1995, p. 1752.

[12] Para uma ótima discussão sobre a imagem de Deus nos seres humanos, veja Munyon, "A Criação do Universo e da Humanidade", in: *Teologia Sistemática*, pp. 257-260.

[13] Fee, *First Epistle to the Corinthians*, p. 517.

[14] Ibid., p. 520.

[15] Stamps, *Bíblia de Estudo Pentecostal*, p. 1752.

[16] Paulo não está se referindo ao que é chamado "Mãe Natureza", mas aos costumes naturais dos seus dias ou aos costumes herdados dos seus antepassados. Walter Bauer, *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature*, tradução para o inglês feita por Wilbur Gingrich e Frederick W. Danker, 2. ed. Chicago, University of Chicago Press, 1979, p. 869.

[17] Os artistas que pintam Jesus com cabelos compridos estão equivocados. Jesus não era nazireu. Paulo não teria dito isto se Jesus tivesse tido cabelos compridos. Os homens judeus e gentios usavam cabelos curtos nos dias do Novo Testamento. Registros antigos confirmam este fato.

[18] Robert L. Brandt e Zenas J. Bicket. *O Espírito nos Ajuda a Orar*. Rio de Janeiro, CPAD, 1996, p. 329.

[19] Eduard Schweizer, "The Service of Worship", *Interpretation* 13, n.º 4, Outubro de 1959, p. 401.

[20] "Embriaga-se" (gr. *merthuei*) não significa necessariamente ficar bêbado. Também pode significar "comer e beber até ficar plenamente satisfeito". Donald S. Metz, "1 Corinthians", in: *The Beacon Bible Commentary*. Kansas City, Missouri, Beacon Hill Press, 1968, v. 7, p. 418.

[21] A palavra "partido" não está nos melhores manuscritos antigos. Veja João 19.31-36. O seu corpo não foi partido; compare com Salmos 34.20.

[22] Michael Dusing, "A Igreja do Novo Testamento", in: *Teologia Sistemática*, ed. Stanley M. Horton. Rio de Janeiro, CPAD, 1996, p. 573.

[23] Lembro-me de observar um homem que se recusou a participar da Ceia do Senhor. Ele me disse que estava com medo de que pudesse ter feito algo de errado e participasse para sua própria condenação. Perguntei-lhe se estava guardando rancor contra alguém da assembléia ou se ele sabia de algum pecado que não tinha confessado. Ele respondeu: "Não". Então perguntei-lhe quanto tempo ele achava que levaria para o sangue cobri-lo. Então ele participou da Ceia, passou a crescer no Senhor e mais tarde um dos seus filhos se tornou diácono daquela igreja.

[24] Para uma discussão sobre o ponto de vista dos católicos, luteranos, zwinglianos e calvinistas acerca do Corpo de Cristo, veja Dusing, "A Igreja do Novo Testamento", in: *Teologia Sistemática*, ed. Stanley M. Horton, Rio de Janeiro, CPAD, 1996, pp. 573,574.

[25] Brandt e Bicket, *O Espírito nos ajuda a Orar*, p. 334.

[26] Veja comentários sobre 1 Coríntios 5.5.

[27] Veja Stamps, *Bíblia de Estudo Pentecostal*, pp. 1517, 1555.

VI. Os dons espirituais 12.1 — 14.40

A. Uma diversidade de dons concedidos e necessários 12.1-31

1. Não seja ignorante acerca dos dons espirituais 12.1-3

[1] Acerca dos dons espirituais,[1] não quero, irmãos, que sejais ignorantes. [2] Vós bem sabeis que éreis

GENTIOS, LEVADOS AOS ÍDOLOS MUDOS, CONFORME ÉREIS GUIADOS. [3] PORTANTO, VOS QUERO FAZER COMPREENDER QUE NINGUÉM QUE FALA PELO ESPÍRITO DE DEUS DIZ: JESUS É ANÁTEMA! E NINGUÉM PODE DIZER QUE JESUS É O SENHOR, SENÃO PELO ESPÍRITO SANTO.

Agora Paulo vai considerar outro novo tópico, os *pneumatikōn*, "as coisas espirituais", pelo qual ele se refere aos dons espirituais. Contudo, não é um tópico inteiramente novo. Ele ainda está preocupado com o fruto do Espírito, e já disse que aos crentes coríntios não lhes faltava nenhum dom espiritual, portanto ele não quer dizer que eles eram totalmente ignorantes acerca deste assunto. Mas há certos aspectos dos dons e de seu uso que os coríntios precisam entender melhor.

O que ele passa a dizer leva ao problema do abuso das línguas. Ao colocar o dom de línguas por último, ele não quer dizer que este item não seja importante — mas que "é o problema".[2]

Ele não questiona os dons em si. Eles são de Deus, sobrenaturalmente distribuídos pelo Espírito Santo. Mas precisavam ser exercidos com amor. Eles também precisavam ser exercidos de certo modo que honrasse a Jesus e o reconhecesse como Senhor. O Espírito Santo sempre quer honrar a Jesus. Ele é a Palavra viva que veio nos fazer conhecer o Pai (Jo 1.18). Agora que Jesus ascendeu à mão direita do trono do Pai, o Espírito Santo nos faz conhecer a Jesus.

O quanto isto é diferente do estado anterior em que viviam os crentes coríntios gentios, que tinham sido "levados aos ídolos mudos", aos ídolos pequenos ("as pequenas estátuas de bronze nas casas pagãs"[3]), que não podiam falar e não tinham nenhuma palavra para eles. "Conforme [são] guiados", indivíduos aparentemente sensatos ainda são levados à adoração pagã, mesmo à adoração de demônios, e isto está acontecendo até em nosso país.

Porque o Espírito sempre honra a Jesus, ninguém que fala pelo Espírito jamais dirá: "Jesus é anátema!" Um espírito demoníaco pode dizê-lo. Os falsos mestres com o espírito do Anticristo podem dizê-lo, tentando fazer uma diferença entre o homem Jesus e o Cristo espiritual (cf. 1 Jo 4.2,3). Mesmo alguns que entendiam mal os ensinos de Paulo sobre Cristo "fazendo-se maldição por nós" (Gl 3.13) podiam dizê-lo.[4] Ou, os cristãos desviados podem dizê-lo.[5] Qualquer que seja o caso, temos de entender que espíritos diferentes do Espírito Santo podem "inspirar" a expressão vocal de alguém (1 Jo 4.1).

Por outro lado, o Espírito Santo pode capacitar qualquer pessoa a dizer: "Jesus é o Senhor", isto é, o Senhor divino, o exaltado Rei dos reis e Senhor dos senhores (Rm 14.9; Fp 2.9-11). Muitos podem dizer as palavras somente para ouvir Jesus dizer: "Nunca vos conheci; apartai-vos de

mim, vós que praticais a iniqüidade" (Mt 7.22,23). Chamar Jesus de "Senhor" não faz sentido, a menos que o Espírito Santo torne Jesus o Senhor pessoal de nossa vida, de forma que estejamos inteiramente comprometidos com Ele como Senhor divino e verdadeiramente o amemos, sigamos e obedeçamos. Mas não precisamos ter medo.

Quando buscamos o Espírito Santo e seus dons e a Ele nos entregamos, Ele sempre honrará a Jesus e nos ajudará a mantermos Jesus no centro de nossa vida. Então, iremos "fazer a sua vontade em vez de seguir os nossos próprios planos e desejos, [...] à medida que o Espírito Santo começa a nos transformar segundo a imagem de Deus".[6]

2. A obra da Trindade 12.4-6

> [4] Ora, há diversidade de dons, mas o Espírito é o mesmo. [5] E há diversidade de ministérios, mas o Senhor é o mesmo. [6] E há diversidade de operações, mas é o mesmo Deus que opera tudo em todos.

A seguir, Paulo enfatiza que é necessário uma diversidade de dons. Mas é preciso que esta diversidade tenha a subjacente unidade da Trindade, à medida que o Pai, o Filho e o Espírito Santo cooperam para formar uma expressão harmoniosa que edifique a assembléia.

O Espírito Santo quer honrar a Jesus, não só chamando-o de Senhor, mas distribuindo uma "diversidade"[7] (diferentes tipos) de dons espirituais (gr. *charismata*, dons da graça livremente dados; cf. *charis*, "graça"). O único Espírito Santo é a fonte de todos eles. Semelhantemente, a diversidade de tipos de ministério ou serviço (gr. *diakoniōn*) tem sua fonte no único Senhor Jesus e os tipos diferentes de operações ou atividades (gr. *energēmatōn*) vêm do único Deus, que opera efetivamente em todos eles e em todos os crentes (veja Ef 3.20; Cl 1.29).

Os termos "dons", "ministérios", "operações" expressam aspectos similares dos dons e ministérios necessários para a edificação e aperfeiçoamento dos crentes. Embora cada um destes termos "esteja associado com um membro da Trindade Santa", todos "são operações do Espírito Santo (veja 1 Co 12.11)".[8] Assim, todos são manifestações do Espírito Santo (1 Co 12.11) e todos são dons do Espírito (1 Co 12.4). Na qualidade de "ministérios", os dons servem ao Senhor Jesus e ao seu Corpo, especialmente a assembléia local reunida. Na qualidade de "operações ou atividades", elas expressam o poder de Deus. Como destaca R. L. Brandt: "Nossa preocupação maior é ver Deus nos dons do que ver os dons nas *pessoas*".[9]

Que Deus trabalha em todos, ou seja, em cada crente (cf. Fp 2.13), mostra que Deus quer que todos — judeus e gentios — sejam canais para os dons carismáticos. Em última instância, é seu propósito tornar-se "tudo em todos" (gr. *ta panta en pasin*), quando a ressurreição e o arrebatamento trazerem o fim da alienação e da morte para todos os crentes (1 Co 15.25-28).

3. Distribuídos pelo Espírito para o que for útil 12.7-11

> 7 Mas a manifestação[10] do Espírito é dada a cada
> um para o que for útil.

Paulo dá três listas de dons neste capítulo (1 Co 12.8-10,28-30). Cada dom mencionado por ele parece algo que pode ser manifesto em uma diversidade de modos segundo a vontade do Espírito Santo. Alguns supõem que a primeira lista é completa e inclusiva. "Mas Paulo não diz: 'Estes *são* os dons do Espírito'. Ele simplesmente apresenta a lista, dizendo: 'Aqui está um dom dado pelo Espírito, eis outro dom dado pelo mesmo Espírito'."[11] Ele está enfatizando que todos os dons vêm do Espírito Santo. Ele é uma Pessoa infinita e podemos ter absoluta certeza de que tem uma provisão infinita para atender a cada necessidade.[12]

O Espírito Santo dá manifestações (revelações, meios pelos quais o Espírito Santo se faz conhecer abertamente)[13] para cada crente, mas não para o próprio benefício do indivíduo ou para alguma bênção que a pessoa possa reivindicar para si mesma. Nem Paulo quer dizer que cada crente *tem* um dom ou é "dotado".[14] O ponto é que todo dom que o Espírito Santo distribui é dado por meio de indivíduos "para o que for útil", para o bem comum, para o bem do corpo local como um todo. Os dons ajudarão a edificar a assembléia local, tanto espiritual quanto numericamente, da mesma maneira que os dons do Espírito Santo o fizeram no livro de Atos.

O Dr. Palma classifica estes dons como: "1) expressão vocal de sabedoria e expressão vocal de conhecimento; 2) fé, dons de curar e operações de milagres; 3) profecia, capacidade para distinguir entre espíritos, línguas e interpretação de línguas".[15] O Dr. Lim vê uma "divisão funcional" baseada no "uso de Paulo da palavra grega *heteros* ('outro de um tipo diferente')[:] duas vezes em 1 Coríntios 12.8-10 podemos ver os dons divididos em três categorias de dois, cinco e dois dons respectivamente".[16] Ele chama os dois primeiros dons de "Dons de Ensino (e de Pregação)"; os cinco seguintes de "Dons de Ministério (para a igreja e para o mundo)" e os últimos dois, "Dons de Adoração".[17] Contudo, não parece

que Paulo estava enfatizando algum tipo de classificação. Cada dom pode ser uma manifestação do Espírito Santo em uma diversidade de maneiras para atender uma diversidade de necessidades; assim, cada dom pode ser considerado como uma classe de dons a ser exercida uma de cada vez à medida que o Espírito dirige.

Neste ponto, Paulo não explica a natureza e uso destes dons. Ele está mais interessado em que as pessoas vejam a disponibilidade e a carência de uma diversidade destas manifestações extraordinárias e sobrenaturais. Todos os dons lhes informam que o Espírito está trabalhando no meio deles. Ele quer que eles vejam também que em toda a diversidade há um propósito único, o bem de todo o corpo de crentes. "Paulo está interessado nos resultados práticos que libertarão o Corpo de Cristo para o discipulado, evangelismo, unidade e semelhança de Cristo".[18]

> 8A PORQUE A UM, PELO ESPÍRITO, É DADA A PALAVRA DA SABEDORIA.

O primeiro dom que Paulo menciona é a "palavra [proclamação, declaração] da sabedoria". "Por meio deste dom, discernimento sobrenatural sobre a necessidade e [...] sobre a Palavra de Deus, traz a aplicação prática daquela Palavra para a necessidade ou problema em questão".[19] O Espírito não torna a pessoa sábia por meio deste dom, nem significa que a pessoa mais tarde não possa cometer erros (cf. o exemplo do rei Salomão que, no fim da vida, não só errou, mas pecou). É apenas uma mensagem dada para satisfazer a necessidade. Pode ser uma orientação para a assembléia (At 6.2-4; 15.13-21) ou sabedoria em como resistir aos adversários (Lc 21.15; cf. At 4.8-14,19-21; 6.9,10). É claro que vai além do bom senso e do melhor da sabedoria humana "e da preparação humana".[20] Paulo já deixou este item claro em 1 Coríntios 2.4-16. Veja também Provérbios 2.6: "Porque o Senhor dá a sabedoria, e da sua boca vem o conhecimento e o entendimento".

> 8B E A OUTRO, PELO MESMO ESPÍRITO, A PALAVRA DA CIÊNCIA.

A "palavra [proclamação, declaração] da ciência [ou do conhecimento]" é discernimento sobrenatural do que a Bíblia diz sobre Deus, Cristo e a vontade de Deus. Paulo disse: "Para que os seus corações [dos crentes em Colossos e Laodicéia que não tinham conhecido Paulo pessoalmente] sejam consolados, e estejam unidos em caridade e enriquecidos da plenitude da inteligência, para conhecimento do mistério de Deus — Cristo, em quem estão escondidos todos os tesouros da sabedoria e da ciência" (Cl 2.2,3).

Deus é aquEle que realiza isto. Seu propósito é dar "iluminação do

conhecimento da glória de Deus, na face de Jesus Cristo" (2 Co 4.6), de forma que espalhemos em todo o lugar o cheiro do conhecimento de Cristo (2 Co 2.14). Pelo Espírito, passamos a conhecê-lo melhor (Ef 1.17). Paulo pediu que Deus enchesse os colossenses "do conhecimento da sua vontade, em toda a sabedoria e inteligência espiritual" (Cl 1.9; veja também Rm 10.2; 1 Co 2.12,13; 1 Tm 2.4; Hb 10.26; Tg 3.13; 1 Pe 3.7; 2 Pe 1.5,8). O Espírito Santo é o Espírito da verdade que nos ensinará todas as coisas (Jo 14.26), testificará de Jesus (Jo 15.26) e nos guiará a toda a verdade (Jo 16.13).

Na casa de Cornélio, por exemplo, Pedro deu uma palavra da ciência, dizendo que o batismo com o Espírito, com a evidência de falar em línguas, era da aprovação de Deus para os gentios (At 10.47,48; veja também At 15.7-11). É óbvio que a palavra da ciência tem a ver com a verdade da Bíblia ou sua aplicação. E não com onde estão as coisas perdidas ou que pecado ou doença uma pessoa tem — embora Deus possa ajudar nestas situações. ? Certa contradição do Autor.

9A E A OUTRO, PELO MESMO ESPÍRITO, A FÉ.

"Outro" (gr. *heteros*) significa "outro de um tipo diferente". Em outro lugar nesta passagem, "outro" (gr. *allos*) significa "outro do mesmo tipo", por exemplo, outro crente (outro membro da assembléia local reunida). Paulo pode estar usando *heteros* aqui para marcar uma diferença nos dons antes e depois, em vez de significar um tipo diferente de crente. Possivelmente, a palavra da sabedoria e a palavra da ciência possam ser consideradas a comunicar luz e os cinco dons seguintes, a comunicar poder — não à inteligência, mas à vontade.[21] Ou ele pode estar apenas lembrando aos coríntios que nem todos serão usados em todos os dons. Ou pode ter colocado a palavra da sabedoria e a palavra da ciência à parte, porque os coríntios também foram associados com a sabedoria e a ciência natural, e precisavam destes dons de modo especial.

O dom da fé (1 Co 13.2) não é a fé salvadora, mas deve ser considerado como um dom que vai ajudar ou beneficiar todo o corpo local. Pode ser considerado como um dom especial da fé para uma necessidade particular. Alguns o definem como "a fé que move montanhas", trazendo manifestações incomuns ou extraordinárias do poder de Deus.[22] Mas da mesma maneira que a palavra da sabedoria é uma dotação específica de uma palavra para satisfazer a necessidade de sabedoria, assim o dom da fé pode ser uma dotação específica de fé para satisfazer a necessidade do corpo como um todo (cf. o que Paulo fez no meio de uma tempestade [At 27.25]). Já vi o Espírito Santo usar um hino, uma oração, um testemunho ou algo que entrou na mente do pregador para elevar o nível da fé do corpo local (veja 2 Co 3.6; Gl 3.2,5).

[9B] **E** A OUTRO, PELO MESMO ESPÍRITO, OS DONS DE CURAR.

"Dons" e "curar" ("curas") estão ambos no plural em grego. Isto pode indicar que há vários dons para curar vários tipos de doenças e enfermidades. Ou pode significar que o Espírito Santo quer usar uma variedade de pessoas para ministrar estes dons. Ou pode ter o sentido de que os dons do Espírito não curam somente um item da doença ou enfermidade, mas tudo o que esteja errado. Ele quer curar a pessoa completamente.

Também nos informa que ninguém pode dizer: "Eu tenho o dom de curar", como se este dom pudesse ser possuído e ministrado ao bel-prazer da pessoa. Cada cura necessita de um dom especial, que é dado não à pessoa que ministra o dom, mas por meio daquela pessoa para o indivíduo doente, de forma que Deus recebe toda a glória. Ele é quem cura (At 4.30).

Quando Pedro disse ao coxo à porta Formosa: "O que tenho, isso te dou" (At 3.6), "o que tenho" está no singular em grego e significa que o Espírito deu a Pedro um dom específico para o coxo. Pedro não tinha um reservatório de dons de curas. Ele tinha de receber do Espírito um novo dom para cada pessoa a quem ele ministrava. Esta verdade ainda permanece em nossos dias. Embora Tiago 5.14,15 nos diga que chamemos os presbíteros da igreja, se isso não é possível, o Espírito Santo pode usar qualquer membro do corpo para ministrar os dons de curas para o doente.

[10A] **E** A OUTRO, A OPERAÇÃO DE MARAVILHAS.

"Operação de maravilhas" (gr. *energēmata dunameōn*, "atividades da operação de maravilhas" ou "das operações de milagres" — outra vez dois plurais) sugere muitas variedades de milagres ou ações de poder grandioso e sobrenatural. O termo *energēmata* é muitas vezes usado para se referir à atividade divina (Mt 14.2; Mc 6.14; Gl 3.5; Fp 3.21) ou à atividade de Satanás (Ef 2.2; 2 Ts 2.7,9). Precisamos destes milagres poderosos para vencer Satanás, por exemplo, como ocorreu no julgamento da cegueira de Elimas, o encantador (At 13.9-11).[23] "A palavra grega traduzida por 'milagres' (gr. *sēmeion*) em João enfatiza seu valor de sinal para incentivar as pessoas a crer e continuarem crendo. O livro de Atos ressalta a continuação dessa obra na Igreja, mostrando que Jesus é Vencedor".[24]

[10B] **E** A OUTRO, A PROFECIA.

A palavra hebraica traduzida por profeta, *navi*, provém de uma antiga palavra que significa orador. Tornou-se termo técnico para orador de Deus, alguém que era inspirado pelo Espírito a dar a mensagem de Deus às pessoas (2 Pe 1.21).

O dom da profecia está disponível a todos os crentes, não só aos profetas (veja At 2.17,18). O Espírito usa este dom em uma diversidade de modos para levar a mensagem de Deus ao corpo de crentes. O "sermão" de Pedro no dia de Pentecostes não foi um sermão na acepção comum da palavra. Antes, foi uma manifestação do dom da profecia. Pedro se pôs em pé, "levantou a voz e disse-lhes" (gr. *apephthengxatoi* [At 2.14]) espontaneamente pela inspiração do Espírito Santo. (Em At 2.4, uma forma da mesma palavra grega é usada para se referir a falar em línguas conforme o Espírito, literalmente, "lhes concedia que falassem" [gr. *apophthengesthai*].)

O dom da profecia será uma palavra do Senhor que "toque lugares sensíveis, revele o que está em segredo e dê convicção e adoração, como também coragem e estímulo para a ação".[25] Atos 15.32 é um bom exemplo: "Depois, Judas e Silas, que também eram profetas, exortaram e confirmaram os irmãos [e irmãs] com muitas palavras". Consulte os comentários sobre o capítulo 14 para mais detalhes sobre este dom.

10c E A OUTRO, O DOM DE DISCERNIR OS ESPÍRITOS.

"Discernir" (ou "discernimentos") está no plural em grego e de novo indica que este dom pode ser manifesto de várias maneiras. Pode estar envolvido em julgar cuidadosamente o que os profetas dizem (1 Co 14.29).[26] A Primeira Epístola de João diz: "Amados, não creiais em todo espírito, mas provai se os espíritos são de Deus, porque já muitos falsos profetas se têm levantado no mundo" (4.1). João sugere uma prova: "Todo espírito que confessa que Jesus Cristo veio em carne é de Deus; e todo espírito que não confessa que Jesus Cristo veio em carne não é de Deus" (1 Jo 4.2,3a). Mas às vezes a Bíblia fala do espírito humano como também do espírito do Diabo e de espíritos demoníacos. Este dom faz distinção entre eles (veja At 5.3; 8.20-23; 13.10; 16.16-18). "Ele nos permite usar todos os dons e a Palavra de Deus para trabalhar contra Satanás, a fim de fazermos uma proclamação clara e livre do Evangelho."[27]

10d E A OUTRO, A VARIEDADE DE LÍNGUAS.

Novamente, há variedade neste dom. É expresso em diferentes tipos, ou famílias, de línguas. Não é algaravia ou sílabas disparatadas, pois envolve comunicação. Por este dom falamos com Deus. Por ele falamos de mistérios (1 Co 14.2), ou seja, de verdades espirituais que foram reveladas no Novo Testamento.[28] Mais detalhes sobre este dom apresentaremos nos comentários sobre o capítulo 14.

10e E A OUTRO, A INTERPRETAÇÃO DAS LÍNGUAS.

"Interpretação" pode significar tradução, paráfrase ou até comentário. Lemos em Neemias 8.8 que Esdras lia em hebraico e os levitas davam o significado em aramaico, de forma que o povo entendia o que era lido. Neste caso, os levitas entendiam e falavam ambos os idiomas. Porém, o dom da interpretação é um dom sobrenatural dado por uma pessoa que não entende a língua falada por aquele que fala em línguas. "Vem quando a pessoa presta atenção ao Senhor, em vez de concentrar-se nas línguas que estão sendo dadas. [...] Um passo de fé pode ser exigido, em que o Espírito, a princípio, dá apenas algumas poucas palavras da interpretação. Então, quando estas são dadas em fé, o restante vem à medida que o Espírito dá a expressão vocal".[29]

11 MAS UM SÓ E O MESMO ESPÍRITO OPERA TODAS ESSAS COISAS, REPARTINDO PARTICULARMENTE A CADA UM COMO QUER.

Paulo não diz que estes nove dons são os únicos e nem os apresenta em alguma ordem de importância. São apenas exemplos da declaração do versículo 4. Todos são manifestações de um Espírito Santo. O interesse de Paulo é que cada crente tenha uma parte no ministério do Espírito, como o capítulo vai mostrar. Eles não são dados como um depósito no corpo de crentes. São dados a indivíduos. No entanto, eles não são para o benefício dos indivíduos, mas para o benefício do corpo, para edificá-lo espiritual e numericamente. Eles são soberanamente dados pelo Espírito Santo como Ele quer[30] (determina ou lhe agrada) e não como o crente quer ou deseja; só Ele sabe o que é verdadeiramente necessário e Ele usa quem Ele quer (cf. Jo 3.8).

Esta pergunta poderia ser feita: "O Espírito Santo concede dons a crentes que ainda não sejam batizados com o Espírito com a evidência de falar em outras línguas?" A resposta é que as coisas são como Ele quer ou determina. Os profetas do Antigo Testamento profetizaram e fizeram milagres. Os discípulos ministraram curas antes do dia de Pentecostes (Mt 10.8). "Todavia, pode-se afirmar com segurança que o batismo no Espírito resulta numa maior incidência de manifestações espirituais entre aqueles que são batizados."[31]

4. UM CORPO COM MUITOS MEMBROS 12.12-20

12 PORQUE, ASSIM COMO O CORPO É UM E TEM MUITOS MEMBROS, E TODOS OS MEMBROS, SENDO MUITOS, SÃO UM

> SÓ CORPO, ASSIM É CRISTO TAMBÉM. [13] POIS TODOS NÓS FOMOS BATIZADOS EM UM ESPÍRITO, FORMANDO UM CORPO, QUER JUDEUS, QUER GREGOS, QUER SERVOS, QUER LIVRES, E TODOS TEMOS BEBIDO DE UM ESPÍRITO.

Ao comparar a assembléia local com o corpo humano, Paulo ressalta que unidade não significa uniformidade, mas intercorrelação e interdependência.[32] "A unidade que o Espírito dá é a unidade de um organismo vivo. Retém sua variedade. É capaz de ajustar-se a novas situações e encarar novas oportunidades e desafios".[33] A declaração "Assim é Cristo também" chama atenção para o fato de que nossa união é com Cristo, de forma que pertencemos a Ele — e só então à sua Igreja.

A unidade do Corpo é mais enfatizada pelo fato de que há um só Espírito e um só Corpo. Todos os crentes (cf. Ef 4.16), de qualquer formação, raça ou condição social, têm parte nisto, porque o Espírito batiza cada um deles naquele Corpo. A versão NIV da Bíblia em inglês (New International Version) traduz o versículo 13 assim: "Pois todos fomos batizados *por* um Espírito em um corpo". Alguns são contra esta tradução, dizendo que a palavra grega *en* significaria tão-somente "em". No entanto, *en* freqüentemente significa "por" (veja Lc 2.27: "pelo Espírito"; 1 Co 12.3: "fala pelo Espírito de Deus"; Ef 3.5: "tem sido revelado pelo Espírito"). Assim, "por um Espírito" é a tradução correta aqui e é um fato encontrado na maioria das versões inglesas, inclusive na *The King James Version*, *New American Standard Version*, *Today's English Version* e nas versões feitas por Moffatt, Phillips, Williams e Beck. "É claro que não é apenas preferência hermenêutica pentecostal que faz uma distinção entre o batismo pelo Espírito, que incorpora os crentes no Corpo de Cristo, e o batismo no Espírito Santo, no qual Cristo é aquEle que batiza."[34]

A precedente passagem do texto bíblico chama atenção para a unidade do Corpo, com os dons concedidos por um Espírito Santo. Por conseguinte, o batismo em 1 Coríntios 12.13 é por um Espírito no Corpo "e é, portanto, distinto do batismo por Cristo no Espírito Santo ocorrido no dia de Pentecostes".[35]

Isto, porém, não é tudo. Aqueles batizados em um Corpo "[têm] bebido de um Espírito" ou "[foram] feitos para beber do mesmo Espírito" (tradução do autor). Este é um novo fato[36] e pode significar que somos banhados, imbuídos ou saturados de um Espírito, e pode referir-se a uma experiência do derramamento do Espírito como a que ocorreu no dia de Pentecostes (cf. Is 29.10, onde a Septuaginta traduz a palavra hebraica *nasakh*, "derramou", por *pepotiken*, "feito para beber"; veja também Is 32.15; 44.3). Isto não só implica o batismo inicial com o Espírito, mas uma experiência contínua com o Espírito, "que alimenta a comunidade

escatológica".[37] Como Efésios 5.18 nos manda, precisamos "sempre ser cheios do Espírito" (tradução de Williams).

> 14 Porque também o corpo não é um só membro,
> mas muitos. 15 Se o pé disser: Porque não sou mão,
> não sou do corpo; não será por isso do corpo? 16
> E, se a orelha disser: Porque não sou olho, não
> sou do corpo; não será por isso do corpo? 17 Se
> todo o corpo fosse olho, onde estaria o ouvido?
> Se todo fosse ouvido, onde estaria o olfato? 18
> Mas, agora, Deus colocou os membros no corpo,
> cada um deles como quis. 19 E, se todos fossem um
> só membro, onde estaria o corpo? 20 Agora, pois,
> há muitos membros, mas um corpo.

Depois de chamar atenção ao único Espírito Santo e à unidade do Corpo, Paulo chama atenção outra vez para a variedade necessária e para a importância de cada membro. Esta diversidade é a verdadeira tônica da passagem, porque era o que os crentes em Corinto precisavam.[38]

O pé não pode dizer que não é membro do corpo, porque não é a mão, nem a orelha pode dizer que não é membro do corpo, porque não é um olho. "Se todos os membros do corpo tivessem a mesma função, se todos fossem um grande olho ou uma grande orelha, não seria um corpo e não poderia funcionar. Assim, uma igreja onde todos tivessem o mesmo dom ou ministério, seria uma monstruosidade, não um corpo funcional de Cristo."[39] Deus organizou uma variedade na assembléia local, de forma que ela funcione de modo a agradá-lo e glorificá-lo. Precisamos apreciar e valorizar as diferenças nos ministérios e nos dons.

5. Cada membro é necessário 12.21-26

> 21 E o olho não pode dizer à mão: Não tenho neces-
> sidade de ti; nem ainda a cabeça, aos pés: Não tenho
> necessidade de vós. 22 Antes, os membros do corpo
> que parecem ser os mais fracos são necessários. 23 E
> os que reputamos serem menos honrosos no corpo,
> a esses honramos muito mais; e aos que em nós são
> menos decorosos damos muito mais honra. 24 Por-
> que os que em nós são mais honestos não têm neces-
> sidade disso, mas Deus assim formou o corpo, dando
> muito mais honra ao que tinha falta dela, 25 para

QUE NÃO HAJA DIVISÃO NO CORPO, MAS, ANTES, TENHAM OS MEMBROS IGUAL CUIDADO UNS DOS OUTROS. [26] DE MANEIRA QUE, SE UM MEMBRO PADECE, TODOS OS MEMBROS PADECEM COM ELE; E, SE UM MEMBRO É HONRADO, TODOS OS MEMBROS SE REGOZIJAM COM ELE.

Ainda comparando a assembléia local com o corpo humano, Paulo a seguir ilustra a interdependência dos membros. Cada membro precisa de todos os outros membros. O olho precisa da mão e a cabeça precisa dos pés. Deus formou o corpo humano de tal modo que todos os membros trabalham em perfeita harmonia. Cada membro é necessário, incluindo aqueles "que parecem ser os mais fracos", isto é, os menos proeminentes ou importantes. Quando um membro do corpo padece, todos nós padecemos. Quando um membro do corpo é honrado, todos nós nos regozijamos. O mundo na maioria das vezes faz o contrário, pois a "natureza humana prefere ser judiciosa".[40] A assembléia local precisa aplicar esta verdade a si mesma e a seus membros, especialmente quando alguns estão sofrendo e passando por adversidades (cf. Gl 6.2). "O corpo precisa que todas as suas funções estejam em funcionamento, cada membro para o bem do todo, cada um reconhecendo o valor e a importância dos outros".[41] É arrogância não agir assim.

6. Uma variedade designada na Igreja 12.27-31

[27] ORA, VÓS SOIS O CORPO DE CRISTO E SEUS MEMBROS EM PARTICULAR. [28] E A UNS PÔS DEUS NA IGREJA, PRIMEIRAMENTE, APÓSTOLOS, EM SEGUNDO LUGAR, PROFETAS, EM TERCEIRO, DOUTORES, DEPOIS, MILAGRES, DEPOIS, DONS DE CURAR, SOCORROS, GOVERNOS, VARIEDADES DE LÍNGUAS.

Paulo aplica isto à Igreja, mencionando o Corpo de Cristo para indicar que os dons são concedidos dentro do corpo e têm o propósito primário de edificar o corpo. Ele chama atenção primeiro para a "unidade, depois para a diversidade dos membros em particular".[42] Cada um tem uma parte importante no Corpo de Cristo.

Para tornar a aplicação clara, Paulo menciona que Deus, em primeiro lugar, designou especificamente na Igreja[43] os apóstolos (enviados pessoalmente por Jesus, enquanto Ele estava na terra, com a exceção de Paulo, que foi designado depois), em segundo lugar os profetas (oradores de Deus dirigidos pelo Espírito), em terceiro lugar os douto-

res (mestres, professores), depois os operadores de milagres, aqueles que têm dons de curar, aqueles que são capazes de socorrer (auxiliar) os outros, aqueles com dons de governar (administrar) e aqueles que falam em diferentes tipos de línguas. Fee ressalta que os primeiros três são ministérios "que encontram expressão em várias pessoas". O restante são "dons graciosos do Espírito, dados a várias pessoas na igreja para sua edificação mútua".[44]

A enumeração aqui pode ser cronológica com relação à história da Igreja Primitiva.[45] Os apóstolos foram as testemunhas primárias da vida, morte, ressurreição e ensinos de Jesus. Incluíam não só os doze, mas Paulo, Barnabé, Tiago, Andrônico e Júnia,[46] e os outros setenta e dois que Jesus enviou (Lc 10.1-20). Os profetas e doutores também foram dados pelo ressurrecto e ascendido Jesus para firmar e aperfeiçoar os crentes, de forma que cada um deles fizesse as obras de ministério e edificasse o Corpo de Cristo "até que todos cheguemos à unidade da fé e ao conhecimento do Filho de Deus, a varão perfeito, à medida da estatura completa de Cristo, para que não sejamos mais meninos inconstantes. [...] Antes, seguindo a verdade em caridade, cresçamos em tudo naquele que é a cabeça, Cristo, do qual todo o corpo, bem ajustado e ligado pelo auxílio de todas as juntas, segundo a justa operação de cada parte, faz o aumento do corpo, para sua edificação em amor" (Ef 4.13-16).

O restante dos dons também é necessário para isto, não só os obviamente sobrenaturais dons de milagres, curas e falar em línguas, mas também os dons de "socorros" (auxílios, por exemplo, fazer ações úteis) e governos (administrações).

O plural de *antilēmpseis*, "socorros", indica que toda sorte de ações úteis pode ser inspirada pelo Espírito Santo neste dom. O verbo correspondente é usado para referir-se a auxiliar os enfermos (At 20.35) e a servir melhor os mestres (1 Tm 6.2). A palavra também era usada como termo técnico para aludir a um contador chefe e se ajustaria ao trabalho que os sete escolhidos em Atos 6.2,3 faziam, onde "mesas" significa "mesas de dinheiro", e diz respeito ao mesmo fundo de dinheiro para o qual Paulo mais tarde trouxe ofertas. Estes sete eram "cheios do Espírito Santo e de sabedoria" (At 6.3) e por certo ministravam pelos dons do Espírito.

A palavra *kubernēseis* ("governos", "administrações", "liderança") também está no plural em grego e proporciona uma variedade de expressões do dom para aqueles que estão em posição de liderança. Atos 27.11 usa *kubernētē*, um substantivo próximo relacionado, para significar mestre (timoneiro) ou piloto do navio. Assim, este dom implica direção e aconselhamento, ou mesmo a administração de negócios empresariais, como também dar liderança espiritual e direção à assembléia local.

> 29 PORVENTURA, SÃO TODOS APÓSTOLOS? SÃO TODOS PROFETAS? SÃO TODOS DOUTORES? SÃO TODOS OPERADORES DE MILAGRES? 30 TÊM TODOS O DOM DE CURAR? FALAM TODOS DIVERSAS LÍNGUAS? INTERPRETAM TODOS? 31A PORTANTO, PROCURAI COM ZELO OS MELHORES DONS.

Paulo a seguir faz uma série de perguntas que exigem uma resposta negativa. Ele está lidando com ministérios e dons exercidos ou que se manifestam quando a assembléia de crentes se reúne. Ele explica que ninguém será usado na reunião pública pelo Espírito com todos os dons. Este versículo não está tratando de dons como línguas exercidas na oração particular, nem das línguas como evidência externa inicial do batismo no Espírito Santo. "Falam todos diversas línguas?" está no tempo presente contínuo em grego e pode significar: "Todos continuam falando em línguas?", implicando que nem todos terão um ministério contínuo na assembléia local de falar em línguas.

Em seguida, ordena-lhes que procurem com zelo os melhores dons. Isto pode significar "continuem procurando", ou seja, com um zelo que nunca cesse. Eles exerciam os dons, mas precisavam prestar mais atenção aos que são os melhores.

Fee faz uma lista de quatro possíveis interpretações de "os melhores dons": 1) "Procurai" está no imperativo e significa buscar os melhores dons em lugar de falar em línguas; 2) Com base em 1 Coríntios 14.12, Paulo está citando os coríntios que procuravam com zelo os melhores dons; 3) "Portanto" (gr. *de*) é conjunção adversativa e "procurai com zelo" (gr. *zēloute*) está no indicativo, em vez de estar no imperativo. Paulo quer que eles busquem o amor e não os dons. Porém, *zēloute* continua o pensamento em 1 Coríntios 14.1 e está claramente no imperativo; 4) *Zēloute* está no imperativo, mas não se refere aos dons do capítulo 12. "Antes, ele está olhando para frente para o seu próximo ponto, a necessidade de inteligibilidade na comunidade, [...] mas antes que chegue ao ponto desejado, ele se interrompe para apresentar a estrutura adequada na qual os 'melhores dons' devem operar, isto é, no amor".[47] Os melhores dons seriam assim todos os dons inteligíveis na qualidade de melhores que os dons de línguas.[48]

> 31B E EU VOS MOSTRAREI UM CAMINHO AINDA MAIS EXCELENTE.

Paulo havia elogiado os coríntios, a quem não faltavam nenhum dom espiritual (1 Co 1.7), e lhes mostrado a necessidade de apreciar a variedade dos dons e a unidade do corpo. Agora ele quer destacar "um caminho mais excelente" para exercer os dons, o caminho do amor.[49] Ele

não sugere que os dons sejam inferiores ao fruto do Espírito (que inclui-se todo no amor). Nem quer dizer que os dons e as manifestações espirituais não sejam necessários se eles têm amor. Embora o amor de Deus e o amor de Cristo sejam a fonte de nossa salvação e de tudo o que Deus tem para nós, o amor não é chamado de dom espiritual (um dos *charismata*).[50] Tudo o que foi dito no capítulo 12 mostra que os dons são necessários para a vida e ministério cristãos. Mas em Corinto eles precisavam de correção. Os dons eram genuínos, mas os motivos dos crentes não eram tudo o que deviam ser.[51] Não nos esqueçamos de que Deus modelou este amor para nós "segundo sua pessoa e trabalho".[52]

B. Os dons devem ser exercidos com amor 13.1-13

1. A necessidade do amor, 13.1-3

O contraste neste capítulo é entre os dons espirituais sem amor e os dons espirituais com amor. Paulo já mostrou que o amor é visto em ação, especialmente no dom de Deus: Jesus e sua morte na cruz. Mas Paulo não degrada os dons, nem diz que o amor é melhor que os dons. "O ponto é que sem amor os melhores dons perdem sua apropriada eficácia, valor e recompensa".[53] Paulo apresenta isto com sete exemplos do ministério espiritual valorizados pelos coríntios.

> 1 Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos e não tivesse caridade, seria como o metal que soa ou como o sino que tine. 2 E ainda que tivesse o dom de profecia, e conhecesse todos os mistérios e toda a ciência, e ainda que tivesse toda a fé, de maneira tal que transportasse os montes, e não tivesse caridade, nada seria. 3 E ainda que distribuísse toda a minha fortuna para sustento dos pobres, e ainda que entregasse o meu corpo para ser queimado, e não tivesse caridade, nada disso me aproveitaria.

As línguas eram tão altamente valorizadas que alguns pensavam que eles falavam em "línguas [...] dos anjos"[54] (ou esta pode ser uma figura de linguagem que Paulo usa para indicar a alta consideração dos coríntios para com as línguas). Mas, quer sejam línguas humanas ou angelicais, sem amor tais línguas não tinham mais efeito que "o metal que soa ou [...] o sino que tine". Eles chamam a atenção, e isso é tudo.

Assim, as línguas sem amor podem chamar a atenção, mas não contribuem para a adoração genuína.

Em Corinto, as línguas não estavam trazendo edificação nem sequer aos indivíduos que as falavam, porque a falta de amor dos coríntios os "fazia tolerar, ou endossar, a sexualidade ilícita, a cobiça e a idolatria (1 Co 5.9,10; fato ilustrado em 1 Co 5.1-5; 6.1-11; 6.12-20; 8.1; 10.22)".[55]

A profecia é um dom genuíno. Entender com perspicácia sobrenatural todos os mistérios que não foram revelados nos tempos do Antigo Testamento, mas que estão revelados agora nos tempos do Novo Testamento, receber todos os tipos de conhecimento sobrenatural e ter o dom da fé que move montanha após montanha — tudo isso são dons genuínos do Espírito. Contudo, sem amor, sem agir com amor, a pessoa que ministra tais dons não é nada, não tem valor algum para o Senhor ou para a assembléia local de crentes, mesmo que as pessoas aclamem os dons. Em Corinto, o conhecimento deles só os tornava orgulhosos (1 Co 8.1,2), e às vezes fazia perecer um irmão fraco, "pelo qual Cristo morreu" (1 Co 8.11).

Outros podem pensar que merecem recompensa por darem tudo aos pobres ou entregarem o corpo às chamas (provavelmente como mártires),[56] pois a Bíblia diz: "Ele [Jesus Cristo] deu a sua vida por nós, e nós devemos dar a vida pelos irmãos. Quem, pois, tiver bens do mundo e, vendo o seu irmão necessitado, lhe cerrar o seu coração, como estará nele a caridade de Deus?" (1 Jo 3.16,17).[57] Mas se fizermos estas coisas sem amor, não ganharemos nada, embora muitos possam ser abençoados, ajudados e incentivados, não teremos recompensa, porque nossos trabalhos serão tratados como madeira, feno ou palha a serem queimados (1 Co 3.12).[58]

2. A NATUREZA DO AMOR 13.4-7

> [4] A CARIDADE É SOFREDORA, É BENIGNA; A CARIDADE NÃO É INVEJOSA; A CARIDADE NÃO TRATA COM LEVIANDADE, NÃO SE ENSOBERBECE, [5] NÃO SE PORTA COM INDECÊNCIA, NÃO BUSCA OS SEUS INTERESSES, NÃO SE IRRITA, NÃO SUSPEITA MAL; [6] NÃO FOLGA COM A INJUSTIÇA, MAS FOLGA COM A VERDADE; [7] TUDO SOFRE, TUDO CRÊ, TUDO ESPERA, TUDO SUPORTA.

Considerando que a palavra "amor" é usada em tantos contextos diferentes, Paulo identifica doze características que descrevem o tipo de amor necessário na busca e manifestação dos dons espirituais.[59]

O amor é sofredor (paciente) para com as pessoas que nos provocam ou nos ferem. Não permite que surjam ressentimentos, mesmo quando os males assolam. Ele caminha a segunda milha, oferece a outra face, suporta o insulto, é paciente com os que discordam, ou escarnecem, ou zombam (Mt 5.39,41). Reflete a paciência de Deus para com os pecadores: não pode ser irritadiço para com aqueles por quem Cristo morreu.

O amor não pára com uma mera paciência que tolera aqueles que amontoam abuso sobre abuso. É ativamente gentil, vence o mal com o bem (cf. Lc 6.27; Rm 12.21), procura o que pode fazer pelos outros, põe-se a serviço dos outros, encoraja os outros a falar e ministrar (cf. 1 Co 14.30,31).

O amor não é invejoso, nunca tem ciúmes, nunca expressa má vontade, malícia ou mau humor. Seu coração é muito grande para se ocupar com insignificâncias, ou rivalidade, ou competição provocadas por ciúme. Vê o bem nos outros e deseja promover o bem dos crentes. Honra o Espírito Santo pelos dons que Ele dá aos outros conforme Ele determina (1 Co 12.11).

O amor não trata com leviandade, nunca é fanfarrão, mas é verdadeiramente humilde. Nunca se exibe, nunca ostenta suas próprias virtudes, nunca mostra orgulho em ser usado com os dons, nunca chama atenção para si. Depois que o amor faz seu trabalho de benignidade, ele se esconde na sombra de forma que Cristo receba toda a glória.

O amor não se ensoberbece, não é orgulhoso, inchado ou convencido, nem é ávido por honra. Não é como algumas pessoas que fazem um espetáculo para mostrar que são humildes, mas interiormente sentem o quanto são importantes. Não "se assenhoreia" dos menos afortunados, nem trata os outros como inferiores. Nunca é enfatuado, arrogante ou despótico. Nunca exige seus direitos, nem sente reconhecimento que lhe é devido por fiéis serviços prestados (veja Mt 20.26-28; Lc 17.7-10). Também mostra a boa vontade em ser corrigido (cf. 1 Co 14.29,30).

O amor nunca se porta com indecência, desonra ou vergonhosamente; nunca é rude ou impróprio. Jesus era um perfeito cavalheiro. O seu amor sempre é atencioso, cortês e gentil; nunca é grosso ou vulgar. O amor nunca envergonha, fere ou humilha o outro, mas sempre é amável. Positivamente, busca o bem-estar de todo o Corpo de Cristo.

O amor não busca os seus interesses, nunca é egoísta, cobiçoso ou avaro. Deus tanto amou que Ele deu (Jo 3.16). O mesmo amor divino nos fará mais interessados em dar do que receber. Procura o bem dos outros. Não exige que as coisas sejam feitas do seu jeito, mas aceita a liderança dada por Deus (cf. 1 Co 14.37).

O amor não se irrita. O amor não se enfurece, pouco importando as circunstâncias. Qualquer irritabilidade que surge vem de uma fonte dife-

rente. Mas o amor mantém a vitória mesmo quando tudo parece dar errado.

O amor não suspeita mal, não mantém um registro dos erros. Não está atento ao mal que lhe é feito, antes não toma nota disso. Sempre perdoa e nunca guarda rancor. Nunca lembra as pessoas de palavras nocivas ou danos ditos ou feitos no passado. Não há limite para o seu perdão. O amor recebe em seu coração aquele que o prejudicou e esquece o passado.

O amor não folga com a injustiça, com o mal, nem com a queda ou infortúnios dos outros. O amor nunca diz "Eu te disse" ou "Bem feito". Nem desenterra os pecados do passado ou deseja expor ou ridicularizar os erros dos outros. O amor quer ver os pecados perdoados e regozija-se quando a verdade do Evangelho avança.

O amor tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta. Sempre defende, sempre confia, sempre tem esperança, sempre persevera. Nunca se rende, tolera. É obediente, fiel, confiante e esperançoso. Suporta a pressão com fé e esperança ousadas. Vê onde é preciso ajuda e se coloca sob a carga sem que lhe seja pedido ou implorado. Fornece coragem sincera aos outros.

Se estas características parecem difíceis de se ter, lembremo-nos de que podemos buscar a Deus para que Ele derrame o seu amor em nosso coração pelo Espírito Santo (Rm 5.5). Talvez precisemos nos arrepender de nossa falta de amor. Então, o seu amor nos levará à meta.

3. A PRIORIDADE DO AMOR 13.8-13

> 8 A CARIDADE NUNCA FALHA; MAS, HAVENDO PROFECIAS, SERÃO ANIQUILADAS; HAVENDO LÍNGUAS, CESSARÃO; HAVENDO CIÊNCIA, DESAPARECERÁ; 9 PORQUE, EM PARTE, CONHECEMOS E, EM PARTE, PROFETIZAMOS. 10 MAS, QUANDO VIER O QUE É PERFEITO, ENTÃO, O QUE O É EM PARTE SERÁ ANIQUILADO.

Amor como este nunca falha (gr. *piptai*, "cai"), acaba ou se anula. As profecias "serão aniquiladas" (gr. *katargēthēsontai*, "suprimidas", "extinguidas", palavra diferente de amor "que falha"). As línguas "cessarão", serão silenciadas ou acabarão (gr. *pausontai*, outra palavra diferente). O dom espiritual da palavra da ciência também desaparecerá, cessará.

Quando? Não hoje quando todos os dons são tão necessários para edificar os crentes, mas quando "o que é perfeito", ou completo, vier. "Quando vier o que é perfeito" se refere à perfeição que Jesus trará

quando Ele voltar outra vez e recebermos nosso novo corpo imortal e incorruptível (1 Co 15.53,54) e entrarmos nas bênçãos milenares. Até então estaremos sujeitos às nossas limitações presentes (Rm 8.18-25). Agora "esperamos [do céu] o Salvador, o Senhor Jesus Cristo, que transformará o nosso corpo abatido, para ser conforme o seu corpo glorioso, segundo o seu eficaz poder de sujeitar também a si todas as coisas" (Fp 3.20,21). Nós nos esforçamos para agradar a Deus, "porque a graça de Deus se há manifestado, trazendo salvação a todos os homens, ensinando-nos que, renunciando à impiedade e às concupiscências mundanas, vivamos neste presente século sóbria, justa e piamente, aguardando a bem-aventurada esperança e o aparecimento da glória do grande Deus e nosso Senhor Jesus Cristo, o qual se deu a si mesmo por nós, para nos remir de toda iniqüidade e purificar para si um povo seu especial, zeloso de boas obras" (Tt 2.11-14). Assim, ainda estamos olhando para a frente, para o tempo em que a perfeição, ou a completitude, vier.

Nenhuma outra posição é exegeticamente possível.[60] "Só no porvir haverá uma perfeita habitação mútua com a realidade última, Deus, que será 'tudo em todos' (1 Co 15.26) e nós o conheceremos completamente, como também somos conhecidos, de forma que os carismas já não serão mais necessários (1 Co 13.8-12)".[61] Até então eles são úteis.[62]

Durante toda a era da Igreja nossa compreensão e conhecimento foi e ainda é parcial. Isto não mudou quando o Novo Testamento foi completado, nem ao término do século I. Muitos comentários mais antigos concordam com isso, inclusive os de Alford, Barnes, Ellicott e Lange. F. F. Bruce, recente estudioso britânico, concordou: "É verdade que, de acordo com 1 Coríntios 13.8-10, as profecias, as línguas e a ciência serão aniquiladas, mas isto sucederá somente 'quando vier o que é perfeito'. E o que é perfeito ainda não veio, [...] a literatura do período que segue a era apostólica deixa claro que os dons não cessaram totalmente com a conclusão do cânon do Novo Testamento".[63]

> 11 QUANDO EU ERA MENINO, FALAVA COMO MENINO, SENTIA COMO MENINO, DISCORRIA COMO MENINO, MAS, LOGO QUE CHEGUEI A SER HOMEM, ACABEI COM AS COISAS DE MENINO. 12 PORQUE, AGORA, VEMOS POR ESPELHO EM ENIGMA; MAS, ENTÃO, VEREMOS FACE A FACE; AGORA, CONHEÇO EM PARTE, MAS, ENTÃO, CONHECEREI COMO TAMBÉM SOU CONHECIDO.

Paulo ilustra mais claramente o que ele quer dizer, fazendo um contraste entre o proceder de uma criança e de um homem que tem a maturidade plena. Na presente era da Igreja precisamos de dons espirituais de

fala e conhecimento para edificação e crescimento espirituais. Depois do arrebatamento, com nosso corpo transformado, teremos maiores poderes e conhecimento e não precisaremos mais destes dons.

Como ilustração adicional, Paulo compara nossa compreensão e conhecimento atuais com a imagem indireta em um espelho (os espelhos naqueles dias eram feitos de bronze polido).[64] Mas quando Jesus vier, o perfeito estado será desvelado: já não veremos mais indiretamente, mas face a face. Hoje há muitas coisas que nos desconcertam. Podemos reivindicar somente parte do que Deus tem para nós. Mas virá o dia em que "assim como é o veremos" (1 Jo 3.2). Então já não precisaremos do que agora está "em parte". Hoje realmente conhecemos a Deus, mas os dons espirituais revelam só pequenas coisas de diversos tipos. Quando Jesus vier, e como destaca Jon Ruthven, no céu nós "conheceremos Deus (*kathōs*) exatamente como e no mesmo grau" que Deus nos conhece hoje.[65]

> [13] AGORA, POIS, PERMANECEM A FÉ, A ESPERANÇA E A CARIDADE, ESTAS TRÊS; MAS A MAIOR DESTAS É A CARIDADE.

Em contraste com as bênçãos temporárias dos dons carismáticos dados para esta era, temos três coisas que hoje são permanentes: a fé, a esperança e o amor. Mesmo quando a fé se torna visão, a fé no sentido de obediência confiante sempre será a atitude certa para com Deus. Mesmo quando a esperança prometida se realiza, a esperança no sentido de expectativa da futura boa vontade permanecerá, porque Deus é o Deus da esperança (Rm 15.13). Mas o amor, embora mencionado por último, é o maior. Nunca devemos nos esquecer de João 3.16 e da glória da cruz. O amor, da mesma forma que era e é o motivo primário de Deus, tem de tornar-se o nosso também, pois Deus é amor (1 Jo 4.8).[66]

C. O DOM DA PROFECIA E O DOM DE LÍNGUAS 14.1-40

Todo o capítulo 12 leva à recomendação de procurarmos "com zelo os melhores dons" (1 Co 12.31). No capítulo 13, estes dons estão colocados sob a direção de um alto e santo amor fluente. Agora, tendo este amor em mente, o capítulo 14 começa a dar orientações práticas para o exercício, ou operação, destes dons espirituais. Repetidas vezes neste capítulo vemos como o amor é o princípio condutor destas orientações práticas.

Embora o capítulo 12 mostre que todas as manifestações do Espírito sejam necessárias e benéficas, os crentes coríntios precisavam de orientação e direção especiais concernentes à operação de dois dons: línguas e

profecia. O capítulo 14 lhes dá muita de sua atenção, ainda que grande parte dos princípios básicos possa ser aplicada também aos outros dons.

1. A PROFECIA EDIFICA A IGREJA 14.1-5

> [1] SEGUI A CARIDADE E PROCURAI COM ZELO OS DONS ESPIRITUAIS, MAS PRINCIPALMENTE O DE PROFETIZAR.

Aqui Paulo ecoa 1 Coríntios 12.31 acerca dos dons espirituais. Todos os crentes devem procurar o caminho do amor, esforçar-se para agir com amor. Mas isto não significa que podemos nos dar ao luxo de menosprezar ou negligenciar os dons espirituais. Tanto o amor quanto os dons são provenientes do mesmo Espírito. Assim, todos os crentes, não só os apóstolos[67] ou líderes, precisam ter profundo interesse pelos dons (gr. *pneumatika*, "coisas espirituais"): um zelo que faz com que nos esforcemos por eles, desejando ansiosa e ardentemente que cada membro atue com liberdade neste ministério do corpo. Mas é muito importante que busquemos e nos empenhemos pelo dom da profecia.[68]

Esta palavra de instrução era aparentemente muito necessária em Corinto. Considerando que falar em línguas é a evidência externa inicial do batismo no Espírito Santo, é fácil responder com fé ao Espírito à medida que Ele concede o dom de línguas. Também fica fácil orar em línguas. Existe, porém, a armadilha de darmos tanto tempo às línguas que nos fechamos aos outros dons que o Espírito Santo tem para nós.

> [2] PORQUE O QUE FALA LÍNGUA ESTRANHA NÃO FALA AOS HOMENS, SENÃO A DEUS; PORQUE NINGUÉM O ENTENDE, E EM ESPÍRITO FALA DE MISTÉRIOS. [3] MAS O QUE PROFETIZA FALA AOS HOMENS PARA EDIFICAÇÃO, EXORTAÇÃO E CONSOLAÇÃO. [4] O QUE FALA LÍNGUA ESTRANHA EDIFICA-SE A SI MESMO, MAS O QUE PROFETIZA EDIFICA A IGREJA. [5] E EU QUERO QUE TODOS VÓS FALEIS LÍNGUAS ESTRANHAS; MAS MUITO MAIS QUE PROFETIZEIS, PORQUE O QUE PROFETIZA É MAIOR DO QUE O QUE FALA LÍNGUAS ESTRANHAS, A NÃO SER QUE TAMBÉM INTERPRETE, PARA QUE A IGREJA RECEBA EDIFICAÇÃO.

O problema com que Paulo precisou lidar era o abuso das línguas sem interpretação. Ele sabia que o Espírito quer usar a manifestação dos dons para edificar a assembléia local espiritualmente e em número. Assim, ele contrasta as línguas não interpretadas com a profecia.

Quando as línguas não são interpretadas, só Deus as entende. Neste

sentido, aquele que fala em línguas "não fala aos homens, senão a Deus". (Por conseguinte, ninguém na congregação entende o que é dito ou aprende algo.) Ainda que o espírito humano seja suscetível ao Espírito de Deus e o que fala em línguas esteja sendo edificado, tudo o que é dito permanece em "mistérios" (verdades secretas, verdades do Evangelho; cf. 1 Co 2.7-10; Rm 16.25).

Por outro lado, a profecia está na língua que as pessoas entendem e apresenta uma mensagem espontânea, dada pelo Espírito, que as edifica (as fortalece espiritualmente, desenvolve e confirma na fé), as exorta (despertando-as e ajudando-as a avançar em fidelidade e amor)[69] e as consola (alegra, aviva e produz esperança e expectativa).[70]

Paulo não diz que as línguas são menos sobrenaturais que a profecia ou inferiores a ela. Mas no princípio do amor, a profecia deve ter a primazia, porque edifica a assembléia local, enquanto as línguas edificam só o indivíduo. Não é errado o indivíduo ser edificado. Todos precisamos disso. Paulo ainda quer que todos os crentes continuem falando em línguas (como, segundo comentamos, o tempo em grego indica). Porém, eles não precisam tomar o tempo todo da assembléia, enquanto estão se edificando. Isto indica claramente que as línguas são importantes em nossa adoração e oração individuais. Muitos carismáticos hoje se referem a línguas como uma "linguagem de oração".

Como vimos no capítulo 12, o interesse do Espírito Santo é usar o indivíduo para abençoar e edificar todo o corpo. É seu propósito que todos "cresçamos em tudo naquele que é a cabeça, Cristo, do qual todo o corpo, bem ajustado e ligado pelo auxílio de todas as juntas, segundo a justa operação [a atividade espiritual] de cada parte, faz o aumento do corpo, para sua edificação em amor" (Ef 4.15,16). O amor nos levará a nos empenharmos pela profecia acima dos outros dons espirituais, porque faz mais na edificação da assembléia tanto espiritual quanto numericamente. Deste modo, a pessoa que profetiza é "maior do que o que fala línguas".

As línguas com interpretação, contudo, também edificarão a assembléia. É quando não são interpretadas que as línguas não falam aos homens (1 Co 14.2). Mas quando são interpretadas, o que fala em línguas está fazendo algo tão louvável quanto o que profetiza. Isto bem pode significar que as línguas com interpretação cumprem a mesma função que a profecia.[71] No mínimo, *as línguas com interpretação beneficiam a congregação tanto quanto a profecia.*

2. As línguas precisam de interpretação 14.6-19

6 E, agora, irmãos, se eu for ter convosco falando línguas estranhas, que vos aproveitaria, se vos não falasse ou por meio da revelação, ou da ciência,

OU DA PROFECIA, OU DA DOUTRINA? 7 DA MESMA SORTE, SE AS COISAS INANIMADAS QUE FAZEM SOM, SEJA FLAUTA, SEJA CÍTARA, NÃO FORMAREM SONS DISTINTOS, COMO SE CONHECERÁ O QUE SE TOCA COM A FLAUTA OU COM A CÍTARA? 8 PORQUE, SE A TROMBETA DER SONIDO INCERTO, QUEM SE PREPARARÁ PARA A BATALHA? 9 ASSIM, TAMBÉM VÓS, SE, COM A LÍNGUA, NÃO PRONUNCIARDES PALAVRAS BEM INTELIGÍVEIS, COMO SE ENTENDERÁ O QUE SE DIZ? PORQUE ESTAREIS COMO QUE FALANDO AO AR.

O versículo 6 apresenta forte argumento em favor da necessidade de interpretação. Se nos limitarmos a falar em línguas sem que haja interpretação, não fazemos bem algum à assembléia local. Mas as línguas, quando interpretadas, podem dar discernimento de verdades espirituais (uma "revelação"); "ciência", inclusive compreensão espiritual; uma mensagem para edificar, exortar e consolar ("profecia"); ou uma "doutrina" (não no sentido de estabelecer uma nova doutrina, mas de esclarecer a verdade espiritual e ajudar os ouvintes a pô-la em prática).

Por outro lado, as línguas sem interpretação podem ser comparadas a uma flauta ou cítara tocada sem notas claras ou melodia definida, portanto, sem comunicar nada ao ouvinte. Semelhantemente, uma trombeta não comunica uma mensagem ao exército se as notas não forem distintas e o toque reconhecível. Como então a assembléia pode ficar satisfeita com línguas que não são interpretadas? A assembléia e aquele que fala em línguas perderiam a mensagem que o Espírito quer comunicar. Da mesma forma que uma trombeta que dá um sonido certo comunica ao soldado, assim as línguas, quando interpretadas, podem comunicar-se com a congregação.

10 HÁ, POR EXEMPLO, TANTA ESPÉCIE DE VOZES NO MUNDO, E NENHUMA DELAS É SEM SIGNIFICAÇÃO. 11 MAS, SE EU IGNORAR O SENTIDO DA VOZ, SEREI BÁRBARO PARA AQUELE A QUEM FALO, E O QUE FALA SERÁ BÁRBARO PARA MIM. 12 ASSIM, TAMBÉM VÓS, COMO DESEJAIS DONS ESPIRITUAIS, PROCURAI SOBEJAR NELES, PARA A EDIFICAÇÃO DA IGREJA. 13 PELO QUE, O QUE FALA LÍNGUA ESTRANHA, ORE PARA QUE A POSSA INTERPRETAR.

Como argumento adicional em prol da necessidade de interpretação, Paulo destaca que o Espírito Santo tem muitas línguas a usar quando concede a alguém o dom de línguas, e todas essas línguas têm significado.[72] Mas se a língua é estranha ao ouvinte, ele não entende o que significa. Assim, a pessoa que fala em línguas sem interpretação trata o ouvin-

te como bárbaro,[73] e o que fala é também bárbaro no que diz respeito a algum benefício que deduza o ouvinte.

Tendo dito isto, Paulo elogia novamente os crentes coríntios pelo zelo e desejo que eles têm pelos dons espirituais. Em nenhum sentido seu ensino era uma repreensão. Eles estavam certos em responder ao Espírito. No entanto, o amor os incentivaria a aceitar seu ensino e a direcionar a busca que eles faziam dos dons que mais contribuem para a edificação da assembléia.

A idéia, novamente, é não negligenciar nenhum dom espiritual, senão procurar sobejar, superar, abundar e transbordar para a assembléia local. Esta é a razão por que Paulo exortou que a pessoa que fala em línguas deva orar para que as interprete. Isto exige um passo de fé e obediência. Mas o Senhor não desapontará aquele que tem coragem e responde desta maneira ao Espírito Santo. O Espírito quer dar a necessária interpretação.

> 14 PORQUE, SE EU ORAR EM LÍNGUA ESTRANHA, O MEU ESPÍRITO ORA BEM, MAS O MEU ENTENDIMENTO FICA SEM FRUTO. 15 QUE FAREI, POIS? ORAREI COM O ESPÍRITO, MAS TAMBÉM ORAREI COM O ENTENDIMENTO; CANTAREI COM O ESPÍRITO, MAS TAMBÉM CANTAREI COM O ENTENDIMENTO. 16 DOUTRA MANEIRA, SE TU BENDISSERES COM O ESPÍRITO, COMO DIRÁ O QUE OCUPA O LUGAR DE INDOUTO O AMÉM SOBRE A TUA AÇÃO DE GRAÇAS, VISTO QUE NÃO SABE O QUE DIZES? 17 PORQUE REALMENTE TU DÁS BEM AS GRAÇAS, MAS O OUTRO NÃO É EDIFICADO.

As línguas precisam de interpretação. Mesmo quando Paulo orava em línguas, seu espírito, unindo-se ao Espírito Santo, ia para Deus, porém seu entendimento, ou mente, não podendo entrar, permanecia "sem fruto", "improdutivo". Assim, Paulo pergunta-se a si mesmo o que fazer. Ele continuará na prática de orar com o espírito, usando o sobrenatural e espiritual dom de falar em línguas (cf. Jd 20). Esta é a "maneira mais eficaz de orar e meio eficiente de evitar a tendência da oração se deteriorar em mero ritual".[74] Ele também orará com a mente e com o entendimento, ainda espontaneamente movido pelo Espírito.

Quando instrumentos musicais estiverem tocando, ele sairá cantando espontaneamente em línguas (a palavra grega significa cantar com acompanhamento musical). Ele também cantará com o entendimento, a mente, também ungido pelo Espírito.

O falar em línguas é, neste caso, louvor, dar graças (ou render culto). Mas se não são interpretadas, aquele que não entende não pode unir-se

em louvor, não pode dizer o "Amém" (palavra proveniente do hebraico, que significa "certamente", "por certo", "com certeza", "assim seja") ao que ouve. Quando dizemos "amém" aceitamos algo como verdadeiro e válido.[75] "Alguns observadores do culto da Igreja Primitiva comparavam o alto coro de 'améns' ao eco do trovão distante. O concordante 'amém' da congregação era considerado não menos importante que a própria oração (veja Ap 5.13,14; 22.2)".[76]

De fato, o versículo 16 pode significar que aquele que em público adora em línguas sozinho, põe o resto da assembléia no lugar do indouto, aquele que não tem entendimento: o ignorante, o destreinado, o inexperiente. Isto implica que o culto na assembléia local deve ser feito de comum acordo, com todos juntos, unidos em coração e alma. Mas isto não sugere que a adoração em línguas, mesmo sem interpretação, não tenha valor. A pessoa que age assim, adora, ou dá graças, "bem" (convenientemente, elogiavelmente); não obstante, o amor desejaria que os outros fossem edificados.

> [18] DOU GRAÇAS AO MEU DEUS, PORQUE FALO MAIS LÍNGUAS DO QUE VÓS TODOS. [19] TODAVIA EU ANTES QUERO FALAR NA IGREJA CINCO PALAVRAS NA MINHA PRÓPRIA INTELIGÊNCIA, PARA QUE POSSA TAMBÉM INSTRUIR OS OUTROS, DO QUE DEZ MIL PALAVRAS EM LÍNGUA DESCONHECIDA.

A manifestação dos dons espirituais é algo tão espontâneo que gastar tempo para ensinar parece, às vezes, extinguir o Espírito. Os crentes coríntios também podem ter sentido que tal ensinamento desencorajasse o falar em línguas e talvez fizesse com que o dom fosse suprimido. (Foi, de fato, o mundanismo crescente, não o ensino bíblico, que fez com que o dom desaparecesse durante vários séculos seguintes.)

A cada ponto, Paulo se detém para deixar claro que o que ele está ensinando não tem de maneira alguma a pretensão de dificultar ou fazer parar o exercício de qualquer dom espiritual. O Espírito Santo já havia dado a Paulo este ensino, mas Ele não fez com que o apóstolo parasse de falar em línguas. Com efeito, ele agradece a Deus porque falava em línguas mais do que eles (dando a entender que agora falava em línguas mais do que antes; e também que falou em línguas quando foi batizado no Espírito Santo[77]).

Quando estava com outras pessoas na assembléia, ele preferiria falar cinco palavras que fossem entendidas e que ensinassem "do que dez mil palavras em língua desconhecida". Ele chegou com coração de pastor, desejando alimentar o rebanho (a palavra hebraica *ro'eh*, "pastor", signi-

fica literalmente "alimentador"). O ensino retira a verdade divina da Palavra de Deus (1 Pe 2.2) e a põe em uma forma que possa ser recebida e assimilada com proveito e bênção. Pois se Paulo tomasse todo o tempo da assembléia com um dom que trazia edificação principalmente a ele, não mostraria, em absoluto, o coração de pastor, nem mostraria o amor que o capítulo 13 descreve.

Paulo exercia o dom de línguas quando estava sozinho em suas devoções particulares. Nesses momentos, ele abria o coração a Deus e deixava que as palavras dadas pelo Espírito fluíssem em oração, louvor e ação de graças. Num quarto particular, num lugar secreto, ele podia dar livre curso à operação deste dom e deixar que ele o abençoasse e o fortalecesse. Os crentes coríntios poderiam estar perdendo uma grande bênção por não exercerem o dom de línguas na vida de oração pessoal.

3. Os efeitos das línguas e da profecia 14.20-25

> 20 Irmãos, não sejais meninos no entendimento, mas sede meninos na malícia e adultos no entendimento.

Os coríntios precisavam aceitar o que Paulo estava ensinando. Ele sabia como eles amavam a livre expressão do Espírito. E previu que alguns já estariam fechando a mente para o que ele escrevia. Alguns poderiam estar achando que isso era errado, ou estavam se aborrecendo, ou tendo má vontade. A pessoa que é madura tem boa vontade em trocar o menor pelo maior, a fim de abandonar o que parece bom para ter algo melhor.

Crianças não desenvolvem malícia profundamente arraigada ou a mania habitual de criticar. No que diz respeito à "malícia", ou ao mal, devemos ser como crianças. Mas em nosso pensamento e entendimento precisamos ser adultos maduros. É necessário termos pensamento maduro para recebermos o ensino sobre os dons espirituais, especialmente no que concerne a ministrá-los com amor. Mas Paulo esperava esta atitude da igreja coríntia — e Deus a espera de nós.

> 21 Está escrito na lei: Por gente doutras línguas e por outros lábios, falarei a este povo; e ainda assim me não ouvirão, diz o Senhor. 22 De sorte que as línguas são um sinal, não para os fiéis, mas para os infiéis; e a profecia não é sinal para os infiéis, mas para os fiéis.

Para que os coríntios não cheguem à conclusão de que não há lugar para falar em línguas no culto público, Paulo logo chama a atenção para Isaías 28.11,12. No contexto da profecia de Isaías, os israelitas orgulhosos diziam que Isaías os tratava como bebês espirituais e eles se ressentiram disso. Isaías deixa claro que por causa da incredulidade deles, a mensagem que tinha a intenção de abençoar traria julgamento. Deus enviaria conquistadores estrangeiros cuja língua eles não entenderiam, mas cujas ações deixariam claro que estes israelitas estavam separados de Deus, cortados da bênção do Senhor e sob seu julgamento. Paulo aplica isto ao falar em línguas que eles não entendiam. Assim, falar em línguas é necessário como sinal de julgamento para os incrédulos, fazendo com que percebam que eles estão separados de Deus e não podem entender a sua mensagem.[78]

As línguas também podem ser sinal para os incrédulos, para lhes chamar a atenção e informá-los de que algo sobrenatural está acontecendo. Este foi aparentemente o caso no dia de Pentecostes, quando o som das línguas reuniu uma multidão (At 2.6).

A profecia não é sinal (algo obviamente milagroso) para os incrédulos, porque está na língua que eles entendem e eles não a reconhecem como algo sobrenatural. Por outro lado, os crentes que estão afinados com o Espírito Santo reconhecem o dom da profecia como algo sobrenatural, cheio do poder do Espírito.

> [23] SE, POIS, TODA A IGREJA SE CONGREGAR NUM LUGAR, E TODOS FALAREM LÍNGUAS ESTRANHAS, E ENTRAREM INDOUTOS OU INFIÉIS, NÃO DIRÃO, PORVENTURA, QUE ESTAIS LOUCOS? [24] MAS, SE TODOS PROFETIZAREM, E ALGUM INDOUTO OU INFIEL ENTRAR, DE TODOS É CONVENCIDO, DE TODOS É JULGADO. [25] OS SEGREDOS DO SEU CORAÇÃO FICARÃO MANIFESTOS, E ASSIM, LANÇANDO-SE SOBRE O SEU ROSTO, ADORARÁ A DEUS, PUBLICANDO QUE DEUS ESTÁ VERDADEIRAMENTE ENTRE VÓS.

Por outro lado, se toda a igreja falar em línguas, todos ao mesmo tempo, o efeito inicial passará e os incrédulos ou aqueles que não são instruídos nas coisas espirituais dirão que todas as pessoas que falam em línguas estão loucas, fora de si. Estes estranhos são as pessoas importantes, as pessoas que a Igreja tem de alcançar.

Este foi exatamente o caso no dia de Pentecostes. No início, as pessoas ficaram admiradas porque ouviam os 120 falando em línguas e reconheciam-nas como dos países dos quais eram provenientes. Conseqüentemente, à medida que os 120 continuaram falando em línguas, a multidão julgou

que haviam bebido muito vinho, o que é outra maneira de dizer que eles estavam loucos (At 2.13). Obviamente que as línguas não levaram os ouvintes a aceitar Jesus como Senhor e Salvador. Então, os 120 pararam e Pedro levantou-se e falou.

A profecia, em contraste com as línguas, fala à mente e coração daqueles que são incrédulos ou espiritualmente ignorantes. Leva-os à convicção e por meio dela o Espírito Santo pode fazer seu trabalho de convencer o mundo do pecado, da justiça e do juízo (Jo 16.8). Ela faz com que os pecadores percebam que são pecadores e que o pecado é pecado. A profecia também os chama para fazerem considerações, à medida que o dom da profecia traz uma mensagem que põe em evidência os segredos do coração do pecador e revela sua culpa. Eles se vêem sob uma luz verdadeira e reconhecem que a mensagem vem de Deus. Isto os leva à adoração e a honrar a Deus. Em vez de dizer que os que falam em línguas estão loucos, estes incrédulos reconhecem que Deus está falando. "Lançando-se sobre o seu rosto e adorando" significa que eles estão sob convicção. Este também é sinal para os crentes de que Deus verdadeiramente está entre eles.

Esta também era exatamente a situação no dia de Pentecostes. Quando Pedro levantou-se e falou na língua em que todos entendiam, ele não apresentou argumentos próprios. A expressão em Atos 2.14 "disse-lhes" é, literalmente, "falou claramente com ela [a multidão]". Pedro falou conforme o Espírito dava expressão vocal, mas desta feita em profecia e não em línguas. Esta palavra falou ao coração dos que ouviam (At 2.37,41) e trouxe a verdade sobre Jesus Cristo "ao mesmo nível dos ouvintes".[79] Isto foi seguido pelo dom da exortação, da advertência e apelo de Pedro ao povo (At 2.40). O resultado foi tamanho que três mil pessoas foram salvas.

O dom da profecia sempre aplicará a verdade à situação em que as pessoas se encontram, onde elas vivem de fato. Observe também que Paulo espera que todos falem em línguas e que todos profetizem. Todos haviam sido batizados no Espírito Santo, que distribui os dons como quer. Ele não os limita às pessoas que têm um ofício.

4. Ordem e decência no culto 14.26-40

a) Contribuição para que todos cultuem 14.26

> 26 Que fareis, pois, irmãos? Quando vos ajuntais, cada um de vós tem salmo, tem doutrina, tem revelação, tem língua, tem interpretação. Faça-se tudo para edificação.

"Que fareis, pois, irmãos" mostra que Paulo esperava que os crentes coríntios tirassem as conclusões certas dos princípios de amor e edificação da assembléia local.

A primeira regra para a expressão dos dons espirituais é que nenhum dom é sem importância e nenhum dom deve ser posto de lado. Pessoas batizadas com o Espírito terão a abundância dos dons disponíveis para a saúde da igreja. "Cada um de vós tem" significa que todos devem ter uma parte e contribuir com algo para a edificação de toda a assembléia. Durante grande parte da história da igreja, o Corpo de Cristo ficou paralisado, com o clero dominando o laicato e sufocando os dons.[80] Não devemos ser como uma audiência de teatro, onde um ou vários atores atuam no palco, enquanto os outros somente ficam olhando.

"Cada um participa com seu dom especial."[81] Pode ser um "salmo" (gr. *psalmon*, um cântico ou hino com acompanhamento musical), antigo ou novo, erudito ou recentemente composto, mas ungido pelo Espírito Santo e feito um ministério espiritual (o livro de Salmos era o hinário da Igreja Primitiva e ainda deveria fazer parte de nosso culto). Outro pode trazer uma "palavra de instrução", iluminada pelo Espírito e advinda da Palavra de Deus. Outro pode trazer uma "revelação", ou seja, um dos dons de revelação como uma palavra da sabedoria ou uma palavra da ciência. Outro pode trazer uma "língua", outro, uma "interpretação".

Enquanto estes dons estão sendo ministrados, podemos estar certos de que a congregação inteira deve estar ouvindo ativamente e intercedendo silenciosamente em fé. O ponto importante é que todos contribuam para a variedade com o propósito de fortalecer a assembléia (cf. 1 Co 12.7: "Para o que for útil", "para o bem comum"). "A liberdade no Espírito deve ser governada pela responsabilidade ao corpo".[82]

b) Orientações para os que falam em línguas 14.27,28

> [27] E, SE ALGUÉM FALAR LÍNGUA ESTRANHA, FAÇA-SE ISSO POR DOIS OU, QUANDO MUITO, TRÊS, E POR SUA VEZ, E HAJA INTÉRPRETE. [28] MAS, SE NÃO HOUVER INTÉRPRETE, ESTEJA CALADO NA IGREJA E FALE CONSIGO MESMO E COM DEUS.

Paulo já deixou claro que as línguas precisam de interpretação para edificar e fazer parte dos "melhores dons" (1 Co 12.31). A fim de enfatizar este ponto mais uma vez, ele escolhe as línguas entre a variedade de expressão mencionada no versículo 25, para mostrar que: se queremos que haja variedade deve haver alguma limitação. E visto que os coríntios

estavam abusando das línguas, ele apresenta quatro regras que trarão limitação adequada na expressão do dom.

Primeiro, o dom de línguas deve ser limitado a "dois, ou quando muito, três". Alguns interpretam que isto significa dois ou três em sucessão, permitindo em seguida outra seqüência de dois ou três na reunião. Outros dizem que significa dois ou três pela mesma pessoa, assim permitindo mais dois ou três pela próxima pessoa. Mas isto não está de acordo com o propósito de permitir que seja manifesta uma maior diversidade dos dons espirituais. Além disso, a palavra "por" (1 Co 14.27, King James Version, NASB) em grego é *kata*, a qual é usada distributivamente, isto é, dois ou no máximo três em cada reunião ou a cada vez que os crentes se reúnem. Novamente, o propósito de Paulo é não extinguir o Espírito, mas estimular os crentes a buscar e exercer os outros dons espirituais.

Segundo, os crentes devem falar "por sua vez". O amor não permite que dois falem ao mesmo tempo, como se fosse uma competição.

Terceiro, "haja intérprete". Deve ser dada a oportunidade para interpretação depois de uma mensagem em línguas. Alguns consideram que isto significa que uma pessoa na assembléia deve dar toda a interpretação. Mas esta idéia não se ajusta bem com a exortação que se segue.

Quarto, "se não houver intérprete [não houve ninguém que tenha sido usado na manifestação deste dom], esteja calado", a língua não deve ser dada em voz alta, pois fazê-lo não edificaria a assembléia. A pessoa ainda pode expressar o dom do jeito certo, falando diretamente e em silêncio com Deus. Isto ainda cumpre um propósito do dom: edificar aquele que fala (1 Co 14.4). A exortação de equilíbrio também deve ser lembrada: Os que falam em línguas devem orar para que recebam o dom da interpretação (1 Co 14.13).

Estes versículos (22-27) não consideram o falar em línguas no culto reunido? David Lim mostra, com base em Atos 2.4; 10.44-46 e 19.6, que o fato de "todos adorarem em línguas ao mesmo tempo não pode ser negado de uma interpretação parcial de 1 Coríntios 14.2,22-25. Paulo e Lucas não se contradizem um ao outro".[83]

c) Orientações para os que profetizam 14.29-33a

> 29 E FALEM DOIS OU TRÊS PROFETAS, E OS OUTROS JULGUEM. 30 MAS, SE A OUTRO, QUE ESTIVER ASSENTADO, FOR REVELADA ALGUMA COISA, CALE-SE O PRIMEIRO. 31 PORQUE TODOS PODEREIS PROFETIZAR, UNS DEPOIS DOS OUTROS, PARA QUE TODOS APRENDAM E TODOS SEJAM CONSOLADOS. 32 E OS ESPÍRITOS DOS PROFETAS ESTÃO SUJEI-

TOS AOS PROFETAS. [33A] PORQUE DEUS NÃO É DEUS DE CONFUSÃO, SENÃO DE PAZ.

O dom da profecia também precisa de orientação e instrução, embora não o mesmo tipo de limitação como o dom de línguas. No versículo 29 não é usada a palavra grega *kata*. O sentido aqui parece ser que "dois ou três profetas" podem falar em sucessão. Então, antes que outros profetizem, os outros crentes na assembléia devem julgar meticulosa "e publicamente",[84] com deliberada consideração e avaliação, o que o Espírito está dizendo. Isto incluiria como a profecia se alinha com a Palavra de Deus,[85] como satisfaz a necessidade, qual é o propósito de Deus e o que os crentes devem fazer com o que ouvem para edificar o corpo.

Paulo talvez esteja admitindo que as pessoas podem acrescentar à expressão do Espírito seus próprios sentimentos (quiçá sem querer). Parece que foi isso que aconteceu quando os de Tiro, "pelo Espírito", exortaram Paulo a não ir para Jerusalém (At 21.4). A palavra "por" em grego significa "em conseqüência de", ou "por causa de". A mesma coisa aconteceu em Atos 21.11,12. Outras passagens indicam que era mesmo da vontade de Deus que Paulo fosse a Jerusalém (cf. At 9.16; 27.23,24). Mas as pessoas acrescentaram seus próprios temores e sentimentos ao que o Espírito dizia. Paulo não nos ensina a concordar sem questionar cada mensagem dada numa reunião.

Se uma pessoa está dando uma mensagem em profecia e outra se levanta, indicando que lhe foi dada uma revelação de Deus, então a primeira deve dar a oportunidade à segunda. Assim, o amor não deixará que uma pessoa se levante e interrompa a outra, nem deixará algum indivíduo monopolizar o tempo. Antes, o amor dará a todos (não apenas aos que têm um ministério especial como profetas) a oportunidade de exercerem o dom da profecia para trazer ensino e consolo a todos na assembléia.

Este tipo de amor, cortesia e consideração é possível porque "os espíritos dos profetas estão sujeitos aos profetas". O Espírito Santo manifesta os dons, à medida que nosso espírito responde a Ele, de forma que o Espírito Santo ministra pelo nosso espírito (cf. 1 Co 14.14,15). Mas Ele espera que nos lembremos de que "Deus não é Deus de confusão, senão de paz" (inclusive de harmonia). "Paz é fundamental para avançarmos em unidade, recebermos o que os outros nos ministram e aprendermos até pelo erro".[86]

Aqueles que exercem os dons espirituais não ficam hipnotizados ou sonambúlicos. A operação dos dons não envolve a perda da consciência de si mesmo. Profetas pagãos, médiuns e outras manifestações demoníacas podem não ter controle de sua consciência quando fazem ou dizem alguma coisa.[87] Em contraste, o Espírito Santo não opera desta forma.

Deus nos torna cooperadores sob sua direção (1 Co 3.9).

Isto significa que podemos esperar por ocasião apropriada para ministrar o dom que o Espírito Santo nos está incitando. Precisamos não interromper tudo no momento em que o sentimos nos mover. Não perdemos nada se esperarmos até que o Espírito proporcione oportunidade para manifestar o dom sem causar confusão e desordem. De fato, manter o controle só aumenta o impulso do Espírito e impede que o dom seja ineficaz.[88]

d) Orientações para as mulheres 14.33b-35

> 33b COMO EM TODAS AS IGREJAS DOS SANTOS. 34 AS MULHERES ESTEJAM CALADAS NAS IGREJAS, PORQUE LHES NÃO É PERMITIDO FALAR; MAS ESTEJAM SUJEITAS, COMO TAMBÉM ORDENA A LEI. 35 E, SE QUEREM APRENDER ALGUMA COISA, INTERROGUEM EM CASA A SEUS PRÓPRIOS MARIDOS; PORQUE É INDECENTE QUE AS MULHERES FALEM NA IGREJA.

Outros tipos de desordem também devem ser evitadas, como, por exemplo, mulheres interrompendo e fazendo perguntas de maneira imprópria, contribuindo para a confusão (a maioria das mulheres era inculta naqueles dias[89]). Tal instrução poderia ser aplicada a homens e mulheres em assuntos que o costume local considera inconvenientes.[90] Paulo esperava que as mulheres orassem e profetizassem em público, se o Espírito lhes desse um ministério (1 Co 11.5). A Bíblia não faz diferenciação entre homens e mulheres com respeito às manifestações espirituais. Deus usou as mulheres como profetas tanto nos dias do Antigo Testamento como nos do Novo (por exemplo, Miriã, Êx 15.20; Débora, Jz 4.4; Hulda, 2 Rs 22.14; as quatro filhas de Filipe, o evangelista, At 21.9).

Por outro lado, pode ter havido uma situação em Corinto como a que Paulo descreve em 2 Timóteo 3.6,7, onde falsos mestres que se opunham à verdade "se introduzem pelas casas e levam cativas mulheres néscias carregadas de pecados, levadas de várias concupiscências, que aprendem sempre e nunca podem chegar ao conhecimento da verdade". A presença de tais mulheres na congregação coríntia seria razão suficiente para lhes dizer que "estejam caladas". Mas isto não significa que devemos restringir as mulheres dos genuínos dons e ministérios dados pelo Espírito.[91]

e) O mandamento do Senhor 14.36-40

> 36 PORVENTURA, SAIU DENTRE VÓS A PALAVRA DE DEUS? OU VEIO ELA SOMENTE PARA VÓS? 37 SE ALGUÉM CUIDA SER PROFETA

> OU ESPIRITUAL, RECONHEÇA QUE AS COISAS QUE VOS ESCREVO SÃO MANDAMENTOS DO SENHOR. [38] MAS, SE ALGUÉM IGNORA ISSO, QUE IGNORE.

Agora Paulo fala a toda a assembléia (gr. *monous*, "somente" está no masculino e no plural). Provavelmente por causa da oposição expressada na carta que recebera deles, Paulo pergunta com ironia se a Palavra de Deus saiu deles ou se ela veio somente para eles. Ou seja, eles pensavam que eram superiores à Palavra de Deus que Paulo lhes entregara? Ou tinham o direito de interpretá-la diferentemente de todas as outras assembléias, como se as outras não tivessem recebido a Palavra?

Eles aparentemente pensavam que eram mais espirituais que Paulo. Mas se fossem de fato profetas e espiritualmente dotados, eles reconheceriam ser o mandamento de Deus o que Paulo lhes escrevera. Porém, se ignoram isso, "que ignorem" — implicando que só os espiritualmente ignorantes não levarão em consideração as instruções inspiradas pelo Espírito e dadas por Deus a Paulo.

> [39] PORTANTO, IRMÃOS, PROCURAI, COM ZELO, PROFETIZAR E NÃO PROIBAIS FALAR LÍNGUAS. [40] MAS FAÇA-SE TUDO DECENTEMENTE E COM ORDEM.

Paulo conclui dirigindo-se afetuosamente aos coríntios como irmãos (e irmãs), enquanto reforça o tema principal deste capítulo: A profecia é o dom que eles devem buscar com zelo. Mas ele diz claramente: "Não proibais falar em línguas". Paulo também está sugerindo que a sensibilidade ao impulso do Espírito pode ser perdida por uma atitude descuidada ou por proibir uma de suas manifestações, como as línguas. "O medo dos extremos leva as igrejas muitas vezes a fugirem de um ministério completo de dons. [...] Às vezes julgamos sem misericórdia e de forma legalista aqueles que erram. Então abafamos a vontade dos outros em iniciar o ministério nos dons."[92] Devemos incentivar que tudo seja feito "decentemente e com ordem", mas se fazemos de modo desprovido de amor, tal atitude também pode levar a uma perda dos dons do Espírito (talvez substituindo ou as expressões emocionais por alguma coisa, ou a forma e a cerimônia por outras).

No Apêndice B você encontrará perguntas para aprimorar seu estudo.

NOTAS

[1] "Dons espirituais" é uma palavra em grego, *pneumatikōn*, uma palavra "usada para se referir à totalidade dos dons do Espírito". Veja também 1 Coríntios 14.1. Veja Anthony

Palma, "Spiritual Gifts — Basic Considerations", *Pneuma* 1, n.º 2, outono de 1979, p. 6. A palavra enfatiza que eles são sobrenaturais e que o Espírito Santo é sua fonte imediata.

[2] Gordon D. Fee. *The First Epistle to the Corinthians.* Grand Rapids, William B. Eerdmans, 1991, p. 572.

[3] Arnold Bittlinger. *Gifts and Graces.* Tradução para o inglês feita por Kerber Klassen. Grand Rapids, William B. Eerdmans, 1976, p. 14.

[4] Norman Hillyer, "1 and 2 Corinthians", in: *The New Bible Commentary*, editores D. Guthrie e J. A. Motyer, 3. ed. Grand Rapids, William B. Eerdmans, 1970, p. 1067.

[5] Bittlinger, *Gifts and Graces*, pp. 16, 17.

[6] Mark D. McLean, "O Espírito Santo", in: *Teologia Sistemática*, ed. Stanley M. Horton. Rio de Janeiro, CPAD, 1996, p. 396.

[7] "Diversidade", em grego *diaireseis*, indica uma variedade de dons, mas a palavra significa primariamente dividir e distribuir (veja 1 Co 12.11).

[8] Palma, "Spiritual Gifts", p. 8.

[9] R. L. Brandt. *Gifts for the Marketplace.* Tulsa, Christian Publishing Services, Inc., 1989, p. 74.

[10] Em grego, *phanerōsis*, o Espírito se manifesta em cada dom. As manifestações que o Espírito quer dar são o dom.

[11] Stanley M. Horton. *O que a Bíblia diz sobre o Espírito Santo.* Rio de Janeiro, CPAD, 1993, p. 226.

[12] Considerando estas listas juntamente com as que se encontram em Romanos 12.6-8 e Efésios 4.11, darão 18 a 20 dons, alguns dos quais se sobrepõem; compare com 1 Coríntios 14.3 e Romanos 12.8.

[13] Paulo usa esta palavra para enfocar a atenção no Espírito Santo e sua atividade.

[14] Fee, *First Epistle to the Corinthians*, p. 589.

[15] Palma, "Spiritual Gifts", p. 15.

[16] David Lim, "Os Dons Espirituais", in: *Teologia Sistemática*, ed. Stanley M. Horton. Rio de Janeiro, CPAD, 1996, p. 472.

[17] Ibid.

[18] Ibid., p. 477.

[19] Horton, *O que a Bíblia diz sobre o Espírito Santo*, p. 294

[20] Lim, "Os Dons Espirituais", in: *Teologia Sistemática*, p. 473.

[21] Pièrre Bonnard, *Commentaire sur la Permière Épitre aux Corinthiens*, v. 2. Neuchatel, éditions de l'imprimerie nouvelle, L.A. Monner, 1965, p. 206.

[22] G. Raymond Carlson. *Spiritual Dynamics.* Springfield, Missouri, Gospel Publishing House, 1976, pp. 103, 104; Anthony D. Palma *The Spirit — God in Action.* Springfield, Missouri, Gospel Publishing House, 1974, p. 83.

[23] Anthony D. Palma, "The Working of Miracles", *Advance*, Outubro de 1974, p. 6.

[24] Lim, "Os Dons Espirituais", in: *Teologia Sistemática*, p. 474.

[25] Horton, *O que a Bíblia diz sobre o Espírito Santo*, p. 299.

[26] Fee, *First Epistle to the Corinthians*, p. 597.

[27] Lim, "Os Dons Espirituais", in: *Teologia Sistemática*, p. 475.

[28] Veja comentários sobre 1 Coríntios 2.7.

[29] Horton, *O que a Bíblia diz sobre o Espírito Santo*, p. 303.

[30] A palavra grega está no tempo presente, implicando a personalidade e a obra contínua do Espírito Santo.

[31] Palma, "Spiritual Gifts", p. 11.

Notas

[32] Galen Hertweck, "The Church as Community: Small Groups in the Local Church", in: *Faces of Renewal*, ed. Paul Elbert, Peabody, Massachusetts, Hendrickson Publishers, 1988, p. 251.

[33] Horton, *O que a Bíblia diz sobre o Espírito Santo*, p. 230.

[34] Stanley M. Horton, "The Pentecostal Perspective", in: Melvin E. Dieter et alli. *Five Views on Sanctification*. Grand Rapids, Zondervan Publishing House, 1987, pp. 129, 130.

[35] Ibid., p. 216.

[36] Bonnard, *Commentaire*, p. 219.

[37] Jean-Jacques Suurmond, "The Meaning and Purpose of Spirit-Baptism and the Charisms", *EPTA Bulletin* 9, n.º 4, 1990, pp. 116, 117.

[38] Fee, *First Epistle to the Corinthians*, p. 601.

[39] Horton, *O que a Bíblia diz sobre o Espírito Santo*, p. 235.

[40] Lim, "Os Dons Espirituais", in: *Teologia Sistemática*, p. 480.

[41] John Ruthven, "On the Cessation of the Charismata", *Pneuma* 12, n.º 1, primavera de 1990, p. 29.

[42] Palma, "Spiritual Gifts", p. 10.

[43] Não só a igreja local, mas a Igreja como um todo, como também aqueles que têm um ministério que se move de lugar em lugar. As igrejas novas precisavam destes ministérios itinerantes. Veja também o próximo parágrafo.

[44] Fee, *First Epistle to the Corinthians*, p. 619.

[45] Lim, "Os Dons Espirituais", in: *Teologia Sistemática*, p. 478.

[46] Júnia (Rm 16.7) é nome feminino. Entre aqueles que foram enviados em pares podem ter-se incluído irmão e irmã ou marido e mulher.

[47] Gordon D. Fee, "Tongues — Least of the Gifts?", *Pneuma* 2, n.º 2, outono de 1980, p. 13.

[48] Outra possibilidade é que a expressão "os melhores dons" esteja sendo usada ironicamente, como Eugene H. Peterson parafraseia o versículo 31 em *The Message*. Colorado Springs, NavPress Publishing Group, 1993: "E, contudo, alguns de vós continuam competindo pelos membros supostamente 'importantes' — quando em realidade todos os dons são de igual valor". *Só na mente coríntia* havia um *ranking* de dons.

[49] "Mais excelente" (gr. *kath' huperbolēn*, "de acordo com a excelência") não é um comparativo. Paulo não está comparando o amor com os dons.

[50] O amor é um fruto, não um dom. O Novo Testamento nunca chama o amor de carisma. Nem é uma alternativa aos dons. Bittlinger, *Gifts and Graces*, pp. 74, 75.

[51] Bonnard, *Commentaire*, p. 219.

[52] Russell E. Joyner, "O Único Deus Verdadeiro", in: *Teologia Sistemática*, ed. Stanley M. Horton. Rio de Janeiro, CPAD, 1996, p. 137.

[53] Horton, *O que a Bíblia diz sobre o Espírito Santo*, p. 238.

[54] Alguns judeus acreditavam mesmo que os anjos tinham suas próprias línguas divinas. Veja Gordon D. Fee. *The First Epistle to the Corinthians*. Grand Rapids, William B. Eerdmans, 1987, p. 630.

[55] Fee, *First Epistle to the Corinthians*, p. 627.

[56] Alguns manuscritos antigos trazem "entregasse o meu corpo para que eu me jactasse", o que chama a atenção para eles mesmos (e para a sua atitude errada). Fee prefere esta leitura, porque Nero ainda não tinha começado a queimar vivos os cristãos. Ele também sugere que a jactância pode ser legítima, como a de Romanos 5.2,3; 2 Coríntios 1.14. Veja Fee, *First Epistle to the Corinthians*, pp. 634, 635.

[57] Veja também Mateus 25.31-46, Lucas 10.25-37 e Hebreus 13.16. O amor não permitirá que o serviço social se torne uma área abandonada.

[58] Veja Stanley M. Horton. *Nosso Destino: O Ensino Bíblico das Últimas Coisas.* Rio de Janeiro, CPAD, 1998, p. 88.

[59] No tempo do rei James (King James), "caridade" era sinônimo de amor, assim a KJV (King James Version) traduz a palavra grega usada aqui (*agapē*) por "amor" oitenta e duas vezes e por "caridade" vinte e seis vezes. Parte disso era pelo fato de que grupos diferentes traduziram seções diferentes da Bíblia e não fizeram comparações entre si. A palavra grega *agapē* é freqüentemente usada para se referir ao amor de Deus e seu amor, mas não é incomum ser usada intercambiavelmente com *phileō*, amor amigável, amor de coisas, etc.; 1 Coríntios 13.4-8 dá a definição do que Paulo quer dizer aqui.

[60] Para uma boa discussão sobre a disponibilidade do batismo com o Espírito Santo nos dias de hoje, veja John W. Wyckoff, "O Batismo com o Espírito Santo", in: *Teologia Sistemática*, ed. Stanley M. Horton. Rio de Janeiro, CPAD, 1996, pp. 452-455.

[61] Jean-Jacques Suurmond, "The Meaning and Purpose of Spirit Baptism and the Charisms", *EPTA Bulletin* 9, n.º 4, 1990, p. 114.

[62] Archibald Robertson e Alfred Plummer, *A Critical and Exegetical Commentary on the First Epistle of St. Paul to the Corinthians*, 2. ed., in: The International Critical Commentary Series. Edimburgo, T. & T. Clark, 1914, p. 297.

[63] F. F. Bruce, "Answers to Questions", *The Harvester*, Agosto de 1964.

[64] Fee, *First Epistle to the Corinthians*, p. 648.

[65] Jon Ruthven, "On the Cessation of the Charismata: The Protestant Polemic of Benjamin B. Warfield", *Pneuma* 12, n.º 1, primavera de 1990, p. 23.

[66] O julgamento final separará os maus da luz de Deus. "A fé, a esperança, o amor que permanecem para nós, [...] para sempre nos faltarão naquele ambiente", Horton, *Nosso Destino*, p. 212.

[67] Alguns supõem que os dons eram dados primariamente para credenciamento, e assim não eram necessários depois que os apóstolos saíram de cena, mas o livro de Atos mostra muitos crentes comuns sendo usados com os dons.

[68] Profecia não é pregação, como alguns supõem. Trata-se de fala espontânea dada pelo Espírito.

[69] A exortação é tratada como um dom distinto da profecia em Romanos 12.6-8.

[70] Horton, *O que a Bíblia diz sobre o Espírito Santo*, p. 301.

[71] Muitos pentecostais consideram que línguas com interpretação "são equivalentes à profecia". Frank M. Boyd. *The Spirit Works Today*. Springfield, Missouri, Gospel Publishing House, 1970, p. 115. Outros (inclusive W. I. Evans, Anthony Palma, Raymond Levang, Gordon Fee e R. L. Brandt) reputam que as línguas sempre são oração e louvores dirigidos a Deus. R. L. Brandt. *Gifts for the Marketplace*. Tulsa, Christian Publishing Services, 1989, p. 199.

[72] C. F. Voegelin calcula que ao longo do curso da história tenha havido 20.000 línguas e dialetos (15.500 dos quais já se extinguiram). *Classification and Index of the World's Languages*. Nova York, Elsevier, 1977.

[73] "Bárbaro", em grego *barbaros*. Nos dias do Novo Testamento aqueles que não sabiam falar grego eram chamados de bárbaros. A difusão do idioma grego em toda a metade oriental do Império Romano tornou mais fácil difundir o Evangelho.

[74] Robert L. Brandt e Zenas J. Bicket. *O Espírito nos ajuda a Orar*. Rio de Janeiro, CPAD, 1996, p. 475. Assim Judas 20 tem levado muitos a falar em glossolalia como uma língua de oração, alguns afirmando que as línguas são, em grande parte, uma oração. Jean Héring, *La Première Épitre de Saint Paul aux Corinthiens*, 2. ed. Neuchatel, Editions delachaux & Nestlé, 1959, p. 126.

[75] William L. Holladay. *A Concise Hebrew and Aramaic Lexicon of the Old Testament*. Grand Rapids, William B. Eerdmans, 1971, p. 20.

[76] Brandt e Bicket, *O Espírito nos ajuda a Orar*, p. 331.

[77] John W. Wyckoff, "O Batismo com o Espírito Santo", in: *Teologia Sistemática*, ed. Stanley M. Horton. Rio de Janeiro, CPAD, 1996, p. 449.

[78] Archibald Robertson e Alfred Plummer, *A Critical and Exegetical Commentary on the First Epistle of St. Paul to the Corinthians*, 2. ed., in: The International Critical Commentary Series. Edimburgo, T. & T. Clark, 1914, p. 317.

[79] Eduard Schweizer, "The Service of Worship", *Interpretation* 13, n.º 4, Outubro de 1959, p. 406.

[80] Richard Lovelace, "Baptism in the Holy Spirit and the Evangelical Tradition", in: *Faces of Renewal*, ed. Paul Elbert. Peabody, Massachusetts, Hendrickson Publishers, 1988, p. 230.

[81] Schweizer, "The Service of Worship", p. 401.

[82] Anthony Palma, "Spiritual Gifts — Basic Considerations", *Pneuma* 1, n.º 2, outono de 1979, p. 20.

[83] Lim, "Os Dons Espirituais", in: *Teologia Sistemática*, p. 484.

[84] Ibid., p. 475.

[85] John R. Higgins, "A Palavra Inspirada de Deus", in: *Teologia Sistemática*, ed. Stanley M. Horton. Rio de Janeiro, CPAD, 1996. p. 119.

[86] Lim, "Os Dons Espirituais", in: *Teologia Sistemática*, p. 489.

[87] Erich Nestler, "Was Montanism a Heresy?", *Pneuma* 6, n.º 1, primavera de 1984, p. 69.

[88] Aprendi isto cedo em meu ministério de ensino na Central Bible College. Em certa ocasião, o Espírito incitou algumas palavras em minha mente enquanto me encontrava sentado na igreja. Esperei até haver um espaço no culto e pedi permissão para falar. Quando assomei ao púlpito era como se eu pisasse em um campo elétrico. Entreguei a mensagem que o Espírito tinha me entregado e mais palavras fluíram. Os estudantes saíram correndo de seus lugares em direção ao altar e muitos foram cheios do Espírito Santo.

[89] Muitos aplicam a frase "estejam caladas" somente às perguntas feitas. Pièrre Bonnard, *Commentaire sur la Première Épitre aux Corinthiens*, v. 2. Neuchatel, éditions de l'imprimerie nouvelle L.A. Monner, 1965, p. 314.

[90] Veja 1 Coríntios 9.19-23 para inteirar-se da opinião de Paulo sobre como se relacionar com a cultura da época.

[91] Gordon Fee argumenta que os versículos 34 e 35 não foram escritos por Paulo, mas são acréscimos de um copista mais recente. Ele observa que todos os manuscritos ocidentais os colocam depois do versículo 40. Gordon Fee. *The First Epistle to the Corinthians*. Grand Rapids, William B. Eerdmans, 1987, pp. 699-708.

[92] Lim, "Os Dons Espirituais", in: *Teologia Sistemática*, p. 487.

VII. A ressurreição de Cristo e a nossa 15.1-58

A idéia da ressurreição não foi plenamente desenvolvida no Antigo Testamento. Jó a viu (Jó 19.25,26). Isaías 25.8; 26.19 e Daniel 12.2 a previram. Os fariseus criam nela, mas os saduceus, devido a influência da filosofia grega, a rejeitavam. Eles se aproximaram de Jesus com uma pergunta destinada a fazer com que a idéia da ressurreição parecesse

ridícula. Jesus respondeu-lhes que estavam em erro porque não conheciam as Escrituras ou o poder de Deus. Então, porque os saduceus também rejeitavam a autoridade dos profetas, Jesus tomou uma passagem bíblica com a qual eles concordavam para mostrar que estavam enganados: "E, acerca dos mortos que houverem de ressuscitar, não tendes lido no livro de Moisés como Deus lhe falou na sarça, dizendo: Eu sou o Deus de Abraão, e o Deus de Isaque, e o Deus de Jacó? Ora, Deus não é de mortos, mas sim é Deus de vivos. Por isso, vós errais muito" (Mc 12.18-27; cf. Êx 3.6).

A Igreja Primitiva também proclamou a ressurreição de Jesus e dos crentes (At 2.25-32; 4.2; 13.35-37).[1] "O dom do Espírito também é garantia do que está para vir".[2] Mas em Atenas alguns zombaram da idéia da ressurreição (At 17.32), e a filosofia grega afetou indubitavelmente alguns dos cristãos em Corinto. Eles provavelmente pensavam que "a vida no Espírito significava em si um livramento final do corpo, não porque fosse mau, mas porque era inferior e estava abaixo deles".[3] Por isso, Paulo achou necessário enfatizar que a verdade da ressurreição de Cristo e dos crentes é essencial para o Evangelho.

A. O Evangelho que Paulo anunciava 15.1-11

> [1] Também vos notifico, irmãos, o evangelho que já vos tenho anunciado, o qual também recebestes e no qual também permaneceis; [2] pelo qual também sois salvos, se o retiverdes tal como vo-lo tenho anunciado, se não é que crestes em vão.

Embora Paulo tivesse grande interesse pelos dons do Espírito e sua manifestação, ele agora volta-se ao seu maior interesse — o Evangelho, as Boas Novas de nossa salvação pela morte e ressurreição de Cristo. Paulo o anunciou aos coríntios. Eles o receberam e tomaram uma posição a esse respeito e permaneceram nela. Mas parece que alguns que se consideravam mais "espirituais" do que os outros, precisavam ser lembrados das verdades que Paulo lhes tinha ensinado.

Pelo Evangelho, Paulo anunciou que eles não só já estavam salvos, mas ainda estavam sendo salvos (a palavra grega *sōzesthe* está num passivo presente contínuo, indicando que eles estavam continuamente recebendo da salvação). Porém, eles só continuarão sendo salvos se permanecerem firmes à palavra que Paulo lhes pregara, isto é, o Evangelho. Caso contrário, até a convicção inicial que tiveram teria sido vã, inútil, sem propósito. O motivo de sua afirmação é que não há outro evangelho

senão o que ele anunciava, e qualquer um que pregar outro evangelho será condenado eternamente (Gl 1.6-9).

> 3 PORQUE PRIMEIRAMENTE VOS ENTREGUEI O QUE TAMBÉM RECEBI: QUE CRISTO MORREU POR NOSSOS PECADOS, SEGUNDO AS ESCRITURAS, 4 E QUE FOI SEPULTADO, E QUE RESSUSCITOU AO TERCEIRO DIA, SEGUNDO AS ESCRITURAS, 5 E QUE FOI VISTO POR CEFAS E DEPOIS PELOS DOZE.

Os versículos 3 a 11 registram as declarações recebidas por Paulo. Os versículos 3 a 5 apresentam os fundamentos do Evangelho. Os versículos 6 a 8 alistam algumas das aparições de Cristo, e a esses se segue a declaração de Paulo, do seu apostolado (1 Co 15.9-11).

As Boas Novas, o Evangelho, têm duplo fundamento: as promessas das Escrituras do Antigo Testamento e os fatos históricos da morte e ressurreição de Cristo. Jesus morreu na cruz, derramou o seu sangue, deu a sua vida por nós, por causa de nossos pecados e em nosso lugar (cf. Rm 4.25; 5.8; 1 Pe 3.18). Ele o fez segundo as Escrituras. Quando olhamos para o Antigo Testamento vemos rica simbologia no sacerdócio e sacrifícios que nos lembram que "o salário do pecado é a morte" (Rm 6.23) e que o sangue do sacrifício representa a vida derramada na morte (Lv 17.11). Pois, como Isaías profetizou, o sofredor Servo de Deus não tinha pecado próprio, mas "ele foi ferido pelas *nossas* transgressões" e tornou-se oferta de culpa por nós, satisfazendo as reivindicações da lei e da justiça de Deus (Is 53.5,10).[4] Na cruz, Jesus disse: "Está consumado" e morreu (Jo 19.30). Seu trabalho por nossa redenção estava completo. Só uma coisa mais precisava ser feita: Ele ressuscitou para nossa justificação (veja Rm 4.25). "O milagre da ressurreição é fundamental para a cristologia de Paulo".[5] A ressurreição literal e física de Jesus Cristo é a ousada proclamação ao universo de que sua morte foi eficaz e as hostes das trevas foram realmente conquistadas e que o Cristo vitorioso ressuscitou em triunfo dentre os mortos,[6] tornando sua ressurreição nossa garantia.[7] Isto também estava de acordo com as Escrituras. Isaías profetizou que Ele veria o resultado dos seus sofrimentos e ficaria satisfeito (53.11).[8] "Os Rolos do mar Morto acrescentam que Ele verá a luz da vida, a qual foi realmente cumprida em sua ressurreição".[9] As aparições de Jesus a Pedro e o restante dos doze (inclusive Matias) os tornou testemunhas primárias de sua ressurreição (como também dos seus ensinos).

> 6 DEPOIS, FOI VISTO, UMA VEZ, POR MAIS DE QUINHENTOS IRMÃOS, DOS QUAIS VIVE AINDA A MAIOR PARTE, MAS ALGUNS JÁ DORMEM TAMBÉM. 7 DEPOIS, FOI VISTO POR TIAGO, DE-

POIS, POR TODOS OS APÓSTOLOS [8] E, POR DERRADEIRO DE TODOS, ME APARECEU TAMBÉM A MIM, COMO A UM ABORTIVO.

O aparecimento de Jesus a "mais de quinhentos irmãos" (e irmãs, visto que as mulheres estavam entre os que o seguiam) aconteceu provavelmente na Galiléia. Isto é importante porque a maioria dessas testemunhas ainda estava viva na ocasião em que Paulo escreveu esta carta aos coríntios.[10] Eles ainda poderiam ir e conferir a verdade do que Paulo estava dizendo. Ele não teria ousado mencionar tais aparecimentos se não fossem verdadeiros. Tiago, irmão de Jesus, ainda estava vivo, bem como a maioria dos outros apóstolos (Tiago, irmão do apóstolo João, tinha sido martirizado [At 12.2]). Jesus apareceu novamente a eles pouco antes de sua ascensão. Paulo não quer dizer que Ele apareceu somente aos apóstolos naquela ocasião. Os Evangelhos mostram que outras pessoas também estavam presentes (Lc 24.33).

O fato de Jesus ter aparecido a Paulo "por derradeiro de todos" (na estrada de Damasco [At 9.3-6]), significa que Paulo foi o último a ser testemunha em primeira mão da ressurreição de Jesus e, portanto, o último a ser comissionado por Jesus como apóstolo. Entre os apóstolos do Novo Testamento incluíam-se outros além dos doze (veja comentários sobre 1 Co 9.3-5). "Como testemunhas diretas e mensageiros do Senhor ressurrecto, eles puseram o fundamento da Igreja de Jesus Cristo, um fundamento que nunca pode ser acrescentado ou alterado. Assim, estes apóstolos não podem ter sucessores".[11] Porém, o ministério apostólico continua hoje como "obra de edificação da Igreja e formação da comunhão, exercida com milagres acompanhantes que são a obra do Espírito"[12] (cf. Ef 4.11).

"Abortivo" (gr. *ektrōmati*) é a palavra comum para aludir a aborto, sobre o qual geralmente pensamos que veio antes da data prevista para o nascimento. Aqui Paulo quer dizer que seu apostolado foi dado mais tarde. Pode ser que os inimigos de Paulo usaram este fato de modo desdenhoso, ao qual ele humildemente aceita.[13]

[9] PORQUE EU SOU O MENOR DOS APÓSTOLOS, QUE NÃO SOU DIGNO DE SER CHAMADO APÓSTOLO, POIS QUE PERSEGUI A IGREJA DE DEUS. [10] MAS, PELA GRAÇA DE DEUS, SOU O QUE SOU; E A SUA GRAÇA PARA COMIGO NÃO FOI VÃ; ANTES, TRABALHEI MUITO MAIS DO QUE TODOS ELES; TODAVIA, NÃO EU, MAS A GRAÇA DE DEUS, QUE ESTÁ COMIGO. [11] ENTÃO, OU SEJA EU OU SEJAM ELES, ASSIM PREGAMOS, E ASSIM HAVEIS CRIDO.

Paulo nunca esqueceu-se de que perseguiu a *ekklēsia*, a assembléia do povo de Deus, a qual tornara-se seu povo e cidadãos do seu Reino

celestial. Nem esquecia a graça de Deus, o favor não merecido que lhe fora dado quando Jesus o deteve na estrada de Damasco e o comissionou como apóstolo aos gentios, ou seja, às nações do mundo (At 9.15). Esta graça foi eficaz nele e por ele, porque respondeu numa fé e obediência que o levaram a trabalhar com mais afinco que qualquer um dos outros apóstolos.

Mas se o Senhor estava usando Paulo ou os outros, todos eles pregavam o mesmo Evangelho. Paulo nos conta em Gálatas como foi a Jerusalém, aos líderes cristãos, e lhes expôs o Evangelho que pregava entre os gentios. Tiago, Pedro e João deram a ele e a Barnabé "as destras, em comunhão", quando conheceram a graça que lhes havia sido dada (Gl 2.2,9). Assim, o Evangelho que Paulo pregava é o mesmo Evangelho registrado em nossos quatro evangelhos, o que Atos 2.42 chama de "a doutrina dos apóstolos".

B. A realidade da ressurreição dos mortos 15.12-58

1. A ressurreição é vital para nossa esperança 15.12-19

> 12 Ora, se se prega que Cristo ressuscitou dos mortos, como dizem alguns dentre vós que não há ressurreição de mortos? 13 E, se não há ressurreição de mortos, também Cristo não ressuscitou. 14 E, se Cristo não ressuscitou, logo é vã a nossa pregação, e também é vã a vossa fé.

O versículo 12 continua onde o versículo 2 termina. Alguns tinham se voltado contra Paulo e não estavam retendo firmemente a palavra (1 Co 15.2) que ele pregara. Eles tinham na verdade crido em vão, a fé que possuíam era inútil. Ainda que aceitassem a pregação de que Cristo tinha ressuscitado dos mortos (e ainda estava vivo), eles diziam que não havia ressurreição dos mortos (isto é, dos crentes mortos). Mas a ressurreição de Cristo, como também a nossa, são parte de um mesmo e único plano de Deus. Jesus disse: "Porque eu vivo, e vós vivereis" (Jo 14.19). Como também falou à Marta: "Eu sou a ressurreição e a vida; quem crê em mim, ainda que esteja morto, viverá; e todo aquele que vive [que ressuscitou depois de ter morrido] e crê em mim nunca morrerá" (Jo 11.25,26). Assim, concluiríamos que se não há ressurreição dos mortos, então Jesus era mentiroso e não ressuscitou dos mortos. Se assim fosse, então toda a pregação de Paulo era inútil e sem sentido, bem como a fé que respondia à pregação do Evangelho.

15 E ASSIM SOMOS TAMBÉM CONSIDERADOS COMO FALSAS TESTEMUNHAS DE DEUS, POIS TESTIFICAMOS DE DEUS, QUE RESSUSCITOU A CRISTO, AO QUAL, PORÉM, NÃO RESSUSCITOU, SE, NA VERDADE, OS MORTOS NÃO RESSUSCITAM. 16 PORQUE, SE OS MORTOS NÃO RESSUSCITAM, TAMBÉM CRISTO NÃO RESSUSCITOU. 17 E, SE CRISTO NÃO RESSUSCITOU, É VÃ A VOSSA FÉ, E AINDA PERMANECEIS NOS VOSSOS PECADOS. 18 E TAMBÉM OS QUE DORMIRAM EM CRISTO ESTÃO PERDIDOS.

Cristo seria não apenas mentiroso se os mortos não ressuscitassem, mas Paulo e os apóstolos seriam falsas testemunhas da ressurreição e da própria natureza de Deus, e estavam na verdade dando testemunho contra Deus.

Nossa fé, nossa salvação, depende do fato objetivo e literal de que Jesus ressuscitou dos mortos. Se Ele não ressuscitou, então a cruz é sem sentido, sua morte e o derramamento do seu sangue não expiaram nossos pecados e ainda somos pecadores culpados, sentenciados a um inferno eterno. Além disso, os que morreram com a fé posta em Jesus já estão perdidos — para sempre sem esperança.

Podemos aplicar o contrário. Aqueles que negam que Jesus ressuscitou literal e objetivamente dos mortos estão negando a verdade fundamental do Evangelho. Eles estão tornando a Bíblia, Jesus, os apóstolos e o próprio Deus falsas testemunhas. Mas são eles as falsas testemunhas e não têm o direito de serem chamados de cristãos. Qualquer que seja a fé que afirmem possuir, é inexpressiva.

19 SE ESPERAMOS EM CRISTO SÓ NESTA VIDA, SOMOS OS MAIS MISERÁVEIS DE TODOS OS HOMENS.

Certa canção popular diz: *If I am dreaming, let me dream on* ("Se estou sonhando, deixe-me sonhar"). Ouvi algumas pessoas declararem: "A vida cristã é a melhor e mais feliz vida, então mesmo que não seja verdade, é bom ser cristão". Mas o apóstolo Paulo não teria dito nada disso. Quando disse que "somos os mais miseráveis dos homens", ele não quis dizer que nos sentimos miseráveis. Para Paulo seria coisa miserável crer em algo que não é verdade, e todo aquele que faz assim deve ser lamentado. Ele não estava desejoso de estar entre aqueles cuja mente estava cega à verdade (cf. 2 Co 4.4).

2. A RESSURREIÇÃO DE CRISTO E A CONSUMAÇÃO FINAL 15.20-28

20 MAS, AGORA, CRISTO RESSUSCITOU DOS MORTOS E FOI FEITO AS PRIMÍCIAS DOS QUE DORMEM. 21 PORQUE, ASSIM

> COMO A MORTE VEIO POR UM HOMEM, TAMBÉM A RESSURREIÇÃO DOS MORTOS VEIO POR UM HOMEM. 22 PORQUE, ASSIM COMO TODOS MORREM EM ADÃO, ASSIM TAMBÉM TODOS SERÃO VIVIFICADOS EM CRISTO.

Triunfalmente, Paulo declara a resposta: "Cristo ressuscitou dos mortos". Sua ressurreição é fato. Usando duas figuras de linguagem, ele chama Jesus de "as primícias dos que dormem", ou seja, daqueles que morreram e estão em Cristo. As primícias (os primeiros frutos) eram a primeira etapa da colheita e eram apresentadas ao Senhor com ação de graças em antecipação à boa colheita que estava por vir. Paulo quer dizer que "a ressurreição dos mortos não é algo que está no futuro". Começou na ressurreição de Cristo.[14] Os crentes que morreram têm um relacionamento vivo com Jesus.

Isto nos conforta quando somos afrontados com a morte dos crentes (cf. Rm 8.11; 1 Pe 1.3,4). Jesus e Paulo "usaram a palavra 'dormir' de forma figurada [...] para indicar que a morte não devia ser temida, mas era uma entrada na quietude e descanso, os quais também foram identificados por Jesus com o Paraíso".[15] Lá eles desfrutam da presença de Jesus até o tempo em que Ele vier destruir os exércitos do Anticristo e estabelecer o seu Reino milenar (Ap 19.11-21).

A ressurreição de Jesus também é significativa para nós porque Ele morreu e ressuscitou como homem, um ser humano (gr. *anthrōpou*), tendo-se identificado com a humanidade. Isto era necessário porque a morte entrou no gênero humano mediante o pecado de um homem, um ser humano. Por conseqüência do pecado de Adão, todos foram cortados das bênçãos do jardim do Éden e todos de algum modo herdaram a corrupção do pecado.[16] Todos são "por natureza filhos da ira" (Ef 2.3). Desta forma, "todos pecaram" (Rm 5.12) e estão sujeitos ao castigo divino. Mas Deus amou tanto o mundo que Ele enviou seu único e especial Filho, para que, se crermos, não venhamos a perecer mas tenhamos a vida eterna (Jo 3.16). Para a vida eterna, tem de haver a ressurreição, assim "todos serão vivificados em Cristo". Ele quer restaurar tudo o que a humanidade perdeu com a Queda. Ele até fará mais, porque teremos novos corpos, e em vez de um jardim com uma árvore da vida, moraremos numa cidade com muitas árvores da vida (Ap 22.2).

Alguns consideram que a frase "todos serão vivificados em Cristo" seja inclusiva, abrangente, como em Atos 24.15, que fala da ressurreição "tanto dos justos como dos injustos". Isto significaria uma terceira ressurreição.[17] Porquanto seja verdade que os ímpios que morreram ressuscitarão para enfrentar o julgamento do Grande Trono Branco, antes Paulo tem em mente "todos que são unidos a Cristo no concerto da graça"[18] (cf. 1 Co 15.45-49).

> [23] MAS CADA UM POR SUA ORDEM: CRISTO, AS PRIMÍCIAS; DEPOIS, OS QUE SÃO DE CRISTO, NA SUA VINDA. [24] DEPOIS, VIRÁ O FIM, QUANDO TIVER ENTREGADO O REINO A DEUS, AO PAI, E QUANDO HOUVER ANIQUILADO TODO IMPÉRIO E TODA POTESTADE E FORÇA. [25] PORQUE CONVÉM QUE REINE ATÉ QUE HAJA POSTO A TODOS OS INIMIGOS DEBAIXO DE SEUS PÉS. [26] ORA, O ÚLTIMO INIMIGO QUE HÁ DE SER ANIQUILADO É A MORTE.

Paulo trata a ressurreição de Jesus e a dos crentes como uma unidade (o que Apocalipse 20.5 chamada de "a primeira ressurreição"), comparando-a com uma colheita. "Cristo é as 'primícias' [os primeiros frutos] da colheita. O corpo principal da colheita vem 'por sua [própria] ordem', no momento da vinda de Jesus para nos encontrar nos ares. Então, os martirizados durante a Grande Tribulação [como indica Apocalipse 20.4], as respigas da colheita, irão completar a primeira ressurreição".[19] O restante dos mortos serão ressuscitados somente depois do Milênio, para comparecerem perante o Grande Trono Branco (Ap 20.5,12).[20]

Alguns reputam que a expressão *eita to telos* ("depois, virá o fim") significa que o fim último, a meta final, vem imediatamente depois da ressurreição e do arrebatamento, não deixando espaço para um milênio. Contudo, o fato de a palavra *eita*, no versículo 24, seguir a palavra *epeita*, no versículo 23, indica uma sucessão de tempo entre a segunda vinda e o fim. O subjuntivo aoristo em grego de "quando houver aniquilado todo império" sugere que a aniquilação é anterior à sua entrega do Reino a Deus Pai no fim: "A entrega segue a subjugação. Isto é confirmado pela construção paralela do versículo 28".[21] Assim, está claro que o reinado de Cristo acontece durante o Milênio, depois de sua segunda vinda.

Os Salmos 8.6 e 110.1 também profetizam um reinado régio. Zacarias (Zc 10.6,8,9,12) promete um futuro retorno dos israelitas à sua terra. Todas estas passagens exigem uma realização no Milênio.[22] A palavra "convém" (gr. *dei*, 1 Co 15.25) indica propósito. Cristo tem de reinar de forma que seus inimigos sejam aniquilados.[23] Isto implica que Ele "cumprirá todos os propósitos de Deus na criação e redenção. Ele corrigirá todos os males. Os mártires e outros que foram condenados injustamente nesta vida serão vindicados e abençoados".[24]

Apocalipse 19.20 deixa claro que o Anticristo será, na Segunda Vinda de Cristo, lançado no lago de fogo. Paulo também admite este fato (2 Ts 2.8), e observa que os santos reinarão (1 Co 4.8; cf. Ap 5.10). Então, depois do Milênio, Satanás será solto por curto período de tempo. Isto trará a sua destruição final e daqueles que persistiram em segui-lo. Tam-

bém trará o fim da morte, pois a morte e o inferno serão lançados no lago de fogo (Ap 20.10,13-15). Esta será a derrota final do "último inimigo", a morte. Não haverá morte nos novos céus e na nova terra, pois o lago de fogo estará fora deles.[25]

> [27] PORQUE TODAS AS COISAS SUJEITOU DEBAIXO DE SEUS PÉS. MAS, QUANDO DIZ QUE TODAS AS COISAS LHE ESTÃO SUJEITAS, CLARO ESTÁ QUE SE EXCETUA AQUELE QUE SUJEITOU TODAS AS COISAS. [28] E, QUANDO TODAS AS COISAS LHE ESTIVEREM SUJEITAS, ENTÃO, TAMBÉM O MESMO FILHO SE SUJEITARÁ ÀQUELE QUE TODAS AS COISAS LHE SUJEITOU, PARA QUE DEUS SEJA TUDO EM TODOS.

Paulo aplica agora o Salmo 8.6 a Jesus como aquEle que verdadeiramente cumpre o que Deus pretendeu para a humanidade e como aquEle em quem temos o cumprimento (cf. Hb 2.6-8). O fato de Deus colocar "todas as coisas" debaixo dos pés de Jesus não inclui obviamente Deus Pai. Jesus ainda será o Filho, subordinado ao Pai, embora igual a Ele. O Reino de Jesus no Milênio e a destruição final de Satanás e da morte completarão a missão[26] messiânica do Filho e farão com que Deus seja "tudo em todos" — com tudo e todos nos novos céus e na nova terra em perfeita harmonia com Ele. Podemos ter um antegozo disto quando testemunhamos a unidade na diversidade das operações carismáticas na Igreja. Compare o "esplêndido paradoxo de Efésios 3.18: só '*junto com todos os santos*', 'junto com todos os dons diferentes, é que poderemos conhecer o desconhecível: a largura, o comprimento, a altura e a profundidade do amor do único Cristo, a plenitude de Deus".[27]

Em outras palavras, o fato de Deus ser tudo em todos não quer dizer panteísmo, ou perda da personalidade individual da pessoa pela dissolução em um grande Brahma ou Atma, como a filosofia hindu ensina. Deus se torna tudo em todos de modo que nós, crentes, somos glorificados e nos tornamos a plenitude das pessoas inigualáveis que Deus pretendeu que sejamos. Todos teremos um lugar na Nova Jerusalém. Haverá maravilhosa variedade e diversidade, mas em vez de fragmentação e divisão, tão comuns hoje, a unidade do Corpo de Cristo será perfeita e completa.

Nosso relacionamento com Cristo e o Pai para sempre será cheio de alegria e paz. O fato de "o mesmo Filho se sujeitará" ao Pai, também indica que o tipo de mediação entre Deus e a humanidade que Cristo exerce hoje (e exercerá no Milênio) não será mais necessária. Por conseguinte, a sujeição do Filho ao Pai é "uma sujeição administrativa, [...] o Filho de nenhuma maneira é inferior ao Pai".[28] Nossa comunhão será completa e não haverá nada entre nós.

3. Desafio para crermos na ressurreição 15.29-34

[29] Doutra maneira, que farão os que se batizam pelos mortos, se absolutamente os mortos não ressuscitam? Por que se batizam eles, então, pelos mortos?

Paulo ainda desafia os que negam a ressurreição apontando uma prática que alguns mantinham. Mas não explica por que as pessoas "se batizam pelos mortos". Ele só quer que eles vejam que tal batismo, que retrata a morte e a ressurreição, não tem sentido se não há ressurreição. Uma sugestão é que alguns novos convertidos morreram antes que fossem batizados. Seus parentes pagãos queriam lhes dar um enterro pagão, mas outro cristão era batizado no lugar deles para contar ao mundo o que o crente morto teria feito. Isto seria um meio de reivindicar o corpo para o enterro cristão. Foi provavelmente uma prática local de curta duração. Pelos dias de João Crisóstomo (345-407 d.C.), alguns afirmavam que Paulo queria dizer que eles estavam sendo batizados por si mesmos, porque estavam mortos em pecados. Outros consideram que isto significa um batismo vigente de provas e sofrimentos.[29]

[30] Por que estamos nós também a toda hora em perigo? [31] Eu protesto que cada dia morro gloriando-me em vós, irmãos, por Cristo Jesus, nosso Senhor. [32] Se, como homem, combati em Éfeso contra as bestas, que me aproveita isso, se os mortos não ressuscitam? Comamos e bebamos, que amanhã morreremos.

Paulo viveu uma vida de constantes perigos (cf. 2 Co 11.23-28). Embora ele ensinasse o morrer para o pecado, isso não se ajusta com este contexto de perigo. Por morrer a "cada dia" Paulo queria dizer que arriscava a vida diariamente. Ele ousava fazer assim por duas razões. Primeiro, porque sabia que se fosse morto, ele não perderia nada do que estava realmente buscando: estar para sempre com o Senhor (1 Ts 4.17). Segundo, ele queria levar outros para Cristo, exatamente como se gloriava sobre o fato de que os crentes coríntios estavam agora em Cristo Jesus por causa do seu testemunho.

Lucas não registra em Atos nenhuma luta com animais selvagens em Éfeso. Ao mesmo tempo, ele registra apenas um naufrágio e Paulo menciona três outros (2 Co 11.25). Alguns supõem que Paulo está se referin-

do a uma turba que agia como bestas selvagens. Paulo, na qualidade de cidadão romano, não teria sido lançado às bestas selvagens (o que teria significado a morte, como foi o caso com mártires mais recentes).[30] (Note como a cidadania romana o protegeu: At 16.37; 22.25.)

A questão de Paulo ainda é que todos os seus sofrimentos teriam sido sem razão ou propósito divino, sem esperança de recompensa, se não houvesse ressurreição. De fato, a vida em si seria sem sentido. Eles bem poderiam seguir o exemplo das pessoas impenitentes dos dias de Isaías que, não vendo esperança no futuro, diziam: "Comamos e bebamos, porque amanhã morreremos" (veja Is 22.13). Isso quer dizer, poderíamos também gozar o breve tempo que temos nesta vida.[31]

> [33] NÃO VOS ENGANEIS: AS MÁS CONVERSAÇÕES CORROMPEM OS BONS COSTUMES. [34] VIGIAI JUSTAMENTE E NÃO PEQUEIS; PORQUE ALGUNS AINDA NÃO TÊM O CONHECIMENTO DE DEUS; DIGO-O PARA VERGONHA VOSSA.

Aqueles que negavam a ressurreição enganavam as pessoas. Os crentes coríntios precisavam desassociar-se desses falsos mestres. "Não sabemos quem Paulo estava citando quando disse: 'As más conversações corrompem os bons costumes'."[32] Porém, a idéia é encontrada em Provérbios 22.24,25, ressaltando que aqueles que se associam às más companhias aprendem seus modos e ficam enlaçados.

Estes falsos mestres também estavam incentivando o pecado, como é o caso com os falsos mestres hoje. Os coríntios deveriam ter suficiente bom senso para ver que isso estava errado e deixar de pecar. Paulo reconheceu que a verdadeira razão pela qual estavam se associando aos falsos mestres e caindo em pecado era que eles eram "ignorantes de Deus"; eles não o conheciam em certo sentido real e pessoal, e por isso lhes faltava discernimento espiritual (como a palavra grega *agnōsian* indica). Paulo disse isto para envergonhá-los. Por certo eles já tinham ouvido a verdade e tido a oportunidade por meio de Cristo de entrar nas profundezas do conhecimento de Deus (cf. Hb 10.19-22).

4. O CORPO DA RESSURREIÇÃO 15.35-54

> [35] MAS ALGUÉM DIRÁ: COMO RESSUSCITARÃO OS MORTOS? E COM QUE CORPO VIRÃO? [36] INSENSATO! O QUE TU SEMEIAS NÃO É VIVIFICADO, SE PRIMEIRO NÃO MORRER. [37] E, QUANDO SEMEIAS, NÃO SEMEIAS O CORPO QUE HÁ DE NAS-

CER, MAS O SIMPLES GRÃO, COMO DE TRIGO OU DOUTRA QUALQUER SEMENTE. [38] MAS DEUS DÁ-LHE O CORPO COMO QUER E A CADA SEMENTE, O SEU PRÓPRIO CORPO.

Paulo antecipa outra pergunta. A questão provavelmente surgiu do fato de que o corpo morto se decompõe: "Em pó te tornarás" (Gn 3.19). Pela razão de não entenderem como os mortos seriam ressuscitados, eles tinham abandonado a idéia toda da ressurreição. Mas a morte não é o fim. Ademais, precisamos de um corpo para que sejamos aquilo a que Deus nos criou. Para mostrar continuidade e que o novo corpo será maior que o mortal, Paulo compara a semear uma semente no solo: a casca morre, mas a vida que está dentro brota em toda uma planta, exatamente como Deus pretendeu. Do mesmo modo haverá uma continuidade entre o nosso corpo atual e o nosso novo corpo, mas este será tão diferente de nosso corpo atual quanto uma planta de trigo é diferente de um simples grão.

Podemos ver um pouco do que isto significa "comparando a ressurreição de Lázaro, ainda envolto em faixas (Jo 11.44), e a ressurreição de Jesus, que se levantou através dos lençóis, deixando-os para trás (Jo 20.5-8)".[33] Também seremos diferentes uns dos outros, da mesma forma que as diversas variedades de plantas são diferentes umas das outras.

[39] NEM TODA CARNE É UMA MESMA CARNE; MAS UMA É A CARNE DOS HOMENS, E OUTRA, A CARNE DOS ANIMAIS, E OUTRA, A DOS PEIXES, E OUTRA, A DAS AVES. [40] E HÁ CORPOS CELESTES E CORPOS TERRESTRES, MAS UMA É A GLÓRIA DOS CELESTES, E OUTRA, A DOS TERRESTRES. [41] UMA É A GLÓRIA DO SOL, E OUTRA, A GLÓRIA DA LUA, E OUTRA, A GLÓRIA DAS ESTRELAS; PORQUE UMA ESTRELA DIFERE EM GLÓRIA DE OUTRA ESTRELA. [42] ASSIM TAMBÉM A RESSURREIÇÃO DOS MORTOS. SEMEIA-SE O CORPO EM CORRUPÇÃO, RESSUSCITARÁ EM INCORRUPÇÃO. [43] SEMEIA-SE EM IGNOMÍNIA, RESSUSCITARÁ EM GLÓRIA. SEMEIA-SE EM FRAQUEZA, RESSUSCITARÁ COM VIGOR. [44a] SEMEIA-SE CORPO ANIMAL, RESSUSCITARÁ CORPO ESPIRITUAL.

Para enfatizar ainda mais que o nosso corpo da ressurreição será não só diferente, mas singular, de forma que ainda haverá tremenda variedade no que será nosso corpo, Paulo aponta para as diferenças no mundo da natureza e no brilho dos objetos do céu. Deus ama a variedade. O sol, a lua, as estrelas e toda a criação mostram esse fato. Ele não mudará. Haverá variedade em nosso corpo ressurrecto.

Tudo neste novo corpo será glorioso e poderoso. Ele será incorruptível, não sujeito à deterioração, que começa em geral com os dentes e vai se espalhando gradualmente a todas as outras partes e funções físicas. Nosso novo corpo será cheio da glória que compartilharemos com nosso Senhor. Passada será toda a "ignomínia" (ou humilhação) e toda a "fraqueza".

Embora Jesus não tenha sido restabelecido à plenitude de sua glória anterior senão depois da ascensão, quando Ele ressuscitou do sepulcro seu corpo já não estava mais lacerado, abatido e sangrento. "Ele ressuscitou com saúde, capaz de andar até Emaús. [...] Isto também implicaria que os bebês e os anciãos não ressuscitarão exatamente da mesma forma em que morreram [cf. Fp 3.20,21]. Cada um será o mesmo indivíduo, a mesma pessoa, mas numa forma que será madura e saudável".[34]

Outro contraste importante é o fato de que nosso corpo atual é terrestre, natural (gr. *psuchikon*), e nosso novo corpo será celestial, espiritual (gr. *pneumatikon*). Isto significa "dominado pelo Espírito Santo". Não significa que o novo corpo será "de consistência espiritual" ou que ele será imaterial, etéreo ou desprovido de densidade física. Jesus mostrou aos discípulos que o seu corpo da ressurreição não era fantasmagórico, embora fosse de ordem diferente, uma ordem sobrenatural, adequada para a terra e para o céu. Ele podia ascender aos céus sem o benefício de um traje espacial. Assim, nosso novo corpo será designado a adequar-se não só ao Milênio, mas ao estado eterno.

> 44b SE HÁ CORPO ANIMAL, HÁ TAMBÉM CORPO ESPIRITUAL.
> 45 ASSIM ESTÁ TAMBÉM ESCRITO: O PRIMEIRO HOMEM, ADÃO, FOI FEITO EM ALMA VIVENTE; O ÚLTIMO ADÃO, EM ESPÍRITO VIVIFICANTE. 46 MAS NÃO É PRIMEIRO O ESPIRITUAL, SENÃO O ANIMAL; DEPOIS, O ESPIRITUAL. 47 O PRIMEIRO HOMEM, DA TERRA, É TERRENO; O SEGUNDO HOMEM, O SENHOR, É DO CÉU.

Nosso atual corpo natural tem capacidades, habilidades, paixões e emoções adaptadas à presente ordem terrestre. Tem os mesmos limites que Adão tinha depois da Queda. Em contraste, nosso corpo da ressurreição terá qualidades sobrenaturais de poder e glória dadas pelo Espírito. Seremos seres dependentes inteiramente de Deus, mas nosso corpo será um instrumento perfeito, que nos capacitará a responder ao seu Espírito de maneiras novas e maravilhosas.

O contraste é levado mais adiante: "O primeiro homem, Adão, foi feito em alma vivente", quando Deus soprou nele o fôlego da vida (plural no hebraico, indicando provavelmente que no princípio Adão tinha vida

física e espiritual); "o último Adão", Cristo, foi feito "em espírito vivificante". Isto "pode significar que Ele dá vida do âmbito espiritual onde está agora reinando em glória".[35] Também se refere a Ele dar vida na ressurreição.

No plano de Deus, a ordem exige que o natural venha primeiro e "depois, o espiritual". Adão foi feito do pó da terra. Ele não tinha preexistência. Jesus desceu do céu e identificou-se com a humanidade como verdadeiro homem, mas declarou que Ele era "do céu" e então voltou ao céu (Jo 3.13; 6.33,38).

> [48] QUAL O TERRENO, TAIS SÃO TAMBÉM OS TERRENOS; E, QUAL O CELESTIAL, TAIS TAMBÉM OS CELESTIAIS. [49] E, ASSIM COMO TROUXEMOS A IMAGEM DO TERRENO, ASSIM TRAREMOS TAMBÉM A IMAGEM DO CELESTIAL.

Temos nosso atual corpo terrestre por causa do homem terrestre, Adão, e enquanto estamos nesta terra estamos limitados pelos mesmos limites físicos. Deus criou a humanidade segundo sua imagem e semelhança. A imagem ainda estava no homem depois da Queda (Gn 9.6). Adão teve um filho "à sua semelhança, conforme a sua imagem" (Gn 5.3). Assim, "trouxemos a imagem do terreno" com corpos que, desde a Queda, apresentam deterioração causada pelo pecado. Mas os crentes ressuscitados trarão a imagem do homem do céu e serão "do céu", como Jesus. Ele é o último Adão e por Ele temos um novo começo (cf. Ef 4.24; Cl 3.10). "Isto não sugere, nem remotamente, que os crentes serão glorificados como Jesus o foi quando voltou à sua posição exaltada como o próprio Deus no céu, [...] ainda que sugira [...] que vamos experimentar uma glorificação contínua ao longo da eternidade (cf. Fp 3.21)".[36]

> [50] E, AGORA, DIGO ISTO, IRMÃOS: QUE CARNE E SANGUE NÃO PODEM HERDAR O REINO DE DEUS, NEM A CORRUPÇÃO HERDA A INCORRUPÇÃO.

É necessário que nosso corpo seja diferente, porque nosso atual corpo de carne e sangue está sujeito à corrupção e não pode herdar o Reino vindouro. Ele não é apropriado para o céu. Ouvi alguém contar uma visão na qual um pecador teve uma visão do céu. Ele não viu barreiras. A grama e as árvores frutíferas pareciam lindas. Mas quando tentou andar sobre a grama era como andar sobre pontas de espada. Quando provou o fruto, queimou-lhe a língua como ácido. Ele não estava preparado para desfrutar o céu e terminou no inferno. A menos que sejamos transformados, não podemos herdar e desfrutar o Reino por vir.

Este corpo perecível e deteriorante não está preparado para desfrutar as imperecíveis glórias, belezas e poderes do céu. Nosso corpo precisa ser transformado.

> 51 EIS AQUI VOS DIGO UM MISTÉRIO: NA VERDADE, NEM TODOS DORMIREMOS, MAS TODOS SEREMOS TRANSFORMADOS, 52 NUM MOMENTO, NUM ABRIR E FECHAR DE OLHOS, ANTE A ÚLTIMA TROMBETA; PORQUE A TROMBETA SOARÁ, E OS MORTOS RESSUSCITARÃO INCORRUPTÍVEIS, E NÓS SEREMOS TRANSFORMADOS. 53 PORQUE CONVÉM QUE ISTO QUE É CORRUPTÍVEL SE REVISTA DA INCORRUPTIBILIDADE E QUE ISTO QUE É MORTAL SE REVISTA DA IMORTALIDADE. 54 E, QUANDO ISTO QUE É CORRUPTÍVEL SE REVESTIR DA INCORRUPTIBILIDADE, E ISTO QUE É MORTAL SE REVESTIR DA IMORTALIDADE, ENTÃO, CUMPRIR-SE-Á A PALAVRA QUE ESTÁ ESCRITA: TRAGADA FOI A MORTE NA VITÓRIA.

Para os que herdarão o Reino, Paulo conta "um mistério", algo que não tinha sido revelado anteriormente. "Nem todos dormiremos" (morreremos); alguns crentes ainda estarão vivos quando Jesus voltar. "Mas todos seremos transformados" no momento da ressurreição e arrebatamento. A mudança será súbita, realizada em uma fração de segundo, quando "a última trombeta" soar. Também será final, porque trará a perfeição que Deus prometeu.

"Paulo usa a palavra 'última' para indicar o fim da Era da Igreja. Ele diz que '*a trombeta* soará'. Não indica que é a última em uma série. Ela soa antes que a ira de Deus caia na terra. Ela convoca os crentes e é chamada a trombeta de Deus [1 Ts 4.16]. Ao mesmo tempo, chamando-a de 'última', significando a última para esta era, não exclui a sucessão de sete trombetas *angelicais* que vêm depois, durante a Grande Tribulação".[37]

A ressurreição dos mortos na qualidade de incorruptíveis é uma necessidade, pois como um corpo sujeito à deterioração pode ser imortal? A incorruptibilidade e a imortalidade são ambas necessárias para que o nosso novo corpo seja adequado para o futuro eterno que Deus preparou para nós. Então, citando Isaías, Paulo celebra o fato de que a morte será "tragada [...] na vitória", pois não haverá mais morte para os crentes. Isaías profetizou isto numa época em que os assírios estavam causando muitas mortes e lágrimas (Is 25.8). Isaías entendeu que a promessa diz respeito a tirar toda a desgraça do povo de Deus. "Implica o trabalho de Cristo e a restauração que virão quando Jesus voltar para estabelecer o seu Reino milenar".[38] Também significa que o

Deus que é Espírito (Jo 4.24; 1 Tm 1.17) e que vive na "luz inacessível" (1 Tm 6.16) será então acessível de uma maneira nova.[39] Na Nova Jerusalém, a habitação de Deus será "com os homens [o povo redimido], pois com eles habitará, e eles serão o seu povo, e o mesmo Deus estará com eles e será o seu Deus. E Deus limpará de seus olhos toda lágrima, e não haverá mais morte, nem pranto, nem clamor, nem dor, porque já as primeiras coisas são passadas" (Ap 21.3,4).

5. A vitória por Cristo 15.55-58

> 55 Onde está, ó morte, o teu aguilhão? Onde está, ó inferno, a tua vitória? 56 Ora, o aguilhão da morte é o pecado, e a força do pecado é a lei. 57 Mas graças a Deus, que nos dá a vitória por nosso Senhor Jesus Cristo.

Para o crente, embora a morte ainda seja "o último inimigo" (1 Co 15.26), ela não pode ter vitória sobre nós.

> A vitória de Jesus sobre o Diabo libertou a "todos os que, com medo da morte, estavam por toda a vida sujeitos à servidão" (Hb 2.14,15). Não precisamos mais ter medo da morte! Deus disse: "Não te deixarei, nem te desampararei. E, assim, com confiança, ousemos dizer: O Senhor é o meu ajudador, e não temerei o que me possa fazer o homem" (Hb 13.5,6). A morte perdeu [de fato] o aguilhão!

O tempo presente de "dá a vitória" significa que Ele está dando a vitória agora e continuará dando à medida que continuarmos confiando nEle e lutando a batalha contra o pecado e o mal. Para o crente, "o viver é Cristo, e o morrer é ganho" (Fp 1.21). A morte só pode significar um ganho em nossa relação com Cristo, o qual é propriamente mais dEle que nosso. A morte também trará um descanso (literalmente, "interrupção") dos trabalhos e sofrimentos terrenos quando entrarmos na glória (2 Co 4.17; cf. 2 Pe 1.10,11; Ap 14.13).

> 58 Portanto, meus amados irmãos, sede firmes e constantes, sempre abundantes na obra do Senhor, sabendo que o vosso trabalho não é vão no Senhor.

Notas

Esta esperança e garantia da volta de Cristo e de nossa ressurreição em glória e poder, é algo que deve ter um efeito muito prático em todos os aspectos de nossa vida. O coração de amor de Paulo busca os coríntios como amados irmãos (e irmãs). Por causa desta verdade gloriosa, ele pode incentivá-los a permanecerem firmes e constantes em meio a todas as perseguições, falsas doutrinas e tudo o mais que estivesse acontecendo. Eles não devem deixar que nada os remova de sua firme posição no Senhor. Mas isto não significa inatividade. Eles mostrarão que estão firmes na verdade, não discutindo, mas entregando-se completamente à obra do Senhor. E podem dispor-se a fazê-lo porque sabem que todo o trabalho duro que fazem não é "vão", não é inútil e sem recompensa — nem o nosso.

No Apêndice B você encontrará perguntas para aprimorar seu estudo.

NOTAS

[1] Stanley M. Horton. *Nosso Destino: O Ensino Bíblico das Últimas Coisas.* Rio de Janeiro, CPAD, 1998, pp. 62,63.

[2] Ibid., p. 65.

[3] Gordon D. Fee. *The First Epistle to the Corinthians.* Grand Rapids, William B. Eerdmans, 1987, p. 715.

[4] William W. Menzies e Stanley M. Horton. *Bible Doctrines: A Pentecostal Perspective.* Springfield, Missouri, Logion Press, 1993, p. 100.

[5] Vernon Purdy, "Cura Divina", in: *Teologia Sistemática*, ed. Stanley M. Horton. Rio de Janeiro, CPAD, 1996, p. 523.

[6] O tempo perfeito em grego indica que Ele ainda está vivo.

[7] Horton, *Nosso Destino*, p. 64.

[8] Veja também Salmos 2.7; 16.10,11; 17.15; 110.1 e Oséias 6.2 ("ao terceiro dia", prestando atenção no modo como eles contam incluindo partes dos dias, como também em Mateus 12.40).

[9] Stanley M. Horton, *Isaiah*, v. 12 de *The Complete Biblical Library: The Old Testament.* Springfield, Missouri, World Library Press, 1995, p. 421.

[10] Quando Paulo se refere à morte como sono, ele está se referindo ao corpo. Ele sabia que assim que estivesse longe do corpo na morte, ele estaria presente com o Senhor (2 Co 5.6-9; Fp 1.23). Moisés e Elias no monte da Transfiguração sabiam o que estava acontecendo e entendiam que a morte (gr. *exodos*, a morte, ressurreição e ascensão) de Jesus significaria algo para eles (Lc 9.31).

[11] Donald Stamps, ed. *The Full Life Study Bible.* NIV, The New Testament, Grand Rapids, Zondervan Bible Publishers, 1990, p. 355.

[12] Stanley M. Horton. *O que a Bíblia diz sobre o Espírito Santo.* Rio de Janeiro, CPAD, 1993, p. 289.

[13] Gordon H. Dark. *First Corinthians: A Contemporary Commentary.* Nutley, Nova Jersey, Presbyterian & Reformed Publishing Company, 1975, p. 258.

[14] Horton, *Nosso Destino*, pp. 63,64.

[15] Ibid., pp. 51,52.

[16] "Pode ser que Adão tenha ouvido diretamente de Deus a ordem de não comer da árvore, ao passo que Eva só a ouviu do marido (Gn 2.17; cf. Gn 2.22). Por conseguinte, Adão era mais responsável perante Deus e Eva mais suscetível a Satanás (cf. Jo 20.29). Isto pode explicar a ênfase das Escrituras no pecado de Adão, [...] quando na verdade Eva pecou primeiro". Bruce R. Marino, "A Origem, Natureza e Conseqüências do Pecado", in: *Teologia Sistemática*, ed. Stanley M. Horton. Rio de Janeiro, CPAD, 1995, pp. 267,268.

[17] Wilbur B. Wallis, "The Problem of an Intermediate Kingdom in 1 Corinthians 15.20-28", *Journal of the Evangelical Theological Society* 18, n.º 4, Outono de 1975, p. 235.

[18] Roger Nicole, "Covenant, Universal Call and Definite Atonement", *Journal of the Evangelical Theological Society* 38, n.º 3, setembro de 1995, p 405. Veja também Horton, *Nosso Destino*, p. 216.

[19] Horton, *Nosso Destino*, p. 167. Paulo chama isto literalmente de "extra-ressurreição dentre os mortos" (Fp 3.11), implicando que "alguns dos mortos serão deixados nos sepulcros depois que os crentes forem ressuscitados e arrebatados para o encontro do Senhor nos ares". O corpo principal da colheita também incluirá os santos do Antigo Testamento (Is 26.19-21; Ez 37.12-14; Dn 12.2,3).

[20] Paulo falou de *tën exanastasin*, "a extra-ressurreição", dentre os mortos (Fp 3.11).

[21] Wallis, "Problem", p. 230.

[22] Horton, *Nosso Destino*, pp. 181,182.

[23] Cf. Salmos 110.1 e Mateus 22.44.

[24] Horton, *Nosso Destino*, p. 190.

[25] Ibid., p. 212.

[26] J. J. Lias. *The First Epistle to the Corinthians*. Cambridge, Inglaterra, University Press, 1899, p. 151.

[27] Jean-Jacques Suurmond, "Christ King: A Charismatic Appeal for an Ecological Lifestyle", *Pneuma* 10, n.º 1, primavera de 1988, p. 27.

[28] Timothy Munyon, "A Criação do Universo e da Humanidade", in: *Teologia Sistemática*, ed. Stanley M. Horton. Rio de Janeiro, CPAD, 1996, p. 256.

[29] Lias, *First Epistle to the Corinthians*, p. 151.

[30] Donald S. Metz, "1 Corinthians", in: *The Beacon Bible Commentary*. Kansas City, Missouri, Beacon Hill Press, 1968, v. 7, p. 466; Fee, *First Epistle to the Corinthians*, pp. 770, 771.

[31] Horton, *Isaiah*, p. 169.

[32] Esta citação pode ter vindo da obra de Thais chamada *Menander* (Menandro), embora seja provável que fosse um dito popular. Veja Fee, *First Epistle to the Corinthians*, p. 773.

[33] Horton, *Nosso Destino*, p. 67.

[34] Ibid., pp. 67,69.

[35] Horton, *O que a Bíblia diz sobre o Espírito Santo*, p. 256.

[36] Robert L. Brandt e Zenas J. Bicket. *O Espírito nos ajuda a Orar*. Rio de Janeiro, CPAD, 1996, p. 236.

[37] Horton, *Nosso Destino*, p. 115.

[38] Horton, *Isaiah*, p. 191.

[39] Russell E. Joyner, "O Único Deus Verdadeiro", in: *Teologia Sistemática*, ed. Stanley M. Horton. Rio de Janeiro, CPAD, 1996, pp. 128-129.

[40] Horton, *Nosso Destino*, p. 38.

VIII. Instruções finais 16.1-24

A. A coleta para o povo de Deus 16.1-4

> 1 Ora, quanto à coleta que se faz para os santos, fazei vós também o mesmo que ordenei às igrejas da Galácia. 2 No primeiro dia da semana, cada um de vós ponha de parte o que puder ajuntar, conforme a sua prosperidade, para que se não façam as coletas quando eu chegar.

Paulo trata agora do assunto de uma coleta para o povo de Deus, provavelmente em resposta a outra pergunta na carta que eles lhe haviam escrito. O povo de Deus que ele tem em mente são os santos pobres em Jerusalém (1 Co 16.3). Ele não quer que os coríntios pensem que está pondo neles toda a responsabilidade ou que está lhes pedindo que façam algo que outras assembléias não estão fazendo. Por isso, Paulo lhes diz que está lhes dando as mesmas instruções que deu aos crentes gálatas. Em sua Carta aos Gálatas (escrita provavelmente antes desta), Paulo fala sobre sua diligência em se lembrar dos pobres (Gl 2.10). Atos 11.27-30 registra que Ágabo predisse uma fome e o povo de Antioquia respondeu enviando Paulo e Barnabé com uma dádiva. Agora havia outra oportunidade de ajudar os santos acometidos em Jerusalém. Assim, Paulo diz aos coríntios o que disse aos gálatas.

O que Paulo os dirigiu a fazer, requer a separação regular de uma quantia, ou dinheiro, segundo Deus fez com que prosperassem. Em grego é literalmente: "Cada um de vós, sozinho, ponha de parte algo acumulando de acordo com os lucros". "Sozinho" significa "em casa".[1] Que eles tenham de fazê-lo especificamente "no primeiro dia" da semana parece significativo. Outras menções do primeiro dia, como a reunião em Trôade (At 20.2-7), consideradas junto com a ressurreição de Jesus no primeiro dia da semana, sugerem que os cristãos faziam culto no domingo. Há também evidência de que os cristãos judeus iam às sinagogas aos sábados para testemunhar e depois reuniam-se no primeiro dia da semana para fazer culto e estimarem uns aos outros. Entretanto, a questão de Paulo é que juntando semanalmente eles teriam mais a dar do que se fizessem somente uma coleta quando fosse a eles.

> 3 E, quando tiver chegado, mandarei os que, por cartas, aprovardes, para levar a vossa dádiva a Jeru-

SALÉM. [4] E, SE VALER A PENA QUE EU TAMBÉM VÁ, IRÃO COMIGO.

Paulo era muito cuidadoso com finanças. Ele queria ter certeza de que a dádiva, que seria uma pesada carga de moedas de prata, fosse apropriadamente protegida e vigiada, de forma que chegasse aos pobres em Jerusalém, a quem se destinava. Por isso, ele queria que eles escolhessem mais de um indivíduo — "os que [...] aprovardes" (e em quem confiares) — e os enviasse a Jerusalém com a dádiva (gr. *charin*, "dádiva da graça") que eles estavam dando.

Paulo não queria pegar a oferta deles e entregá-la. Em vez disso, ele escreveria "cartas [de apresentação]" (1 Co 16.3, ARA). Se eles achassem "melhor, ele ficaria contente em viajar com eles" (1 Co 16.4, *The Message*). A presença deles tornaria a dádiva mais pessoal e ajudaria a fazer com que os cristãos judeus em Jerusalém apreciassem não só a dádiva, mas também a comunhão com os crentes gentios. A presença deles também daria certeza de que Paulo estaria acima de qualquer suspeita quanto às suas intenções, que ele não tomaria para si todo o crédito do ato e que os crentes de Jerusalém receberiam tudo o que havia sido coletado (veja Rm 15.25; 2 Co 1.16, que mostram que Paulo os acompanhou com a dádiva).

B. A expectativa de Paulo ir a Corinto 16.5-9

[5] IREI, PORÉM, TER CONVOSCO DEPOIS DE TER PASSADO PELA MACEDÔNIA (PORQUE TENHO DE PASSAR PELA MACEDÔNIA). [6] E BEM PODE SER QUE FIQUE CONVOSCO E PASSE TAMBÉM O INVERNO, PARA QUE ME ACOMPANHEIS AONDE QUER QUE EU FOR. [7] PORQUE NÃO VOS QUERO AGORA VER DE PASSAGEM, MAS ESPERO FICAR CONVOSCO ALGUM TEMPO, SE O SENHOR O PERMITIR. [8] FICAREI, PORÉM, EM ÉFESO ATÉ AO PENTECOSTES; [9] PORQUE UMA PORTA GRANDE E EFICAZ SE ME ABRIU; E HÁ MUITOS ADVERSÁRIOS.

Paulo estava em Éfeso quando escreveu esta carta. Ele queria que os crentes coríntios soubessem que ainda tinham considerável tempo para pôr à parte o dinheiro para a dádiva aos pobres em Jerusalém, por isso explica seus planos de viagem. Ele ficaria em Éfeso "até o Pentecostes", o qual provavelmente levaria vários meses para chegar.

Leia Atos 19.1 a 20.1 para inteirar-se da descrição que Lucas fez da "porta grande e eficaz" que abriu-se para Paulo fazer a obra e os muitos

adversários dos quais ele fala aqui. Deus estava fazendo muitos milagres extraordinários através de Paulo. Muitos que praticavam feitiçaria creram no Evangelho e trouxeram seus rolos (de fórmulas mágicas, etc.) e os queimaram. Por isso muitos acharam que as vendas de imagens de prata caíram e os prateiros incitaram uma revolta.

Paulo esperava ir em seguida à Macedônia, onde passaria o verão e o outono, e depois iria a Corinto para passar o inverno. Ele queria passar considerável tempo com eles e esperava que pudessem ajudá-lo em sua jornada. Isto provavelmente não significava que ele esperava receber uma oferta em dinheiro (veja 2 Co 11.7). É mais provável que o seu desejo fosse ter companheiros de viagem.

O fato de ele dizer "aonde quer que eu for" e "se o Senhor o permitir" mostra que Paulo tinha o cuidado de não fazer planos que o Senhor não pudesse mudar. O livro de Atos revela como ele era sensível à direção e supervisão do Espírito Santo e de Jesus (por exemplo, At 16.6,7).

C. Preocupação por Timóteo e Apolo 16.10-12

> [10] E, se for Timóteo, vede que esteja sem temor convosco; porque trabalha na obra do Senhor, como eu também. [11] Portanto, ninguém o despreze, mas acompanhai-o em paz, para que venha ter comigo, pois o espero com os irmãos.

A palavra "se" (gr. *ean*) neste caso significa que se esperava que Timóteo fosse, mas o tempo é indefinido, assim a idéia é "logo que Timóteo for".[2] Paulo já havia dito que o estava enviando (1 Co 4.17), mas é provável que Timóteo tivesse de fazer algumas paradas pelo caminho.

O que Paulo queria dos crentes coríntios era que dessem as boas-vindas a Timóteo, que percebessem que ele era fiel e verdadeiro obreiro do Senhor, da mesma maneira que Paulo, e que tomassem conta dele. Pode ser que Paulo pressentisse alguma oposição contra Timóteo, da mesma forma que a carta deles mostrava que havia alguma oposição contra ele próprio.

O pedido de acompanhar Timóteo "em paz" quer dizer que eles deviam considerar suas necessidades e bem-estar (veja a menção de Erasto em At 19.22, o qual provavelmente era o líder daqueles que foram com ele). A menção de Paulo aos "irmãos" indica que alguns crentes estariam viajando com Timóteo, talvez para encorajamento e proteção. Paulo queria que todos voltassem com segurança a ele enquanto ainda estivesse em Éfeso.

> 12 E, ACERCA DO IRMÃO APOLO, ROGUEI-LHE MUITO QUE FOSSE COM OS IRMÃOS TER CONVOSCO, MAS, NA VERDADE, NÃO TEVE VONTADE DE IR AGORA; IRÁ, PORÉM, QUANDO SE LHE OFEREÇA BOA OCASIÃO.

Paulo considera agora outra pergunta em resposta à carta que recebera dos coríntios, a qual podia conter um pedido a que Paulo incentivasse Apolo a voltar a Corinto. Em vista da discussão de 1 Coríntios 3.4-9, Paulo o considerou companheiro na obra do Senhor, por isso rogou-lhe "muito que fosse com os irmãos" (provavelmente os três mencionados no versículo 17). O fato de Apolo na ocasião não estar disposto a ir mostra que Paulo não tentou usar sua "autoridade apostólica" para ordenar-lhe que fosse. Podemos estar certos de que ele estava disposto a deixar que o Espírito Santo o guiasse. Contudo, Apolo disse que iria quando tivesse oportunidade. Ele não era insensível às necessidades de uma assembléia onde Deus o tinha usado anteriormente.

"Acerca do *irmão* Apolo". Paulo tinha boas relações e boa comunhão com ele no Senhor. Não há nada fora das Escrituras a respeito de tratar os crentes como irmão e irmã.[3]

D. Desafio à fé, coragem e amor 16.13,14

> 13 VIGIAI, ESTAI FIRMES NA FÉ, PORTAI-VOS VARONILMENTE E FORTALECEI-VOS. 14 TODAS AS VOSSAS COISAS SEJAM FEITAS COM CARIDADE.

Com cinco imperativos Paulo resume as exortações que deu nesta carta. Eles precisavam estar vigilantes, alertas, em guarda contra os falsos mestres, as tentações do mundo e a velha natureza pecadora. Eles tinham de assumir firme posição na fé e em favor da fé, em prol da verdade do Evangelho. Necessitavam também mostrar características varonis, como coragem ou bravura (os gregos usavam o termo varonil até para se referir a velhos cuja esperança na vida estava sendo renovada e a mulheres que assumiam forte posição). Eles precisavam se fortalecer. Mais tarde, Paulo escreveu que orava ao Pai "para que, segundo as riquezas da sua glória, vos conceda que sejais corroborados com poder pelo seu Espírito no homem interior" (Ef 3.16). Mas toda esta varonilidade e firme posição em defesa do Evangelho não deve ser exibida da mesma maneira que o mundo assume sua posição nas questões em geral (como os que são de tal forma contra o aborto, que praticam atentados contra clínicas de aborto ou matam os médicos que praticam aborto). Nunca devemos nos "re-

baixar da santa chamada da vida cristã".[4] Mas tudo deve ser feito com amor. A expressão "todas as vossas coisas" deve abranger mais do que foi tratado especificamente nos capítulos 12 a 14. Tem de incluir a resposta dos coríntios a todas as perguntas, questões e problemas que Paulo tratou ao longo desta carta.

E. Reconhecimento pela família de Estéfanas 16.15-18

> [15] Agora, vos rogo, irmãos (sabeis que a família de Estéfanas é as primícias da Acaia e que se tem dedicado ao ministério dos santos), [16] que também vos sujeiteis aos tais e a todo aquele que auxilia na obra e trabalha.

Paulo tem uma preocupação especial em que os crentes coríntios se sujeitem à família de Estéfanas, ou seja, entreguem-se voluntariamente a eles em amor. Ele apresenta duas razões: Eles foram as primícias (gr. *aparchē*, "primeiros frutos") dos que se converteram na Acaia (a Grécia). Paulo os batizou pessoalmente (1 Co 1.16). Chamando-os de "primeiros frutos" indica que eles foram a primeira leva de uma colheita de almas (que ajudaram a colher). Paulo implica que eles eram líderes e permaneciam fiéis ao Evangelho em meio a falsas idéias e falsos ensinos que estavam circulando.

Havia outra razão para se sujeitarem em amor à liderança deles. Os componentes da casa de Estéfanas "se têm dedicado" (gr. *etaxan heautous*, "se tem designado") ao ministério dos santos. Isto é, sem exortação de ninguém, eles se deram a serviço dos santos de um modo prático. Eles e outros que continuamente trabalhavam com eles — não apenas acompanhando, mas trabalhando com afinco, labutando na obra do Senhor e no ministério da Palavra — mereciam que os crentes coríntios voluntariamente se sujeitassem a eles.

> [17] Folgo, porém, com a vinda de Estéfanas, e de Fortunato, e de Acaico; porque estes supriram o que da vossa parte me faltava. [18] Porque recrearam o meu espírito e o vosso. Reconhecei, pois, aos tais.

O próprio Estéfanas (gr. "coroado") tinha chegado de Corinto juntamente com Fortunato (lat. "afortunado" ou "abençoado") e Acaico (lat. proveniente do gr. "pertencente à Acaia"), dois outros crentes, a forma latina de seus nomes indicando possivelmente que eles eram cidadãos romanos como Paulo.[5]

É provável que foram eles que levaram a carta mencionada em 1 Coríntios 7.1 e serviram Paulo de algum modo e talvez levaram dádivas. O fato de que "supriram o que da vossa parte me faltava" significa que eles compensaram a ausência dos coríntios, ou os representaram em sua ausência. Parece ser uma gentil repreensão aos coríntios. Estes três irmãos deram o afeto que Paulo tanto desejava dos coríntios, mas que deve ter faltado na sua carta. Os três "recrearam" o espírito de Paulo por sua vinda, e o fato de Paulo ter sido abençoado deveria recrear o espírito dos coríntios também. Ele ordena que os coríntios os reconheçam (o verbo em grego está no imperativo), algo que eles bem mereciam.

F. Saudações finais e bênção 16.19-24

> [19] As igrejas da Ásia vos saúdam. Saúdam-vos afetuosamente no Senhor Áquila e Prisca, com a igreja que está em sua casa. [20] Todos os irmãos vos saúdam. Saudai-vos uns aos outros com ósculo santo.
> [21] Saudação da minha própria mão, de Paulo.

A maioria (se não todas) das sete igrejas da província romana da Ásia (na Ásia Menor) mencionada no livro de Apocalipse foi fundada enquanto Paulo estava em Éfeso (At 19.10,26). Ele não as conheceu pessoalmente, porque tinha debates diários "na escola de um certo Tirano" (At 19.9) e implica que ficou continuamente em Éfeso durante os dois anos em que ele o fez (At 20.18-21). Mas Éfeso era um centro onde as pessoas vinham de outras partes da província e eram convertidas. Depois regressavam às suas cidades de origem e passavam a ganhar as pessoas para o Senhor, e assim as assembléias eram fundadas. Todas estas pessoas enviavam saudações aos crentes coríntios.

Depois Paulo incluiu saudações especiais que eram sinceras e calorosas, provenientes de Priscila e Áquila. Priscila (também chamada Prisca) era nome usado pelos romanos de classe alta. Em quatro de seis menções do seu nome, ela vem antes do marido (veja At 18.1-3,18,26; Rm 16.3; 1 Co 16.19; 2 Tm 4.19). Áquila (lat. "águia") era nome de escravo, provavelmente um judeu capturado pelo exército romano em uma de suas campanhas militares. Os romanos consideravam questão religiosa libertar os escravos e estabelecê-los em um negócio ou comércio. Aparentemente, Áquila ganhou para Jesus a filha do seu senhor, foi liberto, casou-se com ela e os dois tornaram-se fabricantes de tendas. Em 49 d.C., o imperador romano Cláudio baixou um édito que bania todos os judeus de Roma. O édito foi revogado em 50 d.C., mas Priscila

e Áquila permaneceram em Corinto trabalhando no comércio de fabricação de tendas. Quando Paulo foi pela primeira vez a Corinto, trabalhou e morou com eles. Quando partiu eles foram com ele até Éfeso (At 18.18,19), onde instruíram e incentivaram Apolo (At 18.24-26). Eles ainda moravam lá quando Paulo escreveu esta carta. Mais tarde, eles voltaram a Roma (Rm 16.3). Mas no segundo aprisionamento de Paulo eles devem ter estado com Timóteo, provavelmente em Éfeso (2 Tm 4.19). Como sempre, Priscila e Áquila eram ativos em seu serviço ao Senhor, assim a casa deles tornou-se lugar onde uma assembléia de crentes se reunia. Esta assembléia enviava saudações também. Assim o faziam todos os outros irmãos e irmãs em Éfeso.

Em vista destas cordiais saudações, Paulo exortou os crentes coríntios a que saudassem uns aos outros com "ósculo santo", um beijo que demonstrava que eles compartilhavam o amor do Senhor e respeitavam uns aos outros como membros da família de Deus. Tratava-se de um costume comum naqueles dias. Depois, lemos acerca de homens que beijam homens na face e mulheres que beijam mulheres como saudações na Igreja Primitiva.

Paulo ditou esta carta a um escrevente (cf. Rm 16.22). Alguns sugerem que este possa ter sido Sóstenes. Em todo caso, Paulo acrescentou a saudação final com sua própria letra, como sempre fazia (veja Cl 4.18; 2 Ts 3.17; Fm 19). Ele chamava atenção a esta assinatura, porque alguns tinham forjado em seu nome cartas com falsas doutrinas (2 Ts 2.2).

> [22] SE ALGUÉM NÃO AMA O SENHOR JESUS CRISTO, SEJA ANÁTEMA; MARANATA!

Paulo queria que as pessoas o amassem, mas ele se preocupava muito mais que elas amassem o Senhor. Todo aquele que não ama o Senhor quebrou o primeiro e maior mandamento. Quando Jesus perguntou a Pedro: "Amas-me?", Jesus respondeu à profissão de amor que Pedro fez, dizendo: "Apascenta as minhas ovelhas" (Jo 21.17). Jesus esperava que o amor fosse seguido pela obediência a Ele e serviço aos outros. Paulo agora acrescenta que aqueles que não amam ao Senhor com este tipo de resposta e ministério obediente merecem uma maldição (gr. *anathema*). Isto significa que eles merecem estar sob o julgamento divino de Deus (cf. Gl 1.8,9; 2 Ts 3.14).

A seguir, Paulo expressa o anelo a que o Senhor venha, usando a expressão aramaica *Marana Tha*, "Nosso Senhor, vem!" Era uma frase que a Igreja Primitiva bradava repetidas vezes: Expressava lealdade a Jesus como Senhor presente e também esperança e anseio pelo futuro senhorio de Cristo, a ser manifesto plenamente quando Ele voltar à terra (cf. Ap 22.20).[6]

> [23] A GRAÇA DO SENHOR JESUS CRISTO SEJA CONVOSCO.
> [24] O MEU AMOR SEJA COM TODOS VÓS, EM CRISTO JESUS.
> AMÉM!

Como bênção final, Paulo ora para que "a graça do Senhor Jesus Cristo" seja com os coríntios. Ele começou esta carta falando de graça e paz, e a conclui com graça. "Graça [...] é a única palavra que expressa completamente o que Deus fez e fará pelo seu povo em Cristo Jesus".[7] A seguir, Paulo acrescenta uma expressão do seu amor por todos os coríntios que estão "em Cristo Jesus". Ele quer que saibam que embora teve de dar algumas repreensões e advertências severas nesta carta, ele ainda os amava e reconhecia que eles eram o Corpo de Cristo.

No Apêndice B você encontrará perguntas para aprimorar seu estudo.

NOTAS

[1] Gordon D. Fee. *The First Epistle to the Corinthians*. Grand Rapids, William Eerdmans, 1987, p. 813.

[2] William F. Arndt e F. Wilbur Gingrich. *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature*. Chicago, University of Chicago Press, 1957, p. 210.

[3] Cf. Romanos 16.1, onde uma diaconisa da igreja em Cencréia é tratada como "irmã Febe" (Paulo a chama de *diakonon*, que é palavra masculina em grego, referindo-se ao ofício de diácono).

[4] Donald S. Metz, "1 Corinthians", in: *The Beacon Bible Commentary*. Kansas City, Missouri, Beacon Hill Press, 1968, v. 7, p. 480.

[5] Fee sugere que eles eram membros da família de Estéfanas, possivelmente escravos ou libertos, talvez estabelecendo negócios em Éfeso, assim a igreja pediu-lhes que levassem a carta e fossem uma delegação oficial que a representasse. Fee, *First Epistle to the Corinthians*, pp. 831, 832.

[6] Stanley M. Horton. *Nosso Destino: O Ensino Bíblico das Últimas Coisas*. Rio de Janeiro, CPAD, 1998, p. 70.

[7] Fee, *First Epistle to the Corinthians*, p. 839.

SEGUNDA CORÍNTIOS



INTRODUÇÃO À SEGUNDA CORÍNTIOS

A visita de Timóteo a Corinto (1 Co 16.10) não teve aparentemente muito efeito na situação que 1 Coríntios trata. Paulo estava muito preocupado com a reação deles a 1 Coríntios e com a visita de Timóteo. Ademais, homens que afirmavam serem apóstolos vieram a Corinto e negaram o apostolado e autoridade de Paulo. Pelo menos um crente aceitou os argumentos desses indivíduos e voltou-se contra Paulo, exortando os outros a fazerem o mesmo. Isto deixou Paulo tão perturbado, que ele partiu de Éfeso e foi a Corinto para uma visita breve, fracassada e desagradável (2 Co 2.1; 12.14; 13.1,2; veja o mapa no Apêndice A). Ele prometeu voltar (2 Co 1.16), mas decidiu adiar sua visita para não causar ainda mais dor (2 Co 1.23; 2.3; 13.2). De volta a Éfeso, ele corria perigo de vida (2 Co 1.8-11). Então, lhes escreveu uma carta severa "em muita tribulação e angústia do coração, [...] com muitas lágrimas" (2 Co 2.4; 7.8), enviando-a por Tito.

Depois do motim em Éfeso, ele partiu para a Macedônia (At 20.1), via Trôade (2 Co 2.12,13). O apóstolo Paulo ficou tão desapontado quando não encontrou Tito, como esperado, que não ministrou nessa cidade, embora tivesse oportunidade de fazê-lo. Então, prosseguiu viagem para a Macedônia. Lá encontrou Tito, que o animou com notícias de arrependimento por parte da maioria dos crentes em Corinto. A igreja como um todo estava outra vez responsiva à autoridade apostólica de Paulo e tinha tratado com o indivíduo que causava o problema (2 Co 2.5-11; 7.5-13).

A alegria de Paulo com esta notícia e sua contínua preocupação com os problemas da igreja incitaram-no a escrever 2 Coríntios, provavelmente de Filipos (veja 2 Co 11.9; Fp 4.15). Nesta carta, ele defende seu ministério e apostolado, incentiva os coríntios a terminarem de levantar fundos para os santos pobres em Jerusalém e adverte contra os falsos apóstolos. E também os prepara para a sua terceira visita. A carta foi enviada por Tito (2 Co 8.6), escrita provavelmente em 56 d.C.[1]

Alguns estudiosos asseveram que 2 Coríntios 10 a 13 seria a carta severa ou parte dela (veja 2 Co 2.3,4; 7.8,12). Há muitas coisas contra esta opinião. Nada nestes capítulos sugere "angústia do coração, [...] com muitas lágrimas". Nem menciona uma terceira visita. A carta severa foi escrita para tentar fazer com que uma visita dolorosa não fosse necessária. A passagem de 2 Coríntios 12.14-21 informa-nos que embora a igreja tives-

se se arrependido como um todo, ainda havia alguma oposição. Paulo trataria disto em sua terceira visita, mesmo que tivesse de ser dolorosa.[2]

NOTAS

[1] Para uma discussão sobre a data da carta, veja D. A. Carson, D. J. Moo e Leon Morris. *An Introduction to the New Testament*. Grand Rapids, Zondervan Publishing House, 1992, pp. 223-231.

[2] Everett F. Harrison. *Introduction to the New Testament*. Grand Rapids, William B. Eerdmans, 1982, pp. 285, 286. Outros supõem que os capítulos 10 a 13 representam uma carta mais recente. Victor Paul Furnish. *II Corinthians*. Garden City, Nova York, Doubleday & Company, 1984, p. 35. Fisher salienta que estudiosos modernos são mais propensos a aceitar a unidade da epístola. Fred Fisher. *Commentary on 1 and 2 Corinthians*. Waco, Texas, Word Books, 1975, p. 271. Veja também F. F. Bruce. *1 and 2 Corinthians*. Grand Rapids, William B. Eerdmans, 1983, pp. 166-170, 250. James Hernando também argumenta em favor da integridade do livro "em sua presente forma canônica". James Hernando, "2 Corinthians", in: *Full Life Bible Commentary*. Grand Rapids, Zondervan Publishing House.

ESBOÇO DE SEGUNDA CORÍNTIOS

I. PAULO JUSTIFICA SUA CONDUTA 1.1 — 2.11

A. Grato reconhecimento pela bondade de Deus 1.1-14
1. Saudações 1.1,2
2. Encorajamento no sofrimento 1.3-11
a) Consolo e sofrimento compartilhados 1.3-7
b) Livramento de perigo mortal 1.8-11
3. A conduta simples e sincera de Paulo 1.12-14

B. O plano de Paulo visitar Corinto 1.15 — 2.4
1. Duas visitas foram planejadas 1.15-22
a) A visita de Paulo adiada 1.15-17
b) A consistência da palavra de Paulo 1.18-22
2. A razão de Paulo não ir 1.23 — 2.4
a) Boas razões 1.23,24
b) O amor de Paulo pelos coríntios 2.1-4

C. Perdão àquele que causou tristeza 2.5-11

II. O MINISTÉRIO DE PAULO SOB O NOVO CONCERTO 2.12 — 4.18

A. Uma porta aberta em Trôade 2.12,13

B. Guiado e enviado por Deus 2.14-17

C. Um glorioso ministério do Espírito 3.1-18
1. Um ministério de poder e vida 3.1-6
2. Um ministério melhor que o da lei 3.7-18

D. Um ministério honesto e centrado em Cristo 4.1-18
1. Um ministério genuíno 4.1,2
2. Um ministério eficaz 4.3-15
3. Um ministério sustentado pela esperança 4.16-18

III. AS METAS DE PAULO 5.1 — 6.13

A. Agradar ao Senhor 5.1-15
1. O Espírito garante um novo corpo 5.1-5
2. Andando por fé 5.6-8
3. O julgamento do Tribunal de Cristo 5.9,10
4. Motivados pelo temor e pelo amor 5.11-15

B. O ministério da reconciliação 5.16 — 6.13
   1. Uma nova criatura 5.16,17
   2. Os embaixadores de Cristo 5.18-21
   3. Agora é o dia da salvação 6.1,2
   4. Os sofrimentos de Paulo 6.3-10
   5. Pedindo uma resposta amorosa 6.11-13

IV. O apelo de Paulo aos coríntios 6.14 — 7.16

A. Não seja participante com os incrédulos 6.14 — 7.1
   1. Chamada à separação 6.14-18
   2. Exige-se santidade interior 7.1

B. Consolação trazida por Tito 7.2-16
   1. A conduta correta de Paulo 7.2-4
   2. Paulo na Macedônia 7.5-7
   3. O efeito da carta de Paulo 7.8-13a
   4. A felicidade de Tito 7.13b-16

V. Incentivo para dar com generosidade 8.1 — 9.15

A. O exemplo das igrejas da Macedônia 8.1-7
   1. A generosidade macedônia, 8.1-5
   2. Tito é exortado a incentivar a generosidade 8.6,7

B. O exemplo de Jesus 8.8,9

C. Termine o trabalho 8.10-15

D. O caráter de Tito e seus companheiros 8.16-24

E. Um presente generoso foi prometido 9.1-5

F. Semeando e colhendo 9.6-15

VI. O ofício apostólico e a autoridade de Paulo 10.1 — 13.13

A. A autoridade de Paulo será exercida 10.1-6

B. A conduta de Paulo como apóstolo 10.7-11

C. A jactância de Paulo 10.12 — 12.10
   1. Os limites da jactância de Paulo 10.12-18
   2. Paulo expõe os falsos apóstolos 11.1-4
   3. O *status* apostólico de Paulo 11.5,6
   4. A recusa de Paulo em aceitar pagamento 11.7-12
   5. Os falsos apóstolos são denunciados 11.13-15
   6. O sofrimento de Paulo 11.16-18
   7. Paulo compara-se com seus oponentes em Corinto 11.19-33

8. A visão de Paulo do Paraíso 12.1-6
9. O espinho na carne de Paulo 12.7-10

D. O interesse altruísta de Paulo pelos coríntios 12.11-21

E. Advertência renovada 13.1-10

F. Saudações finais 13.11-13



I. Paulo justifica sua conduta 1.1 — 2.11

A. Grato reconhecimento pela bondade de Deus 1.1-14

1. Saudações 1.1,2

> [1] Paulo, apóstolo de Jesus Cristo pela vontade de Deus, e o irmão Timóteo, à igreja de Deus que está em Corinto, com todos os santos que estão em toda a Acaia: [2] graça a vós e paz, da parte de Deus, nosso Pai, e da do Senhor Jesus Cristo.

Nesta segunda carta à assembléia de Deus em Corinto, Paulo identifica-se novamente como apóstolo, "um enviado" de Jesus, o Messias: o Profeta, Sacerdote e Rei ungido de Deus. O próprio Jesus enviou Paulo como seu representante e embaixador "pela vontade de Deus" e não de moto próprio. Paulo explica que conhecer a vontade de Deus impõe grande responsabilidade sobre os crentes obedecerem a Deus e fazer sua vontade. "O irmão Timóteo" (gr. *Timotheos, ho adelphos*, "Timóteo, o irmão") está com ele. Como crente, irmão na família de Deus, cooperador (mas não apóstolo), ele junta-se a Paulo na saudação à assembléia. Porém, Paulo é o autor exclusivo da carta.

Ele queria que a carta fosse lida não só pela igreja (gr. *ekklēsia*, "assembléia de cidadãos") em Corinto, mas por todos os santos (gr. *hagiois*, por exemplo, os crentes santos)[1] que estão em todas as assembléias na Acaia, isto é, na Grécia. Sua atenção nesta carta está focalizada na situação vigente na assembléia coríntia — a *ekklēsia* de Deus em Corinto.

Ele combina a saudação gentia "graça a vós" com a saudação judaica "paz [a vós]". Mas podemos estar certos de que ele tinha em mente a graça (favor não merecido e graciosidade) de Deus, que é nossa através de Jesus, como também a paz (inclusive saúde e bem-estar) de Deus, que nos é dada por Jesus. Deus Pai e Jesus como Senhor unem-se em um plano comum como os doadores. Desta forma, a nossa confissão da soberania de Jesus como Senhor nos leva a uma nova relação com Deus e com Cristo (cf. Jo 20.28; At 10.36; Rm 10.9,12; 1 Co 12.3; Fp 2.11; Ap 17.14; 19.16). A paz, portanto, advém apenas da graça, pois não pode haver verdadeira paz à parte da graça de Deus.[2]

2. Encorajamento no sofrimento 1.3-11

a) Consolo e sofrimento compartilhados 1.3-7

> 3 Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai das misericórdias e o Deus de toda consolação, 4 que nos consola em toda a nossa tribulação, para que também possamos consolar os que estiverem em alguma tribulação, com a consolação com que nós mesmos somos consolados de Deus.

Paulo dirige-se primeiro a Deus, louvando-o enquanto reconhece que Jesus humilhou-se em sua encarnação, e o chamou de Deus, como também de Pai.[3] Visto que Paulo estava muito transtornado por não encontrar Tito em Trôade (2 Co 2.13), ele precisava de consolação, ou seja, encorajamento, incentivo, ânimo. A palavra "consolação" e seus derivados aparecem dez vezes nos versículos 3 a 7 (num total de vinte e nove vezes em 2 Coríntios). Todas derivam da raiz grega *parakaleō*, que tem a idéia de ajuda e encorajamento.[4] Deus é a fonte e o doador de todo tipo de encorajamento e ajuda (cf. Sl 103.2-5,13).

O encorajamento de Deus vem primeiro à medida que reconhecemos que Deus é o Pai de Jesus, que é o Cristo (o Messias, "Ungido") e nosso Senhor e Mestre. Este reconhecimento deve lembrar-nos que o amor de Deus enviou Jesus a morrer por nós, e hoje Ele é o nosso Senhor ressurrecto e ascendido, o Rei Ungido que voltará outra vez para cumprir todo o plano de Deus. O amor que enviou Jesus a morrer por nós, enquanto ainda éramos pecadores (Rm 5.8,10), mostra que Deus também é o Pai que está cheio de compaixão,[5] como também o Pai (e a fonte constante) de todos os tipos de ajuda e encorajamento. Podemos depender dEle em todos os nossos problemas, inclusive nas aflições, sofrimentos, angústias mentais, dificuldades, até as perseguições que surgem em nosso caminho. Mas Deus não nos consola para deixar-nos à vontade, nem nos encoraja para fazer com que nos sintamos bem.

Paulo sofreu muitíssimo (2 Co 11.16-29; 12.10), mas sempre estava pronto a encorajar os outros. Todos que nos cercam hoje têm problemas, aflições e dificuldades. Os cristãos em muitas partes do mundo sofrem tremenda perseguição. Deus nos ajuda e nos encoraja para que ajudemos e encorajemos os outros. Ele quer que nos tornemos canais do que recebemos dEle para os outros crentes que tão desesperadamente precisam de ajuda. Fazemos isto por meio da oração, e dos dons do Espírito, pres-

tando ajuda prática onde quer que seja possível. Deus não quer que guardemos para nós o que temos recebido dEle. Da mesma forma que Deus está a nosso lado para nos animar até mesmo nas provas mais difíceis, assim devemos estar ao lado dos que estão sendo provados.

> 5 PORQUE, COMO AS AFLIÇÕES DE CRISTO SÃO ABUNDANTES EM NÓS, ASSIM TAMBÉM A NOSSA CONSOLAÇÃO SOBEJA POR MEIO DE CRISTO. 6 MAS, SE SOMOS ATRIBULADOS, É PARA VOSSA CONSOLAÇÃO E SALVAÇÃO; OU, SE SOMOS CONSOLADOS, PARA VOSSA CONSOLAÇÃO É, A QUAL SE OPERA, SUPORTANDO COM PACIÊNCIA AS MESMAS AFLIÇÕES QUE NÓS TAMBÉM PADECEMOS. 7 E A NOSSA ESPERANÇA ACERCA DE VÓS É FIRME, SABENDO QUE, COMO SOIS PARTICIPANTES DAS AFLIÇÕES, ASSIM O SEREIS TAMBÉM DA CONSOLAÇÃO.

Agora Paulo aplica isto ao seu relacionamento com a assembléia de crentes em Corinto. Os sofrimentos de Cristo terminaram quando Ele disse: "Está consumado" (Jo 19.30). Mas as mesmas atitudes que mandaram Jesus para a cruz levaram os incrédulos e os falsos crentes a causarem uma série de sofrimentos a Paulo e seus companheiros, não só em Corinto, mas também na província romana da Ásia (2 Co 1.8,9). Assim, ele podia falar da "comunicação de suas aflições [dos sofrimentos de Cristo]" (Fp 3.10; cf. Jo 15.20,21; At 14.22; Rm 8.17,18,36; Cl 1.24). Os sofrimentos eram equilibrados pela transbordante consolação e encorajamento que vêm por meio de Cristo.

Paulo e sua equipe suportaram todo esse sofrimento e aflição para ganhar as pessoas para Cristo e fundar a igreja em Corinto. Agora ele quer que eles sejam encorajados pelo Evangelho e recebam a salvação, que inclui não só nascer de novo, mas ser salvo da ira futura de Deus. Uma salvação que abrange todas as promessas de Deus e nosso destino eterno de bênçãos e alegria com Ele. A consolação que Paulo recebeu, ele a passou para os coríntios, de modo que eles pudessem suportar com paciência e firmeza, em fé obediente, os mesmos sofrimentos que ele e sua equipe padeceram. Os coríntios também sofreriam à medida que assumissem sua posição a favor de Cristo e divulgassem o Evangelho.

A Primeira Epístola aos Coríntios mostra que Paulo conhecia as fraquezas dos coríntios, mas agora ele expressa uma esperança firme e confiante neles: firme, porque por trás estão a fidelidade e compaixão de Deus. Eles são participantes dos sofrimentos de Paulo no fato de que eles estão servindo a Cristo em meio à oposição. Mas eles também são participantes da mesma consolação e encorajamento que vêm por Cristo. Pau-

lo quer que eles percebam quão estreitos são os laços dos coríntios com ele e com Cristo. Nós também devemos ser participantes de todo o Corpo de Cristo, tanto nos sofrimentos de Cristo quanto em sua consolação ou encorajamento. Ele nos ajuda, não tirando as dificuldades e aflições, mas capacitando-nos a suportá-las.

b) Livramento de perigo mortal 1.8-11

> 8 PORQUE NÃO QUEREMOS, IRMÃOS, QUE IGNOREIS A TRIBULAÇÃO QUE NOS SOBREVEIO NA ÁSIA, POIS QUE FOMOS SOBREMANEIRA AGRAVADOS MAIS DO QUE PODÍAMOS SUPORTAR, DE MODO TAL QUE ATÉ DA VIDA DESESPERAMOS. 9 MAS JÁ EM NÓS MESMOS TÍNHAMOS A SENTENÇA DE MORTE, PARA QUE NÃO CONFIÁSSEMOS EM NÓS, MAS EM DEUS, QUE RESSUSCITA OS MORTOS.

Para enfatizar o tema da consolação e encorajamento em meio às tribulações, Paulo tem algumas informações pessoais que deseja partilhar com a congregação em Corinto. Ele sofreu em Corinto. Sofreu até de forma mais intensa na província da Ásia, o que tem de significar especificamente em Éfeso. Atos 19.1 a 20.1 fala do seu ministério nesta cidade: Depois de três meses, alguns membros da sinagoga obstinadamente recusaram-se a crer e publicamente falaram mal do "Caminho" (At 19.9). Estes incrédulos provavelmente devem ter persistido em manter Paulo sob aflição. Depois de dois anos de debates diários na escola de certo Tirano e de muitos milagres extraordinários, os prateiros incitaram um motim, porque a venda das imagens de prata da deusa Ártemis estava caindo. Entretanto, a vida de Paulo não foi ameaçada nesta ocasião. Alguns crêem que houve outras ameaças e tribulações que o livro de Atos não nos conta.[6] Talvez Paulo tenha sido até encarcerado mais uma vez.[7] Paulo não dá detalhes, mas está claro que ele estava em verdadeiro perigo, perigo tal que realmente se sentia como um prisioneiro sob a "sentença de morte".[8] O que Paulo queria que os coríntios soubessem era que Deus permite que coisas aconteçam para levar-nos ao nosso extremo, até onde podemos suportá-las, a fim de nos ensinar a confiar nEle. O Deus que ressuscita os mortos não nos abandonará. Ele ainda nos ama e quer que confiemos nEle.

> 10 O QUAL NOS LIVROU DE TÃO GRANDE MORTE E LIVRARÁ; EM QUEM ESPERAMOS QUE TAMBÉM NOS LIVRARÁ AINDA, 11 AJUDANDO-NOS TAMBÉM VÓS, COM ORAÇÕES POR NÓS, PARA QUE, PELA MERCÊ QUE POR MUITAS PESSOAS

NOS FOI FEITA, POR MUITAS TAMBÉM SEJAM DADAS GRAÇAS A NOSSO RESPEITO.

Paulo confiou em Deus e Ele o livrou da situação que lhe causou desespero, qualquer que tenha sido (2 Co 1.8). Este livramento renovou sua coragem para ir, a despeito da oposição e perigo. Ele depositou sua esperança em Deus, crendo que Deus continuaria a livrá-lo e à sua equipe evangelística nas circunstâncias vigentes e futuras. As orações dos coríntios também teriam uma participação. Suas orações seriam de ajuda, trazendo uma manifestação do favor gracioso de Deus pelo que muitos ficariam gratos. Note a repetição da palavra "muitas". As orações de muitas pessoas levariam muitas outras a dar graças a Deus por sua bondade (Elas também sabiam que Paulo orava por elas [cf. Fp 1.3-6]). Paulo estava preocupado que os coríntios reconhecessem que a obra de Deus precisa envolver a Igreja como um todo e não só os de uma assembléia local ou de uma cidade.

3. A CONDUTA SIMPLES E SINCERA DE PAULO 1.12-14

12 PORQUE A NOSSA GLÓRIA É ESTA: O TESTEMUNHO DA NOSSA CONSCIÊNCIA, DE QUE, COM SIMPLICIDADE E SINCERIDADE DE DEUS, NÃO COM SABEDORIA CARNAL, MAS NA GRAÇA DE DEUS, TEMOS VIVIDO NO MUNDO E MAIORMENTE CONVOSCO.

A principal razão de Paulo escrever esta carta foi defender seu ministério de falsas acusações. Embora Tito houvesse trazido um relatório encorajador acerca da atitude arrependida da maioria dos crentes coríntios, alguns ainda criticavam Paulo e seu ministério severamente. Ele sentia que era preciso defender seu ministério para que estas acusações infundadas não dificultassem a expansão do Evangelho.

Paulo tinha boas razões para gloriar-se. A Bíblia geralmente trata a jactância como pecado, porque esta advém de falso orgulho. Mas Paulo prossegue em gloriar-se, não por orgulho ou auto-exaltação, mas com um coração cheio de louvor a Deus como também com preocupação pela igreja e pela causa de Cristo (cf. 2 Co 10.17; 1 Co 15.10). Em boa consciência ele podia dizer que sua conduta, tudo o que fazia, refletia dedicação sincera a Deus (verdadeira santidade) e uma sinceridade piedosa que era transparente. Ele nunca dependeu de sabedoria carnal (a sabedoria de pessoas não regeneradas, de filósofos mundanos, cf. 1 Co 2.1-5). Ele mostrava esta simplicidade

e sinceridade "no mundo", ou seja, fora da igreja, e ainda mais abundantemente para com os coríntios na igreja.

> 13 PORQUE NENHUMAS OUTRAS COISAS VOS ESCREVEMOS, SENÃO AS QUE JÁ SABEIS OU TAMBÉM RECONHECEIS; E ESPERO QUE TAMBÉM ATÉ AO FIM AS RECONHECEREIS, 14 COMO TAMBÉM JÁ EM PARTE RECONHECESTES EM NÓS, QUE SOMOS A VOSSA GLÓRIA, COMO TAMBÉM VÓS SEREIS A NOSSA NO DIA DO SENHOR JESUS.

A seguir, Paulo defende suas cartas. Alguns o criticavam — dizendo que ele não tinha a mesma seriedade com que escrevia, e sugerindo que possivelmente teria algum motivo inconfesso. Ele responde com um jogo de palavras. O que eles sabiam (gr. *anaginōskete*) é a mesma coisa que deviam entender (gr. *epiginōskete*), ou reconhecer, como exatamente o que ele queria dizer. Ele era sincero e seus motivos transparentes.

Alguns só reconheciam Paulo em parte, isto é, não reconheciam plenamente sua autoridade apostólica. Paulo esperava que eles, por fim, o reconhecessem novamente e também a seus companheiros, precisamente como o fizeram quando ele chegou pela primeira vez a Corinto e fundou a igreja. Eles se gloriavam no sentido de glorificar a Deus por Paulo e sua equipe. Que chegassem de novo a essa posição, pois nenhum deles havia mudado. Paulo esperava que os coríntios não mudassem o relacionamento que tinham com Cristo; ele poderá glorificar a Deus por causa deles no dia em que Jesus voltar novamente e eles forem reunidos na companhia dos redimidos (cf. Fp 4.1; 1 Ts 2.19,20).

B. O PLANO DE PAULO VISITAR CORINTO 1.15 — 2.4

1. DUAS VISITAS FORAM PLANEJADAS 1.15-22

a) A visita de Paulo adiada 1.15-17

> 15 E, COM ESSA CONFIANÇA, *QUIS PRIMEIRO IR TER* CONVOSCO, PARA QUE TIVÉSSEIS UMA SEGUNDA GRAÇA; 16 E POR VÓS PASSAR À MACEDÔNIA, E DA MACEDÔNIA IR OUTRA VEZ TER CONVOSCO, E SER GUIADO POR VÓS À JUDÉIA. 17 E, DELIBERANDO ISSO, USEI, PORVENTURA, DE LEVIANDADE? OU O QUE DELIBERO, O DELIBERO SEGUNDO A CARNE, PARA QUE HAJA EM MIM SIM, SIM E NÃO, NÃO?

Pelo motivo de Paulo estar confiante que os coríntios glorificariam a Deus por sua causa, ele quis (ou planejou, em grego não significa uma decisão fixa[9]) visitá-los para que tivessem uma segunda oportunidade de se beneficiarem espiritualmente do seu ministério (cf. Rm 1.11,12). Porém, alguns coríntios tinham certa desconfiança quanto ao fato de Paulo não ter seguido o itinerário que anunciara em sua primeira carta (1 Co 4.19; 16.5,6). Alguns o denunciavam por esta razão, ainda que ele tivesse feito os planos com a plena intenção de levá-los adiante. Paulo não estava dizendo sim, querendo dizer não, como tantas pessoas mundanas fazem. Ele já os tinha visitado duas vezes, uma vez para evangelizar a cidade e fundar a igreja e outra vez para uma visita curta e dolorosa (2 Co 2.1). Desta vez ele esperava o benefício de uma segunda graça (gr. *charin*), ou ocasião de alegria (gr. *charan*, como lêem algumas autoridades antigas). Contudo, quando encontrou Tito e soube como os crentes coríntios haviam mudado de atitude (2 Co 7.6-13), ele mudou de pensamento e adiou a visita.

b) A consistência da palavra de Paulo 1.18-22

> [18] ANTES, COMO DEUS É FIEL, A NOSSA PALAVRA PARA CONVOSCO NÃO FOI SIM E NÃO. [19] PORQUE O FILHO DE DEUS, JESUS CRISTO, QUE ENTRE VÓS FOI PREGADO POR NÓS, ISTO É, POR MIM, E SILVANO, E TIMÓTEO, NÃO FOI SIM E NÃO; MAS NELE HOUVE SIM. [20] PORQUE TODAS QUANTAS PROMESSAS HÁ DE DEUS SÃO NELE SIM; E POR ELE O AMÉM, PARA GLÓRIA DE DEUS, POR NÓS.

A preocupação de Paulo não era acerca do seu itinerário, mas acerca do Evangelho. Alguns não só criticavam sua mudança de planos, mas diziam que Paulo não era digno de confiança e, portanto, não se podia confiar no Evangelho que pregava. Paulo declara que não havia contingência ou incerteza na mensagem, pois por trás dela está a fidelidade de Deus.[10] Deus fez muitas promessas. Eles têm o permanente "sim" em Cristo. Ou seja, Cristo pôs o "sim" em todas as promessas por todos os tempos. Paulo, Silas e Timóteo deram o "amém" (hb. "na verdade, na verdade") a elas quando proclamaram a glória de Deus em sua primeira visita a Corinto (At 18.1-18). Na verdade, na verdade, Deus recebe glória quando vemos o cumprimento de suas promessas.

> [21] MAS O QUE NOS CONFIRMA CONVOSCO EM CRISTO E O QUE NOS UNGIU É DEUS, [22] O QUAL TAMBÉM NOS SELOU E DEU O PENHOR DO ESPÍRITO EM NOSSOS CORAÇÕES.

Prosseguindo na defesa de sua integridade, Paulo usa quatro particípios que descrevem a fidelidade de Deus: Deus é quem 1) nos confirma em Cristo, 2) nos unge, 3) nos sela e 4) nos dá o seu Espírito como penhor. Paulo não afirmou que sua sinceridade e confiabilidade eram em virtude de alguma coisa que houvesse nele (veja também 2 Co 1.12). Nem pôs os crentes coríntios num nível diferente. O poder e a capacidade de confirmar em Cristo (gr. *eis Christon*, "em Cristo", uma experiência progressiva) veio tudo do próprio Deus. As promessas não só são nossas por Cristo; Deus, pelo seu Espírito, realizou uma obra tripla em nós que nos faz confirmados em Cristo.[11] A unção, o selo de propriedade e o seu Espírito em nosso coração como penhor, ou depósito, descrevem o que ocorre no batismo com o Espírito Santo. A unção se refere a receber o mesmo Espírito que Jesus (o Messias, o "Ungido") recebeu depois que foi batizado (cf. Is 61.1,2; Lc 3.22; 4.18-21).[12] O selo era uma marca externa de identificação, ou sinal de propriedade, de uma possessão comprada. No dia de Pentecostes e ao longo do livro de Atos, o selo, o sinal externo, era o falar em outras línguas.[13] O penhor diz respeito ao Espírito e seus dons como primeira parcela do que teremos em sua plenitude quando Jesus voltar (veja Ef 1.13,14, onde o selo vem depois de ouvirmos e crermos como um ato distinto. Veja também Rm 8.23; 1 Pe 1.4,5).[14]

2. A razão de Paulo não ir 1.23 — 2.4

a) Boas razões 1.23,24

> [23] Invoco, porém, a Deus por testemunha sobre a minha alma, que, para vos poupar, não tenho até agora ido a Corinto; [24] não que tenhamos domínio sobre a vossa fé, mas porque somos cooperadores de vosso gozo; porque (pela fé) estais em pé.

Agora Paulo retorna à razão de não visitar Corinto como tinha planejado. Ele invoca a Deus como testemunha de sua sinceridade. Figurativamente, ele poderia ter ido "com vara" (1 Co 4.21), mas quis poupá-los. Seu desejo era que entendessem o amor e a preocupação que tinha para com eles. Seu propósito era não agir como ditador, assenhoreando-se da fé deles. Somente um é o nosso Senhor, o Apóstolo e Sumo Sacerdote da nossa confissão (Hb 3.1), o Pastor e Bispo de nossa alma (1 Pe 2.25). Jesus advertiu os discípulos a não serem como tiranos que gostam de dominar as pessoas e mostrar o quanto são poderosos. Ele também deu o exemplo pelo serviço humilde (Lc 22.25-27). Paulo queria ajudar os

coríntios, trabalhando com eles para fazê-los terem gozo na fé. Era seu desejo que eles pela fé estivessem em pé, não só por sua fé em Deus, mas "pela fé",[15] a verdade, o Evangelho — o que, de fato, eles já estavam fazendo.

b) O amor de Paulo pelos coríntios 2.1-4

> [1] MAS DELIBEREI ISTO COMIGO MESMO: NÃO IR MAIS TER CONVOSCO EM TRISTEZA. [2] PORQUE, SE EU VOS ENTRISTEÇO, QUEM É QUE ME ALEGRARÁ, SENÃO AQUELE QUE POR MIM FOI CONTRISTADO?

Paulo ainda lida com a mudança de planos. Ele não fez um julgamento repentino. Em 2 Coríntios 1.15 ele falou do desejo de ir. Agora ele explica que decidiu-se. O grego implica que ele considerou toda a situação cuidadosamente, como um juiz, e resolveu que outra visita nesta altura dos acontecimentos seria dolorosa a ele e aos coríntios. Não lhes seria muito favorável naquele momento. As condições deploráveis em que os coríntios se encontravam somente o entristeceriam, e por ter de censurá-los isso iria causar-lhes tristeza e o privaria da alegria que sentiu quando viu as pessoas aceitando a Cristo e servindo-o. Por isso ele visitou as igrejas macedônias para atrasar sua chegada a Corinto. Ele sabia que tinha de entristecê-los, mas esperava que eles o alegrassem. Ou seja, Paulo esperava que eles mudassem antes que chegasse, porque os amava e sua felicidade dependia deles. A alegria deles seria sua alegria (cf. Fp 2.17,18).

> [3] E ESCREVI-VOS ISSO MESMO PARA QUE, QUANDO LÁ FOR, NÃO TENHA TRISTEZA DA PARTE DOS QUE DEVERIAM ALEGRAR-ME, CONFIANDO EM VÓS TODOS DE QUE A MINHA ALEGRIA É A DE TODOS VÓS. [4] PORQUE, EM MUITA TRIBULAÇÃO E ANGÚSTIA DO CORAÇÃO, VOS ESCREVI, COM MUITAS LÁGRIMAS, NÃO PARA QUE VOS ENTRISTECÊSSEIS, MAS PARA QUE CONHECÊSSEIS O AMOR QUE ABUNDANTEMENTE VOS TENHO.

Paulo tinha escrito uma carta dolorosa, não para ferir os coríntios, mas para ajudá-los a fazer com que ele se alegrasse em vez de ser entristecido.[16] Então eles tomariam parte em sua alegria. As circunstâncias na igreja coríntia trouxeram para Paulo "muita tribulação e angústia do coração". Ele havia derramado muitas lágrimas ao escrever-lhes uma carta dolorosa. Embora tivesse de ser rigoroso no que

escrevera, ele o fizera com um coração de amor (gr. *agapē*, um amor sublime, santo, abnegado), e ele queria que eles soubessem disso. Porque Paulo os amava, ele os reprovou severamente a fim de restaurá-los à fé e a um relacionamento correto com Cristo e o Evangelho. Também podemos estar certos de que ele queria que o Espírito os guiasse e lhes restabelecesse a alegria.

C. Perdão àquele que causou tristeza 2.5-11

> 5 Porque, se alguém me contristou, não me contristou a mim senão em parte, para vos não sobrecarregar a vós todos; 6 basta ao tal esta repreensão feita por muitos. 7 De maneira que, pelo contrário, deveis, antes, perdoar-lhe e consolá-lo, para que o tal não seja, de modo algum, devorado de demasiada tristeza. 8 Pelo que vos rogo que confirmeis para com ele o vosso amor.

Grande parte dos comentaristas mais antigos acredita que a pessoa que "contristou" Paulo foi o indivíduo que estava envolvido imoralmente com sua madrasta (1 Co 5.1).[17] Contudo, parece que Paulo está se referindo a alguém que o tinha insultado (2 Co 11.4,20), provavelmente um insubordinado líder de motim que se lhe opôs, causando tristeza a ele e à congregação.[18]

Parece que a maioria na assembléia coríntia ficou contristada pelo que este indivíduo fez e respondeu à exortação de Paulo disciplinando-o. Não nos é dito como os coríntios o fizeram, mas Paulo disse que o que tinham feito já bastava. Agora eles precisavam perdoar, tratá-lo com amabilidade e encorajá-lo, reafirmando-o publicamente. O indivíduo deve ter se arrependido, mas se sentia tão culpado que estava prestes a sofrer uma grave depressão. Ele também se sentia cortado da comunidade dos crentes. E necessitava saber que eles ainda o amavam. Mais tarde, Paulo disse aos gálatas: "Irmãos, se algum homem chegar a ser surpreendido nalguma ofensa, vós, que sois espirituais, encaminhai o tal com espírito de mansidão, olhando por ti mesmo, para que não sejas também tentado" (Gl 6.1). Paulo sempre estava mais preocupado com a restauração do que com o castigo. Nós também precisamos nos lembrar que não importa que pecado as pessoas cometem, elas podem estar certas de que Jesus as perdoará (1 Jo 1.7,9). Sempre podemos olhar para "Jesus Cristo, o Justo" — é Ele que fala ao Pai em nossa defesa (1 Jo 2.1).

> 9 E PARA ISSO VOS ESCREVI TAMBÉM, PARA POR ESSA PROVA SABER SE SOIS OBEDIENTES EM TUDO. 10 E A QUEM PERDOARDES ALGUMA COISA TAMBÉM EU; PORQUE O QUE EU TAMBÉM PERDOEI, SE É QUE TENHO PERDOADO, POR AMOR DE VÓS O FIZ NA PRESENÇA DE CRISTO; PARA QUE NÃO SEJAMOS VENCIDOS POR SATANÁS, 11 PORQUE NÃO IGNORAMOS OS SEUS ARDIS.

"[Eu] vos escrevi também" significa provavelmente "[eu] acabo de vos escrever [esta carta]".[19] Paulo esperava que eles passassem na prova e fossem obedientes. Ele esperava que os coríntios tomassem a iniciativa e perdoassem aqueles que os tinham ferido.

Paulo também estava pronto a perdoar a todo aquele que precisasse de perdão. Ele estava ciente de que tudo o que fez estava na presença de Cristo, e que Cristo veria e se agradaria quando ele perdoasse. Pois Cristo sempre está pronto a perdoar (1 Jo 1.7,9).

Paulo (e os crentes coríntios [2 Co 2.11]) também sabia que Satanás é o "adversário" (1 Pe 5.8) que sempre está procurando meios de iludir os crentes. Um dos quais é tirar proveito de um espírito irreconciliável. Outra maneira é afastar do Senhor a pessoa que sente culpa e tristeza, quando o povo de Deus não procura restaurá-lo e encorajá-lo. O perdão e a restauração tornariam ineficazes as maquinações de Satanás.[20]

No Apêndice B você encontrará perguntas para aprimorar seu estudo.

NOTAS

[1] "Santos" no Novo Testamento nunca significa alguém perfeito ou superior ou quem faz milagres. Significa que a pessoa pertence ao Senhor, começou uma nova vida em Cristo e está orientada na direção certa como alguém que o adora e o serve (veja Lv 20.7,8; Ed 8.28; Jr 2.3 para inteirar-se do contexto do Antigo Testamento).

[2] R. C. H. Lenski. *The Interpretation of St. Paul's First and Second Epistles to the Corinthians.* Mineápolis, Augsburg Publishing House, 1963, p. 810.

[3] Nos Evangelhos, quando Jesus se referia a Deus como Pai, Ele nunca incluía ninguém mais. Quando disse aos discípulos que orassem o "Pai Nosso" (Mt 6.9), Ele não se incluiu. Deus Pai é o Pai de Jesus de uma maneira singular e especial.

[4] O "Consolador" (gr. *paraklētos*) como título do Espírito Santo é derivado da mesma raiz.

[5] Como indica o plural em grego ("misericórdias").

[6] J. J. Lias. *The Second Epistle to the Corinthians.* Cambridge, Inglaterra, University Press, 1897, p. 28.

[7] Victor Paul Furnish. *II Corinthians.* Garden City, Nova York, Doubleday & Company, 1984, p. 123.

[8] R. P. C. Hanson. *The Second Epistle to the Corinthians: Christ and Controversy.* Londres, SCM Press, 1967, p. 28.

[9] Philip Edgcumbe Hughes. *Paul's Second Epistle to the Corinthians*. Grand Rapids, William B. Eerdmans, 1973, p. 50.

[10] A expressão "como Deus é fiel" não é um juramento como alguns a consideram. É simplesmente um reconhecimento da natureza de Deus.

[11] Os três tempos aoristos em grego indicam a ação distinta e específica do Espírito Santo num momento definido na experiência deles. Frank G. Carter, "II Corinthians", in: *The Beacon Bible Commentary*. Kansas City, Missouri, Beacon Hill Press, 1968, v. 7, p. 511. Eles não só nos confirmam, mas nos fazem permanecer firmes em Cristo. Veja James Hernando, "2 Corinthians", in: *Full Life Bible Commentary*. Grand Rapids, Zondenvan Publishing House. Hernando prefere ver a confirmação e colocação do Espírito como depósito ou penhor para referir-se à atividade salvadora de Deus.

[12] Os profetas, sacerdotes e reis do Antigo Testamento eram ungidos com óleo especial, que era um tipo e representava a obra do Espírito em prepará-los para servir (por exemplo, 1 Sm 16.1,13).

[13] Veja Assemblies of God, "The Initial Physical Evidence of the Baptism in the Holy Spirit", in: *Where We Stand*. Springfield, Missouri, Gospel Publishing House, 1990, pp. 145-155.

[14] Veja Stanley M. Horton. *O que a Bíblia diz sobre o Espírito Santo*. Rio de Janeiro, CPAD, 1993, pp. 256-259.

[15] O original grego apresenta o artigo "a".

[16] Lenski defende que a carta dolorosa era 1 Coríntios. A maioria dos estudiosos acredita que foi uma carta escrita depois de 1 Coríntios e que se perdeu. R. C. H. Lenski. *The Interpretation of St. Paul's First and Second Epistles to the Corinthians*. Mineápolis, Augsburg Publishing House, 1963, p. 874.

[17] Philip Edgcumbe Hughes. *Paul's Second Epistle to the Corinthians*. Grand Rapids, William B. Eerdmans, 1973, pp. 63-65.

[18] Frank G. Carter, "II Corinthians", in: *The Beacon Bible Commentary*. Kansas City, Missouri, Beacon Hill Press, 1968, v. 7, pp. 514, 515. Victor Paul Furnish. *II Corinthians*. Garden City, Nova York, Doubleday & Company, 1984, pp. 163-168.

[19] Fred Fisher. *Commentary on 1 and 2 Corinthians*. Waco, Texas, Word Books, 1975, p. 301. Outros discordam, dizendo que se refere à carta anterior. Hughes, *Second Corinthians*, pp. 69,70.

[20] James Hernando, "2 Corinthians", in: *Full Life Bible Commentary*. Grand Rapids, Zondervan Publishing House.

II. O ministério de Paulo sob o novo concerto 2.12 — 4.18

A. Uma porta aberta em Trôade 2.12,13

12 Ora, quando cheguei a Trôade para pregar o
evangelho de Cristo e abrindo-se-me uma porta no
Senhor, 13 não tive descanso no meu espírito, por-

QUE NÃO ACHEI ALI MEU IRMÃO TITO; MAS, DESPEDINDO-ME DELES, PARTI PARA A MACEDÔNIA.

Agora Paulo retoma o assunto de sua mudança de planos. Ele queria que os crentes coríntios soubessem que a mudança não fora causada por falta de amor a eles. Ele foi a Trôade com um propósito: pregar as boas novas acerca de Jesus Cristo. Para isso, o Senhor lhe abrira uma porta de oportunidade que continuava aberta (como indica o tempo perfeito em grego). Isto sugere que havia boa resposta ao Evangelho — que as pessoas eram salvas e a igreja era estabelecida. Mas Paulo também esperava encontrar Tito. Como não o encontrou, não teve descanso no espírito (gr. *anesin*, "alívio" ou "liberdade" em seu próprio espírito) para ficar em Trôade. Isto se devia à sua preocupação para com a assembléia em Corinto. Assim, despediu-se dos crentes em Trôade e foi para a Macedônia, ainda com a intenção de ir para Corinto.

Neste ponto Paulo interrompe o pensamento e o continua em 2 Coríntios 7.5, onde o retoma relatando o que aconteceu quando chegou à Macedônia.

B. Guiado e enviado por Deus 2.14-17

14 E GRAÇAS A DEUS, QUE SEMPRE NOS FAZ TRIUNFAR EM CRISTO E, POR MEIO DE NÓS, MANIFESTA EM TODO LUGAR O CHEIRO DO SEU CONHECIMENTO. 15 PORQUE PARA DEUS SOMOS O BOM CHEIRO DE CRISTO, NOS QUE SE SALVAM E NOS QUE SE PERDEM. 16 PARA ESTES, CERTAMENTE, CHEIRO DE MORTE PARA MORTE; MAS, PARA AQUELES, CHEIRO DE VIDA PARA VIDA. E, PARA ESSAS COISAS, QUEM É IDÔNEO?

Paulo divaga para defender seu ministério (incluindo o dos seus companheiros). Embora não tivesse uma visão ou palavra direta de Deus para ir à Macedônia, como teve em sua viagem anterior (a segunda, At 16.9,10), ele sabia que Deus sempre estava-o guiando e também à sua equipe, pelo que dá graças a Deus.

Alguns escritores interpretam que o "triunfar" tem a idéia de procissão triunfal tendo como chefe o ressurrecto e ascendido Cristo, conduzindo em vitória os cativos pelo triunfo de sua redenção e dando-lhes como dons à Igreja (Ef 4.7,8,10-13).[1]

A idéia de procissão triunfal não significa que Paulo estava se sentindo triunfante. Scott Hafemann considera 2 Coríntios 2.14 a 3.3 como "parte do 'coração teológico'" de 2 Coríntios.[2] Ele interpreta que "nos faz

triunfar" (gr. *thriambeuonti*) para descrever um general romano em procissão triunfal de suas tropas, pondo em exibição os inimigos por ele conquistados à medida que os conduz à morte. Como ex-inimigo de Cristo, Paulo estava sendo conduzido por Jesus à morte.[3] Ao conduzi-lo, o propósito de Cristo era revelar-se. Sofrimento e fraqueza eram essenciais ao plano de Deus para disseminar o Evangelho.[4] Assim, Paulo estava sendo esmagado como pétalas de rosa para extrair a fragrância. Todas as dificuldades de Paulo só lhe tornavam possível mostrar "o cheiro do [...] conhecimento [de Cristo]" (o qual hoje encontramos na Bíblia) em todas as pessoas e em todos os lugares que fosse. Ele se tornou a doce fragrância de Cristo dirigida a Deus entre os que "se salvam" e os que "perecem", perdidos, encaminhados à morte eterna. Isto quer dizer que Paulo deu a mesma mensagem a todos, mas cada um teve de fazer uma escolha. Para alguns, tornou-se cheiro de vida que trouxe vida, para outros, cheiro de morte que os condenou à morte eterna.

Ao perguntar "Para essas coisas, quem é idôneo?", Paulo quis dizer que estes resultados não vieram por causa de sua suficiência, competência, qualificações ou mérito. Ninguém pode produzir tais resultados por ser quem é ou por aquilo que é. Eles aparecem por causa da soberania de Cristo, de quem Ele é. Quando estamos fazendo sua obra, nossa suficiência é de Deus.

> [17] PORQUE NÓS NÃO SOMOS, COMO MUITOS, FALSIFICADORES DA PALAVRA DE DEUS; ANTES, FALAMOS DE CRISTO COM SINCERIDADE, COMO DE DEUS NA PRESENÇA DE DEUS.

Paulo proclamou sua sinceridade e pureza de motivos comparando a si e a seus companheiros com os que usam a Palavra de Deus como meio de lucro ("mercadejando a palavra de Deus", 2 Co 2.17, ARA). Tais indivíduos são como vendedores ambulantes desonestos que põem trigo bom na parte de cima de um saco de ração de galinha ou acrescentam água ao leite que estão vendendo. Isso não significa que os pregadores não devam ser bem pagos (veja 1 Tm 5.17,18 onde "honra" inclui a idéia de "honorários"). Mas alguns eram como os mestres gregos que orgulhavam-se por ter pessoas importantes e ricas como discípulos. Aqueles que fazem disto seu principal negócio para enriquecer-se e baratear ou corromper a mensagem com o propósito de atrair pessoas para si merecem ser condenados.[5]

Em contraste, Paulo, em relacionamento genuíno com Cristo e na presença de Deus, falava a verdade inspirada pelo Espírito e agia com sinceridade religiosa e motivos puros. Todo o seu ministério era verdadeiramente apostólico.

C. Um glorioso ministério do Espírito 3.1-18

1. Um ministério de poder e vida 3.1-6

[1] Porventura, começamos outra vez a louvar-nos
a nós mesmos? Ou necessitamos, como alguns, de
cartas de recomendação para vós ou de recomen-
dação de vós? [2] Vós sois a nossa carta, escrita em
nossos corações, conhecida e lida por todos os
homens, [3] porque já é manifesto que vós sois a
carta de Cristo, ministrada por nós e escrita não
com tinta, mas com o Espírito do Deus vivo, não
em tábuas de pedra, mas nas tábuas de carne do
coração.

Começando aqui e indo até 2 Coríntios 6.10, Paulo lida outra vez com aqueles que lhe fazem oposição e duvidam de suas credenciais. Sua preocupação não é consigo mesmo, mas com o Evangelho que ele pregava e com a garantia daqueles que criam. Paulo tinha escrito sobre este assunto antes (1 Co 4 e possivelmente na carta dolorosa) e escreveria mais.

Alguns o acusavam de louvar a si mesmo ou de se exaltar. Alguns dos oponentes eram intrusos que vinham com cartas de recomendação e queriam cartas de recomendação quando partiam. Isto era costume comum. Mas está implícito que não se podia confiar nas cartas com que eles chegavam. Mesmo assim, alguns coríntios estavam pedindo a Paulo cartas de recomendação que comprovasse seu apostolado. Paulo usou tais cartas (veja Rm 16.1,2; 1 Co 16.10,11; Cl 4.10), porém, não acreditava que os coríntios estivessem lhe pedindo isso. Ele não precisava de cartas de recomendação aos coríntios (isto é, dos anciões em Jerusalém) ou deles (como meio de abrir outras portas de ministério). O que o Espírito Santo havia feito na vida dos coríntios, salvando-os, transformando-os, enchendo-os, os fez preciosos ao seu próprio coração e mente. A mudança na vida deles era óbvia a todos (cf. Mt 5.14). Paulo não precisava de recomendação adicional do seu ministério.

Comparando o que Deus, pelo Espírito, fez em seus corações com o que Ele fez por Moisés nas tábuas de pedra, Paulo enfatiza que a obra do Espírito Santo é sobrenatural e pessoal. O que Deus lhes fizera deveria ter sido o bastante para mostrar-lhes que Paulo foi enviado de Deus e que o Evangelho que ele pregava era a verdade de Deus. Pois os próprios

coríntios eram, como um todo, a carta permanente e impressiva, a carta de recomendação de Cristo para Paulo e seu ministério (cf. 1 Ts 2.19). Que melhor carta ele poderia ter! Que contraste com as maneiras dos intrusos se promoverem!

> 4 E É POR CRISTO QUE TEMOS TAL CONFIANÇA EM DEUS;
> 5 NÃO QUE SEJAMOS CAPAZES, POR NÓS, DE PENSAR ALGUMA COISA, COMO DE NÓS MESMOS; MAS A NOSSA CAPACIDADE VEM DE DEUS, 6 O QUAL NOS FEZ TAMBÉM CAPAZES DE SER MINISTROS DUM NOVO TESTAMENTO, NÃO DA LETRA, MAS DO ESPÍRITO; PORQUE A LETRA MATA, E O ESPÍRITO VIVIFICA.

Aqueles que duvidavam da validez das credenciais de Paulo precisavam saber que a confiança de Paulo não era autoconfiança, nem vinha do aplauso que as pessoas poderiam dar. Vinha de sua relação com Cristo na presença de Deus. O direito de Paulo a confiar em Deus foi dado por Cristo, o qual deu-lhe suas credenciais. Não há dúvidas de que Paulo tinha em mente sua chamada na estrada de Damasco, onde tivera um encontro com o ressurrecto e glorificado Jesus (At 9.3-7). Naquele local Jesus disse: "Mas levanta-te e põe-te sobre teus pés, porque te apareci por isto, para te pôr por ministro e testemunha tanto das coisas que tens visto como daquelas pelas quais te aparecerei ainda, livrando-te deste povo e dos gentios, a quem agora te envio, para lhes abrires os olhos e das trevas os converteres à luz e do poder de Satanás a Deus, a fim de que recebam a remissão dos pecados e sorte entre os santificados pela fé em mim" (At 26.16-18).

Paulo tinha habilidades naturais e fora treinado nas Escrituras do Antigo Testamento sob a orientação do excelente rabino Gamaliel (At 22.3). Mas nada disso lhe deu a capacidade para pregar o Evangelho. Tudo provinha de Deus e Cristo, inclusive o fato de ele ser cheio do Espírito Santo (At 9.17). Assim, ele poderia dizer: "De sorte que tenho glória em Jesus Cristo nas coisas que pertencem a Deus. Porque não ousaria dizer coisa alguma, que Cristo por mim não tenha feito, para obediência dos gentios, por palavra e por obras; pelo poder dos sinais e prodígios, na virtude do Espírito de Deus" (Rm 15.17-19). O ministério do Novo Testamento deve ser feito pelo poder do Espírito.

Deus também deu a ele e a seus companheiros a capacidade como ministros de um novo concerto (o Novo Testamento), o concerto posto em efeito pela morte de Jesus e o derramamento do seu sangue (Hb 9.11-28).[6]

O novo concerto foi profetizado em Jeremias 31.31-35 (cf. também Ez 11.19), o qual é citado em Hebreus 8.8-12 e 10.15-17. Embora fosse

dado primeiro a Israel, o Novo Testamento mostra que inclui todos os que crêem em Jesus. Não é meramente um código prescrito e escrito como eram os Dez Mandamentos, mas algo escrito em nosso coração e mente à medida que o Espírito Santo inspira nosso espírito. A lei deu preceitos a seguir, mas não deu poder para cumpri-los. Exigia a morte do ofensor (Dt 30.15-18) e deu até mesmo ao pecado a oportunidade de enganar e, pelo mandamento, trouxe a morte (Rm 7.10,11). Deus permitiu isto para que a lei, que era santa, justa e boa (Rm 7.12), se tornasse um meio de mostrar que o pecado é "excessivamente maligno" (Rm 7.13; cf. 1 Co 15.56). O novo concerto, por causa de Jesus, traz ao crente vida e poder do Espírito de Deus (Jo 3.17; Rm 3.20,24; 5.20,21). O antigo concerto foi escrito em pedra fria e morta. Mas o Espírito do Deus vivo põe suas instruções em nossa mente e as escreve em nosso coração (Jr 31.33). E mais, Deus prometeu um coração novo e um espírito novo e a habitação do Espírito Santo (Ez 36.26,27). Agora o Espírito ajuda os crentes sob o novo concerto a fazer as coisas que agradam a Deus.

Dizendo que Deus os fez (ele e seus companheiros) "capazes de ser[em] ministros dum Novo Testamento, não da letra", Paulo estava contrastando o antigo concerto proclamado em pedra com o novo concerto "do Espírito". Ele não quis dizer que o sentido literal das Escrituras é algo mortal e que deva ser evitado. Nem quis dizer que devemos procurar algum significado ou interpretação "espiritual". Muitos danos têm sido causados por se espiritualizar ou alegorizar as verdades claras e literais da Bíblia. Paulo prossegue descrevendo que a "letra", ou seja, a lei, é "o ministério da morte" (2 Co 3.7).

2. Um ministério melhor que o da lei 3.7-18

7 E, se o ministério da morte, gravado com letras em pedras, veio em glória, de maneira que os filhos de Israel não podiam fitar os olhos na face de Moisés, por causa da glória do seu rosto, a qual era transitória, 8 como não será de maior glória o ministério do Espírito? 9 Porque, se o ministério da condenação foi glorioso, muito mais excederá em glória o ministério da justiça. 10 Porque também o que foi glorificado, nesta parte, não foi glorificado, por causa desta excelente glória. 11 Porque, se o que era transitório foi para glória, muito mais é em glória o que permanece.

Relendo Êxodo 19 a 21, vemos que os Dez Mandamentos foram dados no meio de visões e sons tremendos — "trovões e relâmpagos sobre o monte, e uma espessa nuvem, e um sonido de buzina mui forte. [...] E todo o monte Sinai fumegava, porque o Senhor descera sobre ele em fogo; e a sua fumaça subia como fumaça de um forno, e todo o monte tremia grandemente. E o sonido da buzina ia crescendo em grande maneira" (Êx 19.16,18,19). Quando Moisés desceu do monte Sinai com as tábuas de pedra gravadas pelo próprio Deus, seu rosto estava tão radiante com a glória de Deus, que o povo teve medo de aproximar-se dele (Êx 34.29-35). Então Moisés pôs um véu sobre o rosto de modo que eles não vissem que a glória estava diminuindo (2 Co 3.7).

Embora a lei dada por Moisés fosse um meio pelo qual os israelitas podiam aprender a andar com Deus, os julgamentos que ela fazia dos fracassos do povo eram severos. Por isso Paulo chama o ministério da lei de "ministério da morte" ("ministério que traz a morte" v. 7, NASB). Era algo como um termômetro, o qual pode medir o calor, mas não o gera. Assim a lei podia medir a justiça (ou injustiça) dos indivíduos, mas não os ajudava a se tornarem justos. Não admira que Paulo chame o ministério do Espírito "de maior glória" que o ministério da lei: O Espírito pode nos vestir com a justiça de Cristo e nos ajudar a fazer coisas boas e viver nos caminhos retos que Deus quis para o seu povo quando deu a lei. A lei não era algo ruim. Era santa, justa e boa (Rm 7.12). Era, de fato, "espiritual" (Rm 7.14). Mas por causa da fraqueza da humanidade, a lei trouxe condenação e morte. Em contraste, Deus enviou Jesus "não para que condenasse o mundo, mas para que o mundo fosse salvo por ele" (Jo 3.17). Esta é a razão por que a glória temporária e mortal que acompanhou a doação da lei não pode ser comparada com a glória permanente que acompanha a expansão do Evangelho no poder do Espírito Santo — incluindo seus dons e bênçãos.

> 12 Tendo, pois, tal esperança, usamos de muita ousadia no falar. 13 E não somos como Moisés, que punha um véu sobre a sua face, para que os filhos de Israel não olhassem firmemente para o fim daquilo que era transitório. 14 Mas os seus sentidos foram endurecidos; porque até hoje o mesmo véu está por levantar na lição do Velho Testamento, o qual foi por Cristo abolido. 15 E até hoje, quando é lido Moisés, o véu está posto sobre o coração deles. 16 Mas, quando se converterem ao Senhor, então, o véu se tirará.

Nossa esperança no Evangelho com sua proclamação de um concerto melhor e uma glória maior é uma esperança segura e firme, uma âncora da alma (Hb 6.19). Paulo tinha tamanha confiança na verdade do Evangelho e no Deus de esperança (Rm 15.13) que não hesitou em proclamá-lo, falando livre e abertamente com ousadia. Moisés tinha posto um véu sobre o rosto para impedir que Israel visse que a glória estava desaparecendo gradualmente. Mas a glória do antigo concerto desapareceu totalmente. Por outro lado, Paulo não pôs impedimento para a glória do Evangelho, nem tinha nada para cobrir ou esconder.

Esta ocasião em que Moisés cobriu o rosto com um véu não foi a única em que a glória estava diminuindo. Examinando a história de Israel, vemos que estava cheia de altos e baixos. Com freqüência, eles se apostatavam e se voltavam à adoração de outros deuses, os quais estimulavam a imoralidade em vez da santidade (cf. Rm 1.21-23). Suas mentes estavam entorpecidas, endurecidas pelo pecado e pela relutância em crer e obedecer. Assim, era por culpa própria que, quando o antigo concerto (inclusive todo o Antigo Testamento) era lido, eles não entendiam. Havia um véu posto sobre seus corações. Quando os livros de Moisés eram lidos nas sinagogas, a verdade não podia penetrar o ser interior e mudá-los. Aquele véu permaneceu sobre o coração dos judeus até que se voltaram para o Senhor Jesus. Assim que eram salvos, nascidos de novo, batizados pelo Espírito Santo no Corpo de Cristo, o véu era tirado. O Antigo Testamento tornou-se um livro novo para eles, no qual podiam ver o plano de Deus que leva à vinda de Jesus. Paulo com certeza teve esta experiência depois do encontro com Jesus na estrada de Damasco.

> [17] ORA, O SENHOR É ESPÍRITO; E ONDE ESTÁ O ESPÍRITO DO SENHOR, AÍ HÁ LIBERDADE. [18] MAS TODOS NÓS, COM CARA DESCOBERTA, REFLETINDO, COMO UM ESPELHO, A GLÓRIA DO SENHOR, SOMOS TRANSFORMADOS DE GLÓRIA EM GLÓRIA, NA MESMA IMAGEM, COMO PELO ESPÍRITO DO SENHOR.

Aqueles que estão em Cristo têm o véu tirado do coração e da mente, de modo que podem ter a liberdade de servir a Deus e refletir a glória do Senhor, a glória de Cristo (2 Co 4.4; cf. Rm 8.29; Hb 1.3). Este é um processo em que somos transformados de um grau de glória a outro à medida que somos transformados na sua semelhança ou, como diz certo escritor, "nos símbolos transparentes do Criador que se dá a si mesmo".[7] Esta é a obra santificadora do Espírito Santo e estará completa quando Jesus voltar novamente (1 Jo 3.2; Ap 22.4).

Dizendo "o Senhor é Espírito", Paulo estava identificando o Espírito com Cristo, não em identidade pessoal, mas "em ação redentora (Gl 3 — 5; Rm 6 — 8). O Espírito é recatado em sua apresentação de Cristo para não depreciar o Senhor (Jo 15.26; 16.13)".[8]

D. Um ministério honesto e centrado em Cristo 4.1-18

1. Um ministério genuíno, 4.1,2

> [1] Pelo que, tendo este ministério, segundo a misericórdia que nos foi feita, não desfalecemos; [2] antes, rejeitamos as coisas que, por vergonha, se ocultam, não andando com astúcia nem falsificando a palavra de Deus; e assim nos recomendamos à consciência de todo homem, na presença de Deus, pela manifestação da verdade.

Embora Deus o capacitasse como ministro de um novo concerto (2 Co 3.6), Paulo nunca esqueceu-se de que não era merecedor deste ministério. Ele perseguira os cristãos, opondo-se a Cristo, sem a intenção de servi-lo ou pregar o Evangelho quando foi detido pelo Senhor (cf. 1 Tm 1.12-16). O livro de Atos registra três vezes sua experiência na estrada de Damasco (At 9.3-19; 22.3-16; 26.9-18).

Paulo estava de tal forma subjugado pelo não merecimento do favor e misericórdia de Deus, que o havia transformado e também o curso inteiro de sua vida e ministério, que pensar a respeito sempre lhe dava coragem para prosseguir, pouco importando o que acontecesse. Nada poderia fazê-lo perder a coragem ou acovardar-se do ministério que Deus lhe havia dado.[9] Seu sofrimento somente confirmava que ele era verdadeiro seguidor de Cristo (veja At 9.16).

Provavelmente em resposta às acusações dos inimigos, Paulo diz que a transformação do seu coração o levou a recusar fazer uso de meios secretos, vergonhosos ou enganosos.[10] A luz que brilhou ao redor dele na estrada de Damasco foi seguida pela luz de Cristo em seu coração e pela iluminação do Espírito Santo na Palavra de Deus. Assim, não havia modo de Paulo torcê-la, adulterá-la, diluí-la ou deturpá-la. Nem ele apresentaria a verdade do Evangelho de certo modo que só os iniciados ou instruídos pudessem entender. Ele a apresentou completamente, mas de forma simples e clara. Sua consciência estava limpa, e pelo poder do Espírito ele queria que a consciência de todas as pessoas percebessem que estava

apresentando a verdade "na presença de Deus", isto é, conforme Deus queria apresentá-la (cf. 1 Ts 2.13). Embora Paulo rejeitasse a maneira de seus oponentes se recomendarem, ele "é forçado a se recomendar"[11] por causa da verdade. Seu exemplo nos estimula a mantermos nossa consciência limpa diante de Deus.

2. Um ministério eficaz 4.3-15

> 3 Mas, se ainda o nosso evangelho está encoberto, para os que se perdem está encoberto, 4 nos quais o deus deste século cegou os entendimentos dos incrédulos, para que não lhes resplandeça a luz do evangelho da glória de Cristo, que é a imagem de Deus.

Paulo falou anteriormente sobre um véu posto sobre o coração dos judeus quando a lei de Moisés era lida nas sinagogas. Agora ele reconhece que um véu poderia causar problemas aos "que se perdem" (os que estão indo para o inferno) quando o Evangelho lhes é proclamado.[12] Isto abrangeria judeus e gentios. Se eles pensassem que a pregação de Paulo quanto ao Evangelho era vaga ou tinha algum significado encoberto, o véu colocado sobre suas mentes era obra de sua própria incredulidade. Suas mentes estavam encobertas pelo "deus deste século", ou seja, Satanás (cf. Jo 12.31; 14.30; 16.11; Ef 2.2; 1 Jo 5.19).

Jesus encontrou o mesmo problema com os fariseus incrédulos. Ele disse que sua linguagem não era clara para com eles, a fim de que não pudessem ouvir o que estava dizendo, porque eles pertenciam ao diabo, seu pai, e queriam fazer o desejo dele. "Vós tendes por pai ao Diabo e quereis satisfazer os desejos de vosso pai; ele foi homicida desde o princípio e não se firmou na verdade, porque não há verdade nele; quando ele profere mentira, fala do que lhe é próprio, porque é mentiroso e pai da mentira" (João 8.44). Aqueles que adoram a qualquer um ou a qualquer coisa que não seja o verdadeiro Deus (a Trindade do Pai, Filho e Espírito Santo), estão na verdade adorando a Satanás e permitindo que ele seja o seu deus quando deixam que lhes dirija e controle a vida. Satanás os mantém nas trevas para que não vejam a luz das Boas Novas, isto é, a glória da plena revelação da natureza e caráter divinos de Cristo como a perfeita imagem de Deus (cf. Cl 1.15; Hb 1.1-5) — "sendo em forma [na própria natureza] de Deus" (Fp 2.6). Por meio dEle, todos os crentes são libertos do poder de Satanás e das trevas deste século mal. Os cristãos estão vivendo na luz de Cristo e do século por vir (Gl 1.4; Ef 2.1-7; Cl 1.13).

Ao chamar Satanás de "o deus deste século", a Bíblia revela que o seu tempo e poder são limitados (veja Ap 20.10). Que contraste com a glória eterna de Cristo que nos revela a total glória de Deus!

> 5 PORQUE NÃO NOS PREGAMOS A NÓS MESMOS, MAS A CRISTO JESUS, O SENHOR; E NÓS MESMOS SOMOS VOSSOS SERVOS, POR AMOR DE JESUS. 6 PORQUE DEUS, QUE DISSE QUE DAS TREVAS RESPLANDECESSE A LUZ, É QUEM RESPLANDECEU EM NOSSOS CORAÇÕES, PARA ILUMINAÇÃO DO CONHECIMENTO DA GLÓRIA DE DEUS, NA FACE DE JESUS CRISTO.

Se o Evangelho estava oculto para alguns, não era porque tinha sua origem na mente de Paulo ou porque era um mero conjunto humano de idéias. Paulo e seus companheiros não tinham desejo de se estabelecerem como pessoas que queriam a devoção dos outros. Eles proclamaram Cristo como Senhor divino, merecedor de toda a adoração e louvor. Paulo e seus companheiros só eram servos ou "escravos" (gr. *doulous*) — primeiro de Cristo (Rm 1.1; Fp 1.1; Tt 1.1) e depois da Igreja, dados por Jesus como escravos para fazerem a sua vontade, ajudando a Igreja por amor dEle e em seu lugar (cf. Ef 4.11-14).[13]

Eles poderiam levar bênçãos à Igreja através do que por eles Deus fizera. Eles sabiam por experiência — Paulo, por exemplo, na estrada de Damasco — que o mesmo Deus que criou a luz física (Gn 1.3) é quem resplandeceu "sua [própria] luz" (que deve significar luz espiritual) em sua mente e ser interior. Isto torna os crentes portadores de luz (cf. Mt 5.15). O propósito desta luz era iluminar o conhecimento da glória de Deus "a qual é brilhante na face de Cristo" (2 Co 4.6, tradução de Weymouth). Assim, Jesus é o Revelador permanente daquela luz e glória, em contraste com Moisés, cujo rosto logo perdeu a glória (2 Co 3.13).

A referência à luz em Gênesis 1.3 implica ainda que, por meio de sua luz espiritual, Deus nos faz novas criaturas em Cristo, o que Paulo conhecia por experiência pessoal.

O cristianismo é mais do que um novo modo de vida, mais do que seguir um bom exemplo ou altos ideais. É união com uma nova Pessoa, nosso Senhor Jesus Cristo. Tornamo-nos parte do seu Corpo, a Igreja, e continuamos em relação vital com Jesus pela fé.

> 7 TEMOS, PORÉM, ESSE TESOURO EM VASOS DE BARRO, PARA QUE A EXCELÊNCIA DO PODER SEJA DE DEUS E NÃO DE NÓS.

Paulo conhecia a glória. Ele também conhecia o sofrimento que seu ministério muitas vezes acarretava. Seu conhecimento da glória de Deus em Cristo é um tesouro inestimável. As pessoas naqueles dias dificilmente pensariam em pôr jóias em simples vasos de barro. Mas nós que temos a luz de Cristo ainda vivemos em corpos humanos frágeis em um mundo pecador.[14]

Deus não muda nosso corpo agora, mas escolheu nos deixar em fraqueza humana de forma que seja óbvio a todos que a grandeza do seu poder, manifestada por meio dos seus servos, é "de Deus e não de nós". Paulo foi usado por Deus para realizar muitos milagres, contudo ele permaneceu fisicamente fraco e sem impressão.

> [8] EM TUDO SOMOS ATRIBULADOS, MAS NÃO ANGUSTIADOS; PERPLEXOS, MAS NÃO DESANIMADOS; [9] PERSEGUIDOS, MAS NÃO DESAMPARADOS; ABATIDOS, MAS NÃO DESTRUÍDOS.

Vasos de barro eram frágeis. Quando eu estava ajudando a escavar as ruínas de Dotã, achamos vários milhares de pedaços quebrados de jarros de barro em todos os níveis da cidade. Era raro encontrar um jarro intacto. Paulo, porém, queria que os coríntios soubessem que pouco importava o que acontecesse, o tesouro no vaso de barro do seu corpo o impedia de ser quebrado pelas circunstâncias ou pelos inimigos.

De quatro maneiras Paulo enfatiza que o poder de Deus vencia sua fraqueza no ministério: 1) Os problemas pressionavam severamente de todos os lados (ou de todas as formas), mas por causa do poder incomparável de Deus, eles não podiam angustiá-lo — o que também pode significar que eles não podiam nem mesmo restringi-lo de disseminar o Evangelho; 2) Ele às vezes via-se perplexo diante das muitas adversidades, e nem sempre entendia o que lhe sobrevinha e os motivos de tais coisas estarem acontecendo, mas nunca tinha o tipo de desespero que duvidava de Deus;[15] 3) Ele era perseguido (no grego, inclui as idéias de ser expulso e perseguido de lugar em lugar; cf. At 14.5,6; 17.13), mas não ficava desamparado. O Senhor não o abandonou, nem seus companheiros o deixaram em apuros; 4) Ele era abatido pelos inimigos, mas não destruído ou arruinado.

> [10] TRAZENDO SEMPRE POR TODA PARTE A MORTIFICAÇÃO DO SENHOR JESUS NO NOSSO CORPO, PARA QUE A VIDA DE JESUS SE MANIFESTE TAMBÉM EM NOSSOS CORPOS. [11] E ASSIM NÓS, QUE VIVEMOS, ESTAMOS SEMPRE ENTREGUES À MORTE POR AMOR DE JESUS, PARA QUE A

VIDA DE JESUS SE MANIFESTE TAMBÉM EM NOSSA CARNE MORTAL. [12] DE MANEIRA QUE EM NÓS OPERA A MORTE, MAS EM VÓS, A VIDA.

Dizendo que ele sempre trazia no corpo a mortificação, ou a morte, de Jesus, Paulo queria dizer que o mesmo tipo de sofrimento que provocou a morte de Jesus estava presente em seu corpo. Então, pelo fato de Jesus ter morrido por ele, Paulo estava constantemente disposto a arriscar a vida por Jesus e pelo que Ele morreu — a salvação das almas perdidas. Os açoites e apedrejamentos deixaram cicatrizes, de forma que Paulo podia dizer: "Trago no meu corpo as marcas do Senhor Jesus" (Gl 6.17). Entretanto, em meio a tudo isso ele podia revelar a vida da ressurreição de Jesus no seu corpo. Mesmo quando foi apedrejado e deixado como morto, ele levantou-se, curado, e continuou sua viagem missionária (At 14.19,20).

No versículo 11 Paulo repete a mesma idéia. Embora ele e seus companheiros ainda estivessem vivos, eles eram contínuamente entregues à morte por causa de sua relação com Jesus (cf. Fp 2.30; note aqueles que tentaram evitar isto, Gl 6.12). O testemunho que deram a juízes, governadores e reis mostrou a vida de Cristo presente em sua carne — seus corpos mortais (sujeitos à morte). Mais tarde, Paulo escreveu aos romanos: "Como está escrito [Sl 44.22]: Por amor de ti [de Deus] somos entregues à morte todo o dia: fomos reputados como ovelhas para o matadouro. Mas em todas estas coisas somos mais do que vencedores, por aquele que nos amou" (Rm 8.36,37).

Ainda que a morte estivesse trabalhando dessa forma em Paulo e seus companheiros por causa das dificuldades e perseguições que enfrentavam, ao mesmo tempo eles eram encorajados, porque por eles o Espírito ministrava vida aos que aceitavam a mensagem do Evangelho.

[13] E TEMOS, PORTANTO, O MESMO ESPÍRITO DE FÉ, COMO ESTÁ ESCRITO: CRI; POR ISSO, FALEI. NÓS CREMOS TAMBÉM; POR ISSO, TAMBÉM FALAMOS, [14] SABENDO QUE O QUE RESSUSCITOU O SENHOR JESUS NOS RESSUSCITARÁ TAMBÉM POR JESUS E NOS APRESENTARÁ CONVOSCO. [15] PORQUE TUDO ISSO É POR AMOR DE VÓS, PARA QUE A GRAÇA, MULTIPLICADA POR MEIO DE MUITOS, TORNE ABUNDANTE A AÇÃO DE GRAÇAS, PARA GLÓRIA DE DEUS.

Paulo cita Salmos 116.10, onde o salmista, inspirado pelo Espírito (2 Tm 3.16; 2 Pe 1.21), fala da fé que o fez confiar no Senhor. O salmo como um todo dá louvores ao Senhor pela libertação da morte. Paulo foi

movido a expressar a mesma fé concedida e inspirada pelo Espírito, à medida que continuava a falar a verdade do Evangelho. Depois, o salmista falou da libertação da morte. Isto formou paralelo com a ressurreição de Jesus. Paulo olhava adiante, para a libertação da morte, porque o Deus que ressuscitou Jesus dos mortos ressuscitará não só a ele e aos crentes coríntios, mas a todos os que crêem. Junto com Paulo e todos os santos seremos apresentados por Jesus a Deus (cf. 1 Ts 4.14-18).

Tudo o que Paulo sofreu e toda a pregação da esperança da glória eterna, segundo suas palavras, era para o benefício dos crentes coríntios. Ele quer que a graça de Deus faça com que cada vez mais pessoas se voltem para Ele, de forma que a graça abundante por meio deles torne mais "abundante a ação de graças, para a glória de Deus".

3. Um ministério sustentado pela esperança 4.16-18

> 16 Por isso, não desfalecemos; mas, ainda que o nosso homem exterior se corrompa, o interior, contudo, se renova de dia em dia. 17 Porque a nossa leve e momentânea tribulação produz para nós um peso eterno de glória mui excelente, 18 não atentando nós nas coisas que se vêem, mas nas que se não vêem; porque as que se vêem são temporais, e as que se não vêem são eternas.

Por causa da luz divina e da esperança da ressurreição e estar com Cristo, Paulo não permite que as limitações humanas o levem a perder a coragem (ou "acovardar-se"[16]). Ele sabe que a presença de Cristo em sua vida é a "esperança da glória" (Cl 1.27). Mas também sabe que nesta vida presente nada pode parar o processo de envelhecimento. Nosso corpo está definhando pouco a pouco, morrendo. Os sofrimentos físicos que Paulo suportou por Cristo com certeza não diminuíram a velocidade desse processo. Mas ele não deixava que isso o desencorajasse, porque todos os dias ele experimentava renovação interior (cf. Rm 12.2; Cl 3.10).

Toda adversidade que suportou (veja 2 Co 11.23-29) ele a chama de "leve e momentânea", comparada com o "peso eterno" de glória que a fazia parecer insignificante. Deus está fazendo com que todas as nossas dificuldades alcancem essa abundância incomparável de glória para nós (ou, em nós), mesmo que hoje Ele esteja nos recriando em Cristo (2 Co 4.6). Esta também é a obra do Espírito Santo (cf. 2 Co 5.5). Com sua ajuda suportamos as tentações e sofrimentos quando olhamos para a frente, para o que Deus prometeu.

A glória que será nossa ainda não é vista enquanto estamos neste corpo mortal. Mas nós, como Paulo, temos de manter esta esperança em mente e fixar os olhos nela em vez de prestar atenção às dificuldades atuais (isto nos ajudará a estarmos prontos quando Jesus voltar; cf. 1 Jo 3.2,3). Embora nossas dificuldades nos sejam agora reais, elas são temporárias. A glória é real e eterna. Tomaremos parte em tudo quando Jesus voltar novamente.

No Apêndice B você encontrará perguntas para aprimorar seu estudo.

NOTAS

[1] James Hernando, "2 Corinthians", in: *Full Life Bible Commentary*. Grand Rapids, Zondervan Publishing House (no prelo).

[2] Scott J. Hafemann. *Suffering and Ministry in the Spirit: Paul's Defense of His Ministry in II Corinthians 2:14—3:3*. Grand Rapids, William B. Eerdmans, 1990, pp. 1, 2.

[3] Ibid., pp. 7-34.

[4] Ibid., p. 62.

[5] Ibid., p. 124. Veja também Jerry L. Sumney. *Identifying Paul's Opponents*. Sheffield, Inglaterra, Journal for the Study of the New Testament Press, 1990, p. 132.

[6] Paulo pode estar dando a entender que os falsos apóstolos eram ministros do antigo concerto, isto é, "judaizantes". Philip Edgcumbe Hughes. *Paul's Second Epistle to the Corinthians*. Grand Rapids, William B. Eerdmans, 1973, p. 96.

[7] Jean-Jacques Suurmond, "The Meaning and Purpose of Spirit-Baptism and the Charisms", *EPTA Bulletin* 9, n.° 4, 1990, p. 114.

[8] Frank G. Carter, "II Corinthians", in: *The Beacon Bible Commentary*. Kansas City, Missouri, Beacon Hill Press, 1968, v. 7, p. 529. Alguns, porém, consideram que o Espírito aqui seja o Espírito em contraste com a carta, com Cristo trabalhando no poder do Espírito. Outros dizem que Paulo pode estar afirmando que o Senhor Jesus nesta passagem é o Espírito, de forma que "a volta de Moisés ao Espírito era equivalente à sua volta a Cristo". R. P. C. Hanson. *The Second Epistle to the Corinthians: Christ and Controversy*. Londres, SCM Press, 1967, p. 40.

[9] Victor Paul Furnish. *II Corinthians*. Garden City, Nova York, Doubleday & Company, 1984, p. 217.

[10] Veja 2 Coríntios 12.16, que pode implicar que os inimigos de Paulo o acusaram de ser "malandro astucioso". Philip Edgcumbe Hughes. *Paul's Second Epistle of the Corinthians*. Grand Rapids, William B. Eerdmans, 1973, p. 123.

[11] Jerry L. Sumney. *Identifying Paul's Opponents*. Sheffield, Inglaterra, Journal for the Study of the New Testament Press, 1990, p. 134.

[12] Paulo o chama de "nosso evangelho" não porque era diferente em conteúdo do que os outros apóstolos pregavam (veja Gl 1.11; 2.1-9), mas porque eram eles os que o pregavam.

[13] "Vossos servos" não quer dizer que eles pertenciam aos coríntios, mas que foram dados para servi-los.

[14] O termo "formou" (Gn 2.7) era freqüentemente usado para aludir a um oleiro que forma um vaso ou jarro. Pode ser que Paulo tivesse esta cena em mente quando chamou o nosso corpo de vaso de barro (cf. também Rm 9.20,21; Is 29.16; 45.9; 64.6; Jr 18.6).

[15] O grego traz um jogo de palavras *aporoumenoi all' ouk exapouroumenoi*: "perplexos,

mas não inteiramente perplexos" ou "confusos, nunca estamos desnorteados" (NEB).
[16] Furnish, *II Corinthians*, p. 261.

III. As metas de Paulo 5.1 — 6.13

A. Agradar ao Senhor 5.1-15

1. O Espírito garante um novo corpo 5.1-5

> [1] Porque sabemos que, se a nossa casa terrestre deste tabernáculo se desfizer, temos de Deus um edifício, uma casa não feita por mãos, eterna, nos céus.

Ao reconhecer que exteriormente estamos definhando, Paulo chamou o atual corpo humano de "casa terrestre". É adequado para a vida presente, mas é habitação frágil e temporária sujeita a ser desfeita. Considerando que Paulo não sabia quando Jesus voltaria, ou quando ocorreria a morte, ele disse "se" a casa se desfizer. Mas apesar de enfrentar a morte todos os dias, ele não temia a dissolução da "casa terrestre", porque sabia que algo melhor o aguardava (como a nós também) — um novo corpo no céu que ele compara a uma "casa eterna". Para certificar-se de que entendemos que fala sobre uma casa criada pelo próprio Deus, ele acrescenta "não feita por mãos" (v. 1 KJV); veja 1 Coríntios 15.35,54.

Alguns acreditam que Deus já preparou um corpo espiritual para nós.[1] Paulo, entretanto, indicou em carta anterior que o novo corpo adequado para a terra e para o céu nos será dado na hora da ressurreição e arrebatamento (1 Co 15.52; 2 Co 5.4; veja também Fp 3.21; 1 Ts 4.15-17). O ponto que Paulo quer ressaltar aqui é que uma vez que tenhamos recebido o novo corpo que veste o nosso corpo ressuscitado, ele é nosso para sempre.

> [2] E, por isso, também gememos, desejando ser revestidos da nossa habitação, que é do céu; [3] se, todavia, estando vestidos, não formos achados nus. [4] Porque também nós, os que estamos neste tabernáculo, gememos carregados, não porque queremos

SER DESPIDOS, MAS REVESTIDOS, PARA QUE O MORTAL SEJA ABSORVIDO PELA VIDA.

Enquanto estamos neste corpo, gememos por causa de nossos sofrimentos, os quais são resultado da Queda, e que até certo ponto todos temos de compartilhar (Rm 8.22,23). Também gememos porque sabemos que um corpo melhor será nosso na ressurreição; e se temos a mesma visão que Paulo teve da glória por vir, anelamos ardentemente sermos livres das fraquezas de nosso corpo atual. Este corpo em que vivemos é mortal, sujeito à morte, está, de fato, morrendo pouco a pouco. O novo corpo será imortal e incorruptível, não sujeito à morte ou corrupção.

Muitos gregos consideravam o corpo uma prisão da qual a morte nos liberta. Os gnósticos "consideram que tal 'nudez' é desejável";[2] Paulo, porém, não está ansioso em ser achado nu. ("Nu" pode significar "sem peça de roupa superior", mas aqui significa sem corpo.[3] Ele reconhece que precisamos de um corpo para a plena expressão de nossa personalidade e natureza. O grego pode significar que o novo corpo será vestido sobre nós "como um sobretudo"[4] "num momento, num abrir e fechar de olhos" (1 Co 15.52). Mas a morte ainda é inimiga (1 Co 15.26), e embora a nudez entre a morte e a ressurreição não seja desejável, Paulo é confortado pela garantia de que "deixar este corpo" é estar "presente com o Senhor" (2 Co 5.8 KJV).

5 ORA, QUEM PARA ISSO MESMO NOS PREPAROU FOI DEUS, O QUAL NOS DEU TAMBÉM O PENHOR DO ESPÍRITO.

Embora soframos neste corpo e almejemos a ressurreição e a era vindoura, somos encorajados pela esperança com que Deus nos instiga pelo seu Espírito. O propósito de Deus é preparar-nos para que a nossa mortalidade seja absorvida pela vida.

O Espírito é um "depósito", ou antes, uma primeira parcela, "garantindo" nossa ressurreição futura e dando-nos a certeza da era futura (veja 2 Co 1.22; Rm 8.1-11; 1 Co 15.36-38). De certo modo, o batismo com o Espírito Santo e a vida no Espírito nos são uma demonstração da fidelidade de Deus. Temos hoje a primeira parcela do que teremos em sua plenitude quando Jesus voltar novamente (cf. Fp 1.6).

2. ANDANDO POR FÉ 5.6-8

6 PELO QUE ESTAMOS SEMPRE DE BOM ÂNIMO, SABENDO QUE, ENQUANTO ESTAMOS NO CORPO, VIVEMOS AUSENTES DO SENHOR 7 (PORQUE ANDAMOS POR FÉ E NÃO POR

VISTA.). [8] MAS TEMOS CONFIANÇA E DESEJAMOS, ANTES, DEIXAR ESTE CORPO, PARA HABITAR COM O SENHOR.

A confiança de Paulo está em sua relação pessoal com Cristo e em sua relação interior com o Espírito Santo. Ele sabe que enquanto os cristãos mantiverem esta relação eles não precisam temer a morte. Enquanto estamos no presente corpo estamos distantes do Cristo glorificado, assim temos de viver "por fé e não por vista", porque Ele ascendeu à mão direita do Pai no céu (At 2.33; cf. 2 Co 1.9). Hoje podemos mesmo ter comunhão com Jesus pela fé. Quando deixarmos este corpo, estaremos presentes com o Senhor, em uma relação até mais íntima com Ele; nossa fé se tornará visão (cf. Fp 1.21,23), "porque assim como é o veremos" (1 Jo 3.2).

3. O JULGAMENTO DO TRIBUNAL DE CRISTO 5.9,10

[9] PELO QUE MUITO DESEJAMOS TAMBÉM SER-LHE AGRADÁVEIS, QUER PRESENTES, QUER AUSENTES. [10] PORQUE TODOS DEVEMOS COMPARECER ANTE O TRIBUNAL DE CRISTO, PARA QUE CADA UM RECEBA SEGUNDO O QUE TIVER FEITO POR MEIO DO CORPO, OU BEM OU MAL.

Por causa da garantia de que estaremos com o Senhor, devemos "tornar nossa meta [e nossa ambição] agradável" ao Senhor. Isto envolve trabalhar para agradá-lo a despeito de nossos esforços trazerem vida contínua ou morte.

Uma razão importante para vivermos com a meta e ambição de agradar ao Senhor é o futuro "Tribunal de Cristo", onde todos os crentes têm de comparecer e onde Deus nos revelará o verdadeiro caráter de nossas ações (cf. Rm 14.12; 1 Co 3.12-15). Então, cada um receberá o que lhe é devido, dependendo das ações terem sido boas ou más.[5] Isto significa que somos salvos para servir, salvos para fazer boas ações, salvos para sermos o sal que causa um efeito no mundo que nos cerca. Na qualidade de crentes, como destacou R. P. C. Hanson, não podemos "ignorar as desigualdades e injustiças deste mundo para nos concentrarmos inteiramente em garantir [...] a felicidade no mundo vindouro".[6]

4. MOTIVADOS PELO TEMOR E PELO AMOR 5.11-15

[11] ASSIM QUE, SABENDO O TEMOR QUE SE DEVE AO SENHOR, PERSUADIMOS OS HOMENS À FÉ, MAS SOMOS MANIFESTOS A DEUS; E ESPERO QUE, NA VOSSA CONSCIÊNCIA,

SEJAMOS TAMBÉM MANIFESTOS. [12] PORQUE NÃO NOS RECOMENDAMOS OUTRA VEZ A VÓS; MAS DAMO-VOS OCASIÃO DE VOS GLORIARDES DE NÓS, PARA QUE TENHAIS QUE RESPONDER AOS QUE SE GLORIAM NA APARÊNCIA E NÃO NO CORAÇÃO. [13] PORQUE, SE ENLOUQUECEMOS, É PARA DEUS; E, SE CONSERVAMOS O JUÍZO, É PARA VÓS.

Paulo retoma a defesa do seu ministério do novo concerto como apóstolo. Alguns ainda o estavam entendendo mal. Alguns questionavam sua integridade. Ele responde dizendo que no seu ministério apostólico ele é motivado pelo "temor que se deve ao Senhor", diante de quem ele estará no Tribunal de Cristo. Este medo não é terror, mas santo temor e reverência que o faz ver a importância e conseqüências de suas ações, e o leva a persuadir as pessoas a aceitarem o Evangelho.

Seus motivos e seu caráter — tudo o que ele é — são hoje "manifestos a Deus", da mesma forma que serão no Tribunal de Cristo. Ele espera que sua vida seja transparente o bastante para que eles também vejam isto. Se o fizerem, a consciência deles o avaliará apropriadamente, bem como o seu ministério e confiança nele.

Ele quer lhes dar uma razão válida de orgulho para que tenham o que responder aos estranhos que se gloriam "na aparência", em lugar de se gloriarem na realidade que está no coração. A jactância deles na aparência é errada. Formas da palavra grega *kauchaomai* ("jactância") e seus cognatos são muito freqüentes nesta carta, dando a entender que "a questão da jactância legítima *versus* jactância ilegítima fazia parte importante da disputa entre Paulo e os rivais coríntios".[7]

O que quer que as pessoas digam sobre Paulo, seu único desejo é servir a Deus e a seu povo. Se ele está louco (provavelmente adorando e orando no Espírito), ele não está louco como os incrédulos pensam (cf. Mc 3.21; At 26.24); é para Deus. Se ele conserva o juízo e fala na língua deles, é para eles.

[14] PORQUE O AMOR DE CRISTO NOS CONSTRANGE, JULGANDO NÓS ASSIM: QUE, SE UM MORREU POR TODOS, LOGO, TODOS MORRERAM. [15] E ELE MORREU POR TODOS, PARA QUE OS QUE VIVEM NÃO VIVAM MAIS PARA SI, MAS PARA AQUELE QUE POR ELES MORREU E RESSUSCITOU.

Além do temor de Deus, o amor de Cristo por todos motivava Paulo. O amor que foi demonstrado pela morte de Cristo na cruz do Calvário e nos foi dado pelo Espírito Santo (Rm 5.5) deve ser o motivo constrangedor do cristão. Se realmente cremos em João 3.16, não temos escolha senão amar todos e buscar a salvação de todos.

Esta salvação está disponível a todos, porque Jesus morreu por todos. Quando morreu na cruz, Ele tomou o lugar de todos, não só como nosso Representante, mas como "a Cabeça incorporada do gênero humano", de forma que "em princípio" todos morreram.[8] Todos os que crêem em Jesus participam dos benefícios de sua morte à medida que morrem para a velha vida, nascem de novo pelo Espírito, recebem vida do alto e são unidos a Cristo (o batismo nas águas simboliza e declara isto; Rm 6.3,4). Todos os crentes têm um "novo começo [...] e assim compartilham da vida que Ele agora possui (v. 17)".[9] Não devemos esquecer que experimentamos sua vida em nós contanto que deixemos de viver a velha vida egocêntrica "e passemos a *viver para Ele, que por amor deles morreu e ressuscitou*"[10] (veja Gl 2.20; 6.14).

B. O ministério da reconciliação 5.16 — 6.13

1. Uma nova criatura 5.16,17

> 16 Assim que, daqui por diante, a ninguém conhecemos segundo a carne; e, ainda que também tenhamos conhecido Cristo segundo a carne, contudo, agora, já o não conhecemos desse modo. 17 Assim que, se alguém está em Cristo, nova criatura é: as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo.

O ponto de vista da velha criatura, incluindo seus padrões, valores e visão de sabedoria e poder, é bem diferente da nova criatura em Cristo. Os discípulos aplicaram padrões mundanos ao que compreenderam de Jesus diante da grande confissão de Pedro (Mt 16.13-17). Paulo, assim como um fariseu, antes de converter-se tinha uma concepção errada do Messias. Sua procura provavelmente era por um Messias político.[11] Ele pensava que Jesus era blasfemador e estava cheio de zelo em destruir os cristãos (At 9.1,21; 22.4,19; 26.9; Gl 1.13,23). "Agora o amor tinha tomado o lugar daquele zelo como força controladora do centro do seu ser".[12] Agora ele julgava a Jesus pela revelação de que Ele foi "declarado Filho de Deus em poder, segundo o Espírito de santificação, pela ressurreição dos mortos" (Rm 1.4).

Com isto aprendemos que os padrões dos oponentes de Paulo são mundanos, impróprios para os cristãos. Paulo quer que os coríntios julguem seu apostolado pelos padrões divinos e o conheçam como eles conhecem a Cristo, de acordo com o Espírito.[13]

Paulo era "nova criatura" em Cristo. Assim o são todos os que estão em Cristo, quer tenham sido mudados por experiência dramática, como Paulo, ou por experiência silenciosa, talvez como Timóteo (2 Tm 3.14,15), simplesmente voltando-se para Jesus em fé e aceitando-o como Senhor e Salvador. "A vida 'em Cristo' dos crentes é central ao entendimento paulino da natureza da salvação. [...] Paulo menciona que os cristãos estão 'em Cristo', 'nEle' ou 'no Senhor' em todas as suas cartas, exceto em uma delas — num total de 164 vezes".[14]

2. Os embaixadores de Cristo 5.18-21

> [18] E tudo isso provém de Deus, que nos reconciliou consigo mesmo por Jesus Cristo e nos deu o ministério da reconciliação, [19] isto é, Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo, não lhes imputando os seus pecados, e pôs em nós a palavra da reconciliação. [20] De sorte que somos embaixadores da parte de Cristo, como se Deus por nós rogasse. Rogamo-vos, pois, da parte de Cristo que vos reconcilieis com Deus.

Os filósofos epicureus que Paulo encontrou em Atenas (At 17.18) ensinavam que os deuses estavam distantes e não tinham interesse nos seres humanos.[15] A Bíblia deixa claro que todo ser humano tem uma relação com Deus, quer de comunhão ou de rebelião. Por causa da Queda, o mundo como um todo está em rebelião e precisa ser reconciliado com Deus de maneira que a comunhão possa ser gozada.

"Tudo isso" que provém de Deus refere-se especialmente à sua obra de reconciliar-nos com Ele pela morte de Cristo (cf. Rm 5.10) e com tudo o que esteja envolvido em nossa nova vida em Cristo (cf. Gl 2.20). A parte de Deus foi feita, completada na cruz antes que qualquer pessoa a aceitasse (veja Rm 5.8-10). Agora nós que estamos reconciliados temos a responsabilidade de chamar as pessoas para serem reconciliadas (cf. Rm 5.11). Como Paulo, estamos entre Deus e toda a humanidade com a autoridade dada por Deus para levar-lhes a mensagem da reconciliação. "Esta passagem é [...] uma das cartas régias do ministério cristão no Novo Testamento"[16] (cf. Is 52.7; Rm 10.15; Ef 6.15).

> [21] Àquele que não conheceu pecado, o fez pecado por nós; para que, nele, fôssemos feitos justiça de Deus.

Jesus era pessoalmente livre de todo o pecado (Jo 8.46; Hb 4.15; 1 Pe 2.22; 1 Jo 3.5), mas Deus o identificou com a humanidade pecadora, tornando-o um conosco, de forma que quando somos unidos com Ele, somos não só identificados com a justiça de Deus, mas nos tornamos a justiça de Deus em Cristo (cf. Gl 2.16,17; Fp 3.9). Fomos perdoados e estamos livres de condenação (Rm 8.1).

Ele não se tornou pecador.[17] Mas permaneceu o imaculado Cordeiro de Deus na cruz[18] (veja Is 52.13 a 53.12, onde Ele é o portador do pecado). No Antigo Testamento, a palavra hebraica *chatta'th* é usada para se referir a "pecado" e "oferta pelo pecado", pois a oferta pelo pecado é substituinte ao pecado. Assim, Deus designou Jesus para ser uma oferta pelo pecado por nós e em sua morte Deus julgou nosso pecado.

Porque ficou pendurado numa cruz de madeira ("madeiro" em Dt 21.23 pode significar qualquer coisa feita de madeira), Ele tornou-se maldição por nós (Gl 3.13). Assim, Ele tomou sobre si o salário do pecado (Rm 6.23), e quando bradou na cruz: "Está consumado" (gr. *tetelestai*, querendo dizer que acabou e nada mais precisa ser acrescentado ao seu sacrifício pelo pecado, Jo 19.30), o preço por nossa redenção foi inteiramente pago. Sua ressurreição demonstrou que o poder do pecado e da morte foi quebrado e Deus em Cristo triunfou. Em Cristo permanecemos na sua justiça diante de Deus e estamos nos tornando a justiça de Deus nEle. Isto pode significar que nossa justiça provém de Deus ou expressa a justiça de Deus. Paulo provavelmente tinha ambas as idéias em mente.

3. Agora é o dia da salvação 6.1,2

> [1] E nós, cooperando também com ele, vos exortamos a que não recebais a graça de Deus em vão [2] (Porque diz: Ouvi-te em tempo aceitável e socorrite no dia da salvação; eis aqui agora o tempo aceitável, eis aqui agora o dia da salvação.).

Como cooperadores de Deus, que pertencem a Ele, como também trabalham para Ele, e como embaixadores de Cristo (2 Co 5.20), Paulo e sua equipe exortavam os coríntios a não receber a graça de Deus sem resultado algum.[19] Os coríntios tinham recebido a graça de Deus, inclusive a salvação por Cristo, mas eles não deviam supor que a salvação é mantida automaticamente. É possível "deixá-la ir por nada" (2 Co 6.1, NEB). Isto aconteceria se eles voltassem à antiga maneira de viver ou se dessem ouvidos aos críticos "superespirituais" ou aos falsos apóstolos que estavam ensinando um evangelho diferente (cf. 2 Co 11.4; Gl 2.21).

Precisamos viver de acordo com a nova vida que nos foi dada (cf. Jo 15.2; Deus tira os ramos que não dão frutos).

A seguir, Paulo cita Isaías 49.8 e o aplica aos coríntios. Eles estavam vivendo nos dias em que a profecia estava sendo cumprida. É o dia de Deus, o tempo de Deus. Paulo não diminui a importância da era futura ou as últimas coisas. Mas eles têm de reconhecer que esta é a era final antes da era milenar. Agora é o dia em que Deus torna possível a reconciliação a Ele por Cristo. Hoje é o dia da salvação (cf. Hb 3.12-15). À medida que nos aproximamos do fim dos tempos também temos de aplicar as observações de Paulo à nossa época, de forma que não recebamos a graça de Deus "em vão" (gr. *eis kenon*, "no vazio", isto é, sem resultado algum, sem efeito, sem alcançar a meta). Nada seria mais triste do que ter recebido a graça de Deus e, no fim, se perder. Não admira que Paulo tenha advertido os cristãos tantas vezes (cf. Rm 8.12,13; Gl 5.19-21; Ef 5.5,6; Hb 2.1-4; 6.4-6; 10.26-31).

4. Os sofrimentos de Paulo 6.3-10

> 3 Não dando nós escândalo em coisa alguma, para que o nosso ministério não seja censurado. 4 Antes, como ministros de Deus, tornando-nos recomendáveis em tudo: na muita paciência, nas aflições, nas necessidades, nas angústias, 5 nos açoites, nas prisões, nos tumultos, nos trabalhos, nas vigílias, nos jejuns.

Paulo quer a reconciliação com os coríntios, mas sabe que eles não poderão fazê-lo até que reconheçam seu apostolado, motivos puros e vida piedosa e íntegra.[20]

Ele não queria dar escândalo desnecessário à cultura do povo que estava procurando ganhar para Cristo. Nem queria tornar a imprópria recomendação de si mesmo em pedra de tropeço aos coríntios, o que poderia fazer com que recebessem a graça de Deus em vão e rejeitassem a verdade. Ele se recomenda apenas como um ministro ou servo (escravo) de Deus o faria.

Em contraste com seus oponentes que se exaltavam, Paulo chama a atenção aos seus sofrimentos e fraquezas. Eles afirmavam que os apóstolos deveriam ter um porte que impressionasse e mostrasse o poder de Deus de maneira espetacular. "Por outro lado, Paulo sustenta que os apóstolos podem não ser impressionantes ao observador comum" e "mostrar o poder de Deus sendo capazes de suportar as tentações e sofrimentos (por exem-

plo, sendo 'fracos') e, no processo, trazer outros para o Evangelho".[21]

Paulo faz uma lista dos sofrimentos em três conjuntos de três: 1) aflições, necessidades e angústias — as quais lhe faziam pressão e poderiam tê-lo vencido; 2) acoites, prisões e tumultos — isto é, perseguições por parte de judeus e gentios, devido à sua ousada pregação do Evangelho; e 3) trabalhos, vigílias e jejuns (provavelmente como autodisciplina). Tudo isto ele sofreu de boa vontade, lembrando como Jesus sofreu por ele.

> [6] NA PUREZA, NA CIÊNCIA, NA LONGANIMIDADE, NA BENIGNIDADE, NO ESPÍRITO SANTO, NO AMOR NÃO FINGIDO, [7] NA PALAVRA DA VERDADE, NO PODER DE DEUS, PELAS ARMAS DA JUSTIÇA, À DIREITA E À ESQUERDA.

Em meio a todos os sofrimentos, Paulo continuou cultivando qualidades de pureza, inclusive a sinceridade, como também a integridade nas questões financeiras; ciência, especialmente no seu modo de levar as pessoas ao conhecimento de Deus pelo Evangelho; longanimidade, usando de autocontrole em lidar com pessoas difíceis e circunstâncias difíceis; e benignidade, como a benignidade, paciência e longanimidade de Deus (cf. Rm 2.4).

"No Espírito Santo" significa que o Espírito Santo era a fonte das graças que sustentavam Paulo, como também o agente que ministrava os dons por meio de Paulo.[22] Estes dons no ministério de Paulo eram acompanhados por amor sincero, genuíno, não fingido (cf. Rm 12.9; 1 Co 13). Eles tomavam o lado de uma apresentação fiel da Palavra da verdade, o Evangelho, no poder de Deus.[23] O poder de Deus o capacitava a suportar todas as dificuldades e a obedecer a Deus em todo o ministério.

O poder de Deus também o capacitava a usar as "armas da justiça". Isto provavelmente se refere ao apego de Paulo a princípios íntegros de vida e ministério,[24] quer as coisas iam bem ou não, como indicam as antíteses apologéticas a seguir. Estas "armas da justiça" interior "à direita e à esquerda" significa que ele estava plenamente equipado para enfrentar tudo o que surgisse no caminho.

> [8] POR HONRA E POR DESONRA, POR INFÂMIA E POR BOA FAMA, COMO ENGANADORES E SENDO VERDADEIROS; [9] COMO DESCONHECIDOS, MAS SENDO BEM CONHECIDOS; COMO MORRENDO E EIS QUE VIVEMOS; COMO CASTIGADOS E NÃO MORTOS; [10] COMO CONTRISTADOS, MAS SEMPRE ALEGRES; COMO POBRES, MAS ENRIQUECENDO A MUITOS; COMO NADA TENDO E POSSUINDO TUDO.

Paulo mostra quão eficazes eram essas armas quando resume em pares de idéias opostas o que ele passou no ministério: Ele experimentou a honra de Deus e a desonra das pessoas. Seus inimigos davam um mau relatório; alguns dos seus convertidos davam um bom relatório (cf. 1 Ts 1.9). Deus sabia que ele era verdadeiro, embora seus oponentes o considerassem, tanto ele quanto a sua equipe, como enganadores (ou impostores), levando as pessoas a se desviarem pela distorção da verdade.[25] Seu ministério o tornou conhecido, mas os que o chamavam de enganador (ou impostor), diziam que ele era desconhecido (não conhecido até então como apóstolo genuíno). Ele estava morrendo no sentido de que era continuamente ameaçado de morte, mas ainda vivia (como quando foi apedrejado e deixado como morto [At 14.19,20]). Foi contristado, pois até alguns dos coríntios causaram-lhe tristeza. Contudo, nada poderia tirar seu senso da presença do Senhor e a esperança eterna que produziam profunda alegria. Humilhou-se, ficando de boa vontade pobre, da mesma forma que Cristo o fez (Fp 2.6-8). Trabalhou duro na fabricação de tendas para dar a muitos as riquezas do Evangelho e a graça de Deus. Ainda que tivesse um estilo de vida que não dependia de possessões ("nada tendo"), ele possuía tudo: todas as bênçãos da salvação no presente (Ef 1.3), como também a garantia das bênçãos eternas no futuro.

Todas estas experiências contrastantes mostram que Paulo não olhava para a vida e ministério do modo como o mundo (e alguns dos coríntios) olhavam. Ele se regozijava em meio às tristezas e sofrimentos. Em todas estas coisas ele era mais que vencedor (cf. Rm 8.37).

5. Pedindo uma resposta amorosa 6.11-13

> [11] Ó coríntios, a nossa boca está aberta para vós, o nosso coração está dilatado. [12] Não estais estreitados em nós; mas estais estreitados nos vossos próprios afetos. [13] Ora, em recompensa disso (falo como a filhos), dilatai-vos também vós.

Paulo fez anteriormente um apelo aos coríntios para que respondessem à graça de Deus (2 Co 6.1). Agora ele faz uma comovente súplica para que eles respondam ao amor e afeto por eles. Sua boca continuava falando com eles, querendo que ouvissem. Seu coração estava "dilatado" e permanecia assim (como indica o original grego). A palavra "coração" era usada para expressar tanto pensamento quanto sentimento. Seu amor era o de um bom subpastor que leva o amor de Cristo ao rebanho.

Alguns coríntios podem ter sentido que Paulo não os amava. A verda-

de era que alguns estavam retendo o amor que sentiam por Paulo e seus companheiros. Como pai espiritual que os levara ao Senhor e a um novo nascimento pelo Espírito, ele apela que merece "uma recompensa [troca justa]" dos seus "filhos". Ele quer que eles dilatem os corações como ele o fez. E como qualquer bom pastor, ele quer sentir o afeto deles.

No Apêndice B você encontrará perguntas para aprimorar seu estudo.

NOTAS

[1] R. P. C. Hanson. *The Second Epistle to the Corinthians: Christ and Controversy*. Londres, SCM Press, 1967, p. 45.

[2] F. F. Bruce. *1 and 2 Corinthians*. Grand Rapids, William B. Eerdmans, 1983, p. 203.

[3] Alguns sugerem que "nu" se refira à possibilidade de não merecer a ressurreição (cf. Ap 3.4; 6.11; 7.9, onde alguns recebem vestes brancas para serem corpos espirituais dados aos mártires como recompensa). Hanson, *Second Epistle to the Corinthians*, p. 45.

[4] Bruce, *1 and 2 Corinthians*, p. 203.

[5] Os pecadores não serão ressuscitados até depois do Milênio, quando enfrentarão o julgamento do Grande Trono Branco (Ap 20.12-14). Veja Stanley M. Horton. *Nosso Destino: O Ensino Bíblico das Últimas Coisas*. Rio de Janeiro, CPAD, 1998, pp. 77-82; 202-204.

[6] Hanson, *Second Epistle to the Corinthians*, pp. 46, 47; cf. Romanos 14.10; 1 Coríntios 3.12-15.

[7] Victor Paul Furnish. *II Corinthians*. Garden City, Nova York, Doubleday & Company, 1964, p. 28. Veja também Jerry L. Sumney. *Identifying Paul's Opponents*. Sheffield, Inglaterra, Journal for the Study of the New Testament Press, 1990, p. 129.

[8] Hanson, *Second Epistle to the Corinthians*, p. 50.

[9] Margaret E. Thrall. *The First and Second Letters of Paul to the Corinthians*. Cambridge, Inglaterra, University Press, 1965, p. 149.

[10] Ibid.

[11] Bruce, *1 and 2 Corinthians*, p. 208.

[12] Paul Barnett. *The Second Epistle to the Corinthians*. Grand Rapids, William B. Eerdmans, 1997, p. 288.

[13] Ibid., p. 293.

[14] Melvin E. Dieter, "The Wesleyan Perspective", in: Melvin E. Dieter et alli, *Five Views on Sanctification*. Grand Rapids, Zondervan Publishing House, 1987, p. 34.

[15] Thrall, *First and Second Letters*, p. 151.

[16] Hanson, *Second Epistle to the Corinthians*, p. 49.

[17] A falsa idéia de que Jesus tornou-se pecador e teve de "nascer de novo" no inferno nega a verdade da cruz, que o derramamento do sangue de Jesus comprou nossa redenção (1 Pe 1.18,19).

[18] Daniel B. Pecota, "A Obra Salvífica de Cristo", in: *Teologia Sistemática*, ed. Stanley M. Horton. Rio de Janeiro, CPAD, 1996, p. 352.

[19] Embora Paulo aqui esteja defendendo seu apostolado, não precisamos limitar o ministério da reconciliação aos apóstolos. Deus concedeu outros ministérios à Igreja (Ef 4.11). Paul Barnett. *The Second Epistle to the Corinthians*. Grand Rapids, William B. Eerdmans, 1997, pp. 320, 321.

[20] Jerry L. Sumney. *Identifying Paul's Opponents*. Sheffield, Inglaterra, Journal for the Study of the New Testament Press, 1990, p. 137.

[21] Ibid., p. 147.

[22] Kenell H. Easley, "The Pauline Usage of Pneumati as a Reference to the Spirit of God", *Journal of the Evangelical Theological Society* 27, n.º 3, setembro de 1984, p. 304.

[23] Barnett, *Second Epistle*, p. 329.

[24] Cf. Rm 6.13.

[25] Barnett, *Second Epistle*, p. 331.

IV. O apelo de Paulo aos coríntios 6.14 — 7.16

A. Não seja participante com os incrédulos 6.14 — 7.1

1. Chamada à separação 6.14-18

> [14] Não vos prendais a um jugo desigual com os infiéis; porque que sociedade tem a justiça com a injustiça? E que comunhão tem a luz com as trevas? [15] E que concórdia há entre Cristo e Belial? Ou que parte tem o fiel com o infiel? [16] E que consenso tem o templo de Deus com os ídolos? Porque vós sois o templo do Deus vivente, como Deus disse: Neles habitarei e entre eles andarei; e eu serei o seu Deus, e eles serão o meu povo. [17] Pelo que saí do meio deles, e apartai-vos, diz o Senhor; e não toqueis nada imundo, e eu vos receberei; [18] e eu serei para vós Pai, e vós sereis para mim filhos e filhas, diz o Senhor Todo-poderoso.

Pelo fato de saber que o coração de alguns dos coríntios estavam fechados a ele, Paulo prossegue em seu argumento com exortações para que sejam retirados os impedimentos que fecham o coração e a mente à verdade. Embora os tivesse advertido para fugirem da idolatria (1 Co 10.14), eles ainda estavam muito envolvidos na sociedade pagã que os cercava. Por isso, de 2 Coríntios 6.14 a 7.1 Paulo divaga novamente para lembrá-los que Deus quer um povo santo, um povo separa-

do. Para enfatizar suas palavras, ele faz cinco perguntas retóricas. Claro que não há área de concordância compartilhada entre a justiça e a injustiça, nem comunhão entre a luz e as trevas, nem harmonia entre Cristo e Belial (nome aplicado a Satanás e ao Anticristo),[1] nem nada em comum entre o crente e o incrédulo, nem acordo entre o templo de Deus e os ídolos. Deus quer que estejamos separados de todo o mal, de toda coisa suja.

Para os coríntios significava especialmente separação dos incrédulos não convertidos envolvidos no culto pagão.[2] Da mesma maneira que um boi e um burro estariam em jugo desigual quando arassem e seriam mal acasalados se alguém tentasse cruzá-los (cf. Dt 22.10; Lv 19.19), assim um crente e um incrédulo estariam mal casados. Deus quer ver comunhão nos casamentos cristãos e em todas as nossas relações íntimas, inclusive nas sociedades de negócios e em nosso culto. A comunhão entre a justiça de Cristo que veste o crente e a injustiça (gr. *anomia*, "ilegalidade", estrutura de mente que conduz a ações sem lei) de um incrédulo é impossível. Isso, obviamente, não significa que as circunstâncias para trabalhar com incrédulos sejam inexistentes (cf. 1 Co 5.9,10). Fisicamente, ainda estamos neste mundo. É espiritualmente que devemos estar, e permanecer, separados. Não pertencemos ao mundo (Jo 15.19); não somos "do mundo" (Jo 17.14). As idéias mundanas e a corrupção mundana não devem ter influência em nós.

Temos de nos lembrar, sobretudo, que a Igreja como um corpo é o templo do Deus vivo (gr. naos, o santuário interno, o lugar onde Deus manifesta sua presença; veja 1 Co 3.16,17; Ef 2.22). Mas cada indivíduo também é o seu templo (1 Co 6.19). Ele é o Deus vivente, o único Deus verdadeiro, e sua adoração não deixa espaço para se comprometer com a adoração de ídolos inanimados, que nada são.

Nós, como Israel, temos a promessa de que o propósito de Deus é viver com seu povo, andando entre nós e mostrando que Ele é o nosso Deus (veja Lv 26.11,12; Ez 37.26,27; 43.7; cf. também Zc 2.10,11; 1 Pe 2.9,10). Porque Ele está fazendo isto, Deus chama os crentes a se separarem das luxúrias mundanas e dos cultos pagãos, que hoje incluiriam as doutrinas da Nova Era e tudo o que esteja relacionado ao oculto. Não devemos nem mesmo tocar nada imundo. Por quê? Porque temos a promessa de que Deus nos receberá e será um Pai para nós, tornando-nos seus filhos e suas filhas.[3] Isto impõe sobre nós a responsabilidade de vivermos constantemente como seus filhos e suas filhas. Exige que o obedeçamos e o adoremos como nosso divino Pai amoroso. Temos a responsabilidade de manter nossa relação com Ele e evitar qualquer coisa que se coloque entre nós e Ele.

2. Exige-se santidade interior 7.1

[1] Ora, amados, pois que temos tais promessas, purifiquemo-nos de toda imundícia da carne e do espírito, aperfeiçoando a santificação no temor de Deus.

Como clímax a esta divagação que começou em 2 Coríntios 6.14, Paulo lembra aos coríntios as promessas anteriormente mencionadas, as quais incluem tudo o que a graciosa salvação de Deus proverá quando Jesus voltar novamente. Estas promessas o incentivariam a livrar-se de tudo o que contamina o corpo *físico* e o *próprio* espírito (inclusive atitudes, desejos e hábitos da velha vida e as influências das idéias e cultos pagãos; cf. Rm 8.12,13; Gl 5.16). Isto os capacitará a aperfeiçoar a santificação, que é tornar a santificação sua meta e continuar trabalhando nesse sentido.[4] Faremos o mesmo se verdadeiramente reverenciamos o Deus que disse "Sereis santos, porque eu sou santo" (Lv 11.44) e "Eu sou o Senhor que vos santifico" (Lv 22.32).

B. Consolação trazida por Tito 7.2-16

1. A conduta correta de Paulo 7.2-4

[2] Recebei-nos em vossos corações; a ninguém agravamos, a ninguém corrompemos, de ninguém buscamos o nosso proveito. [3] Não digo isso para vossa condenação; pois já, antes, tinha dito que estais em nossos corações para juntamente morrer e viver. [4] Grande é a ousadia da minha fala para convosco, e grande a minha jactância a respeito de vós; estou cheio de consolação e transbordante de gozo em todas as nossas tribulações.

Paulo sabe que ainda está sendo mal-entendido. Por isso ele faz novo apelo aos coríntios para que o amem e confiem nele (veja 2 Co 6.13). Agora informa-lhes que é merecedor do amor e confiança deles. O que quer que seus oponentes tenham dito contra ele é falso. Os coríntios não têm razão para reter o amor, pois ele não agravou, corrompeu ou explorou ninguém. Tudo o que deseja é que avancem espiritualmente.

Para que não entendessem mal o que ele queria, Paulo também diz que não os está condenando. Seu coração está tão cheio de amor por eles que ele viveria e morreria por eles. Ou seja, Paulo sabia que os perseguidores poderiam causar-lhe a morte; mas ele está comprometido em viver para Cristo. Eles também enfrentavam a mesma possibilidade de morte e precisavam do mesmo comprometimento. Porque viu esse comprometimento, ele depositava neles grande confiança, por quem também tinha grande orgulho. Mais que isso, ele se encontrava consolado em todas as dificuldades, possivelmente porque alguns coríntios abriram o coração para ele. Sua alegria era abundante, transbordante. Paulo nunca deixava que as dificuldades lhe roubassem a alegria e a gratidão.

2. Paulo na Macedônia 7.5-7

> 5 Porque, mesmo quando chegamos à Macedônia, a nossa carne não teve repouso algum; antes, em tudo fomos atribulados: por fora combates, temores por dentro. 6 Mas Deus, que consola os abatidos, nos consolou com a vinda de Tito; 7 e não somente com a sua vinda, mas também pela consolação com que foi consolado de vós, contando-nos as vossas saudades, o vosso choro, o vosso zelo por mim, de maneira que muito me regozijei.

Pelo fato de Tito não tê-lo encontrado em Trôade, Paulo ficou tão desapontado que foi para a Macedônia com a esperança de encontrá-lo. Na Macedônia, provavelmente em Filipos,[5] Paulo encontrou oposição e perseguição. Esses conflitos (incluindo talvez perseguição dos incrédulos e disputas dentro da igreja) trouxeram medo ou presságio (cf. 2 Co 2.12,13). Ele também pode ter tido a mesma sensação sobre o resultado da visita de Tito a Corinto, o qual havia sido enviado com uma carta severa e repreensora, pelo que teve medo que não fosse bem recebida. Mas este medo mudou quando Tito veio e trouxe consolação do Senhor. Paulo reconheceu então que é da natureza de Deus consolar os abatidos, os que estão desanimados, deprimidos e aflitos (Is 40.1; 49.13; 51.3,12,19; 52.9; 61.2; 66.13; cf. Sl 113.6; 138.6; Sf 3.12).

Tito também trouxe as boas notícias de como os coríntios o haviam consolado. Como resultado da carta dolorosa de Paulo (carta hoje perdida), a atitude deles havia mudado. Eles agora tinham saudades de Paulo, querendo restabelecer relações com ele. O arrependimento dos coríntios foi demonstrado por profunda tristeza. Eles estavam profundamente preocupados com Paulo, o que o alegrou ainda mais.

3. O efeito da carta de Paulo 7.8-13a

> 8 Porquanto, ainda que vos tenha contristado com a minha carta, não me arrependo, embora já me tivesse arrependido por ver que aquela carta vos contristou, ainda que por pouco tempo; 9 agora, folgo, não porque fostes contristados, mas porque fostes contristados para o arrependimento; pois fostes contristados segundo Deus; de maneira que por nós não padecestes dano em coisa alguma.

A carta que causou tristeza era a carta dolorosa entregue por Tito (já mencionada em 2 Co 2.3). Paulo se arrependera de tê-los entristecido, mas agora já não se arrependia. Pelo contrário, ele se regozijava porque a carta foi eficaz. Causou arrependimento por parte dos crentes coríntios e preparou o caminho para a reconciliação que pedira na carta. Assim, a contrição que sentiam era exatamente o que Deus queria deles. A carta dolorosa de Paulo foi tão-somente um instrumento de Deus para falar aos coríntios, resultando apenas em uma momentânea mágoa. Paulo não causou dano algum com a carta.

> 10 Porque a tristeza segundo Deus opera arrependimento para a salvação, da qual ninguém se arrepende; mas a tristeza do mundo opera a morte. 11 Porque quanto cuidado não produziu isso mesmo em vós que, segundo Deus, fostes contristados! Que apologia, que indignação, que temor, que saudades, que zelo, que vingança! Em tudo mostrastes estar puros neste negócio.

Os coríntios, pelo modo como receberam a carta de Paulo, provaram que a tristeza que sentiam era segundo a vontade de Deus. Que contraste há entre a tristeza segundo Deus e a tristeza do mundo! A tristeza segundo Deus traz arrependimento, uma mudança completa de mente e atitudes. Isto leva à salvação, incluindo todas as bênçãos do Evangelho. Ninguém se arrepende de sentir este tipo de tristeza, porque os pecados passados não somente são perdoados, como não mais existem (Is 1.18; 38.17; 43.25; Mq 7.19; At 3.19; Hb 10.17). A tristeza do mundo, em contraste, pode envolver remorso, lamento e sentimentos de culpa que não acabam. No fim, traz a morte.

Era fácil ver a prova da sua devota tristeza. Ela trouxe "cuidado" ou seriedade, inclusive integridade moral, sinceridade e comprometimento; "apologia" ou defesa para se explicar; "indignação" para com aquele que prejudicara Paulo; "temor" ou medo e reverência a Deus (cf. Fp 2.12); "saudades" de ver

Paulo e ter comunhão com ele; "zelo" pela verdade e pelo Evangelho; e "vingança" ou prontidão em ver a justiça feita. Agora eles haviam se tornado "puros" ou inocentes, por causa do arrependimento que sentiram e através da correção do mal feito a Paulo (veja 2 Co 2.9).

> 12 PORTANTO, AINDA QUE VOS TENHA ESCRITO, NÃO FOI POR CAUSA DO QUE FEZ O AGRAVO, NEM POR CAUSA DO QUE SOFREU O AGRAVO, MAS PARA QUE O VOSSO GRANDE CUIDADO POR NÓS FOSSE MANIFESTO DIANTE DE DEUS. 13A POR ISSO, FOMOS CONSOLADOS PELA VOSSA CONSOLAÇÃO.

Paulo quer que eles saibam que ele não escreveu a carta dolorosa por causa da pessoa que fez o agravo, nem pelo efeito que aquele mal lhe causara. Antes, ele queria que os coríntios vissem o quanto cuidaram dele na presença de Deus.

Tudo isso (que foi discutido em 2 Co 7.8-12) trouxe consolação para Paulo e o fez regozijar-se.

4. A FELICIDADE DE TITO 7.13B-16

> 13B E MUITO MAIS NOS ALEGRAMOS PELA ALEGRIA DE TITO, PORQUE O SEU ESPÍRITO FOI RECREADO POR VÓS TODOS. 14 PORQUE, SE NALGUMA COISA ME GLORIEI DE VÓS PARA COM ELE, NÃO FIQUEI ENVERGONHADO; MAS, COMO VOS DISSEMOS TUDO COM VERDADE, TAMBÉM A NOSSA GLÓRIA PARA COM TITO SE ACHOU VERDADEIRA. 15 E O SEU ENTRANHÁVEL AFETO PARA CONVOSCO É MAIS ABUNDANTE, LEMBRANDO-SE DA OBEDIÊNCIA DE VÓS TODOS E DE COMO O RECEBESTES COM TEMOR E TREMOR. 16 REGOZIJO-ME DE EM TUDO PODER CONFIAR EM VÓS.

O relatório trazido por Tito era animador. Mais que isso, Paulo alegrou-se ao ver a felicidade de Tito. Os crentes coríntios deram as boas-vindas a Tito, recebendo-o com temor e tremor. Pela maneira como reagiram e obedeceram, os coríntios recrearam o espírito de Tito. Paulo tinha lhe assegurado que eles reagiriam assim. O que Paulo disse na carta dolorosa era verdade. Mas as coisas boas que disse sobre eles e a resposta obediente que esperava também comprovaram ser verdadeiras. Isto levou Tito a lembrar-se deles com profundo afeto. Se eles não tivessem dado as boas-vindas a Tito, Paulo teria ficado desconcertado, envergonhado de se gloriar em algo que ele esperava que acontecesse. Mas ele não esperava ficar envergonhado, pois sabia que eles criam na Palavra de Deus. Ele sabia que estavam cheios com o Espírito Santo.

Eles estavam em Cristo e Cristo estava neles. Visto que se provaram pela obediência e pela coragem em corrigir os erros tratados na carta dolorosa, ele se regozijava de poder depositar confiança absoluta neles.

No Apêndice B você encontrará perguntas para aprimorar seu estudo.

NOTAS

[1] F. F. Bruce. *1 and 2 Corinthians*. Grand Rapids, William B. Eerdmans, 1983, pp. 214, 215.

[2] Barnett, *Second Corinthians*, pp. 342, 345.

[3] Os versículos 17 e 18 de 2 Coríntios 6 citam palavras e frases de vários profetas (cf. Is 43.6; 52.11; Jr 31.9; 32.38; 51.45; Ez 11.17; 20.34,41; Os 1.10; Sf 3.20).

[4] "Aperfeiçoando" (gr. *epitelein*) significa atingir uma meta. O termo sempre é repetitivo no Novo Testamento. Frank G. Carter, "II Corinthians", in: *The Beacon Bible Commentary*. Kansas City, Missouri, Beacon Hill Press, 1968, v. 7, p. 566.

[5] Paul Barnett. *The Second Epistle to the Corinthians*. Grand Rapids, William B. Eerdmans, 1997, pp. 368, 369.

V. Incentivo para dar com generosidade 8.1—9.15

A. O exemplo das igrejas da Macedônia 8.1-7

1. A generosidade Macedônia 8.1-5

[1] TAMBÉM, IRMÃOS, VOS FAZEMOS CONHECER A GRAÇA DE DEUS DADA ÀS IGREJAS DA MACEDÔNIA; [2] COMO, EM MUITA PROVA DE TRIBULAÇÃO, HOUVE ABUNDÂNCIA DO SEU GOZO, E COMO A SUA PROFUNDA POBREZA SUPERABUNDOU EM RIQUEZAS DA SUA GENEROSIDADE. [3] PORQUE, SEGUNDO O SEU PODER (O QUE EU MESMO TESTIFICO) E AINDA ACIMA DO SEU PODER, DERAM VOLUNTARIAMENTE, [4] PEDINDO-NOS COM MUITOS ROGOS A GRAÇA E A COMUNICAÇÃO DESTE SERVIÇO, QUE SE FAZIA PARA COM OS SANTOS. [5] E NÃO SOMENTE FIZERAM COMO NÓS ESPERÁVAMOS, MAS TAMBÉM A SI MESMOS SE DERAM PRIMEIRAMENTE AO SENHOR E DEPOIS A NÓS, PELA VONTADE DE DEUS.

Paulo expõe a seguir o assunto da coleta para os santos pobres em Jerusalém (veja 1 Co 16.1-3; cf. At 24.17; Rm 15.25-27). Durante o ano anterior, os coríntios tinham aparentemente perdido interesse no projeto. Para incentivá-los a que continuassem dando, ele contou-lhes a graça que Deus havia dado às assembléias macedônias[1] — a graça que não só incluía salvação, mas também os dons do Espírito Santo. Eles estavam passando por severas provas ou perseguições (cf. 1 Ts 2.14,15; 2 Ts 1.4). Contudo, da "sua profunda pobreza", inspirada pelo Espírito, eles deram com sacrifício e entusiasmo. Paulo não lhes pedira que fizessem isto; eles fizeram tudo por vontade própria, pedindo a Paulo com muitos rogos "a graça" de ministrar deste modo aos santos pobres em Jerusalém (Rm 15.26). Eles o fizeram muito mais do que Paulo esperava. Eram um exemplo inspirador das "riquezas da sua generosidade".

Eles também fizeram mais que dar dinheiro. "E não somente fizeram como nós esperávamos, mas também a si mesmos se deram primeiramente ao Senhor e depois a nós, pela vontade de Deus" (2 Co 8.5). Eles deram-se ao Senhor em renovada dedicação à sua vontade. Depois a Paulo e a sua equipe, reconhecendo assim o apostolado de Paulo, e unindo-se com ele em comunhão. Eles fizeram isto reconhecendo e dependendo da vontade de Deus.

2. Tito é exortado a incentivar a generosidade 8.6,7

> 6 De maneira que exortamos a Tito que, assim como antes tinha começado, assim também acabe essa graça entre vós. 7 Portanto, assim como em tudo sois abundantes na fé, e na palavra, e na ciência, e em toda diligência, e em vossa caridade para conosco, assim também abundeis nessa graça.

Tito havia trazido um bom relatório de Corinto. Contudo, os crentes de lá não responderam contribuindo do modo como os crentes macedônios haviam feito. Tito fizera um apelo em Corinto para a coleta, mas era só um começo. Agora Paulo o estava enviando a Corinto com esta carta e um apelo urgente para que lhe fosse permitido finalizar a coleta entre eles como um ato que manifesta a graça de Deus.

Do bom relatório trazido por Tito, Paulo poderia dizer que a graça abundou na fé (mostrado provavelmente em curas e milagres), na palavra (inclusive profecia, línguas, interpretação e ensino), na ciência ou conhecimento (de Deus, sua Palavra e seus propósitos), em toda diligência e no amor por Paulo.[2] Agora ele os desafia a abundar na graça de dar, que também é um dom do Espírito (Rm 12.8).

B. O exemplo de Jesus 8.8,9

> 8 Não digo isso como quem manda, mas para provar, pela diligência dos outros, a sinceridade da vossa caridade; 9 porque já sabeis a graça de nosso Senhor Jesus Cristo, que, sendo rico, por amor de vós se fez pobre, para que, pela sua pobreza, enriquecêsseis.

Paulo não mandava que as pessoas dessem. Ele não queria pressioná-las e levá-las a dar por senso de obrigação em vez de dar voluntariamente, proveniente de um coração cheio de amor sincero. Ele estava usando a diligência dos crentes macedônios como exemplo para incentivar os coríntios a dar. Mas a motivação real e mais constrangedora em dar vem do exemplo supremo do próprio Jesus. Ele mostrou graça maravilhosa quando deixou todas as riquezas do céu e "se fez pobre". Ele nasceu numa manjedoura, morou na humilde Nazaré e não tinha lugar onde reclinar a cabeça durante seu ministério (Mt 8.20). Como Paulo lembrou aos filipenses: "De sorte que haja em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus, que [...] tomando a forma de servo, [...] humilhou-se a si mesmo, sendo obediente até à morte e morte de cruz" (Fp 2.5-8). Ele fez isto para que possamos receber as riquezas de sua salvação, sua justiça e os dons do Espírito, como também compartilhar das riquezas de sua glória ao longo da eternidade.

C. Termine o trabalho 8.10-15

> 10 E nisso dou o meu parecer; pois isso vos convém a vós, que desde o ano passado começastes; e não foi só praticar, mas também querer. 11 Agora, porém, completai também o já começado, para que, assim como houve a prontidão de vontade, haja também o cumprimento, segundo o que tendes. 12 Porque, se há prontidão de vontade, será aceita segundo o que qualquer tem e não segundo o que não tem.

Paulo os aconselha sobre a coleta para a igreja de Jerusalém. Sua intenção é lembrar-lhes que eles foram os primeiros a dar, os primeiros a ter este desejo. Então os exorta a terminarem o trabalho completando a coleta. Desta forma a vontade inicial deles será equiparada à vontade de completá-la — do que eles têm e podem dar. Em outras palavras, ele não

está dizendo que eles deveriam ir além dos seus recursos como os macedônios fizeram. Ele quer ver a boa vontade em dar do que eles têm, não do que eles não têm. Paulo não está pedindo uma suposta promessa de fé, uma promessa em dar algo que a pessoa ainda não tem. O que Deus quer ver é a boa vontade em dar, não a quantia (veja 2 Co 9.7).

> 13 MAS NÃO DIGO ISSO PARA QUE OS OUTROS TENHAM ALÍVIO, E VÓS, OPRESSÃO; 14 MAS PARA IGUALDADE; NESTE TEMPO PRESENTE, A VOSSA ABUNDÂNCIA SUPRA A FALTA DOS OUTROS, PARA QUE TAMBÉM A SUA ABUNDÂNCIA SUPRA A VOSSA FALTA, E HAJA IGUALDADE, 15 COMO ESTÁ ESCRITO: O QUE MUITO COLHEU NÃO TEVE DE MAIS; E O QUE POUCO, NÃO TEVE DE MENOS.

Em suas cartas, Paulo freqüentemente antecipa perguntas. Aqui ele está respondendo aos que poderiam desejar saber se era certo ficar pobre para ajudar os crentes em Jerusalém.

A resposta de Paulo é que ele não quer que eles tenham "opressão". O que ele deseja ver é igualdade e justiça, quando o que tem bastante supra as necessidades dos outros, que, por sua vez, supram a necessidade quando tiverem bastante. Para ilustrar o princípio da igualdade, ele se refere ao maná no deserto, quando não importava que quantidade cada um ajuntava, suas necessidades diárias eram satisfeitas sem falta ou excesso (Êx 16.18). R. P. C. Hanson observa que Paulo considera isto como "um antegosto ou profecia do amor auto-regulador de Cristo em seus membros que supre a necessidade de cada um sem deficiência ou embaraço".[3]

D. O caráter de Tito e seus companheiros 8.16-24

> 16 MAS GRAÇAS A DEUS, QUE PÔS A MESMA SOLICITUDE POR VÓS NO CORAÇÃO DE TITO; 17 POIS ELE ACEITOU A EXORTAÇÃO E, MUITO DILIGENTE, PARTIU VOLUNTARIAMENTE PARA VÓS.

Não havia no coração de Paulo qualquer dúvida quanto ao sucesso da missão de Tito. Deus pôs no coração e mente de Tito "a mesma solicitude", o mesmo sentimento que Paulo teve pelos coríntios. "Não há programa de treinamento que produza este tipo de parceria".[4] Tem de ser produzido por Deus. Deus usou não só o ensino de Paulo, mas "suas atitudes, discernimento e ética" para influenciar aqueles que se uniam a ele no ministério.[5] Assim, Tito estava contente em levar para Corinto o

apelo de Paulo pela coleta. De fato, ele se ofereceu com entusiasmo para fazê-lo por causa do seu afeto pelos crentes coríntios.

> 18 E COM ELE ENVIAMOS AQUELE IRMÃO CUJO LOUVOR NO EVANGELHO ESTÁ ESPALHADO EM TODAS AS IGREJAS. 19 E NÃO SÓ ISSO, MAS FOI TAMBÉM ESCOLHIDO PELAS IGREJAS PARA COMPANHEIRO DA NOSSA VIAGEM, NESSA GRAÇA QUE POR NÓS É MINISTRADA PARA GLÓRIA DO MESMO SENHOR E PRONTIDÃO DO VOSSO ÂNIMO; 20 EVITANDO ISTO: QUE ALGUÉM NOS VITUPERE POR ESSA ABUNDÂNCIA, QUE POR NÓS É MINISTRADA; 21 POIS ZELAMOS O QUE É HONESTO, NÃO SÓ DIANTE DO SENHOR, MAS TAMBÉM DIANTE DOS HOMENS.

Com a intenção de assegurar o sucesso da missão, Paulo estava enviando com Tito um irmão especial, querido por todas as igrejas macedônias e escolhido por eles (não por Paulo).[6] Ele não queria que ninguém pensasse que estava lucrando com isso. Ele também queria que as igrejas soubessem que a oferta seria administrada de certo modo a honrar ao Senhor e lhe dar glória. Isto também mostraria o anelo de Paulo em ajudar. Paulo queria que os crentes de Jerusalém soubessem que ele os honrava, como também o Senhor. Ele tinha muito cuidado em agir de forma ordenada para fazer o que é certo aos olhos do Senhor e também aos olhos das pessoas (cf. 2 Co 2.17; 4.2; 5.11). Paulo sabia que o fracasso em ser honesto na administração de questões financeiras poderia arruinar seu ministério e afastar as pessoas do Senhor.

> 22 COM ELES, ENVIAMOS TAMBÉM OUTRO NOSSO IRMÃO, O QUAL, MUITAS VEZES E EM MUITAS COISAS, JÁ EXPERIMENTAMOS SER DILIGENTE E AGORA MUITO MAIS DILIGENTE AINDA PELA MUITA CONFIANÇA QUE EM VÓS TEM. 23 QUANTO A TITO, É MEU COMPANHEIRO E COOPERADOR PARA CONVOSCO; QUANTO A NOSSOS IRMÃOS, SÃO EMBAIXADORES DAS IGREJAS E GLÓRIA DE CRISTO. 24 PORTANTO, MOSTRAI PARA COM ELES, PERANTE A FACE DAS IGREJAS, A PROVA DA VOSSA CARIDADE E DA NOSSA GLÓRIA ACERCA DE VÓS.

Para ter certeza de que os coríntios não teriam nenhuma razão para hesitar em dar, Paulo estava enviando com Tito um segundo irmão, cujo nome não é citado, de ministério e valor comprovados. Era um irmão em quem Paulo podia confiar, que tinha a mesma seriedade que Paulo e seus

companheiros. Este irmão também tinha a confiança dos crentes coríntios, assim eles, por sua vez, podiam recebê-lo com confiança.

Desejando enfatizar isto, Paulo os lembra outra vez da sua relação com Tito, entre eles como companheiro e cooperador. Em seguida, ele repete o elogio que faz aos dois irmãos cristãos escolhidos pelas igrejas macedônias como seus embaixadores (gr. *apostoloi*, "enviados" ou, neste caso, representantes oficiais das igrejas que os enviaram), porque eles são uma "glória" (gr. *doxa*) para Cristo. Eles brilham com fulgor para Ele contra o obscuro contexto da sociedade pagã que os cercava (cf. Fp 2.15).[7]

Paulo queria que as outras igrejas vissem o amor da igreja coríntia. Por trás disto estava sua preocupação que os crentes em Jerusalém o vissem. Ele queria que os crentes judeus e gentios amassem uns aos outros e partilhassem uns com os outros como parte do Corpo único de Cristo.

Também era seu desejo que o orgulho que tinha pelos coríntios fosse mostrado para as assembléias macedônias. Os coríntios poderiam fazer isto completando a coleta. Esta era a preocupação de Paulo. Ele implementou esta preocupação por "cuidadosa atenção à organização pensativa e administração prudente" como também ao ensino e oração.[8]

E. Um presente generoso foi prometido 9.1-5

> [1] Quanto à administração que se faz a favor dos santos, não necessito escrever-vos, [2] porque bem sei a prontidão do vosso ânimo, da qual me glorio de vós, para com os macedônios, que a Acaia está pronta desde o ano passado, e o vosso zelo tem estimulado muitos. [3] Mas enviei estes irmãos, para que a nossa glória, acerca de vós, não seja vã nessa parte; para que (como já disse) possais estar prontos, [4] a fim de, se acaso os macedônios vierem comigo e vos acharem desapercebidos, não nos envergonharmos nós (para não dizermos, vós) deste firme fundamento de glória.

Paulo quase se desculpa por ter de escrever aos crentes coríntios sobre este assunto da coleta para os crentes pobres em Jerusalém. Ele se lembra do entusiasmo inicial deles, de como usou o seu exemplo com orgulho para incitar as assembléias macedônias a dar, e quão bem a maioria deles respondeu. Mas era óbvio que o entusiasmo dos crentes coríntios tinha diminuído. O que pensariam os crentes macedônios se

eles viessem e encontrassem os coríntios desapercebidos para dar uma oferta generosa! Paulo ficaria envergonhado de estar tão confiante da generosidade deles e assim os coríntios também deveriam estar. Da mesma maneira que Paulo tinha usado o exemplo dos crentes coríntios de modo positivo para motivar os macedônios, assim agora ele estava usando os macedônios de modo positivo para incentivar os coríntios. Exemplos positivos são em geral mais eficazes que exemplos negativos.

> 5 PORTANTO, TIVE POR COISA NECESSÁRIA EXORTAR ESTES IRMÃOS, PARA QUE, PRIMEIRO, FOSSEM TER CONVOSCO E PREPARASSEM DE ANTEMÃO A VOSSA BÊNÇÃO JÁ ANTES ANUNCIADA, PARA QUE ESTEJA PRONTA COMO BÊNÇÃO E NÃO COMO AVAREZA.

Antes de sua visita a Corinto, Paulo enviara Tito e os dois irmãos com ele a fim de terminarem os arranjos para o presente generoso que os coríntios haviam prometido, evitando assim quaisquer embaraços. Mas ele ainda quer ser uma benção (gr. *eulogian*, "uma bênção", "um presente generoso" ou "um presente que abençoa"), uma bênção dada com carinho e entusiasmo, não dada com avareza, de má vontade. Paulo estava confiante que eles fariam isto. Sua generosidade não só preservaria sua reputação, mas também reuniria as assembléias na Grécia e Macedônia à medida que tomassem parte neste projeto.

F. Semeando e colhendo 9.6-15

> 6 E DIGO ISTO: QUE O QUE SEMEIA POUCO POUCO TAMBÉM CEIFARÁ; E O QUE SEMEIA EM ABUNDÂNCIA EM ABUNDÂNCIA TAMBÉM CEIFARÁ. 7 CADA UM CONTRIBUA SEGUNDO PROPÔS NO SEU CORAÇÃO, NÃO COM TRISTEZA OU POR NECESSIDADE; PORQUE DEUS AMA AO QUE DÁ COM ALEGRIA.

Para incentivar a generosidade, Paulo lembra-lhes um princípio que todo agricultor sabe. Lembro-me de um fazendeiro do norte da Califórnia que reclamava porque as colheitas não deram tanto quanto as de seus vizinhos. Ele testou o solo e comprovou que era do mesmo tipo dos vizinhos. Então descobriu a diferença. Ele semeava a metade da quantidade de sementes que os vizinhos. Se os agricultores precisam ser lembrados deste princípio, nós ainda mais. Deus, ao fim, com a mesma medida da nossa generosidade, nos recompensará (cf. Pv 11.18,25; 22.8; Gl 6.7-9).

Deus, entretanto, não se agrada que o ato de dar seja feito "com tristeza [relutância] ou por necessidade [obrigação]". Cada um deve decidir o que pode dar e fazê-lo com alegria. A palavra grega *hilaron* não significa "extremamente alegre". Quer dizer simplesmente que damos porque nos alegramos em dar (cf. 1 Cr 29.17). Assim, damos não por legalismo nem com relutância, mas só com a compulsão que vem do coração. Esta também pode ser uma generosidade motivada pelo Espírito Santo (Rm 12.8).

> 8 E DEUS É PODEROSO PARA TORNAR ABUNDANTE EM VÓS
> TODA GRAÇA, A FIM DE QUE, TENDO SEMPRE, EM TUDO,
> TODA SUFICIÊNCIA, SUPERABUNDEIS EM TODA BOA OBRA,
> 9 CONFORME ESTÁ ESCRITO: ESPALHOU, DEU AOS POBRES,
> A SUA JUSTIÇA PERMANECE PARA SEMPRE.

O que Deus fez ao tornar abundante todos os tipos de graça é outro motivo importante para dar (cf. Rm 8.32). Não precisamos temer que nossa generosidade nos venha causar dano, pois Deus conhece nossas necessidades e continuará nos suprindo. Ele quer nos dar mais do que precisamos para que, como o próprio Deus, transbordemos em todos os tipos de boas obras, até ajudar outros crentes que não conheçamos, da mesma maneira que os coríntios não conheciam pessoalmente os crentes de Jerusalém.

A citação no versículo 9 está em Salmos 112.9,[9] que descreve os atos de um justo. Alguns acreditam que Paulo esteja aplicando esta citação aos atos justos de Deus, visto que Deus é o assunto dos versículos 8 e 10. Deus dá aos pobres e a sua justiça (incluindo sua fidelidade) permanece para sempre.[10] Contudo, a maioria considera que o salmista o aplica aos atos justos do crente, que são "parte daquela justiça maior de Deus", pela qual vivemos e na qual permaneceremos para sempre.[11] Lemos com freqüência que a justiça no Antigo Testamento envolve a preocupação com os pobres. Jesus também identificou o ato de dar aos necessitados como atos de justiça (Mt 6.1,2). Isto não é contrário ao ensino do Novo Testamento da justificação pela fé à parte das obras. Antes, indica "que tal misericórdia aos pobres tem efeito duradouro e até permanente no caráter moral da justiça na vida das pessoas".[12]

> 10 ORA, AQUELE QUE DÁ A SEMENTE AO QUE SEMEIA E PÃO
> PARA COMER TAMBÉM MULTIPLICARÁ A VOSSA SEMENTEIRA
> E AUMENTARÁ OS FRUTOS DA VOSSA JUSTIÇA; 11 PARA QUE
> EM TUDO ENRIQUEÇAIS PARA TODA A BENEFICÊNCIA, A QUAL
> FAZ QUE POR NÓS SE DÊEM GRAÇAS A DEUS.

Agora Paulo utiliza a tradução da Septuaginta de Isaías 55.10 e Oséias 10.12 para fazer mais aplicações da metáfora da semeadura e da colheita. Deus não só fornece, mas também aumenta o que o crente tem de semear. Os gregos usavam a palavra "provisão" para se referir a um homem rico que fazia provisões com generosidade para ocasiões festivas para o povo da cidade. Aqui a palavra é usada para referir-se à provisão generosa de Deus, onde a colheita sempre é maior do que o que é plantado. Pois Deus também aumenta a colheita produzida pela justiça dos crentes (isto é, os atos justos; a generosidade que demonstra a justiça de Cristo).

No versículo 11, Paulo aplica isto ao presente dos coríntios para os crentes pobres em Jerusalém. Deus está enriquecendo os coríntios de forma que, por meio de Paulo, o presente leve ação de graças a Deus dos agradecidos crentes em Jerusalém.

> 12 PORQUE A ADMINISTRAÇÃO DESSE SERVIÇO NÃO SÓ SUPRE AS NECESSIDADES DOS SANTOS, MAS TAMBÉM REDUNDA EM MUITAS GRAÇAS, QUE SE DÃO A DEUS, 13 VISTO COMO, NA PROVA DESTA ADMINISTRAÇÃO, GLORIFICAM A DEUS PELA SUBMISSÃO QUE CONFESSAIS QUANTO AO EVANGELHO DE CRISTO, E PELA LIBERALIDADE DE VOSSOS DONS PARA COM ELES E PARA COM TODOS, 14 E PELA SUA ORAÇÃO POR VÓS, TENDO DE VÓS SAUDADES, POR CAUSA DA EXCELENTE GRAÇA DE DEUS QUE EM VÓS HÁ.

Este não é um "evangelho da prosperidade". Eles não devem buscar nada para si mesmos. O único motivo é poder dar generosamente aos necessitados para que Deus seja glorificado.[13]

A oferta é um serviço ou ministério sagrado (cf. Rm 15.27; Fp 2.17). Trará não só ação de graças a Deus pela generosidade dos coríntios, mas também pela submissão ou obediência que acompanha e demonstra a confissão que fazem de Cristo. Outros vão reconhecer que os coríntios não só crêem no Evangelho, mas o vivem. Como resultado, o coração dos crentes da igreja em Jerusalém, que recebe a generosidade, terá saudades deles quando orarem. Pois eles reconhecerão a "excelente graça" que lhes é dada por Deus, como aos coríntios. Paulo quer que a generosidade dos coríntios seja "o transbordamento espontâneo da graça que Deus derramou na vida deles".[14]

> 15 GRAÇAS A DEUS, POIS, PELO SEU DOM INEFÁVEL.

Quando Paulo fala da graça de Deus, ele sempre é subjugado. Assim, ele insere graças a Deus pelo dom da sua graça, o "dom inefável": o dom de Cristo (cf. Jo 3.16; 2 Co 8.9). NEle vemos toda a graça de Deus manifesta. Com isto ele

conclui o desafio aos coríntios de dar com generosidade (veja Rm 5.15; 6.23; 11.33; Ef 3.18,19; Cl 2.9; Hb 6.4).

No Apêndice B você encontrará perguntas para aprimorar seu estudo.

NOTAS

[1] Entre as assembléias macedônias incluem-se as assembléias em Tessalônica, Filipos e Beréia (At 16.11;17.15).

[2] Em vista de 2 Coríntios 6.32, algumas versões bíblicas (inclusive a *Bíblia de Jerusalém*) apresentam a preferência pela leitura que fala do amor de Paulo pelos crentes coríntios. Veja Paul Barnett. *The Second Epistle to the Corinthians*. Grand Rapids, William B. Eerdmans, 1997, p. 403, nota 64.

[3] R. P. C. Hanson. *The Second Epistle to the Corinthians: Christ and Controversy*. Londres, SCM Press, 1967, p. 69.

[4] Bard M. Pillette, "The Kind of Person Who Worked Best with Paul", *Emmaus Journal* 5, n.º 2, inverno de 1996, p. 157.

[5] Ibid.

[6] O original grego significa que eles o escolheram por um ato de levantar as mãos.

[7] Barnett, *Second Epistle to the Corinthians*, p. 427.

[8] Ibid., p. 428.

[9] Isto é, do Salmo 111.9 na Septuaginta.

[10] Paul Barnett. *The Second Epistle to the Corinthians*. Grand Rapids, William B. Eerdmans, 1997, p. 440.

[11] Victor Paul Furnish. *II Corinthians*. Garden City, Nova York, Doubleday & Company, 1984, p. 449.

[12] James Hernando, "2 Corinthians", in: *Full Life Bible Commentary*. Grand Rapids, Zondervan Publishing House.

[13] Barnett, *Second Corinthians*, p. 443.

[14] F. F. Bruce. *1 and 2 Corinthians*. Grand Rapids, William B. Eerdmans, 1983, p. 228.

VI. O ofício apostólico e a autoridade de Paulo 10.1 — 13.13

Embora Tito trouxesse boas notícias sobre a atitude da maioria dos crentes coríntios, Paulo, nos capítulos 11 a 13, trata novamente dos oponentes que afirmavam serem apóstolos (2 Co 10.7; 11.5,13). Eles ainda tentavam causar-lhe dificuldades e desacreditá-lo. Estes cristãos judeus, que vieram de fora, tomavam de modo arrogante o crédito pelo estabelecimen-

to das assembléias na Grécia (2 Co 10.12-18; 11.18,20,22). Eles pregavam um evangelho diferente, provavelmente um que tornava o cristianismo numa forma de judaísmo. É provável que faziam Moisés mais importante que Jesus. Eles também caluniavam o caráter e ministério de Paulo.[1]

A. A autoridade de Paulo será exercida 10.1-6

> [1] Além disso, eu, Paulo, vos rogo, pela mansidão e benignidade de Cristo, eu que, na verdade, quando presente entre vós, sou humilde, mas ausente, ousado para convosco; [2] rogo-vos, pois, que, quando estiver presente, não me veja obrigado a usar com confiança da ousadia que espero ter com alguns que nos julgam como se andássemos segundo a carne.

A repetição de "eu, Paulo, [...] eu" enfatiza que "o caráter pessoal e a comissão [de Paulo] estão em jogo (cf. Gl 5.2; 1 Ts 2.18; veja também 2 Co 12.16)".[2] Os falsos apóstolos diziam que Paulo era humilde, tímido ou fraco quando estava com eles e só era ousado por carta. Para defender-se desta acusação, Paulo apela para o exemplo da mansidão despretensiosa e da benignidade paciente de Cristo. Embora tivesse suportado abusos (Is 53.7), Ele não era fraco ou desprovido de autoridade (cf. Mt 11.29). Paulo espera que não tenha de ser ousado e mostrar sua autoridade contra "alguns" (por exemplo, os falsos apóstolos) quando chegar a Corinto.

Estes detratores também criticavam Paulo, dizendo que ele e sua equipe[3] viviam pelos padrões do mundo (ou "segundo a carne", 2 Co 10.2). Paulo já tinha negado quando disse que não agia por sabedoria carnal ou mundana (2 Co 1.12).

> [3] Porque, andando na carne, não militamos segundo a carne. [4] Porque as armas da nossa milícia não são carnais, mas, sim, poderosas em Deus, para destruição das fortalezas.

Agora Paulo retrata seu ministério apostólico em termos de campanha militar.[4] Ele e sua equipe ministerial viviam no mundo (gr. *en sarki*, "na carne", cf. "em vasos de barro", 2 Co 4.7). Mas ele não militava ou empreendia guerra como o mundo faz (gr. *kata sarka*, "segundo a carne", isto é, limitado pelo que é finito, humano, terrestre ou meramente físico). Pouco importando o quão

fraco, tímido ou humilde. Paulo parecesse ser na presença dos coríntios, ele não teve de enfrentar destemidamente ou usar métodos e armas que o mundo usa. Quando o Espírito o ungiu ele tinha armas "poderosas em Deus" para destruir as fortalezas inimigas. Estas armas são o Espírito e a Palavra. As "fortalezas" eram os ardis argumentos contra o Evangelho simples de Cristo que Paulo pregava, como também os esforços em destruir seu ministério e levar seus convertidos à escravidão espiritual pelas falsas doutrinas dos inimigos.

Podemos aplicar isto às forças do mal que procuram destruir a Igreja trazendo falsas doutrinas, modos mundanos, entretenimento secular e apresentações terrenas. A Palavra e o Espírito ainda têm o poder de destruir os poderes das trevas (veja Ef 6.14-18).

> 5 DESTRUINDO OS CONSELHOS E TODA ALTIVEZ QUE SE LEVANTA CONTRA O CONHECIMENTO DE DEUS, E LEVANDO CATIVO TODO ENTENDIMENTO À OBEDIÊNCIA DE CRISTO, 6 E ESTANDO PRONTOS PARA VINGAR TODA DESOBEDIÊNCIA, QUANDO FOR CUMPRIDA A VOSSA OBEDIÊNCIA.

Pregando o verdadeiro Evangelho no poder do Espírito Santo, Paulo destrói os argumentos e sistemas filosóficos que soam inteligentes, como também as pretensões enganosas estabelecidas por falsos apóstolos e profetas. O propósito de Paulo era levar cativo todo entendimento ou pensamento (incluindo os dos falsos apóstolos) e torná-los obedientes a Cristo. Também precisamos ter cuidado para que as filosofias humanas e os falsos ensinos não influenciem nosso pensamento ou entendimento. Precisamos levar "a mente e a vontade em submissão completa e, portanto, em harmonia com a mente e a vontade de Cristo".[5]

Paulo também espera que a assembléia como um todo coloque-se inteiramente em suas mãos em obediência a Cristo. Então poderá lidar melhor com os coríntios que pensavam que ele vivia segundo os padrões deste mundo (ou "segundo a carne", 2 Co 10.2), como também com os rebeldes (os falsos apóstolos) que vieram de fora.

B. A conduta de Paulo como apóstolo 10.7-11

> 7 OLHAIS PARA AS COISAS SEGUNDO A APARÊNCIA? SE ALGUÉM CONFIA DE SI MESMO QUE É DE CRISTO, PENSE OUTRA VEZ ISTO CONSIGO: ASSIM COMO ELE É DE CRISTO, TAMBÉM NÓS DE CRISTO SOMOS. 8 PORQUE, AINDA QUE EU ME GLORIE MAIS ALGUMA COISA DO NOSSO PODER, O QUAL O SENHOR NOS DEU PARA EDIFICAÇÃO E NÃO PARA VOSSA DESTRUIÇÃO, NÃO ME ENVERGONHAREI.

A intenção de Paulo é que os coríntios olhem para os fatos e pensem acerca de tudo o que sabem sobre o seu ministério, o qual era de conhecimento público. Tudo o que seus oponentes diziam sobre ele era superficial e não condizia com a realidade. Seus oponentes podiam ter afirmado que seguiam a Jesus quando Ele estava na terra. No mínimo, eles afirmavam ter um relacionamento especial com Cristo e negavam que Paulo tivesse tal relacionamento (cf. aqueles que diziam: "Eu sou [...] de Cristo", 1 Co 1.12).

Paulo demonstra que eles abusam da autoridade que afirmam ter.[6] Ele assevera que pertence a Cristo exatamente como seus oponentes o afirmavam. Se ele fosse gloriar-se mais do que o fazia, ainda assim estaria falando a verdade, por isso não se envergonharia. O único propósito da autoridade que o Senhor lhe dera era edificar e não destruir. Como servo do Senhor, ele destruiu as fortalezas dos oponentes, mas seu propósito era somente edificar os crentes coríntios.

Ele está confiante de que não ficará envergonhado (como mentiroso ou bazófio vazio), ou seja, diante do Tribunal de Cristo (2 Co 5.10).[7] Sua autoridade, como os dons e o fruto do Espírito, foram dados para edificar, para construir (2 Co 10.8; cf. 1 Co 14.26).

> [9] PARA QUE NÃO PAREÇA COMO SE QUISERA INTIMIDAR-VOS POR CARTAS. [10] PORQUE AS SUAS CARTAS, DIZEM, SÃO GRAVES E FORTES, MAS A PRESENÇA DO CORPO É FRACA, E A PALAVRA, DESPREZÍVEL. [11] PENSE O TAL ISTO: QUAIS SOMOS NA PALAVRA POR CARTAS, ESTANDO AUSENTES, TAIS SEREMOS TAMBÉM POR OBRA, ESTANDO PRESENTES.

Ironicamente, Paulo diz que não estava tentando intimidar os coríntios à submissão com as cartas. Eles não devem pensar que estava. Os oponentes de Paulo elogiam suas cartas, mas dizem que ele é pessoalmente "fraco", sem causar impressão em seu comportamento e discurso. Ele não era como o orador Apolo (At 18.24). Segundo sua alegação, Paulo é forte nas cartas porque escrevia de distância segura, mas que quando vinha não cumpria suas advertências. Eles também sugerem que a fraqueza de sua pessoa é incompatível com as cartas e isto provava que faltava-lhe autoridade apostólica.

Paulo adverte que quando chegar mostrará a mesma autoridade revelada nas cartas, tratando ativamente da situação e disciplinando aqueles que precisam ser disciplinados. Sua eficiência para com eles será a mesma, não só quando ausente, mas também quando presente.

C. A jactância de Paulo 10.12 — 12.10

1. Os limites da jactância de Paulo 10.12-18

> 12 Porque não ousamos classificar-nos ou comparar-nos com alguns que se louvam a si mesmos; mas esses que se medem a si mesmos e se comparam consigo mesmos estão sem entendimento. 13 Porém não nos gloriaremos fora de medida, mas conforme a reta medida que Deus nos deu, para chegarmos até vós.

Com ironia Paulo rejeita qualquer comparação dele com seus oponentes.[8] Como *The Message* traduz o versículo 12: "Nós, entenda, não nos colocamos em liga com aqueles que se gloriam que nos são superiores. Não ousaríamos fazer isto". Eles procuravam fazer com que suas realizações parecessem impressionantes, comparando-se tolamente "consigo mesmos". Eles se recusavam a reconhecer o que Deus fez por Paulo em relação à sua comissão aos gentios — dado a ele por Cristo (At 9.15; Gl 2.9). Eles diziam que Paulo deveria gloriar-se como eles o faziam e apresentar o tipo de prova do apostolado que eles queriam dele — se é que ele era verdadeiro apóstolo. Mas Paulo só se gloriará dentro dos limites do ministério que lhe foi dado por Deus, o que inclui Corinto. Dizendo isto, Paulo está denotando que os falsos apóstolos são os intrusos que estão ferindo a assembléia que Deus o enviou para estabelecer.

> 14 Porque não nos estendemos além do que convém, como se não houvéssemos de chegar até vós, pois já chegamos também até vós no evangelho de Cristo; 15 não nos gloriando fora de medida nos trabalhos alheios; antes, tendo esperança de que, crescendo a vossa fé, seremos abundantemente engrandecidos entre vós, conforme a nossa regra, 16 para anunciar o evangelho nos lugares que estão além de vós e não em campo de outrem, para nos não gloriarmos no que estava já preparado.

A jactância de Paulo não vai muito longe, além dos limites convenientes, porque ele e seus companheiros foram os primeiros a chegar a Corinto com o Evangelho. Este foi o ponto mais distante que ele tinha alcançado em suas viagens missionárias até aqueles dias. Sua esperança, porém, era expandir o trabalho em Corinto e depois ir para outras regiões. Na visão de Paulo, abrangeria Ilírico, Roma e Espanha (veja Rm 15.19,23,24,28). Mas ele não seria como os falsos apóstolos, porque não afirmaria que foi o primeiro a levar o Evangelho em território que já tivesse sido de fato evangelizado por outra pessoa.

> [17] AQUELE, PORÉM, QUE SE GLORIA, GLORIE-SE NO SENHOR. [18] PORQUE NÃO É APROVADO QUEM A SI MESMO SE LOUVA, MAS, SIM, AQUELE A QUEM O SENHOR LOUVA.

Paulo limita ainda mais a jactância parafraseando Jeremias 9.24.[9] Esta é outra razão por que ninguém deve se gloriar de assumir algo que é de responsabilidade de outra pessoa.

De fato, toda jactância ou louvor à pessoa ou ministério não é importante. A única coisa que conta é o louvor do Senhor[10] (cf. Rm 2.29; 1 Co 4.3-5; 2 Co 3.1-3). Ele não dará louvor àqueles que buscam exaltar-se.

2. PAULO EXPÕE OS FALSOS APÓSTOLOS 11.1-4

> [1] TOMARA[11] QUE ME SUPORTÁSSEIS UM POUCO NA MINHA LOUCURA! SUPORTAI-ME, PORÉM, AINDA. [2] PORQUE ESTOU ZELOSO DE VÓS COM ZELO DE DEUS; PORQUE VOS TENHO PREPARADO PARA VOS APRESENTAR COMO UMA VIRGEM PURA A UM MARIDO, A SABER, A CRISTO.

Mais do que defender-se, Paulo quer expor os falsos apóstolos para proteger os crentes coríntios dos seus enganos.

Paulo fala de "loucura" porque chamou a auto-exaltação dos falsos apóstolos sem sentido e vazia (cf. 2 Co 10.12). Agora ele sente a necessidade de enfatizar as afirmações da própria autoridade, o que poderia soar como se estivesse fazendo a mesma coisa. Ele não age assim porque quer louvar a si mesmo, mas porque os falsos apóstolos procuram mudar os ensinos fundamentais do Evangelho e os coríntios estão prestes a aceitar a autoridade deles em vez de aceitar a Cristo e o verdadeiro Evangelho.

Sua preocupação pelos crentes coríntios é verdadeira. O "zelo" (ciúme) que ele tem por eles não é egoísta, mas piedoso, porquanto é de Deus e

proveniente de Deus. Deus quer o melhor para o seu povo, por isso Paulo não quer que eles sejam seduzidos por falsos mestres ou falsos apóstolos.

Pelo fato de Paulo ter fundado a assembléia em Corinto, ele se sente como um pai que quer dar sua filha em casamento como virgem pura.[12] Ele os levou a Cristo quando se converteram, fato que ele compara a uma promessa de compromisso de casamento. Assim, Paulo quer apresentar a Cristo toda a assembléia de crentes como pura: livre de pecados morais e de falsas doutrinas (cf. Ef 5.25-27).[13]

> [3] MAS TEMO QUE, ASSIM COMO A SERPENTE ENGANOU EVA COM A SUA ASTÚCIA, ASSIM TAMBÉM SEJAM DE ALGUMA SORTE CORROMPIDOS OS VOSSOS SENTIDOS E SE APARTEM DA SIMPLICIDADE QUE HÁ EM CRISTO. [4] PORQUE, SE ALGUÉM FOR PREGAR-VOS OUTRO JESUS QUE NÓS NÃO TEMOS PREGADO, OU SE RECEBEIS OUTRO ESPÍRITO QUE NÃO RECEBESTES, OU DOUTRO EVANGELHO QUE NÃO ABRAÇASTES, COM RAZÃO O SOFREREIS.

Paulo já disse que o crente é nova criatura e que a vida cristã é um novo estilo, tão novo que é como um novo mundo (2 Co 5.17). Ele não quer que a nova criatura seja estragada da maneira como Eva estragou a primeira criação.[14] Ele sabe que a influência dos falsos apóstolos poderia fazer justamente isso.

Com sarcasmo ele admite que os coríntios foram muito tolerantes com estes falsos apóstolos, sobretudo com um deles que chegou pregando outro Jesus, um como Ele, mas negando provavelmente sua plena deidade ou até sua ressurreição (veja 1 Co 15.12-18). Destes "apóstolos", os coríntios poderiam receber um espírito inteiramente diferente, talvez um espírito demoníaco, não o Espírito Santo que de fato tinham recebido sob o ministério de Paulo, pois eles estariam recebendo um evangelho muito diferente (cf. Gl 1.6-9), diferente daquele que aceitaram ou abraçaram (gr. *edexasthe*, "deram as boas-vindas") quando Paulo o proclamou em Corinto antes deles.

3. O *STATUS* APOSTÓLICO DE PAULO 11.5,6

> [5] PORQUE PENSO QUE EM NADA FUI INFERIOR AOS MAIS EXCELENTES APÓSTOLOS.[15] [6] E, SE SOU RUDE NA PALAVRA, NÃO O SOU, CONTUDO, NA CIÊNCIA; MAS JÁ EM TUDO NOS TEMOS FEITO CONHECER TOTALMENTE ENTRE VÓS.

Os falsos apóstolos estavam pondo-se em evidência como "superapóstolos" ("os mais excelentes apóstolos", 2 Co 11.5), humilhando Paulo.[16] Mas Paulo não aceitava as afirmações que eles faziam. Pode ser que fossem oradores bem treinados, aptos a impressionar as pessoas com o vocabulário e o estilo. É possível que Paulo os tivesse em mente quando escreveu aos romanos que "os tais não servem a nosso Senhor Jesus Cristo, mas ao seu ventre; e, com suaves palavras e lisonjas, enganam o coração dos símplices" (Rm 16.18). Embora Paulo fosse treinado como rabino sob as orientações de Gamaliel (At 22.3), ele não fora treinado no estilo grego de oratória artificial e extravagante.[17] Paulo tinha algo mais importante. Tinha ciência ou conhecimento de Deus que eles não tinham, como bem sabiam os crentes coríntios. Paulo havia demonstrado isto "em tudo", ou seja, dando-lhes ensinamentos poderosos e ungidos em linguagem clara — não na "lógica" enganosa e na retórica superficial dos falsos apóstolos. A verdade é mais importante que o estilo ou o "carisma" do orador.

4. A recusa de Paulo em aceitar pagamento 11.7-12

> [7] Pequei, porventura, humilhando-me a mim mesmo, para que vós fôsseis exaltados, porque de graça vos anunciei o evangelho de Deus? [8] Outras igrejas despojei eu para vos servir, recebendo delas salário; e, quando estava presente convosco e tinha necessidade, a ninguém fui pesado. [9] Porque os irmãos que vieram da Macedônia supriram a minha necessidade; e em tudo me guardei de vos ser pesado e ainda me guardarei.

Paulo retoma novamente o fato de que ele pregou o Evangelho em Corinto "de graça" (veja 1 Co 9). Naqueles dias, até nas universidades os estudantes remuneravam diretamente o professor. É provável que os oponentes de Paulo disseram que o fato de ele não receber contribuições era evidência de que o ensino era de pouco valor e que ele não era verdadeiro apóstolo. Com ironia Paulo pergunta se sua falta em aceitar contribuições era pecado. Aparentemente seus adversários diziam que isto o tornava inferior a eles. Porém, Paulo se guardava de ser um fardo aos coríntios sustentando a ele e aos seus companheiros evangelistas com o fabrico de tendas (At 18.3). Então alguns amigos vieram da Macedônia (At 18.5) trazendo ofertas, especialmente de Filipos (Fp 4.15). Paulo aceitou a dádiva, chamando-a de "despojo" de outras igre-

jas, porque na ocasião ele não lhes ministrava. Paulo não mudaria seu método de evangelizar cidades e fundar igrejas.

> 10 COMO A VERDADE DE CRISTO ESTÁ EM MIM, ESTA GLÓRIA NÃO ME SERÁ IMPEDIDA NAS REGIÕES DA ACAIA. 11 POR QUÊ? PORQUE VOS NÃO AMO? DEUS O SABE. 12 MAS O QUE EU FAÇO O FAREI PARA CORTAR OCASIÃO AOS QUE BUSCAM OCASIÃO, A FIM DE QUE, NAQUILO EM QUE SE GLORIAM, SEJAM ACHADOS ASSIM COMO NÓS.

Segundo Paulo já havia dito, a mente de Cristo estava nele (1 Co 2.16). Agora ele diz que a verdade de Cristo estava nele. Havia se tornado parte de sua própria natureza, guiando e dirigindo tudo o que ele dizia e fazia. Por isso ele não permitiria que ninguém lhe privasse desta glória.

Os oponentes de Paulo também davam a entender que o apóstolo não amava os coríntios, e era por essa razão que ele não aceitava as suas ofertas. Eles pressupunham que sua falta de amor fazia com que ele não quisesse sentir-se com obrigação para com eles. Paulo o nega enfaticamente. Ele os amava intensamente, como Deus o sabia.

Paulo provavelmente pensou que os coríntios o pressionariam novamente a aceitar pagamento (como fizeram os falsos apóstolos) quando chegasse outra vez a Corinto. Mas ele os assegura que continuaria recusando "a fim de tirar a oportunidade daqueles outros 'apóstolos' de terem razão de se gabar e dizer que estão fazendo a obra divina do mesmo modo que nós" (2 Co 11.12, TEV).

5. Os falsos apóstolos são denunciados 11.13-15

> 13 PORQUE TAIS FALSOS APÓSTOLOS SÃO OBREIROS FRAUDULENTOS, TRANSFIGURANDO-SE EM APÓSTOLOS DE CRISTO. 14 E NÃO É MARAVILHA, PORQUE O PRÓPRIO SATANÁS SE TRANSFIGURA EM ANJO DE LUZ. 15 NÃO É MUITO, POIS, QUE OS SEUS MINISTROS SE TRANSFIGUREM EM MINISTROS DA JUSTIÇA; O FIM DOS QUAIS SERÁ CONFORME AS SUAS OBRAS.

Por causa do caráter desses "superapóstolos", os coríntios não deveriam acreditar neles no que se gloriavam. Eles podem ter afirmado que Pedro e João os enviaram. Mas Paulo diz que são "falsos apóstolos", "obreiros fraudulentos" que assumem uma falsa aparência.

Ele os compara a Satanás, o enganador, o adversário. Satanás não é um "anjo de luz" (as trevas são o seu reino, At 26.18), mas com freqüência se transfigura, se mascara como tal. Assim, eles não são ministros da justiça, ainda que tentem dar essa impressão. É provável que a justiça que afirmavam ter e ensinavam fosse uma justiça que dependia da lei de Moisés e negava a graça de Cristo. Eles merecem julgamento (cf. Rm 2.6,8,9), e no fim suas ações o trarão.

6. O sofrimento de Paulo 11.16-18

> 16 Outra vez digo: ninguém me julgue insensato ou, então, recebei-me como insensato, para que também me glorie um pouco. 17 O que digo, não o digo segundo o Senhor, mas, como por loucura, nesta confiança de gloriar-me. 18 Pois que muitos se gloriam segundo a carne, eu também me gloriarei.

Paulo já havia começado a gloriar-se três vezes (2 Co 10.1,8; 11.1), e depois parou a fim de lidar com as ostentações vazias dos que lhe faziam oposição. Agora ele passa a se gloriar (veja 2 Co 11.1). Ele pede que os coríntios não o tomem por insensato, embora saiba que alguns o farão. Com ironia, lhes diz que deveriam então recebê-lo como receberiam qualquer insensato (pois eles recebiam os falsos apóstolos), permitindo-lhe gloriar-se um pouco.

Ele ainda se compara com os falsos apóstolos, embora não cite os seus nomes. Apenas se refere a "muitos" que são seus oponentes. Eles "operam com padrões diferentes" dos de Paulo.[18] Mas visto que foram identificados com ele, tentando reivindicar apostolado, agora ele retribuirá o favor e se identificará com eles — tornando-se insensato e se gloriando!

Paulo não quer que os coríntios o entendam mal. Ele não está falando do modo como o Senhor faria, mas "nesta confiança" que um insensato faria, do modo como o mundo o faz, "segundo a carne" (gr. *kata tēn sarka*). Mas seu propósito é revelar a loucura deles, "enquanto ao mesmo tempo expõe positivamente a 'loucura' autêntica dos caminhos de Deus que ele, Paulo, está seguindo".[19]

7. Paulo compara-se com seus oponentes em Corinto 11.19-33

> 19 Porque, sendo vós sensatos, de boa mente tolerais os insensatos. 20 Pois sois sofredores, se alguém vos

> PÕE EM SERVIDÃO, SE ALGUÉM VOS DEVORA, SE ALGUÉM VOS APANHA, SE ALGUÉM SE EXALTA, SE ALGUÉM VOS FERE NO ROSTO. [21] ENVERGONHADO O DIGO, COMO SE NÓS FÔSSEMOS FRACOS, MAS, NO QUE QUALQUER TEM OUSADIA (COM INSENSATEZ FALO), TAMBÉM EU TENHO OUSADIA. [22] SÃO HEBREUS? TAMBÉM EU. SÃO ISRAELITAS? TAMBÉM EU. SÃO DESCENDÊNCIA DE ABRAÃO? TAMBÉM EU.

Ironicamente, Paulo observa que os coríntios toleram com alegria os oponentes que se promoviam como superiores e tentavam dominar os coríntios. Eles deixavam que os escravizassem, devorassem (explorassem), apanhassem (levassem vantagem) e até os esbofeteassem no rosto. Com troça Paulo admite que era muito fraco para abusar deles desse modo. Ele dá a entender que os coríntios são os verdadeiros insensatos.

Não importando em que os falsos apóstolos se exaltassem, Paulo se igualaria, e melhor que eles. Mais uma vez, ele reconhece que está falando como insensato, mas ousa agir assim, como vimos, por causa de sua preocupação com os crentes coríntios.

Os falsos apóstolos devem ter se gloriado em sua herança. Mas Paulo se igualava, e melhor que eles. Ele era hebreu, não um prosélito (convertido) ao judaísmo, e não como Timóteo, judeu apenas por parte de um dos pais (cf. Fp 3.5). Ele era israelita, fazia parte da congregação de Israel, fora educado sob a lei. Ele era descendente de Abraão, herdeiro das promessas de Deus ao patriarca (cf. Rm 9.4,5; Gl 3.6-18). Sua formação e treinamento eram tão bons quanto qualquer um deles. Isto pode sugerir que seus oponentes eram cristãos helenístico-hebraicos.[20]

> [23] SÃO MINISTROS DE CRISTO? (FALO COMO FORA DE MIM.) EU AINDA MAIS: EM TRABALHOS, MUITO MAIS; EM AÇOITES, MAIS DO QUE ELES; EM PRISÕES, MUITO MAIS; EM PERIGO DE MORTE, MUITAS VEZES. [24] RECEBI DOS JUDEUS CINCO QUARENTENAS DE AÇOITES MENOS UM; [25] TRÊS VEZES FUI AÇOITADO COM VARAS, UMA VEZ FUI APEDREJADO, TRÊS VEZES SOFRI NAUFRÁGIO, UMA NOITE E UM DIA PASSEI NO ABISMO; [26] EM VIAGENS, MUITAS VEZES; EM PERIGOS DE RIOS, EM PERIGOS DE SALTEADORES, EM PERIGOS DOS DA MINHA NAÇÃO, EM PERIGOS DOS GENTIOS, EM PERIGOS NA CIDADE, EM PERIGOS NO DESERTO, EM PERIGOS NO MAR, EM PERIGOS ENTRE OS FALSOS IRMÃOS.

Os falsos apóstolos afirmaram serem "ministros de Cristo". Não há que duvidar que eles afirmavam ter alcançado grandes coisas. Mas o

ministério de Paulo ia muito além do que qualquer um deles havia feito ou experimentado. Contudo, a longa lista que se segue é um registro, não de vitórias brilhantes, mas do cumprimento da promessa do sofrimento feita por Jesus (At 9.16).

Anteriormente Paulo afirmara que falava como insensato. Agora ele vai mais além e declara que está fora de si (gr. *paraphrōnon*, "louco").

Ele diz que era exposto à morte vezes sem conta. Então dá exemplos nos versículos 24 a 26. A Bíblia não menciona em outro lugar que Paulo recebeu quarenta açoites menos um.[21] O livro de Atos nos fala de um encarceramento em Filipos (At 16.15-40), de um açoite com varas nessa mesma cidade (At 16.22,23),[22] de um apedrejamento em Listra (At 14.19) e de um naufrágio que ocorreu muito tempo depois que Paulo citou estes três outros. Obviamente, Lucas, no livro de Atos, enfatizava eventos-chave, registrados por ele segundo a orientação do Espírito Santo. Mas muitas outras coisas também aconteceram, e Paulo refere-se a elas aqui. Em todos os lugares em que ia, Paulo enfrentava perigos e nem de longe o menor deles eram "os falsos irmãos" (como os falsos apóstolos em Corinto).

> [27] EM TRABALHOS E FADIGA, EM VIGÍLIAS, MUITAS VEZES, EM FOME E SEDE, EM JEJUM, MUITAS VEZES, EM FRIO E NUDEZ.

Seu trabalho era muitas vezes labuta (fadiga) sob circunstâncias difíceis. Não sabemos o que o levou a ficar sem sono ou por que muitas vezes sentia fome e sede.[23] Ele deve ter passado frio na prisão. Por "nudez", ele queria dizer que não tinha roupa suficiente para se vestir (ele não estava nu, mas tinha somente a túnica curta que um escravo podia usar).

> [28] ALÉM DAS COISAS EXTERIORES, ME OPRIME CADA DIA O CUIDADO DE TODAS AS IGREJAS. [29] QUEM ENFRAQUECE, QUE EU TAMBÉM NÃO ENFRAQUEÇA? QUEM SE ESCANDALIZA, QUE EU NÃO ME ABRASE?

Apesar destas perseguições, perigos e privações, Paulo nunca se esquecia do seu propósito e missão primários: seu cuidado, não só com os crentes coríntios, mas também com todas as assembléias fundadas por ele o oprimia diariamente. Mesmo na prisão ele mantinha-se em contato com as igrejas e sentia a sua fraqueza. Sempre que qualquer uma delas era enganada e caía em pecado, isso o deixava irado. Ele sofria física e emocionalmente. Sua ansiedade para com as igrejas causava-lhe a maior de todas as dores.

30 Se convém gloriar-me, gloriar-me-ei no que diz
respeito à minha fraqueza. 31 O Deus e Pai de nos-
so Senhor Jesus Cristo, que é eternamente bendi-
to, sabe que não minto. 32 Em Damasco, o que go-
vernava sob o rei Aretas pôs guardas às portas da
cidade dos damascenos, para me prenderem, 33 e fui
descido num cesto por uma janela da muralha; e
assim escapei das suas mãos.

Paulo não queria que os coríntios pensassem que ele era orgulhoso. Por isso gloriava-se de coisas que mostravam sua fraqueza. Para declarar a verdade do que dizia, ele louva a Deus como Pai de Jesus, que é o Senhor. Atos 9.23-25 apresenta o relato da fuga de Paulo de Damasco. Lucas denota que os judeus conspiraram para matá-lo. Aqui Paulo revela que a ordem foi dada pelo governador sujeito ao rei nabateu Aretas IV, que reinou de 9-39 d.C. Alguns sugerem que é possível que o governador fosse judeu, visto que era freqüente os judeus serem colocados em posições oficiais, porque os reis respeitavam sua integridade.[24]

Os discípulos fizeram-no descer dentro de uma cesta grande pela janela de uma casa com um quarto construído sobre a muralha da cidade. Já vi quartos semelhantes na muralha da atual cidade de Damasco.

Deus sabe que Paulo não está mentindo quando lembra os coríntios de "uma experiência humilhante e indigna, na qual ele fez papel tão ridículo que o mero pensamento aniquilava qualquer tendência de orgulho".[25] Em todos estes sofrimentos, Paulo estava na verdade dizendo o que mais tarde contou aos filipenses: "Para conhecê-lo, e a virtude da sua ressurreição, e a comunicação de suas aflições, sendo feito conforme a sua morte; para ver se, de alguma maneira, eu possa chegar à ressurreição dos mortos. Não que já a tenha alcançado ou que seja perfeito; mas prossigo para alcançar aquilo para o que fui também preso por Cristo Jesus" (Fp 3.10-12). Que contraste com o orgulho e a autoexaltação dos falsos apóstolos que se opunham a Paulo!

8. A visão de Paulo do Paraíso 12.1-6

1 Em verdade que não convém gloriar-me; mas pas-
sarei às visões e revelações do Senhor. 2 Conheço
um homem em Cristo que, há catorze anos (se no
corpo, não sei; se fora do corpo, não sei; Deus o

SABE), FOI ARREBATADO ATÉ AO TERCEIRO CÉU. [3] E SEI QUE O TAL HOMEM (SE NO CORPO, SE FORA DO CORPO, NÃO SEI; DEUS O SABE) [4] FOI ARREBATADO AO PARAÍSO E OUVIU PALAVRAS INEFÁVEIS, DE QUE AO HOMEM NÃO É LÍCITO FALAR.

Por causa dos oponentes, Paulo se sente forçado a gloriar-se. Aparentemente, eles afirmavam ter visões e revelações impressionantes. Mas Paulo diz que tais visões e revelações não são de nenhum proveito, isto é, não são evidência de apostolado, nem ajudam a congregação em geral. Isto não é negar o valor edificante do dom da revelação dado pelo Espírito Santo (1 Co 14.6,26,30). Antes, Paulo está lidando com as afirmações dos falsos apóstolos. Nenhuma das visões que eles tiveram poderia ser mais impressionante do que esta que o Espírito o incitava a contar. Não obstante, ele está reticente em contar a visão e a coloca na terceira pessoa do singular, ainda que seja óbvio que o "homem em Cristo" fosse o próprio Paulo, como nos mostra o versículo 7. É provável que ele guardou distância da visão, porque não queria usá-la como credencial apostólica e não "queria ser conhecido como 'visionário', mas só como apóstolo fraco e sofredor, [...] por meio de quem o poder incomparável de Deus é revelado" (2 Co 4.7-15).[26]

Ele recebeu a visão quatorze anos antes, o que seria por volta de 41 d.C., provavelmente logo depois que os líderes de Jerusalém o enviaram a Tarso (At 9.30). Ele foi arrebatado (gr. *hērpagē*, "arrebatado inesperadamente") ao terceiro céu, o qual também chama de "paraíso".[27] É verossímil que ele tenha considerado o primeiro céu como a atmosfera que cerca a terra, onde os pássaros voam e onde estão as nuvens; o segundo céu, como o das estrelas; e o terceiro céu, como o céu dos céus, o mais alto céu, o lugar onde estão o trono de Deus e o paraíso. A idéia de sete céus não é encontrada na Bíblia, embora fosse comum no zoroastrismo e tornou-se parte da mais recente teologia judaica e cristã.[28]

Paulo não tinha certeza se estava no corpo ou fora do corpo. Só "Deus o sabe". Mas ele sabia que tinha sido humilhado ao ser baixado numa cesta e, depois, arrebatado a um lugar de verdade onde ouvira coisas que não lhe era lícito falar. Porém, "não é lícito" (gr. *ouk exon*) também pode significar "não é possível". É provável que não haja palavras adequadas para expressar o que ele ouviu e viu. Alguns comentaristas consideram que as palavras eram "louvores oferecidos a Deus pelos habitantes do céu".[29]

[5] DE UM ASSIM ME GLORIAREI EU, MAS DE MIM MESMO NÃO ME GLORIAREI, SENÃO NAS MINHAS FRAQUEZAS. [6] POR-

QUE, SE QUISER GLORIAR-ME, NÃO SEREI NÉSCIO, PORQUE DIREI A VERDADE; MAS DEIXO ISSO, PARA QUE NINGUÉM CUIDE DE MIM MAIS DO QUE EM MIM VÊ OU DE MIM OUVE.

Paulo admite mais uma vez que qualquer jactância que ele fizesse seria verdadeira; contudo, a única coisa de que ele realmente quer se gloriar é de suas fraquezas — inclusive tudo o que sofreu por causa do seu fiel ministério do Evangelho. Ao contrário dos que o detratavam, ele quer que as pessoas vejam que todo o poder é de Deus (veja 1 Co 2.4,5).

9. O ESPINHO NA CARNE DE PAULO 12.7-10

7 E, PARA QUE ME NÃO EXALTASSE PELAS EXCELÊNCIAS DAS REVELAÇÕES, FOI-ME DADO UM ESPINHO NA CARNE, A SABER, UM MENSAGEIRO DE SATANÁS, PARA ME ESBOFETEAR, A FIM DE NÃO ME EXALTAR. 8 ACERCA DO QUAL TRÊS VEZES OREI AO SENHOR, PARA QUE SE DESVIASSE DE MIM. 9 E DISSE-ME: A MINHA GRAÇA TE BASTA, PORQUE O MEU PODER SE APERFEIÇOA NA FRAQUEZA. DE BOA VONTADE, POIS, ME GLORIAREI NAS MINHAS FRAQUEZAS, PARA QUE EM MIM HABITE O PODER DE CRISTO. 10 PELO QUE SINTO PRAZER NAS FRAQUEZAS, NAS INJÚRIAS, NAS NECESSIDADES, NAS PERSEGUIÇÕES, NAS ANGÚSTIAS, POR AMOR DE CRISTO. PORQUE, QUANDO ESTOU FRACO, ENTÃO, SOU FORTE.

Esta visão do terceiro céu e paraíso era apenas uma das "excelências das revelações" que Deus dera a Paulo. Para que ele não se exaltasse (como os falsos apóstolos, 2 Co 11.20) ou ficasse "indevidamente soberbo" (v. 7, NEB), um espinho na carne, um mensageiro (gr. *angelos*) de Satanás, lhe foi dado (por Deus), não para punir, mas para atormentá-lo ou esbofeteá-lo (implicando algo que ocorria periodicamente).

Não há acordo concernente ao que era o espinho na carne.[30] Crisóstomo pensava que se referia a Alexandre, o latoeiro (2 Tm 4.14, KJV).[31] Outros consideram ser um "judaizante" que seguia Paulo, causando-lhe angústia. Visto que estava "na carne", ou seja, no corpo, muitos reputam ser uma doença (Gl 4.13,14; cf. 1 Co 2.3). Outros julgam que era uma malária recorrente, observando que ele deixou as regiões inferiores cheias de pântanos da Galácia e dirigiu-se para lugares mais altos em sua primeira viagem missionária. Tudo de que podemos ter certeza é que Deus deu a Satanás permissão para hostilizar Paulo, da mesma forma que deu permissão para que fizesse o mesmo a Jó.

Três vezes Paulo rogou ao Senhor que lhe tirasse o espinho. O Senhor (ou seja, Cristo, pois o poder do Senhor é identificado com o "o poder de Cristo") respondeu que a sua graça bastava. Ela sempre estaria com ele. Assim, o poder de Cristo iria estar com ele, habitaria nele (gr. *episkēnōsēi*, "armar tenda, fixar domicílio em"). Então, por causa das fraquezas de Paulo, Cristo poderia manifestar seu poder de modo mais eficiente. As fraquezas de Paulo também tornariam muito mais óbvio que o poder grandioso era de Cristo, não dele. Desta forma, suas fraquezas, incluindo o espinho na carne, eram evidência adicional do seu apostolado. E "por amor de Cristo" ele recebia de bom grado e deleitava-se em todos os tipos de situação em que era fraco, inclusive injúrias (insultos), necessidades (sofrimentos), perseguições e angústias (dificuldades). Pois quando ele estava fraco, então estava fortalecido com o poder da ressurreição dado pela graça de Cristo. Assim, suas fraquezas eram um trunfo, não uma obrigação.

A garantia de Cristo de que sua graça é suficiente e seu poder se aperfeiçoa na fraqueza nos motiva hoje. Em vez de tentar controlar nosso próprio destino, temos de nos submeter à vontade de Deus. Sempre que nos sentirmos impotentes, "quer física, relacional, financeira ou estruturalmente",[32] podemos dizer: "Não se faça a minha vontade, mas a tua" (Lc 22.42). Então, à medida que obedecemos o Senhor ativamente, podemos reivindicar sua suficiente graça e experimentar seu poder, que "se aperfeiçoa na fraqueza".

D. O interesse altruísta de Paulo pelos coríntios 12.11-21

> 11 Fui néscio em gloriar-me; vós me constrangestes; porque eu devia ser louvado por vós, visto que em nada fui inferior aos mais excelentes apóstolos, ainda que nada sou. 12 Os sinais do meu apostolado foram manifestados entre vós, com toda a paciência, por sinais, prodígios e maravilhas. 13 Porque, em que tendes vós sido inferiores às outras igrejas, a não ser que eu mesmo vos não fui pesado? Perdoai-me este agravo.

Porque os coríntios aceitavam os ensinos e afirmações dos falsos "superapóstolos" ("os mais excelentes apóstolos"), Paulo sentiu-se compelido a se fazer de néscio ao se gloriar. Os crentes coríntios deveriam ter aprovado Paulo. Embora em si não fosse nada, ele não era inferior aos falsos "superapóstolos".

Paulo indica que seus oponentes não manifestavam o Espírito Santo de forma adequada. Mas no ministério de Paulo, Deus tinha dado sinais apostólicos, prodígios e obras de poder miraculoso. Paulo não hesitou, mas com grande resistência ele continuou deixando Deus mostrar estas marcas de apóstolo (em face a muita oposição). Hoje diríamos que o evangelismo de Paulo era de fato carismático. E o que é mais importante, sua conduta e caráter tinham espírito cristão.

Então, com ironia, Paulo perguntou por que os coríntios sentiam-se inferiores às outras igrejas. Ele os tinha humilhado por não ser um fardo para eles? Eles têm de perdoá-lo por este mal, por esta injustiça!

> 14 Eis aqui estou pronto para, pela terceira vez, ir ter convosco e não vos serei pesado; pois que não busco o que é vosso, mas, sim, a vós; porque não devem os filhos entesourar para os pais, mas os pais, para os filhos. 15 Eu, de muito boa vontade, gastarei e me deixarei gastar pelas vossas almas, ainda que, amando-vos cada vez mais, seja menos amado.

Na primeira visita de Paulo, ele fundou a assembléia em Corinto. Sua segunda visita foi dolorosa (2 Co 2.1). Agora ele estava pronto para visitá-los "pela terceira vez". Como pai espiritual (cf. 1 Co 4.14,15), ele não queria sobrecarregá-los. Sua intenção era de tê-los, não as possessões ou o dinheiro que tivessem. Na cultura deles, os pais faziam provisões para os filhos e não o contrário. Ele gastaria o que tivesse como também se empenharia para assegurar-lhes o amor. Ele os amava e queria que correspondessem — algo que não estavam fazendo. Por isso, declara sarcasticamente que amando-os cada vez mais seja menos amado por eles.

> 16 Mas seja assim, eu não vos fui pesado; mas, sendo astuto, vos tomei com dolo. 17 Porventura, aproveitei-me de vós por algum daqueles que vos enviei? 18 Roguei a Tito e enviei com ele um irmão. Porventura, Tito se aproveitou de vós? Não andamos, porventura, no mesmo espírito, sobre as mesmas pisadas?

Paulo não era um fardo para os coríntios.[33] Não obstante, alguns diziam que ao enviar Tito e o outro irmão cujo nome não é citado, Paulo servia-se de artifício, usando-os para fazer o que ele não tinha feito pessoalmente. Mas Tito não os explorou. (A pergunta a respeito de Tito

requer resposta negativa. Como a *The Living Bible* [Bíblia Viva] traduz o versículo 18: "Tito tirou proveito de vocês? Não, claro que não!"). Nem tirou dinheiro deles e o entregou furtivamente a Paulo. "Tito deixou as mesmas pegadas, a mesma impressão ética" que Paulo.[34] Assim, de nenhuma forma Paulo abusou de sua relação com os coríntios.

> [19] CUIDAIS QUE AINDA NOS DESCULPAMOS CONVOSCO? FALAMOS EM CRISTO PERANTE DEUS, E TUDO ISTO, Ó AMADOS, PARA VOSSA EDIFICAÇÃO.

Os coríntios pensaram que Paulo estava na verdade se defendendo, se desculpando. Mas Paulo não lhesprestava conta. Ele prestava contas somente a Deus e a Cristo, e falava diante de Deus e em Cristo com um propósito — fortalecer os coríntios como amigos queridos, como amados (gr. *agapētoi*), para levá-los a uma crescente maturidade espiritual.

> [20] PORQUE RECEIO QUE, QUANDO CHEGAR, VOS NÃO ACHE COMO EU QUERERIA, E EU SEJA ACHADO DE VÓS COMO NÃO QUERERÍEIS, E QUE DE ALGUMA MANEIRA HAJA PENDÊNCIAS, INVEJAS, IRAS, PORFIAS, DETRAÇÕES, MEXERICOS, ORGULHOS, TUMULTOS; [21] QUE, QUANDO FOR OUTRA VEZ, O MEU DEUS ME HUMILHE PARA CONVOSCO, E EU CHORE POR MUITOS DAQUELES QUE DANTES PECARAM E NÃO SE ARREPENDERAM DA IMUNDÍCIA, E PROSTITUIÇÃO, E DESONESTIDADE QUE COMETERAM.

Ainda que esteja preocupado, Paulo não quer achar os coríntios envolvidos em pecados que o obrigará a ser severo. Ele lembra e especifica coisas que teve de tratar antes: "pendências" ou disputas, rivalidades, discórdias, discussões; "invejas" ou ciúme; "iras" ou explosões de raiva, indignação egoísta; "porfias" ou facções, contenções causadas por e ambição egoísta; "detrações" ou calúnias, linguagem nociva; "mexericos" ou fofocas, boatos, intrigas secretas; "orgulhos" ou arrogância, vaidade; e "tumultos" ou desordens, comoções incontroláveis. Ele temia que tivesse de lidar outra vez com estas coisas se eles não respondessem esta carta em obediência amorosa.

Ele não queria que Deus o humilhasse fazendo-o chorar por aqueles que não tinham se arrependido e mudado o estilo de vida (cf. 2 Co 11.29). Mas preocupava-se sobretudo com aqueles que se haviam viciado na imundícia (impureza moral), na prostituição (pecado sexual, incluindo adultério, homossexualidade, prostituição e união com prostitutas) e na desonestidade (devassidão) e poderiam não ter se arrependido. Se achasse estas coisas ele sentiria-se humilhado, humilhado por Deus.

E. Advertência renovada 13.1-10

1 É esta a terceira vez que vou ter convosco.
Por boca de duas ou três testemunhas, será confirmada toda palavra. 2 Já anteriormente o disse
e segunda vez o digo, como quando estava presente; mas agora, estando ausente, o digo aos
que antes pecaram e a todos os mais que, se outra vez for, não lhes perdoarei, 3 visto que
buscais uma prova de Cristo que fala em mim, o
qual não é fraco para convosco; antes, é poderoso entre vós. 4 Porque, ainda que tenha sido
crucificado por fraqueza, vive, contudo, pelo
poder de Deus. Porque nós também somos fracos nele, mas viveremos com ele pelo poder de
Deus em vós.

Paulo deu severas advertências aos pecadores na segunda visita que fizera a Corinto (veja 2 Co 12.21). Ele os adverte novamente nesta carta. Sua "terceira visita" seria uma terceira testemunha contra eles, caso não se arrependessem. Eles conheciam as passagens das Escrituras que declaram que tudo deve ser estabelecido por duas ou três testemunhas (cf. Nm 35.30; Dt 17.6; 19.15; Mt 18.16; 1 Tm 5.19; Hb 10.28; 1 Jo 5.8). Ele pode estar referindo-se às três advertências dadas anteriormente.[35]

Dessa vez, ele irá definitivamente e não os poupará. Antes havia mudado os planos para poupá-los de uma visita dolorosa (2 Co 1.23); porém, agora, ele não os poupará. Ele não quer ser severo, mas será, caso seja necessário.

Os coríntios exigiam uma prova de que Cristo falava por ele, isto é, prova do seu apostolado e autoridade (cf. 2 Co 10.1-11). Eles sabiam por experiência que Cristo era poderoso, não fraco, nos seus procedimentos com eles. Embora tivesse morrido em fraqueza física na cruz (Is 52.14; 53.5,7), nessa fraqueza Ele pagou o preço do pecado. Depois ressuscitou à vida pelo poder da ressurreição de Deus (cf. Rm 6.4; Ef 1.19,20). Paulo humilhou-se para ser fraco em Cristo. Ele também vivia em Deus pelo poder da sua ressurreição, não para servir a si mesmo ou realizar propósitos próprios, mas para servir o povo de Deus.

> 5 EXAMINAI-VOS A VÓS MESMOS SE PERMANECEIS NA FÉ;
> PROVAI-VOS A VÓS MESMOS. OU NÃO SABEIS, QUANTO A
> VÓS MESMOS, QUE JESUS CRISTO ESTÁ EM VÓS? SE NÃO É
> QUE JÁ ESTAIS REPROVADOS. 6 MAS ESPERO QUE
> *ENTENDEREIS QUE NÓS NÃO SOMOS REPROVADOS.*

Eles exigiam "prova" (gr. *dokimēn*) de que Cristo falava por Paulo (2 Co 13.3). Pelo fato de Paulo não querer ter de discipliná-los, o apóstolo exige que eles se examinem e se provem (gr. *dokimazete*, "provai-vos a vós mesmos") para ver se estão na fé. Isto pode significar que eles têm de provar a si mesmos para ver se estão em relação certa com a fé, ou seja, com o que a Bíblia ensina. Também pode significar que eles devem provar a si mesmos para ver se a fé que têm é genuína. Não fracassarão na prova se Cristo está neles. Paulo usa com ironia um jogo de palavras entre *dokimazete* ("provai-vos a vós mesmos") e *adokimoi* ("estais reprovados"), termo usado para aludir aos falsos mestres que estavam a caminho do inferno e arrastavam outros com eles (termo também usado na Septuaginta em Is 1.22 para traduzir "escórias"). Então, se eles não estão reprovados por falharem na prova, significará que Paulo e sua equipe também não o foram. Significa que os falsos apóstolos estão errados. Os detratores de Paulo deveriam se dar conta disso.

> 7 ORA, EU ROGO A DEUS QUE NÃO FAÇAIS MAL ALGUM,
> NÃO PARA QUE SEJAMOS ACHADOS APROVADOS, MAS PARA
> QUE VÓS FAÇAIS O BEM, EMBORA NÓS SEJAMOS COMO RE-
> PROVADOS. 8 PORQUE NADA PODEMOS CONTRA A VERDA-
> DE, SENÃO PELA VERDADE.

A preocupação de Paulo era maior para com os coríntios do que para consigo mesmo. Ele já havia expressado esta preocupação quando da possibilidade de que alguns poderiam não ter se arrependido. Agora sua oração por eles é que não façam nada de errado ou mal. Seu desejo é de não ter de discipliná-los, nem mesmo importando-se que vejam ou não se ele passou na prova. Ele quer que os coríntios façam as coisas com correção, mesmo que pareça que ele tenha sido reprovado ou rejeitado.

Paulo sabe que a verdade permanecerá. Ninguém tem a capacidade de fazer nada contra a verdade.[36] Se é a verdade, ainda será a verdade, não importa o que as pessoas digam ou façam contra ela. Em última instância, tudo o que for feito será pela verdade. Por conseguinte, sempre será mostrado que os falsos apóstolos são falsos.

> 9 Porque nos regozijamos de estar fracos, quando vós estais fortes; e o que desejamos é a vossa perfeição. 10 Portanto, escrevo essas coisas estando ausente, para que, estando presente, não use de rigor, segundo o poder que o Senhor me deu para edificação e não para destruição.

Paulo alegra-se em estar fraco, se isso significa que os coríntios estão fortes (cf. 2 Co 12.7-10; Ef 6.10). Ele já havia dito que sua meta era edificá-los, construí-los (2 Co 10.8). Sua oração era pela perfeição[37] deles, ou seja, que fossem completos (pelo treinamento, pela aprendizagem disciplinada; cf. Ef 4.12; Hb 6.1).

Suas advertências, enfatiza ele uma vez mais, são para que não tenha de usar com rigor sua autoridade apostólica dada por Deus quando fosse a Corinto. Deus lhe deu esta autoridade para edificar os crentes e não para destruí-los ou arrumá-los.

F. Saudações finais 13.11-13

> 11 Quanto ao mais, irmãos, regozijai-vos, sede perfeitos, sede consolados, sede de um mesmo parecer, vivei em paz; e o Deus de amor e de paz será convosco. 12 Saudai-vos uns aos outros com ósculo santo. Todos os santos vos saúdam.

Ao concluir, Paulo diz aos irmãos (incluindo as irmãs): "Regozijai-vos": *Chairete!* Significava literalmente "regozijai-vos", mas naqueles dias este termo era usado para dizer adeus (embora aqui sua intenção possa ter sido mesmo dizer "regozijai-vos"). Depois ele reitera seu desafio a objetivarem "ser perfeitos" (restaurando-se). Que aceitassem todas as "consolações" que fizera nesta carta (o que também pode ser traduzido por "Sejam encorajados!" e assim façam tudo o que Paulo os tem encorajado a fazer nesta carta[38]). Que esquecessem suas diferenças e fossem de um mesmo parecer, "unidos no entendimento que tinham da 'fé',"[39] e vivessem em paz. Então, o Deus de amor e de paz será com eles. Deus é, na verdade, um Deus bom e quer que eles desfrutem das bênçãos do seu amor e da sua paz.

Para mostrar o amor e a paz que tinham, eles deviam saudar-se uns aos outros com ósculo (beijo) santo, provavelmente um beijo no rosto — algo que nas igrejas orientais e européias de hoje ainda é mais comum do que um aperto de mão.

Os santos que enviavam saudações eram os crentes macedônios, onde Paulo estava na ocasião.

> [13] A graça do Senhor Jesus Cristo, e o amor de Deus, e a comunhão do Espírito Santo sejam com vós todos. Amém!

Paulo conclui com uma bênção trinitária. Como diz Hernando, esta bênção "ajusta-se notavelmente e parece condensar o que Paulo entendia da salvação de Deus em Cristo".[40] A graça (favor imerecido e misericórdia) de Jesus, o Ungido, que é o nosso Senhor, abrange uma graciosidade que chega aos crentes em virtude do amor mostrado no Calvário, quando Ele tomou nosso lugar na cruz. O "amor de Deus" também foi mostrado, sobretudo quando deu o seu Filho para que nós que cremos não pereçamos, mas tenhamos a vida eterna (Jo 3.16; cf. Rm 5.1,7,8). A "comunhão do Espírito Santo" abrange nossa comunhão com o Pai e com o Filho. Também abrange a comunhão uns com os outros pelo Espírito e também todas as bênçãos do Espírito (1 Jo 1.3,7). É igualmente experienciada pelos dons do Espírito expressados no amor mútuo (1 Co 13).

Para Paulo, a assembléia local significava uma comunhão (gr. *koinōnia*) do Espírito. Ele queria ver essa comunhão restaurada entre os crentes coríntios. Este relacionamento maravilhoso ainda é acessível a todos os crentes, um relacionamento com o nosso Deus Trino e entre uns com os outros.

No Apêndice B você encontrará perguntas para aprimorar seu estudo.

Notas

[1] Alguns estudiosos acreditam que os capítulos 10 a 13 eram originalmente uma carta separada. Para uma boa defesa da unidade de 2 Coríntios veja Paul Barnett. *The Second Epistle to the Corinthians*. Grand Rapids, William B. Eerdmans, 1997, pp. 450-456.

[2] F. F. Bruce. *1 and 2 Corinthians*. Grand Rapids, William B. Eerdmans, 1983, p. 229.

[3] Note a mudança de "eu" para "nós" (oculto).

[4] Este retrato continua até o versículo 6 e é, "sem dúvida, a instância mais elaborada do uso da imagem militar nas cartas paulinas. Confira sua referência a 'armas da justiça' em 2 Coríntios 6.7b e Filipenses 2.25; 1 Tessalonicenses 5.8; Filemom 2". Victor Paul Furnish. *II Corinthians*. Garden City, Nova York, Doubleday & Company, 1984, p. 457.

[5] Philip Edgcumbe Hughes. *Paul's Second Epistle to the Corinthians*. Grand Rapids, William B. Eerdmans, 1973, p. 353.

[6] Jerry L. Sumney. *Identifying Paul's Opponents*. Sheffield, Inglaterra, Journal for the Study of the New Testament, 1990, p. 158.

[7] Barnett, *Second Epistle to the Corinthians*, p. 473.

[8] Neste ponto, o grego traz um jogo de palavras, *enkrinai ē sunkrinai*, "classificar-nos ou comparar-nos".

[9] Também parafraseado em 1 Coríntios 1.31.

[10] A palavra grega traduzida por "aprovado", *dokimos*, significa testado e aprovado, ou tentado e verdadeiro e, portanto, aceito pelo Senhor.

[11] As palavras "para Deus" (v. 1, KJV) não estão em nenhum manuscrito grego, mas foram acrescidas pelos tradutores britânicos.

[12] Os pais naquela época eram responsáveis por encontrar marido para as filhas e protegê-las desde o dia em que ficavam noivas até o dia do casamento. Para a relação de Paulo com outros crentes como pai, confronte 1 Coríntios 4.14,15; 2 Coríntios 6.13; 12.14,15; Gálatas 4.19; 1 Timóteo 1.2; 2 Timóteo 1.2; Filemom 10.

[13] Para conhecer o contexto do Antigo Testamento sobre a relação do casamento como metáfora para a relação entre Deus e seu povo, veja Isaías 54.3,6; Jeremias 3.1; Oséias 2.19,20. Para inteirar-se da metáfora de Cristo como Noivo da Igreja, veja Efésios 5.25-33. Para conhecer a relação semelhante de cada igreja, de cada crente, veja 1 Coríntios 6.13-17. Confronte Mateus 25.1-13; Marcos 2.18-20; Apocalipse 19.6-9, para ler sobre a intimidade e inviolabilidade da união dos crentes com o Salvador. R. P. C. Hanson. *The Second Epistle to the Corinthians: Christ and Controversy*. Londres, SCM Press, 1967, p. 77.

[14] Alguns vêem aqui a Igreja como uma segunda Eva, noiva com o segundo Adão, Cristo (1 Co 15.45). J. J. Lias. *The Second Epistle to the Corinthians*. Cambridge, Inglaterra, University Press, 1897, p. 110.

[15] Sumney argumenta que estes não são os doze apóstolos. Jerry L. Sumney. *Identifying Paul's Opponents*. Sheffield, Inglaterra, Journal for the Study of the New Testament, 1990, pp. 159-161. *The Message* os chama de "'apóstolos' mandachuvas". Paulo está sendo sarcástico, como mostra o contexto.

[16] Alguns consideram que os "superapóstolos" ("os mais excelentes apóstolos") são Tiago, Pedro e João, que eram reputados como colunas (Gl 2.9), e que Paulo está dizendo que não lhes é inferior. F. F. Bruce. *1 and 2 Corinthians*. Grand Rapids, William B. Eerdmans, 1983, pp. 236, 237. Contudo, os apóstolos de Jerusalém não teriam apresentado um Jesus diferente ou um evangelho diferente (cf. Gl 2.2-10).

[17] Victor Paul Furnish. *II Corinthians*. Garden City, Nova York, Doubleday & Company, 1984, p. 490.

[18] Sumney, *Identifying Paul's Opponents*, p. 152.

[19] Paul Barnett. *The Second Epistle to the Corinthians*. Grand Rapids, Williams B. Eerdmans, 1997, p. 530.

[20] Ibid., p. 534.

[21] O costume judeu era que a pessoa que açoitava não era responsável se a pessoa morresse, desde que desse trinta e nove açoites. Considerava-se que quarenta açoites eram fatais. Assim, se até um açoite a mais fosse dado e a pessoa morresse, o açoitador era exilado.

[22] Bater com varas era método romano de castigo e deve ter sido feito em cidades que eram colônias romanas.

[23] Comida e bebida não eram fornecidas nas prisões. É provável que Paulo teve falta destas coisas em cidades onde estava preso, mas que ainda não tinha quem o apoiasse.

[24] Margaret E. Thrall. *The First and Second Letters of Paul to the Corinthians*. Cambridge, Inglaterra, University Press, 1965, p. 175.

[25] Bruce, *1 and 2 Corinthians*, p. 244.

[26] Victor Paul Furnish. *II Corinthians*. Garden City, Nova York, Doubleday & Company, 1984, p. 544.

[27] "Paraíso" é termo emprestado da língua persa e usado na Septuaginta para referir-se ao jardim do Éden (Gn 2.8-10) e empregado por Jesus acerca do lugar onde Ele esteve depois

da morte na cruz (Lc 23.43). Pode ser entendido como o céu, porque Ele entregou o espírito nas mãos do Pai (Lc 23.46).

[28] Stanley M. Horton. *Nosso Destino: O Ensino Bíblico das Últimas Coisas*. Rio de Janeiro, CPAD, 1998, p. 51.

[29] Margaret E. Thrall. *The First and Second Letters of Paul to the Corinthians*. Cambridge, Inglaterra, University Press, 1965, p. 178.

[30] O termo grego *skolops* pode significar uma estaca, espinho, prego ou lasca pontiagudos. Foi usado na Septuaginta para aludir aos cananeus (Nm 33.55). Também pode ser traduzido por "um espinho na carne", isto é, causando-lhe desvantagem em sua existência mortal. Veja Paul Barnett. *The Second Epistle to the Corinthians*. Grand Rapids, William B. Eerdmans, 1997, pp. 568, 569.

[31] Chrysostom, *Homilies on 2 Corinthians*, Homilia 26.

[32] Barnett, *Second Epistle*, p. 574.

[33] O "eu" no versículo 16 é enfático.

[34] Bard M. Pillette, "The Kind of Person Who Worked Best with Paul", *Emmaus Journal* 5, n.º 2, inverno de 1996, p. 157.

[35] James Hernando, "2 Corinthians", in: *Full Life Bible Commentary*. Grand Rapids, Zondervan Publishing House.

[36] É provável que Paulo tenha em mente o Evangelho como "a verdade". Victor Paul Furnish. *II Corinthians*. Garden City, Nova York, Doubleday & Company, 1984, p. 573.

[37] Ibid., e Barnett prefere traduzir "perfeição" (gr. *katartisin*) por "restauração". O verbo correspondente significa basicamente restaurar ou colocar em condições apropriadas. Os coríntios precisavam mesmo de restauração. Paul Barnett. *The Second Epistle to the Corinthians*. Grand Rapids, William B. Eerdmans, 1997, pp. 612, 613.

[38] Barnett, p. 616.

[39] Ibid.

[40] Hernando, "2 Corinthians".

APÊNDICES

Apêndice A: Mapa da segunda viagem missionária de Paulo

APÊNDICE B: PERGUNTAS SOBRE 1 E 2 CORÍNTIOS PARA APRIMORAR SEU ESTUDO

1 Coríntios

I. Introdução 1.1-9

1. Que coisas boas sobre os crentes coríntios você vê no capítulo 1?

II. Dissensão na igreja 1.10 — 4.21

1. Que dissensões começavam a desenvolver-se na assembléia local e por quê?
2. Por que Paulo batizou pessoalmente tão poucas pessoas?
3. O que envolve a mensagem da cruz?
4. Como o Evangelho diferencia-se da sabedoria deste mundo?
5. Qual foi a atitude dos judeus e dos gentios diante da pregação do Cristo crucificado e por quê?
6. O que é usado por Deus para aniquilar as coisas que os incrédulos deste mundo altamente estimam?
7. O que em Cristo Jesus é digno de glória?
8. Como a pregação de Paulo se diferenciava das oratórias dos gregos?
9. Qual era a sabedoria, oculta em mistério, que Paulo comunicou aos crentes perfeitos?
10. Quem conhece as profundezas de Deus e como Ele nos comunica tais profundezas?
11. O que Paulo quer dizer por homem espiritual?
12. O que significa ter "a mente de Cristo"?
13. Quais são as características de um crente carnal?
14. Que atitudes estavam tendendo à divisão no corpo local de Cristo?
15. Com que Paulo, Apolo e Deus contribuíram para o crescimento da assembléia local?
16. Por que é importante termos cuidado em como edificar a assembléia local?
17. O que quer dizer sofrer detrimento (1 Co 3.15)?
18. Por que Paulo chama a assembléia local de "templo de Deus", e o que isto significa?
19. Em que sentido podemos reivindicar a declaração "tudo é vosso"?
20. Por que Paulo se preocupa tão pouco com a maneira como é julgado por seus contemporâneos ou até por ele mesmo? Sob que condições não é importante o que os outros pensam de nós?
21. Sobre que e por que alguns dos crentes coríntios se gloriavam?
22. Como Paulo explica o que significa ser "feito um espetáculo"? Que tipo de exemplo isto nos dá para aqueles que hoje poderiam reivindicar ministério apostólico?
23. Como o Reino (governo) de Deus se revela?

III. Os cristãos que pecam devem ser julgados 5.1 — 6.20

1. Por que é importante que os cristãos não tolerem a imoralidade sexual?
2. O que significa entregar alguém a Satanás?
3. O que o fermento simboliza no capítulo 5?
4. Como Jesus cumpre a simbologia do cordeiro da Páscoa do Antigo Testamento?
5. Se não é para julgarmos os que são de fora da Igreja, como devemos responder aos que querem que façamos parte de marchas, linhas de piquete, etc.?
6. Que tipo de casos os cristãos estavam levando aos tribunais de justiça pagãos?
7. Por que Paulo quer que tais casos sejam resolvidos dentro da assembléia local?
8. O que é necessário para a pessoa herdar o Reino de Deus?
9. A versão NVI da Bíblia traduz 1 Coríntios 6.12 assim: *"Tudo me é permitido", mas nem tudo convém. "Tudo me é permitido", mas eu não me deixarei ser dominado por coisa alguma.* Por que "Tudo me é permitido" está entre aspas?
10. Podemos separar o que nosso corpo faz do que o nosso espírito faz ou quer fazer? Por que é importante o que fazemos no nosso corpo ou com ele?

IV. Perguntas respondidas 7.1 — 11.2

1. Por que 1 Coríntios 7.26 é o versículo-chave para o entendimento do capítulo 7?
2. Paulo ensina que as relações sexuais no casamento são só para procriação? Explique. Como você aplicaria isto à questão de usar contraceptivos?
3. Paulo permite que o crente tome a iniciativa de pedir divórcio? Explique a resposta.
4. Que aplicação podemos fazer hoje do que Paulo diz sobre a circuncisão? E sobre a escravidão?
5. 1 Coríntios 7.19 significa que devemos guardar os Dez Mandamentos — ou o que Paulo tem em mente?
6. Sob quais circunstâncias é vantajoso ficar solteiro?
7. Como podemos aplicar no mundo de hoje o que Paulo diz sobre as coisas sacrificadas aos ídolos?
8. Quem são "os fracos"?
9. O que se quer dizer por "consciência fraca"?
10. Que princípio deve governar nossas atividades de forma que não leve um crente fraco a tropeçar ou cair em pecado?
11. Como Paulo ilustrou pessoalmente os princípios ensinados no capítulo 8?
12. Que argumentos mostram que aqueles que ensinam a Palavra e divulgam o Evangelho devem ser sustentados?
13. Por que Paulo abriu mão do direito de tal sustento?
14. Que prêmio todos os crentes devem buscar? E como pode ser obtido?
15. O que desqualificará a pessoa de ganhar o prêmio?
16. Os israelitas foram tirados do Egito pela graça mediante a fé. De que modo foi Deus fiel a eles?
17. O que levou alguns deles a morrer?
18. Qual é o significado de identificar a "pedra espiritual" com Cristo?

19. Como Deus nos mostra sua fidelidade quando somos tentados? Explique.
20. Por que a adoração pagã é a "mesa dos demônios"?
21. Como o procedimento de fazer "tudo para a glória de Deus" não leva ninguém a tropeçar? Explique o que está envolvido nesse procedimento.
22. De que maneira Paulo seguiu a Cristo e como podemos seguir o exemplo de Paulo?

V. Orientações para o culto 11.3-34

1. O fato de que Deus é a Cabeça de Cristo significa que Cristo é inferior ou de segunda classe? Como isto se aplica à relação entre marido e mulher?
2. Como Paulo quer que as relações entre homem e mulher sejam refletidas no culto público?
3. Como devemos aplicar hoje o que Paulo diz sobre o cabelo do homem e o cabelo da mulher?
4. Qual era o principal problema na observância dos crentes coríntios da Ceia do Senhor e como Paulo quis corrigi-lo?
5. Como o que Paulo diz sobre a Ceia do Senhor se compara com os relatos nos Evangelhos?
6. O que é necessário para observarmos a Ceia do Senhor de maneira digna?
7. Os que servem a Ceia devem reter os elementos da Ceia do Senhor dos incrédulos? E das crianças?

VI. Os dons espirituais 12.1 — 14.40

1. De que modo o Pai, o Filho e o Espírito Santo cooperam na administração dos dons espirituais?
2. Que exemplos dos nove dons (1 Co 12.8-10) você pode citar da Bíblia? E da experiência?
3. Visto que o Espírito Santo administra os dons "como quer", que responsabilidade o crente tem com respeito à sua operação?
4. Que interpretação de 1 Coríntios 12.12 lhe parece melhor e por quê?
5. Como o ministério dos dons pode manter a unidade e a diversidade do corpo local de crentes?
6. O que no capítulo 12 mostra que os dons do Espírito são para nós hoje?
7. Por que é possível os crentes ministrarem os dons espirituais sem amor?
8. Quais são as mais importantes características e manifestações do amor?
9. Quando não serão mais necessários os dons de profecia, línguas e ciência?
10. De que modo a fé, a esperança e o amor permanecerão para sempre?
11. Por que o amor é o maior?
12. O que está envolvido no dom da profecia que o torna tão valioso para o corpo local de crentes?
13. Qual é o benefício das línguas não interpretadas?
14. Quando as línguas são interpretadas que benefícios a congregação pode ter?
15. Que limites o capítulo 14 impõe no dom de línguas? E no dom de profecia?
16. Que orientações Paulo dá para que o culto seja feito com ordem e decência?

VII. A ressurreição de Cristo e a nossa 15.1-58

1. Em que Paulo baseia sua garantia da verdade do Evangelho?
2. Por que a promessa de nossa ressurreição é tão importante?
3. Qual é o significado de chamar a ressurreição de Cristo de "as primícias" (os primeiros frutos)?
4. Como a garantia de nossa ressurreição afeta nosso testemunho?
5. Como nosso corpo da ressurreição será diferente de nosso corpo atual?
6. Por que continuará sendo necessário termos corpo após Jesus voltar?
7. Para quais propósitos Deus nos dará a imortalidade em nosso corpo da ressurreição?

VIII. Instruções finais 16.1-24

1. Qual é o significado de pedir aos crentes que separem dinheiro no primeiro dia da semana para a coleta?
2. O que o livro de Atos nos conta sobre a "porta grande" e os "muitos adversários" em Éfeso?
3. Como podemos aplicar os desafios e as advertências que Paulo dá no capítulo 16?
4. Por que Paulo invoca uma maldição em 1 Coríntios 16.22?

2 Coríntios

I. Paulo justifica sua conduta 1.1 — 2.11

1. Qual é a natureza e o propósito da consolação que tem sua fonte em Deus?
2. Como os sofrimentos de Cristo "são abundantes" na vida de Paulo? Até que ponto devemos esperar ter a mesma experiência?
3. Como Paulo mostrou a simplicidade e a sinceridade que vêm de Deus? Como podemos mostrar o mesmo tipo de simplicidade e sinceridade?
4. Qual é o significado do "sim" e do "amém" de Deus com respeito às suas promessas?
5. Qual é a importância do Espírito como "selo" e como "penhor" (depósito) ou primeira parcela?
6. O que causou as lágrimas e o coração partido de Paulo (2 Co 2.4)?
7. Como podemos impedir que Satanás nos engane quando lidamos com o pecado de um crente?

II. O ministério de Paulo sob o novo concerto 2.12 — 4.18

1. Em que sentido Deus "sempre nos faz triunfar em Cristo"?
2. Como Paulo era diferente daqueles que "mercadejavam a palavra de Deus"? (ARA) Como isto se ajusta com 1 Timóteo 5.17, onde "duplicada honra" significa honorários em dobro?

3. Por que Paulo chama o corpo de crentes em Corinto de "a carta de Cristo"?
4. Há um sentido no qual podemos ser a carta de Cristo?
5. Por que a letra do novo concerto mata?
6. Como Paulo defende o ministério do novo concerto em Cristo?
7. Que tipo de liberdade está presente "onde está o Espírito do Senhor"?
8. Em que se diferenciava o ministério de Paulo daquele professado pelos falsos mestres em Corinto?
9. Qual é o tesouro que temos "em vasos de barro"?
10. Como a vida da ressurreição de Jesus era revelada no corpo de Paulo?
11. Qual é o segredo da renovação interior diária à medida que envelhecemos?
12. Por que Paulo dizia que seus problemas eram leves e momentâneos?
13. O que pode privar-nos daquele "eterno peso de glória" que muito excede em valor nossas adversidades?

III. As metas de Paulo 5.1 — 6.13

1. Por que Paulo usa a cláusula condicional "se a nossa casa terrestre deste tabernáculo se desfizer"?
2. Que garantia Paulo dá aos crentes que morrem?
3. Por que os crentes têm de "comparecer ante o tribunal de Cristo"?
4. O que o amor de Cristo constrangeu Paulo a fazer?
5. Como podemos nos guardar de conhecer os crentes "segundo a carne" (ou seja, de um ponto de vista mundano)?
6. Qual deve ser a principal mensagem dos embaixadores de Cristo?
7. O que significa receber a graça de Deus "em vão"?
8. Como Paulo e sua equipe mostraram que eram verdadeiros ministros de Deus?
9. Como os crentes coríntios responderam ao amor de Paulo por eles?

IV. O apelo de Paulo aos coríntios 6.14 — 7.16

1. De que maneira os crentes podem prender-se a um jugo desigual com os incrédulos e com que resultados?
2. O que está envolvido em ser separado?
3. O que é necessário para reivindicarmos as promessas de Deus?
4. Que notícias Tito trouxe que consolaram Paulo?
5. Qual é a diferença entre a tristeza segundo Deus e a tristeza do mundo, e quais são os resultados de cada uma?
6. Por que Paulo pôde dizer que neste momento ele tinha absoluta confiança nos crentes coríntios?

V. Incentivo para dar com generosidade 8.1 — 9.15

1. Que tipo de exemplo as igrejas da Macedônia deram?
2. De que modo Jesus deu exemplo?

3. Quais limites Paulo fixou para o ato de dar?
4. O que Paulo fez para evitar a crítica de sua administração do dom liberal para os pobres em Jerusalém?
5. Como Paulo usou os exemplos dos gregos e dos macedônios para desafiar uns aos outros a dar?
6. Que princípios incentivam o dar com generosidade?

VI. O ofício apostólico e a autoridade de Paulo 10.1 — 13.13

1. Por que Paulo apelou para a mansidão e benignidade de Cristo?
2. Por que foi necessário que Paulo militasse (empreendesse guerra) e o que isso acarretava?
3. Quais eram as armas de Paulo?
4. Por que Paulo fala sobre gloriar-se? Ele está louvando a si mesmo?
5. Por que Paulo parece fazer jactância louca?
6. O que os falsos apóstolos diziam sobre Jesus?
7. O que os falsos apóstolos diziam sobre Paulo?
8. Como podemos detectar os falsos apóstolos?
9. Por que Paulo descreve seus sofrimentos apostólicos?
10. O que Paulo aprendeu quando foi arrebatado ao terceiro céu?
11. Por que foi dado a Paulo um espinho na carne e o que ele aprendeu com isso?
12. Quais eram os sinais de um verdadeiro apóstolo?
13. Como Paulo mostrou um espírito de amor dedicado aos coríntios?
14. Paulo apelou para os coríntios se arrependerem de quê?
15. Como Paulo prometeu combinar disciplina severa com ministério amoroso?
16. Por que Paulo desafiou os crentes coríntios a se examinarem? Como isto aplica-se a nós hoje?
17. Por que não podemos fazer nada "contra a verdade"?
18. Que confiança Paulo mostra em suas exortações e saudações finais?

Bibliografia

BRUCE, F. F. *1 and 2 Corintians*. Grand Rapids: William B. Eerdmans, 1983.

CARVER, Frank G. "II Corinthians.", in: *The Beacon Bible Commentary*. V. 7. Kansas City, Missouri, Beacon Hill Press, 1968.

DARK, Gordon H. *First Corinthians: A Contemporary Commentary*. Nutley, Nova Jersey: Presbyterian & Reformed Publishing Company, 1975.

FEE, Gordon D. *The First Epistle to the Corinthians*. Grand Rapids: William B. Eerdmans, 1991.

FISCHER, Fred. *Commentary on 1 and 2 Corinthians*. Waco, Texas, Word Books, 1975.

FURNISH, Victor Paul. *II Corinthians*. Anchor Bible Series, v. 32A. Garden City, Nova York, Dobleday & Company, 1954.

HANSON, R. P. G. *The Second Epistle to the Corinthians: Christ and Controversy*. Londres, SGM Press, 1967.

HILLYER, Norman. "1 and 2 Corinthians", in: *The New Bible Commentary*, ed. D. Guthrie e J. A. Motyer. 3. ed. Grand Rapids, William B. Eerdmans, 1970.

HUGHES, Philip Edgcumbe. *Paul's Second Epistle to the Corinthians*. Grand Rapids, William B. Eerdmans, 1973.

LENSKI, R. G. H. *The Interpretation of St. Paul's First and Second Epistles to the Corinthians*. Mineápolis, Augsburg Publishing House, 1963.

LIAS, J. J. *The Second Epistle to the Corinthians*. Cambridge, Inglaterra, University Press, 1897.

METZ, Donald S. "I Corinthians.", in: *The Beacon Bible Commentary*. V. 7. Kansas City, Missouri, Beacon Hill Press, 1968.

ROBERTSON, Archibald; PLUMMER, Alfred. *A Critical and Exegetical Commentary on the First Epistle of St. Paul to the Corinthians*. 2. ed. Edimburgo, T. & T. Clark, 1914.

SUMNEY, Jerry L. *Identifying Paul's Opponents*. Sheffield, Inglaterra, Journal for the Study of the New Testament Press, 1990.

THRALL, Margaret E. *The First and Second Letters of Paul to the Corinthians*. Cambridge, Inglaterra, University Press, 1965.

Índice das Escrituras

Antigo Testamento

Gênesis

1.3 ... 202
2.7 ... 206
2.8-10 ... 255
2.17 ... 163
2.18 ... 101
2.22 ... 163
2.23 ... 101
2.24 ... 65,72
3.19 ... 157
5.3 ... 159
9.3 ... 95
9.6 ... 159
12.3 ... 58
15.18-21 ... 58
22.17,18 ... 58
39.7-9 ... 66

Êxodo

3.6 ... 147
15.11 ... 53
15.20 ... 141
15.26 ... 91
16.18 ... 227
17.2 ... 91
17.6 ... 90
18.4 ... 101
19.4 ... 89
19.16,18,19 ... 198
32.6,18,19 ... 91
32.25 ... 91
34.29-35 ... 198

Levítico

7.28-36 ... 84
10.3 ... 44
11.44 ... 220
17.11 ... 148
18.8 ... 56
19.19 ... 219
20.7,8 ... 191
22.32 ... 220
26.11,12 ... 219

Números

14.1-38 ... 91
14.29,30 ... 90
16.41 ... 91
18.8-20 ... 84
20.11 ... 90
21.5 ... 91
22.31 ... 21
25.9 ... 99
33.55 ... 256
35.30 ... 251

Deuteronômio

6.4 ... 80
7.9 ... 23
12.7 ... 94
16.3 ... 106
17.6 ... 251
19.15 ... 251
21.23 ... 213
22.10 ... 219
22.24 ... 60
22.30 ... 56
25.4 ... 84
27.20 ... 56
30.15-18 ... 197
32.39 ... 80

Juízes
4.4 141

1 Samuel
2.2 80,90
16.1,13 192

2 Samuel
22.2,32,47 90

1 Reis
17.18 106

2 Reis
22.14 141

1 Crônicas
29.17 231

Esdras
8.28 191

Neemias
8.8 118

Jó
1.12 56
2.6 56
5.13 45
19.25,26 146

Salmos
2.7 162
2.11 34
8.6 ..... 153, 154
16.10,11 162
17.15 162
18.2 90
19.14 90
24.1 95
24.7-10 53
28.1 90
31.3 90
34.20 110
44.22 204
50.12 95
62.2 90
71.3 90
78.35 90
89.11,12 95
94.11 45
94.22 90
103.2-5,13 182
110.1 153,162,163
111.9 233
112.9 231
113.6 221
116.10 204
138.6 221

Provérbios
11.18,25 230
22.8 230
22.24,25 156

Isaías
1.18 222
1.22 88,252
2.8 80
6.10 39
22.13 156
25.8 146,160
26.19 146
26.19-21 163
28.11,12 136
29.10 119
29.14 29
29.16 206
32.15 119
38.17 222
40.1 221
40.13 39

40.18-20 80
41.7 80
42.8 53
43.25 222
43.6 224
44.3 119
44.8 80
44.9-20 80
45.9 206
46.1,2 80
49.13 221
49.8 214
51.3,12,19 221
52.7 212
52.9 221
52.11 224
52.13 213
52.14 251
52.15 36
53.12 213
53.5,10 148
53.5,7 251
53.7 234
54.3,6 255
55.10 232
61.1,2 188
61.2 221
64.4 36
64.6 206
65.17 36
66.13 221

JEEREMIAS
2.3 191
3.1 255
9.23,24 33
9.24 238
18.6 206
20.9 85
31.9 224
31.31-35 196
31.33 197
32.38 224
51.45 224

EZEQUIEL
3.16-21 12
4.12,13,16 53
5.3,9-11 53
11.17 224
11.19 196
20.34,41 224
36.26,27 197
37.12-14 163
37.26,27 219
43.7 219

DANIEL
2.44,45 76
12.2 146
12.2,3 163

OSÉIAS
1.10 224
2.19,20 255
6.2 162
10.12 232

AMÓS
3.8 85

MIQUÉIAS
7.19 222

SOFONIAS
3.12 221
3.20 224

ZACARIAS
2.10,11 219

MATEUS

4.21 53
5.14 195
5.15 202
5.31,32 71
5.39,41 126
6.1,2 231
6.9 191
7.22,23 112
8.11 106
8.20 226
10.8 118
11.4,5 31
11.29 234
12.20 100
12.40 162
14.2 116
16.13-17 211
16.27 53
17.5 26
18.15 67
18.16 251
19.2-8 71
19.4-6 72
19.28 60
20.25-28 101
20.26-28 126
22.10 106
22.44 163
24.45-51 92
25.1-13 255
25.14-30 42
25.21-23 44
25.21,23 88
25.30 92
25.31-46 144
25.34-36 31
26.29 109
28.19 27
28.19,20 34

MARCOS

1.19 53
2.18-20 255
3.21 210
5.39,40 61
6.14 116
10.32 71
12.18-27 147
12.25 78
12.30 93
13.32,33 23

LUCAS

2.27 119
3.22 188
4.18-21 188
6.12-16 41
6.12,13 19
6.27 126
6.28 50
9.1-5 83
9.31 162
9.58 50
10.1,7,11,19 83
10.1-20 122
10.23,24 35
10.25-37 144
11.16,29,30 30
12.42,43 44
16.31 30
17.7-10 126
19.12-27 42
20.34,35 69
21.15 114
21.34,36 88
22.18 109
22.19 105

22.25-27 ..... 41, 188
22.41-43 92
22.42 248
23.34 50
23.43 256
23.46 256
24.33 149
24.37-43 64
24.45 36
24.45-47 36
24.49 36

João

1.3 80
1.18 111
1.42 25
3.8 118
3.13 159
3.16 ..... 36, 107, 126, 129, 152, 210, 232, 254
3.17 59,197,198
3.36 31
4.1,2 27
4.24 161
4.35,36 84
6.33,38 159
8.44 201
8.46 213
11.25,26 150
11.42 100
11.44 157
12.31 201
12.37-41 39
13.1 105
14.9-11 37
14.16,17 66
14.19 150
14.24 100
14.26 54,115
14.30 201
15.16 ..... 19, 41
15.19 219
15.2 214
15.6 88
15.20,21 183
15.26 ..... 37, 115, 200
16.8 ..... 52, 137
16.11 201
16.13 ..... 115, 200
16.13-15 ..... 37, 54
16.28 100
17.14 219
17.15,16 67
17.20-26 25
17.24 53
19.30 ..... 183, 213
19.31-36 110
20.5-8 157
20.28 181
20.29 163
21.17 170

Atos

1.3,4,6 64
1.4,5 36
1.6 67
1.7 23
1.8 ..... 34, 38
2.1 104
2.4 ..... 117, 139
2.6 136
2.13 137
2.14 ..... 117, 137
2.17,18 117
2.25-32 147
2.32,33 34
2.33 209
2.37,41 137
2.38 27
2.40 137
2.42 104,150
2.43 21

2.47 41
3.6 116
3.19 222
4.2 147
4.8-14,19-21 114
4.24,31 104
4.29-31 34
4.29,30 21
4.30 116
5.3 117
5.12 ..... 34, 104
6.1-4 84
6.2,3 122
6.2-4 114
6.3 122
6.9,10 114
7.2 53
8.5,6 34
8.20-23 117
9.1-9 82
9.1,21 211
9.1-30 19
9.3-6 149
9.3-7 196
9.3-19 200
9.6,15,16 85
9.15 ..... 150, 237
9.16 ..... 140, 200, 244
9.17 196
9.20-22,26-30 19
9.23-25 245
9.30 246
10.34 48
10.36 181
10.44-46 139
10.47,48 115
10.48 27
11.22-26 19
11.27-30 164
12.2 149
13.9-11 116
13.10 117
13.26-31 33
13.35-37 147
14.3 34
14.5,6 203
14.19 244
14.19,20 ..... 204, 216
14.22 183
15.7-11 115
15.13-21 114
15.28 36
15.32 117
16.6,7 166
16.9,10 193
16.11 233
16.15-40 244
16.16-18 117
16.22,23 244
16.37 156
17.13 203
17.15 233
17.17,34 53
17.18 212
17.28 29
17.32 147
18.1-3,18,26 169
18.1-17 41
18.1-18 187
18.2 12
18.3 ..... 83, 240
18.4 11
18.5 ..... 51, 240
18.8 ..... 27, 31
18.12 ..... 11, 14
18.12-17 19
18.18 11
18.18,19 170
18.24 236
18.24-26 170
18.27,28 ..... 26, 43
18.28 25

19.1 ..... 165, 184
19.6 139
19.8-10 13
19.9 169,184
19.10,26 169
19.22 11,166
20.1 165,184
20.2-7 164
20.18-21 47,169
20.35 122
21.4 140
21.9 141
21.11,12 140
22.3 ..... 196, 240
22.3-16 200
22.4,19 211
22.6-16 82
22.16 63
22.25 156
24.15 152
24.17 225
26.9 211
26.9-18 200
26.10 70
26.12-18 82
26.16-18 196
26.18 ..... 52, 242
26.24 210
27.11 122
27.23,24 140
27.25 115

Romanos

1.1 ..... 19, 202
1.4 211
1.6,7 20
1.11,12 187
1.16 ..... 29, 30
1.21-23 199
1.28 88
2.4 215
2.6,8,9 242
2.7-11 44
2.29 238
3.20,24 197
3.22 20
3.24 32
4.11,12,23,24 20
4.24,25 32
4.25 148
5.1,7,8 254
5.10 212
5.11 212
5.12 152
5.15 233
5.20,21 197
5.2,3 144
5.5 ..... 127, 210
5.8 148
5.8-10 212
5.8,10 182
6.3,4 211
6.3-7 27
6.4 251
6.16 59
6.19 20
6.23 ..... 148, 213, 233
7.10,11 197
7.12 ..... 197, 198
7.13 197
7.14 198
8.1 213
8.1-11 208
8.8 28
8.11 ..... 64, 152
8.11-17 64
8.12,13 ..... 214, 220
8.13 62
8.17,18,36 183
8.18-25 128
8.22,23 208
8.23 188

8.28 ..... 20, 46
8.29 199
8.32 231
8.36,37 204
8.37 216
9.4,5 243
9.20,21 206
10.2 115
10.9,12 181
10.15 212
11.13 19
11.17-21 88
11.33 233
12.2 205
12.8 ..... 143, 225, 231
12.9 215
12.20 61
12.21 126
12.6-8 ..... 143, 145
14.5,6 81
14.9 111
14.10 ..... 22, 47, 217
14.12 209
14.13-23 81
14.17 52
15.1,2 87
15.13 ..... 28, 129, 199
15.16 23
15.17-19 196
15.19 34
15.19,23,24,28 238
15.25 165
15.25-27 225
15.26 225
15.27 232
16.1 171
16.1,2 ..... 11, 195
16.3 ..... 169, 170
16.7 144
16.18 240
16.22 170
16.23 ..... 11, 27, 31
16.25 131

1 Coríntios

1.1 ..... 13, 19
1.7 ..... 24, 123
1.12 236
1.16 168
1.18 34
1.23,24 34
1.24 26
1.30 39
1.31 255
2.1-5 185
2.2 34
2.3 247
2.4 ..... 34, 52
2.4-16 114
2.4,5 ..... 21, 51, 247
2.7 143
2.7-10 131
2.8-10 34
2.12,13 115
2.16 241
3.1 35
3.4-9 167
3.5,6 26
3.9 141
3.12 125
3.12-15 ..... 47, 209, 217
3.16,17 219
3.18 48
4.3-5 238
4.8 153
4.12 83
4.14-17 51
4.14,15 ..... 249, 255
4.16 27
4.17 166
4.18,19 26
4.19 187

4.21 188
5.1 190
5.1-5 125
5.10,11 13
5.1,2 25
5.12 55
5.5 ..... 108, 110
5.9 13
5.9,10 ..... 125, 219
6.1-11 125
6.5. 55
6.12 25
6.12-20 ..... 69, 125
6.13 66
6.13-17 255
6.19 219
6.20 68
7.1 169
7.6 70
7.7 24
7.39 ..... 73, 78
8.1 ..... 25, 125
8.1,2 125
8.4 80
8.9-12 87
8.11 125
9.1 19
9.3 19
9.2 21
9.3-5 149
9.19-23 ..... 97, 146
9.25 12
10.2 99
10.14 218
10.16,17 107
10.22 125
10.23 25
10.25 ..... 11, 96
11.1 27
11.2 104
11.4,5 100
11.4,20,21,23 26
11.5 141
11.23 97
11.27 139
12.3 ..... 119, 181
12.4 112
12.4,9,28,30,31 24
12.7 138
12.8-10 113
12.8-10,28-30 113
12.11 ..... 112, 126, 143
12.13 119
12.25 27
12.30 37
12.31 ..... 129, 130, 138
13.2 115
13.12 23
13.3 43
13.4-8 145
13.8-10 128
13.8-12 128
14 22
14.1 ..... 123, 142
14.2 ..... 117, 131
14.2,22-25 139
14.3 143
14.4 139
14.6,26,30 246
14.12 123
14.13 139
14.14,15 140
14.18 24
14.20 35
14.23 37
14.26 236
14.29 117
14.29,30 126
14.30,31 126
14.37 49, ... 126
15.1-58 69
15.2 150

15.7,8 19
15.9-11 148
15.10 185
15.12-18 239
15.25 153
15.25-28 113
15.26 ..... 128, 161, 208
15.35,54 207
15.36-38 208
15.45 255
15.45-49 152
15.52 ..... 207, 208
15.53,54 128
15.56 197
16.1-3 225
16.3 ..... 164, 165
16.4 165
16.5,6 187
16.10 175
16.10,11 195
16.12 26
16.15-17 27
16.17 13
16.19 ..... 12, 169

2 Coríntios

1.1 19
1.8 185
1.8-11 175
1.8,9 183
1.9 209
1.18 23
1.12 ..... 188, 234
1.14 144
1.15 189
1.15,16,23 55
1.16 ..... 165, 175
1.22 ..... 36, 208
1.23 ..... 175, 251
2.1 ..... 175, 187, 249
2.3 ..... 175, 222
2.3,4 175
2.4 175
2.5-11 175
2.9 223
2.11 191
2.12,13 ..... 175, 221
2.13 182
2.14 ..... 115, 193
2.14-16 39
2.17 ..... 194, 228
3.1-3 238
3.3 193
3.6 ..... 115, 200
3.7 ..... 197, 198
3.13 202
4.2 228
4.4 ..... 28, 151, 199
4.6 ..... 115, 202, 205
4.7 234
4.7-15 246
4.17 ..... 87, 161
5.2-4 55
5.4 207
5.5 ..... 36, 205
5.6-9 162
5.8 208
5.10 ..... 2, 43, 47, 236
5.11 228
5.17 239
5.20 213
6.1 ..... 213, 216
6.7b 254
6.10 195
6.13 ..... 220, 255
6.14 ..... 14, 218, 220
6.17,18 224
6.32 233
7.1 ..... 14, 218
7.5 193
7.5-13 175
7.6-13 187

7.8 175
7.8-12 223
7.8,12 175
8.5 225
8.6 175
8.9 232
9.7 227
10.1,8 242
10.1-11 251
10.2 ..... 234, 235
10.7 233
10.7,10,11 26
10.8 ..... 236, 253
10.12 238
10.12-18 234
10.17 185
11.1 242
11.2 59
11.4 213
11.4-6,13 19
11.4,20 190
11.5 240
11.5,13 233
11.7 166
11.9 175
11.12 241
11.16-29 182
11.16-33 50
11.18,20,22 234
11.20 247
11.23-28 155
11.23-29 205
11.25 155
11.29 250
12.12 19
12.7-10 253
12.10 182
12.14 175
12.14-21 175
12.14,15 255
12.16 ..... 206, 234
12.21 251
13.1,2 175
13.2 175
13.3 252
13.13 44

GÁLATAS

1.1 19
1.4 201
1.6-9 ..... 148, 239
1.8,9 170
1.10 100
1.11 206
1.11,12 25
1.11,12,15-17 105
1.13,23 211
1.15 82
2.1-9 206
2.2,9 150
2.2-10 255
2.7,8 26
2.7-9 19
2.8 19
2.9 ..... 237, 255
2.10 ..... 82, 164
2.16,17 213
2.20 ..... 211, 212
2.21 213
3.2,5 115
3.5 116
3.6-18 243
3.7-9 89
3.13 ..... 111, 213
3.22 59
3.28 105
4.6 21
4.13,14 247
4.19 255
5.2 234
5.4 88
5.6 74

5.16 220
5.19-21 214
5.21 105
6.1 ..... 53, 190
6.2 121
6.7-9 230
6.10 95
6.12 204
6.14 211
6.17 204

Efésios

1.1 19
1.3 216
1.7 32
1.13,14 188
1.14 36
1.17 ..... 31, 53, 115
1.19,20 251
2.2 ..... 116, 201
2.3 152
2.6 46
2.8,9 28
2.1-7 201
2.15 74
2.20 54
2.22 219
3.5 119
3.8,10 36
3.11 76
3.16 167
3.18 154
3.18,19 233
3.20 112
4.7,8,10-13 193
4.8,11 74
4.11 ..... 143, 149, 217
4.11-14 202
4.11-16 84
4.12 253
4.13-16 122
4.15,16 131
4.16 119
4.24 ..... 20, 102, 159
5.5,6 214
5.18 ..... 105, 120
5.21-33 101
5.22-33 69
5.24 101
5.25-27 239
5.25-33 255
5.26 67
5.27 55
6.10 253
6.10-18 94
6.12 57
6.14-18 235
6.15 212

Filipenses

1.1 202
1.3-6 185
1.6 208
1.20 64
1.21 161
1.21-24 55
1.21,23 209
1.23 162
2.2 104
2.5-8 226
2.6 201
2.6-8 216
2.9-11 111
2.11 181
2.12 222
2.13 113
2.15 229
2.17 232
2.17,18 189
2.25 254
2.30 204
3.5 243

3.8,9 32
3.9 ..... 20, 213
3.10 183
3.10-12 245
3.11 163
3.13,14 89
3.20,21 1 ..... 28, 158
3.21 ..... 116, 159, 207
4.1 186
4.15 ..... 175, 240

Colossenses

1.1 19
1.9 115
1.13 201
1.15 201
1.22,23 23
1.24 183
1.27 205
1.29 112
2.2,3 114
2.3 39
2.9 233
2.13-15 92
3.10 ..... 159, 205
3.11 105
3.18 101
3.23,24 ..... 20, 44
4.10 195
4.18 170

1 Tessalonicenses

1.5 34
1.9 216
1.9,10 2 2
2.9 83
2.13 34 201
2.14,15 225
2.18 234
2.19 196
2.19,20 186
4.14-18 205
4.15-17 207
4.16 160
4.17 155
5.23 23
5.8 254
4.13-17 22

2 Tessalonicenses

1.4 225
2.2 170
2.7,9 116
2.8 153
2.13 ..... 32, 63
3.7-9 83
3.14 170
3.17 170

1 Timóteo

1.1 19
1.2 255
1.12-16 200
1.17 161
1.19 88
1.19,20 57
1.20 108
2.4 115
2.7 19
4.1 88
4.2,3 68
5.17,18 194
5.19 251
6.2 122
6.16 161

2 Timóteo

1.1,11 19
1.2 255
1.7 ..... 34, 92
2.12 ..... 60, 88
2.15 44

3.6,7 141
3.14,15 212
3.16 204
4.8 ..... 23, 88
4.14 247
4.19 ..... 169, 170
4.20 11

Tito

1.1 202
1.15,16 88
2.5 101
2.11-14 128
3.13 26

Filemom

2 254
10 255
19 170

Hebreus

1.1-5 201
1.3 97, ... 199
1.14 92
2.1-4 214
2.3,4 21
2.4 34
2.6-8 154
2.14,15 161
3.1 188
3.12 88
3.12-15 214
4.15 213
5.13,14 40
6.1 253
6.1,2 40
6.4 233
6.4-6 214
6.10,11 44
6.19 199
8.8-12 196
9.11-28 196
9.11,12,14,15,24,25 106
9.26-28 106
9.27 57
10.10 ..... 20, 32, 67
10.15-17 196
10.17 222
10.19-22 156
10.26 115
10.26-31 214
10.28 251
11.13-16 76
12.2 23
12.2,3 76
12.4-6 108
12.7-11 108
13.16 95, ... 144
13.4 68
13.5 23
13.5,6 161

Tiago

1.5 ..... 31, 45
1.15 59
1.17 80
3.13 115
3.15 38
3.17,18 79
5.14,15 ..... 57, 116

1 Pedro

1.3,4 152
1.4,5 188
1.14-16 44
1.18,19 ..... 66, 217
2.2 135
2.5 57
2.9,10 219
2.22 213
2.25 188
3.1 101

3.1,2 73
3.7 115
3.18 148
4.12-19 108
5.8 191

2 Pedro
1.5,8 115
1.10,11 161
1.21 ..... 116, 204
2.8,10,12 44

1 João
1.3 ..... 44, 58
1.3,7 254
1.7 22
1.7,9 ..... 190, 191
1.9 92
2.1 190
2.16 ..... 40, 54
2.28 44
3.2 ..... 129, 199, 209
3.2,3 ..... 23, 206
3.5 213
3.6 59
3.16,17 125
4.1 111
4.2,3 111
4.2,3a 117
4.8 129
5.8 251
5.19 201

Judas
1 20
6 67
12 105
20 ..... 133, 145

Apocalipse
3.4 217
5.10 153
5.13,14 134
5.6 36
6.11 217
7.9 ..... 106, 217
14.13 161
17.14 ..... 20, 181
19.11-21 152
19.16 181
19.20 153
19.6-9 255
19.7-9 106
20.4 153
20.5 153
20.5,12 153
20.10 202
20.10,13-15 154
20.11-15 59
20.12-14 217
21.3,4 161
21.8 62
21.27 55
22.15 62
22.2 ..... 134, 152
22.4 199
22.5 60
22.20 170

Índice de Assuntos

A

Acaico, ... 168
Ação de graças, ... 21
Açougues, ... 11,95
Adão, ... 152,158
  pecado em, ... 163
Adokimos, ... 88
Advertências, ... 92
Afrodite templo de, ... 11,12
Agape, ... 190
Amém, ... 134
Amor aplicação do, ... 80,81
  conhecimento e, ... 79,125,128
  dons espirituais e, ... 123,124,125,130,133
  línguas e, ... 134
  natureza do, ... 125,126,127
  necessidade do, ... 124,125
  por todos, ... 210
  prioridade do, ... 127,129
Anjos, ... 49,102
Anticristo, ... 152,153
Antigo concerto, ... 197
Antigo concerto
  Veja também Lei de Moisés ... 197
Apephthengxatoi, ... 117
Apolo ... 26,41,42,45,46,48,83,167
Apóstolos como espetáculo, ... 49
  como loucos, ... 49
  direitos dos, ... 83
  dons espirituais e, ... 130
  falsos ... 238,239,241,243
  função dos, ... 122
  função dos, ... 121
  Paulo como, ... 19,82
  sinais dos, ... 249
  sucessores dos, ... 149
  sustento dos, ... 50,83
  sustento financeiro dos, ... 84
Áquila ... 12,169
Arrebatamento ... 113,129,153,160,206
Atenas ... 53
Auto-exaltação ... 48,238,245
Autocontrole ... 88,89
Autocrítica ... 252
Autoridade ... 100,101,102
Avivamentos ... 66

B

Barnabé, ... 83
Batismonas águas, ... 188
  em nome de Cristo, ... 27,28
  significado do, ... 27,89
Batismo no Espírito Santo, ... 34,119,208
Batismo pelos mortos, ... 155
Bebês espirituais, ... 35,40
Bênção trinitária, ... 254
Benevolência,164,165,225,229,230,231,232

C

Cabeça coberta, ... 101,102
Cabelo, ... 103
Cânon Muratoriano, ... 13
Cantando em línguas, ... 133
Caridade, ... 145
Carisma, ... 24
Carta dolorosa, ... 175,176,222,223
Casamento
  abster-se do, ... 69,77
  atitude de Paulo quanto ao, ... 68,75
  com um descrente ... 72,73
  deveres do, ... 77
  divórcio e, ... 71,72,78
  sexo e, ... 69,70
Cefas, ... 24,25,45,82,105
Cegueira espiritual, ... 201
Ceia do Senhor
  freqüência da, ... 106

idolatria e a, ... 94
instituição da, ... 104
julgamento e, ... 108
participação indigna da, ... 107
abusos na, ... 105
Charismata, ... 112,124
Circuncisão, ... 74
Clemente de Roma, ... 13
Cloe família de, ... 13,24,25
Coiné, ... 69
Coleta, ... 164,165,225,226,229,233
Complacência, ... 92
Comunhão, ... 104,219,254
Comunhão a portas fechadas, ... 99
Veja também Ceia do Senhor
Confirmação, ... 22
Conhecimento 79,125
dom do, ... 114
Conhecimento, dom do 129
Consciência, ... 80
Consolação, ... 182,184
Coração, ... 36,39,47
Coragem, ... 167
Corinto, ... 11,13
Coroas, ... 12
Corpo da ressurreição, ... 157,158
Corpo humano, ... 64,65,66,208
Corpo ressurrecto, ... 207,208
Corpo ressurreição, ... 158
Crentes, ... 20,60
Crispo, ... 27,31
Cruz, ... 28
Culto, ... 123,138

D

Dar ofertas 164,225,227,228,229,231
Demônios, ... 94
Veja também Satanás
Desejos carnais, ... 88
Deus
amor de, ... 254
caminhos de, ... 32
como tudo em todos, ... 154
compaixão de, ... 182,183
fidelidade de, ... 23,183,187,188
generosidade de, ... 232
graça de, ... 21,150,171,181
imagem de, ... 159
justiça de, ... 213
poder de, ... 214
Devoção, ... 77
Dez Mandamentos, ... 197,198
Veja também Lei de Moisés
Dia da salvação, ... 213,214
Dia de Cristo, ... 22
Dia do Senhor, ... 43
Discernimento, ... 38,39
Discernimento espiritual, ... 156
Discernir os espíritos, ... 117
Disciplina, ... 56,57,60,108,190
Disputas, ... 60,61
Divórcio, ... 71,72
Doenças, ... 57
Domingo, ... 164
Dons de curas, ... 113,116
Dons espirituais
a Trindade e, ... 112
amor e, ... 124,125,129,133
cessação dos, ... 127,128
continuação dos, ... 23
controle dos, ... 140,141
curas, ... 116
discernimento dos, ... 117
diversidade dos, ... 112
fé, ... 115
honrando a Cristo e, ... 111
importância dos, ... 118,138
interpretação, 21,118,132,133,134,139
milagres, ... 34,116,122,249
no culto, ... 138
palavra da ciência, ... 114,127,128
palavra da sabedoria, ... 115

palavra de sabedoria, ... 114
presença dos, ... 22
propósitos dos, ...
..... 113,114,117,118,121,131,139

E

Edificação, ... 130,131
Elitismo, ... 39
Encorajamento, ... 182,183
Ensinos, ... 111,122
Era da Igreja, ... 91,128,160
Erasto, ... 31,166
Escatologia realizada 49
Escravidão, ... 74
Esdras 8.28 191
Espinho na carne, ... 247
Espírito de partidarismo, ... 25
Espírito do mundo, ... 37
Espírito, dom do 36
Espírito Santo
batismo no, ...
..... 22,34,123,130,134,137,188,208
como um depósito, ... 208
comunhão do, ... 254
cooperação com o, ... 88
direção do, ... 34,47,166
dom do, ... 36
enfoque cristológico do, ... 112
extinguindo, ... 134,139
habitação do, ... 66
iluminação do, ... 36
ministério do, ... 21,22,198
poder do, ... 34,37,51,52
revelação do, ... 34
selo do, ... 188
sensibilidade ao, ... 142
Espírito santo
cooperação com o, ... 88
Esposas e maridos, ...100,101,102,103
Estéfanas, ... 13,26,27,168
Evangelho, os fundamentos do, ... 148
Expiação, ... 28

F

Fabricação de tendas, ... 83,240
Falsas doutrinas, ... 235
Falsos mestres, ... 156
Falsos profetas, ... 117
Fé, ... 125
dom da, ... 115
Fermento, ... 57
Festa de amor, ... 105,108
Festa dos Pães Asmos, ... 57
Festas pagãs, ... 90,94
Filhos, santidade dos, ... 72
Filosofia, ... 28,29,33,34,64,154,235
Força, ... 167
Fortunato 13,168
Fruto do Espírito 88

G

Gaio 27,31
Gálio 13,19
Gamaliel 196
Generosidade 224, 225, 230, 231, 232
Glória 199
Glorificação a Deus 97
Governos
dons de, ... 122
Graça
de Cristo 171, 242, 254
manifestação da, ... 21
para com Paulo 150
paz e, ... 181
suficiência da, ... 248
Grande Trono Branco 59, 152, 153

H

Hieron 44
Hupopiazo 88

I

Ídolos e idolatria 79, 80, 90, 91, 93, 94, 219
Igreja
composição da, ... 20
diversidade na, ... 120
Espírito Santo na, ... 21,22
fundação da, ... 42
interdependência na, ... 121
perseguição da, ... 149
pureza da, ... 59
sagrada 44
templo de Deus 44
unidade da, 20, 25, 27, 104, 107, 119
Iluminação 36,39,114
Imagem de Deus 159
Incesto 56,59
Incrédulos
comendo com, ... 96
Injusto 62
Inscrições 11
Inspiração 35
Interpretação 21, 113, 118, 130, 131, 133, 139
Irmão mais fraco 81
Israel 89, 90, 93, 94, 199

J

Jactância 32, 33, 185
Jesus Cristo
aparição de, ... 150
como a Pedra 90
como o Messias 181
como oferta pelo pecado 213
como sabedoria de Deus, ... 32
como Senhor da glória 36
comunhão com, ... 209
corpo de, ... 64
honrando 111,112
humilhação de, ... 226
Páscoa e, ... 57,58
perfeição de, ... 97
presença de, ... 23
Reino de, ... 160
reino de, ... 154
ressurreição 148
ressurreição de, ... 147, 149, 150, 152, 153, 157
simpatia de, ... 92
volta de, ... 22, 23
Jogos ístmicos 12
Juízes pagãos 60, 62
Julgamento 102, 108
Julgamento 108
Justiça 226, 231, 232
Justificação 35, 45, 63

K

Kardia 36
Kosmos 45

L

Lei de Deus 87
Lei de Moisés 56, 86, 95, 195, 197, 198, 201
Liberdade 63, 82
Líderes humanos 25, 33, 41, 45
Líderes humanos 25
Língua de oração 131, 133, 135
Línguas
abuso das, ... 22, 130
amor e, ... 124, 134
cessação das, ... 127, 128
como evidência 37
como evidência, ... 34
como idioma 117
como selo do Espírito 188
como sinal de julgamento 136
ensino e, ... 134
graça e, ... 21
interpretação das, ... 130, 131, 132, 133, 134, 138

limitações nas, ... 138
no culto 123, 134, 136, 139
oração e, ... 131, 133, 135
profecia e, ... 130, 131, 136, 137
propósito das, ... 135, 136
Lutero, Martinho 45
Luz 200, ... 201, 205

M

Maldição 170
Manifestações 113
Mar Vermelho 89
Marana Tha 170
Maridos e esposas 101, 102, 103
Martírio 125, 127
Maturidade 135
Melhores dons 123, 124, 129, 138
Memória 105
Mestres 122
Milagres 30, 116, 249
Ministério 41
Miquéias 7.19 222
Missão da Rua Azusa 66
Morte
como sono 152,162
dos crentes 152
fim da, ... 154
vitória sobre a, ... 161
Mortos
batismo pelos, ... 155
Motivos 47
Mulheres 141
Mundanismo 40, 211, 234, 235
Mundo 76
Páscoa e, ... 58
significado da, ... 93
significados da, ... 106

N

Naos 44, 66, 219
Navi 116
Nova Era
doutrinas da, ... 91, 219
Nova Jerusalém 161
Nova Jerusalém 154
Novo concerto 106, 196, 197

O

Oração 133, 185
Orgulho 48, 49
Ósculo santo 170, 253

P

Paraíso 152, 246
Parakaleo 182
Páscoa 57, 58, 104, 106, 109
Paulo
amor de, ... 216, 249
animais selvagens e, ... 155
aparecimento de Jesus a, ... 149
apostolado de, .. 19, 82, 175, 195, 196
caráter de, ... 215, 216, 249
chamada de, ... 196, 200
chamado de, ... 19, 86
como pai 51, 217, 239, 249
conduta de, ... 185
direito de, ... 83, 84, 85
estado matrimonial de, ... 70
estratégia missionária de, ... 86
formação de, ... 243
fraquezas de, . 236, 244, 246, 248, 251
inspiração de, ... 78
jactância de, ... 238, 242, 243, 247
liberdade de, ... 82
ministério de, ... 12, 27, 41, 200, 249
o falar em línguas de, ... 133, 134, 135
opinião humana e, ... 47
oponentes de, ... 236, 237
preocupação de 249
preocupação de, ... 238, 239, 244, 250
sabedoria de, ... 35

servidão de, ... 86, 87
simplicidade de, ... 33
sinceridade de, ... 194
sofrimento de, 203, 204, 205, 216, 244
sofrimentos de, 183, 184, 214, 215, 245
sustento financeiro de, ...
..... 50, 83, 84, 85, 240
viagens de, ...
..... 165, 166, 175, 187, 193, 221, 238
visão de, ... 246
Paz 181
Pecado
em Corinto 250
separação do, ... 58, 63
tolerância ao, ... 56, 57, 58
Pedro 25, 26, 45, 46, 82, 116
Pentecostes, dia de 136, 137, 188
Perdão 191
Perfeição 127, 128, 253
Perseverança 147
Pneumatikon 111, 158
Pregação
natureza da, ... 28
Priscila 12,169
Processos 60,61
Procissão triunfal 193
Profecia
amor e, ... 125, 140
avaliação da, ... 140
cessação da, ... 127, 128
definição de, ... 117
efeitos da, ... 137
graça e, ... 21
línguas e, ... 130, 131, 136, 137
superioridade da, ... 130, 131
Profetas 122
Prostituição
religiosa 65, 69
Provérbios 11.18,25 230
Provérbios 22.24,25 156
Provérbios 22.8 230

R

Recompensas 42, 43
Reconciliação 212
Reino de Deus 52
Reputação 31
Ressurreição
de Cristo 150, 152, 153
dos crentes .....
..... 147, 150, 153, 154, 159, 160
negação da, ... 155, 156
no Antigo Testamento 146
significado da, ... 148
Revelação pelo Espírito Santo ... 34, 246
Revelações 246

S

Sabedoria 45
de Deus 29, 30, 35
humana 28, 29, 30, 31, 32, 43, 45
na pregação de Paulo 35
no Antigo Testamento 35
palavra da, ... 115
palavra de, ... 114
Saduceus 147
Santidade 218, 220
Santificação 199
Santos 20, 191
Satanás
cegos por, ... 201
destruição de, ... 153
disciplina e, ... 56, 57
falsos mestres e, ... 239, 252
maquinações de, ... 191
tentação sexual e, ... 70
Segurança eterna 62
Separação 218, 219
Servidão 86, 87
Sexo 62, 64, 65, 69, 70, 250
Shekiná 66
Sinais e maravilhas 248

Socorros
dons de, ... 122
Sofrimento . 182, 183, 194, 200, 203, 205
Sóstenes 13,19
Submissão 101
Subordinação 100
Superapóstolos 240, 241, 248
Sustento ministerial 83, 84, 85, 240

T

Temor do Senhor 210
Templo 44, 66
Tentações 92, 93
Tessalonicenses 1,3 42
Theos 98
Timóteo . 49, 51, 166, 170, 175, 181, 187
Tito .....
... 175, 193, 221, 223, 225, 227, 229, 249
Tito Justo 12
Tribulação 153, 160
Tribunal de Cristo 43, 209, 210
Tristeza 222
Trombeta de Deus 160

U

Última trombeta 160
Unidade 20, 25, 26, 104, 107, 119

V

Verdades espirituais 38
Vida cristã 87, 88
Visões 246
Viúvas 78

W

Wesley, John 45

Obras do autor publicadas pela CPAD

- A Doutrina Bíblica do Espírito Santo no Antigo e Novo Testamentos
- O Ensino Bíblico das Últimas Coisas
- Apocalipse - Comentário Bíblico
- Doutrinas Bíblicas, uma perspectiva pentecostal
- 1 e 2 Pedro - Comentário Bíblico
- O Avivamento Pentecostal
- Teologia Sistemática, uma perspectiva pentecostal - Editor
- Isaías - Comentário Bíblico

A antiga cidade de Corinto apresentava tremenda necessidade espiritual e extraordinário potencial como local estratégico para a evangelização. Reconhecendo esta oportunidade única, o apóstolo Paulo passou mais de dois anos ministrando nesta cidade e permaneceu em contato com a igreja coríntia por muito tempo depois de sua partida.

Além da forte ênfase na edificação da igreja através dos dons espirituais, as cartas de Paulo à igreja em Corinto tratam diretamente de vários outros assuntos que também nos dizem respeito hoje.

Neste comentário lançado pela CPAD, Stanley M. Horton examina com profundidade a história, costumes, significados de palavras e aplicação contemporânea das cartas de Paulo à igreja em Corinto.

I & II Coríntios

Os Problemas da Igreja e suas Soluções

Stanley M. Horton

Stanley M. Horton é destacado professor emérito de Bíblia e de Teologia das Assembléias de Deus nos Estados Unidos. Tem grau em Bacharel em Ciências (B.S.) pela Universidade da Califórnia, Mestre em Divindade (M.Div.) pelo Gordon-Conwell Theological Seminary, Mestre em Teologia Sacra (S.T.M.) pela Universidade de Harvard e Doutor em Teologia (Th.D.) pelo Central Baptist Theological Seminary.

ISBN 85-263-0567-0

9 788526 305670